

CONTOS ERÓTICOS

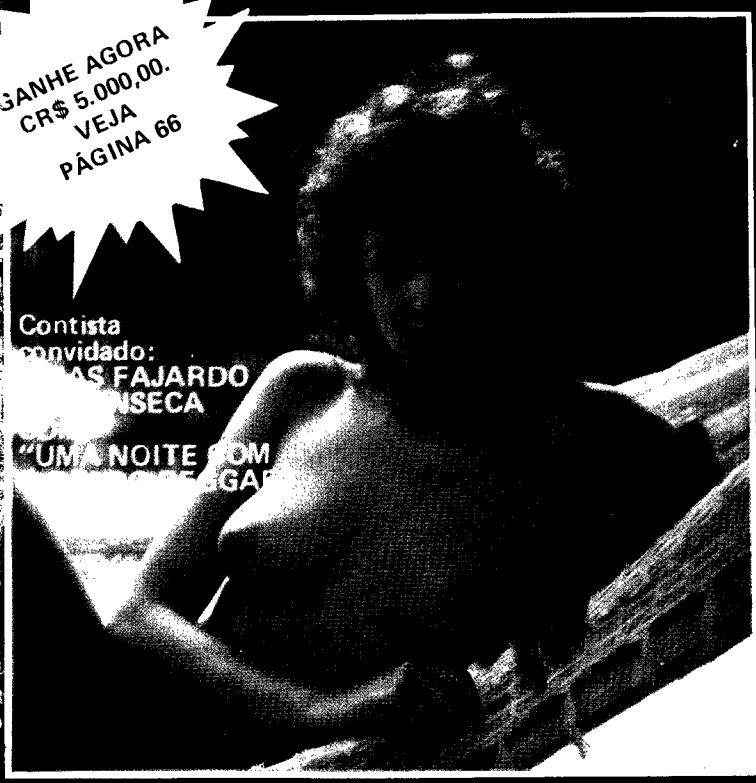


Edições

Nº. 49 - Cr\$ 85,00

**GANHE AGORA
CR\$ 5.000,00.
VEJA
PÁGINA 66**

Contista
convidado:
**ELIAS FAJARDO
DA FONSECA**
**"UMA NOITE COM
O REI DO REGGAE"**



UMA NOITE COM O REI DO REGGAE Elias Fajardo da Fonseca HISTÓ-
RIA ANTIGA Pedro Vieira A MULHER MISTERIOSA Marcos B. da Silva
PRIMA VELHA Luiz C. Gadelha FANTASIAS Luiz P. de Assis NOSSO
ENCONTRO VIROU CONTO Gotinde Chicel BOLÉIA AFRODISÍACA
Carlos R. Neto O PRIMEIRO HOMEM Nilton Maciel FIM DE SEMANA NO
RIO Salomão Figueiredo BRACOS ABERTOS Pedro L. Pereira ANJO
NEGRO Antonio G. Bomta UMA "NERFECA" DE RESPEITO Edilson J.
de Moura

Tudo o que você precisa saber para conquistar a felicidade sexual está na edição especial

Guia do Sexo & Amor



UMA OBRA QUE INTERESSA AO HOMEM E À MULHER DE TODAS AS IDADES/ELIMINE A TIMIDEZ E MELHORE SEU DESEMPENHO SEXUAL/TAMANHO DO PÊNIS: DIMENSÕES SE DESENVOLVEM COM ATIVIDADE SEXUAL REGULAR/O ORGASMO FEMININO: APRENDA A CONDUZIR O PRAZER/EJACULAÇÃO PRECOCE/IMPOTÊNCIA/ANTICONCEPCIONAIS/ DOENÇAS VENÉREAS/HOMOSSEXUALISMO/SEXO NA VELHICE/CASAMENTO.

UM COMPLETO GUIA PARA MELHORAR SEU DESEMPENHO SEXUAL. NAS BANCAS A PARTIR DE JUNHO.



Os leitores devem estar observando a elevação do índice de qualidade dos trabalhos publicados. Já no terceiro ano de sua publicação, que completará na próxima edição de número 50, **CONTOS ERÓTICOS** é hoje uma das mais consagradas publicações do gênero, no Brasil. Ao todo, compreendendo os trabalhos também publicados quinzenalmente nas revistas **PETECA** e **ROSE** e mensalmente em **PONTO DE ENCONTRO**, o Concurso de Contos Eróticos é o maior do gênero, no Brasil, em valor de prêmios como também em volume de trabalhos publicados. Agora, a introdução de um contista convidado a cada edição veio valorizar ainda mais nossa revista, assim como incentivar nosso Concurso e o aparecimento de novos valores.

CONTOS ERÓTICOS



peteca

- Elias Fonseca **UMA NOITE COM O
Pág. 5 REI DO REGGAE**
- Pedro Vieira **HISTÓRIA ANTIGA**
Piracicaba/SP - Pág. 10
- Marcos B. da Silva **A MULHER MISTERIOSA**
Rio de Janeiro/RJ - Pág. 14
- Luiz Claudio S. Gadelha **PRIMA VELHA**
Rio de Janeiro/RJ - Pág. 22
- Luiz P. de Assis **FANTASIAS**
Anchieta/RJ - Pág. 26
- Gotinde Chicel **NOSSO ENCONTRO
São Paulo/SP - Pág. 30 VIROU CONTO**
- Carlos R. Neto **BOLÉIA AFRODISÍACA**
São Paulo/SP - Pág. 36
- Nilto Maciel **O PRIMEIRO HOMEM**
Taguatinga/DF - Pág. 42
- Salomão Figueiredo **FIM DE SEMANA NO RIO**
Campanha/MG - Pág. 46
- Pedro L. Pereira **BRAÇOS ABERTOS**
São Paulo/SP - Pág. 52
- Antonio G. Bonita **ANJO NEGRO**
São Paulo/SP - Pág. 58
- Edilson José de Moura **UMA "XERECA"
Natal/RN - Pág. 61 DE RESPEITO**

Ilustrações

Mohamed Ali El Assal, Cláudio Seto

**CONTOS
ERÓTICOS**



Uma noite com o rei do reggae

Elias F. da Fonseca

Vilda ficou excitadíssima quando entre uma fotonovela e outra, que Darling vinha ao Brasil. Seus dris começaram a se mexer, seu o ondulou todo, sua boca ficou . Ela era vidrada nele, vi-dra-da, iram?

Pensou no crioulo negro, estatura diana, longos cabelos trançados e os que pareciam chifres de um neiro selvagem, a dar cornadas urecidas no ar e no mundo, mpanhando o ritmo alucinado da sica. Definitivamente, era demais seu coraçãozinho de guria de classe dia baixa, moradora da Zona Norte Rio, seiozinhos roçando o avesso da sa, estudante de 2º. grau, de mini-nissaia a ouriçar com as pernas o bejo dos homens, iludida e ingênua a nto de se apaixonar por um astro do gae, malandra o suficiente para não. bargar em qualquer cano. Nem em alquer cantada. Se tivéssemos de finir o estado de espírito de Nilda

no momento, poderíamos dizer, sem mais palavras, que ela estava afinzona de curtir. A qualquer custo, a qualquer preço.

Assim sendo, pôs-se a bolar planos, maneiras de se aproximar de seu ídolo. Mas havia um detalhe técnico. O Bob não tinha vindo para cantar. Estava em viagem de férias, conforme tinha declarado à imprensa, disposto a curtir as mulheres e a marijuana tropicais. Tinha vindo com um guitarrista louro de um conjunto de rock famoso, dois crioulos da Jamaica como ele e pertencentes à sua banda, um produtor de discos de uma gravadora multinacional e uma quase estrela de cinema, sua mulher.

Nilda sentiu sua hora. Precisava tentar uma aproximação maior do que um simples pedido de autógrafo. Assim sendo, no dia em que ele chegou, dedicou-se a fazer as unhas dos pés e das mãos, fazer limpeza de pele, dar um jeito no cabelo,

deixando-o falsamente natural, enfim a embonecar-se toda. Nem se abalou em ir esperá-lo no aeroporto, de madrugada, nem se deu ao trabalho de tentar penetrar na pelada que a gravadora promoveu num campo da Barra entre os jamaicanos (que adoram futebol) e alguns dos maiores astros da MPB. O que foi pena, aliás. Porque se Nilda tivesse ido, teria tido o prazer de ver alguns dos maiores ídolos caboclos, um deles até bem de esquerda, como o Chico Realce, vestir a camisa de uma gravadora multinacional entre um gole de uísque e outro de batida. Tudo isto entre risos e abraços e a presença de jornalistas, que sempre ajudam a compor o cenário nestas ocasiões.

Nilda não queria um mero autógrafo: ela queria dormir com seu ídolo, desejo aliás muito comum entre a maioria dos mortais que vivem sonhando comer seus (suas) artistas de cinema, analistas, cantores/cantoras, políticos, etc. "Em todo o caso, é mais fácil do que se eu quisesse comer o Papa", pensou Nilda com seus botões. E foi à lata.

O plano consistia no seguinte: vestir-se e pintar-se como uma crioula black-pop e apresentar-se como acompanhante de Bob, penetrando no tumulto da entrada do ídolo no bondinho do Pão de Açúcar, na única aparição pública que ele faria, na festa do lançamento da gravadora.

Meia hora antes da chegada de Bob e seus asseclas, a entrada do bondinho era um ouriço só. O pessoal do sereno se acotovelava perto da porta, implorando a os seguranças mal-encarados que os deixassem entrar. Eram garotas e garotos pobres, a maioria negros e mulatos saídos dos quartos-e-salas ou das favelas da Zona Sul, cheios de energia, sensualidade, agressividade, amor e humor, jogando



na noite seus gestos de carinho ao pelo ídolo, desperdício de paixão que se espalharia no ar e que o ídolo nem se daria ao trabalho de recolhê-la.

Nilda ficou distante, destacada. Estava lindíssima com suas tranças afro-americanas tipo Bo Derek, que terminavam em contos coloridos, olhar intenso, a roupa comprada na rua da Alfândega, baratinho, mas qualquer um juraria ser africana.

Bob saltou do carro, bem-humoradíssimo. Tinha feito um gol na pelada à tarde e, como sua religião proibisse, não tocou no uísque que a gravadora serviu lautamente. fumou bastante, que isto a sua religião permite. Um segurança tentou deter o avanço de Nilda, mas ela foi mais esperta. Dirigiu-se a Bob com a maior segurança, deu-lhe um cinematográfico beijo na boca e disse-lhe uma ou duas frases em inglês.



ecorou especialmente para a
o. Ele ficou encantado.
comitiva se compunha agora de
maicano baterista chamado
r, um outro, baixista, chamado
o tal de Frank, baterista inglês
chegado a um crioulo de escola
mba, o jogador brasileiro Júlio
, que tinha faltado à
entradação de seu clube para aderir à
a superstar, o produtor canadense
e sua loura Natália, a quase
de cinema. Nilda entrou no
deles com a maior naturalidade.
vulgadora cabocla ficou perplexa
ue r ão sabia quem era aquela
ila, mas não pode fazer nada.
vulgadora não sabia inglês e ficou
vergonha de perguntar em
uguês. Ainda mais que um
rança tinha acabado de dar um
ame na entrada do ídolo, tentando
ai o baixista-jamaicano e
nando-o de crioulo f. da p.
Nilda sentiu um frio no estômago
ndo o bondinho lotado decolou.
ostou a cabeça no ombro de Bob

e sentiu um cheiro de lavanda inglesa.
Só que ela não sabia que era inglesa,
é claro. Parecia um sonho, parecia um
filme. Ela ali agarradinha com seu
ídolo, atravessando o frio negro da
noite e vendo as luzes brilharem
pequenas lá embaixo. Bob não
estava muito interessado em falar:
preferia curtir.

No alto, a festa estava a todo vapor.
Nas mesas, com toalhas vermelhas
enfeitadas com frutas e flores
tropicais, sentava-se a classe média
que conseguiu descolar convite para
a espetacular boca-livre. Mulheres com
colares fantasia e cabelos duros de laquê,
homens bebendo uísque com cara
circunspecta e sua melhor camisa
esporte, garçons servindo sem parar,
gente fazendo caras e bocas de todos
os tipos possíveis e imagináveis.

Um bailarino vestido com uma pele
de onça falsa contorcia-se e balançava

correntes douradas, dançando em cima duma mesa. Uma bicha pintadíssima e de peruca loura fazia-se de cartomante ao pé de um dos bancos do jardim. Bêbados de todos os tipos, sobretudo jornalistas, diziam sandices entre si e às mulheres que passavam.

Sentaram-se todos numa mesa e, quando os flashes começaram a espocar, Nilda sorriu e disse apenas: "My name is Margareth". Embora a platéia esperasse ansiosamente por isto, Bob não deu canja. Limitou-se a sorrir e a dar respostas tolas às tolas perguntas que lhe faziam. Nilda continuava encantada.

A festa era uma situação de encontros e desencontros, sorrisos, olhares, roçares, climas. Tudo isso regado a vodca russa e uísque escocês à vontade, debaixo de uma noite de verão fresca, romântica, deslumbrante, com executivos contentes louvando as belezas tropicais e sonhando com certos futuros lucros, mulheres buscando homens e mulheres, e homens vice-e-versa, o que vem a dar no mesmo.

Mas Nilda já tinha achado seu homem e não cabia em si de contente. A esta altura, ela já estava integrada na turma e nem precisava manter a farsa de falar em inglês. Quando, depois de uma hora de festa, alguém propôs que dessem o fora, respondeu em bom português: "Acho ótimo".

A coisas começaram a acontecer muito rápido, tão rápido que Nilda começou a ficar tonta. Entraram todos no bondinho tentando não serem vistos, desceram lá em baixo, Bob assinou um autógrafo ligeiro no papel que uma guria estendia, extasiada. "Podia ser seu", pensou Nilda, mas não teve tempo de pensar muito. Num instante, entraram no carro e agora percorriam o asfalto escuro, iluminado pelo mercúrio das luzes dos postes de

Copacabana. Nilda começou a ficar tonta. As luzes eram um túnel sem por onde corria o carro, avançando sinais, o mar um abismo negro e profundo que os tragaria a todos, ao menor descuido.

A mais de 100 por hora, num instante chegaram ao hotel no Pos. Nilda ficou estupefata com o luxo do hall dos elevadores, aquelas pessoas todas bem-vestidas e bem-iluminadas borboleteando em torno das poltronas de veludo do bar com seus melhores sorrisos. Nem parecia Brasil, parecia Hollywood.

Foram todos para a suíte de Bob no 12º andar, com faiscante vista para a piscina, a praia, o mar, a paisagem de vista, as ilhas escuras pousadas no mar e ali, a fresca aragem noturna, o ronronar das ondas se misturando ao ruído surdo dos carros. Nilda ficou vários minutos apoiada na mureta da varanda, sorvendo rapidamente o cheiro da noite. A cada expiração, tinha uma vertigem, via-se caindo, esborrachando nas pedras portuguesas com o desenho das curvas-símbolo de Copacabana. Crispava os dedos e, a cada inspiração, subia de novo, caía em si, recuperava a posse de si mesma.

Nilda rodou sobre os calcanhares viu a cena: Bob, os 2 crioulos, Júlio César, uma garota loura que ainda não tinha entrado na história, o produtor Natália (a quase estrela) iam e conversavam alto, sentados em torno de uma mesa baixa, no centro da qual havia um espelho com pequeninas fileiras brancas que corriam de mão em mão e iam desaparecendo do espelho. Bob viu seu movimento de entrar na sala e andou na direção dela. Quando abraçou, Nilda teve um ataque de realidade e sentiu que ele tinha mais um hábito. Descobriu perplexa que seu ídolo era baixinho (tinha horror a um homem mais baixo do que ela), sua

a aspera, suas tranças estavam
as, enfim, um breve contra a

kou-se guiar passivamente até a
sorveu a fileira branquinha
e apresentaram, sem saber
por que nem para que o fazia.
tamente, as luzes começaram a
mais, o som teve mais suingue,
zorra das pessoas começou a
entido, Nilda sacudiu a poeira
iu-se ótima. Ótima mesmo.
ira no ouvido fazia uma
azinha gostosa. Olhou Bob ao
do e ele estava lindo e tesudo
vo, sorrindo com os dentes
mente brancos. Correspondeu
rdor ao beijo que ele lhe deu
ca.

ili há pouco, estavam no quarto e
i retirando com ternura a roupa
Nilda exultava, louca, solta como
to. Mas Bob não esquentava.
ez de tudo que a sua razoável
riência sexual permitia, tentou
que sua grande intuição mandava.
Bob, ó, nada. Não deu mesmo no
o.

ilda estava excitada demais para
ncinar. Saiu do quarto feito uma
a, batendo a porta. Na sala viu a
nte cena:

atália, a quase estrela de cinema,
ra ajoelhada diante do craque Júlio

César com a bragalhinha aberta. O corpo
dele contorcia-se de prazer. Nilda ficou
vidrada e foi chegando. Júlio César
puxou-a para si e beijou-a rudemente,
selvagemmente, na boca, sem deixar de
ser sugado por Natália. Apertou-lhe as
pontas rosadas e duras dos seios,
enquanto Natália tateava com a mão
debaixo de suas calcinhas. Nilda não
se fez de rogada: serviu e foi servida a
noite toda. Quando a purpúrea
alvorada começou a tingir de mil
cores o céu e o mar de Copacabana,
ela teve um estremezimento: olhou
em volta e viu os cabelos louros de
Natália espalhados sobre sua barriga
e sentiu o braço forte e moreno de
Júlio enlaçando-a. A noite de orgia
passou rápida como um filme pela
sua cabeça.

Nilda teve dois estremezimentos.
Desvencilhou-se com cuidado para
não acordar os amantes, vestiu uma
saia e blusa que, prevenida, tinha
botado na bolsa ao sair de casa no
dia anterior, e tomou o elevador.
Pisou a rua, reuniu com esforço todos
os cacos de si mesma e fez sinal para
o ônibus Copacabana-Olaria.



as Fajardo da Fonseca, nascido em Thebas de Leopoldina, Minas Gerais, a
de dezembro de 1947, é jornalista, com larga folha de serviços prestada à
prensa brasileira, destacadamente a do eixo Rio-São Paulo. Artista sensível
um verdadeiro artesão do texto — cuja espontaneidade não consegue trair o
eticuloso) trabalho de artifice —, Elias Fajardo já teve contos publicados
s revistas Ficção, Escrita, Saco, Carinhô, Romance Moderno, nos livros Cacos I
II e nas antologias "Assim Escrevem os Cariocas" e "Aqui e Agora". Seu pri-
eiro livro de contos, editado há pouco tempo, "Cabeça Quebrada", pela alter-
tiva Preto no Branco, mereceu elogiosas considerações de grandes nomes da
ítica literária brasileira.



História antiga

Pedro Vieira

Scarlett O'Hara não era bela.

Irene de Moraes também não. Além disso, já estava bastante passada (para os padrões da época, é claro). Devia ter (bem) mais de 30 anos e menos de 40. Uma idade perigosa, portanto, principalmente para mulheres. Irene era virgem, o que tornava as coisas ainda piores para ela e para os outros. Vivía nervosa, irritadiça, uma peste, enfim.

Juca, que não era nada bôbo, sabia o motivo. "É falta de homem",

- pensava, mas nunca ousou externar os próprios pensamentos. Como respeitado farmacêutico e boticário,

ele sabia que não havia remédio para esta doença. Irene era e tinha que morrer "moça de família". Agora, por acaso aparecesse alguém disposto ali naquela cidade onde nunca acontecia nada, podia até ser que...

Quem apareceu, de qualquer forma não servia. Falava uma língua estrangeira incompreensível. "Hum fez Juca —, tipo estrangeiro", o que era óbvio e não apenas pela língua. Os cabelos eram louros e encaracolados, os olhos de um azul profundíssimo, jamais vistos em Itapetinga. E o pior de tudo: devia ter a metade da idade de Irene. "Não serve, infelizmente", filosofava

tentando entender o insistente
z que o procurava na farmácia
a segunda-feira de manhã,
ele longínquo ano de 1916.
De repente, Juca pescou uma
vra conhecida. "Puro latim!",
mbrou-se. E lembrando-se de seus
pêndios de farmácia e de sua longa
ragem pelo seminários dos padres,
eçou a conversar com ele nesta
ua. Chamava-se Marcus van der
n, tinha 20 anos, era holandês de
sterdã e estava correndo mundo.
m — disse Juca —, aqui em
etininga não há muito o que

Mas havia a farmácia de Juca, com
ativa botica nos fundos, e Marcus
lizia um boticário de primeira.
ia unguentos, pomadas e xaropes
osos em Amsterdã. E precisava
ito de um emprego, para poder
tar uns cobres e voltar para a
landa. Juca contratou o rapaz.

Sempre muito calado ("que raio de
nem é esse que não aprende
sileiro nem a pau", pensava Juca de
para si), Marcus trabalhava dia e
ite na botica, e os negócios de Juca
neçaram a prosperar de forma
tável. Os unguentos do rapaz
riam ser mesmo muito bons, a julgar
o aumento da freguesia. Juca estava
sifeito e metia as mãos nos bolsos,
nsando numa maneira de convencer
apaz a ficar de vez e a aprender
elo menos um pouco" de
rasileiro". Cofiando a vasta barba
gra, Juca pensava que seria bom
nversar com o estrangeiro em língua
gente e saber como eram as coisas
em Amsterdã.

No primeiro domingo de primavera,
amília resolveu fazer um piquenique
o campo. "Não vou — disse Irene —,
ou com enxaqueca." Todos se
ntiram enormemente aliviados. Irene
a um transtorno em piqueniques e

livravelmente estragava o prazer dos
outros. Marcus também não quis ir.
Alegou que estava testando a fórmula
de um novo unguento e que os testes
estavam num período decisivo.

Duas horas da tarde. Os passarinhos
de Juca cantavam nas gaiolas. O jardim
estava extraordinariamente perfumado
e o perfume das flores invadia a casa,
cômodo após cômodo. Irene lia
"Memórias Póstumas de Brás Cubas"
e se abanava com uma ventarola,
impudicamente descalça e com a blusa
aberta quase até a cintura. Os seios,
muito brancos, com veiazinhas azuis,
estavam intumescidos e ligeiramente
arfantes. Meio tonta com o perfume
das flores, Irene levantou-se. Não sabia
o que a irritava mais, se a solidão em
que se encontrava naquela tarde morna
e olorosa, se o arrependimento de não
ter ido ao campo com o resto da
família.

Com um pontapé bem dado no gato
que ousou atravessar-lhe o caminho,
Irene saiu do quarto e hipnoticamente
foi seguindo um perfume estranho,
diferente, que suas narinas acabavam
de captar. Era um perfume doce,
enjoativo e estranhamente sensual.
Os seios de Irene arfavam mais
depressa e ela precisou parar na porta
que levava à farmácia (as duas
construções tinham uma comunicação
interna), apoiando-se perturbada na
parede, o coração batendo mais forte
do que de costume.

"Ah — pensou —, são coisas daquele
holandesinho, eu devia ter
desconfiado". O holandêsinho estava
entretido com seus vidros de
laboratório, principalmente com uma
retorta aquecida sobre um bico de
gás, na qual fervia um líquido
dourado, do qual se desprendia um
vapor leve, origem daquele perfume
estranho.

"Vou dar um pega nele — sorriu

perversamente a solteirona —, como ousa este moleque perturbar minha leitura e meu sossego?” E se foi aproximando de mansinho e foi perdendo toda a vontade de dar “um pega” no “holandesinho”. Pelo contrário, tonta, tonta, tontíssima, chegou finalmente ao lado dele (levou apenas alguns minutos para isso, mas que lhe pareceram horas), e, segurando com ambas as mãos a loura cabeça, meteu-a entre os seios que arfavam, arfavam, com todas as suas veiazinhas azuis intumescidas, como um desenho delicado espalhando-se por um degrau de mármore.

Se Marcus van der Allen surpreendeu-se ou não, ninguém ficou sabendo. De repente, Irene sentiu a ponta da língua do rapaz, deliciosamente quente e úmida e um pouco áspera, descendo espertamente pela curva do seio, como se nunca tivesse feito outro caminho. Descendo, descendo, até chegar ao mamilo rosado e enorme. E então, como um carneirinho de pêlos dourados, ficou ali mamando feliz, ora num, ora noutra. “Ai, então é assim que se sente, quando as crianças sugam as mães?”, pensou Irene, perplexa, as mãos grandes enterradas nos cabelos dele.

Irene em pé, hirta, os seios totalmente descobertos (as mãos de Marcus eram ágeis, ela concluiu num átimo, concentrada no prazer dos lábios dele sobre os bicos de seus seios); Marcus sentado na banquetta, sugando esfomeado. “Ele parece estar com muita fome”, pensou Irene, subitamente cansada. As ondas de prazer vinham cada vez mais fortes, brotavam do bico de seus seios e desciam pelas pernas, que iam ficando fracas, fracas.

De repente, ela ficou curiosa em saber como ele “era”. E, com seus



gestos de sempre — brutos, como diziam todos —, foi tirando, uma a uma, as peças da roupa dele, movido por um instinto quase científico, de fêmea que nunca tinha visto um macho assim, sem estes panos todo um macho, simplesmente.

Quando terminou com tudo, deu um passo atrás e parou admirada, admiradíssima. Então um macho era aquilo. E foi se aproximando sem medo e sem vergonha. O primeiro ponto do corpo dele em que tocou foi justamente o que mais lhe interessava. O pau de Marcus cresceu em suas mãos enormes, subiu como uma lança de ponta vermelha e ficou ali, oscilando levemente, muito duro, e, ao mesmo tempo, bom de ser tocado.



Com a outra mão, Irene subiu pelo to dele, coberto por uma camada dessa de suaves pêlos louros. Era também um peito duro como uma pedra, apesar das pequenas ondulações e curvas entre os pêlos. "Como são aqueles!", admirou-se ela, ao tocar com a ponta dos dedos os mamilos nus do rapaz. Súbito, veio-lhe uma vontade de mordê-los. E do momento ao ato, não foi preciso mais do que um segundo. "Ai!" gritou Marcus. E curiosamente apertou com as duas mãos a cabeça dela de encontro ao próprio peito. "Ai!" gritou ele de novo, quando Irene passou de um mamilo para o outro. Então, forçando a cabeça dela para baixo, para o ponto que realmente o interessava, forçou-a a engolir sem

mais aquela. O seu cajado rubro e palpitante.

Para sua própria imensa surpresa, Irene gostou de senti-lo ali, naquele ponto sensível, preenchendo arrogantemente a sua boca e cortando-lhe a respiração. Mas tudo, a partir daquele ponto, adquiriu contornos próprios, ritmos e leis próprias, movimentos e gestos que ela jamais fizera e que, no entanto, fazia agora, como se algum espírito ancestral de fêmea a tivesse reduzido "àquilo".

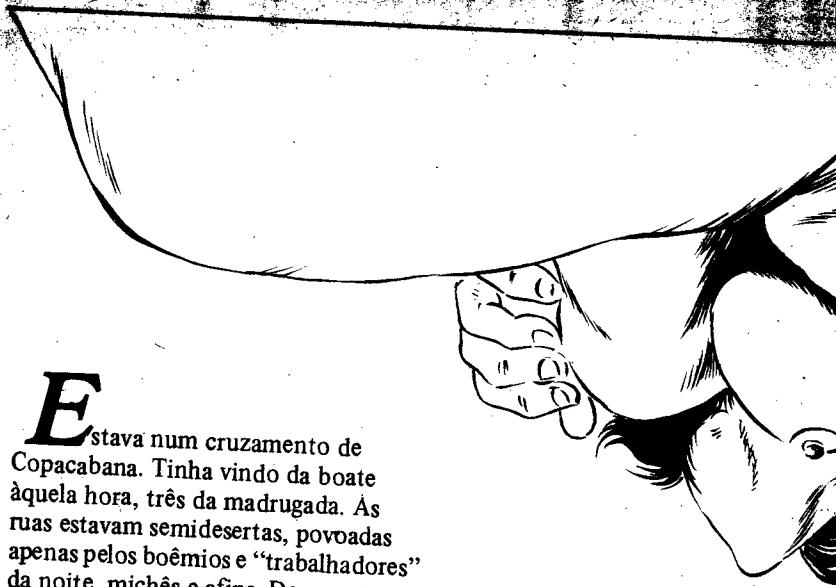
Quando finalmente ele a penetrou, rompendo facilmente um hímen rígido e antigo e fazendo-a sangrar abundantemente, foi sua vez de gritar e de gritar alto. Mas não havia ninguém ali, naquela tarde olorosa em que todos foram ao campo, para ouvir os gritos dela. Seriam de prazer ou dor?

Difícil responder. Prazer, provavelmente. Pois como ele, momentos antes, quando ela mordida seus mamilos, também ela, gemendo e gritando (de dor ou de prazer?), prendia o torso ondulante dele de encontro a seu corpo escancarado. Não, ela não queria parar agora. Mas era o que deveriam ter feito.

Juca parou na porta da botica, boquiaberto. Ali no chão, sobre as peças de roupas misturadas, os corpos nus de Irene e do holandês ainda estavam entrelaçados, molhados de suor e de sangue. "Ele a fez mulher", pensou Juca com um arrepio de alívio. "Agora o gênio dela vai melhorar."

Casaram-se na manhã seguinte, com Juca encostando o cano da garrucha nas costas do holandês. E não foram felizes para sempre.





Estava num cruzamento de Copacabana. Tinha vindo da boate àquela hora, três da madrugada. As ruas estavam semidesertas, povoadas apenas pelos boêmios e “trabalhadores” da noite, michês e afins. De repente, quando menos esperava, um Opala parou ao seu lado. Ela abriu a porta e disse num sorriso:

— Entra aí.

Era uma bela mulher, ricamente vestida e com um belo par de coxas à vista, mas isso não era o bastante para que fosse entrando assim, da forma como ela sugeria. Ficou olhando, curioso, ela insistindo:

— Vamos, entra aí. Está com medo?

Que diabos! Que será que ela queria? Se fosse um homem, poderia ter alguma idéia de suas intenções, mas uma mulher e àquela hora da madrugada?... Bem, fosse, o que fosse, lançaria a sorte. Ele entrou. Porta fechada, ela arrancou apressada, comendo pneus no asfalto.

— De onde você é? — perguntou. Tinha um jeito gostoso de falar, assim como se estivesse cantando uma suave melodia.

— Eu? Bem, eu sou do interior. Estou passando uns dias na casa de minha tia, aqui em Copacabana. Ela sorriu um sorriso doce. Seus dentes, grandes e muito doce, pareciam

A mulhe

reluzir.

— Para onde estamos indo? — perguntou, após alguns minutos de hesitação.

— Para minha casa. — O sorriso lhe deixava os lábios, transpirava uma simpatia agradável, que o deixava à vontade perante ela.

— Que que você acha de mim? — perguntou, cantando como sempre. Não que cantasse realmente, mas sua fala tinha ritmo, especialmente suas perguntas.

— Você é muito bonita! — disse com certo pejo.

— Obrigada! Só bonita?

Diabos! Que queria que ele dissesse? Que era gostosa? Boazuada. Sim, era isso o que queria. E ele o disse.

— Mesmo? — indagou com um largo sorriso, excitada. Sabe que você



misteriosa

Marcos Benedito da Silva Santos

— Também é muito gostoso?

— Pronto. Já não tinha mais dúvidas

de o que se tratava aquilo tudo.

— Aquilo mesmo que havia pensado.

— Para quem se excitava era ele,

imaginando o que estava por vir.

— Como é o seu nome?

— Fernando.

— Estela. Prazer.

— O prazer será todo meu.

Ela percebeu o sentido e o tom

com o qual ele falara isso.

— Sorriu gostosamente. Olhou-o mais

intensamente. Era um jovem alourado,

bonito, com belos traços. Só agora

percebia que era bem mais jovem que

ela. Desde a madrugada a permitira ver.

— Quantos anos você tem?

— Vinte e um.

— Tudo isso? Parece ter menos,

estela? E eu? Quanto você dá pra mim?

— Vinte e cinco, talvez vinte e seis...

— Quase acertou. Vinte e sete.

— Vinte e sete anos de beleza e
gostosura — complementou ele. Ela,
como sempre, sorriu.

— Cabaço? — tornou a perguntar ela.

— Não. Já perdi, faz algum tempo.

Pena que não foi com alguém como
você.

De repente, parou. Só então ele
procurou saber onde estavam. Estava
indeciso. Era um bairro residencial,
elegante, mas não sabia bem onde se
encontrava. Ela, por sua vez,
descansara o cotovelo na janela do
carro e o olhava, mordendo o dedo
indicador, delicadamente. Seu olhar
era quente e sua perna balouçava,
um tanto nervosa. Uma fêmea no cio,
ele pensou. Uma bela e rica mulher



só dele, só para ele. Mas o que estavam esperando? Por que não saíam logo?

Ele viu um criado vir abrir o portão da casa. Então era isso? Logo que o criado abriu o portão, ela seguiu em frente e adentrou o quintal da bela casa de dois andares. Tinham chegado ao seu ninho de amor.

Logo estavam no interior do rico casarão. Ela lhe ofereceu uísque. Ele não tinha o hábito de beber, mas se esforçou por tragar aquela amarga bebida com naturalidade.

— Podemos ficar à vontade. Acho que meu marido não está em casa — ela disse.

Marido? Ele estremeceu. Ela procurou acalmá-lo.

— Fique tranqüilo. Não há problema nenhum.

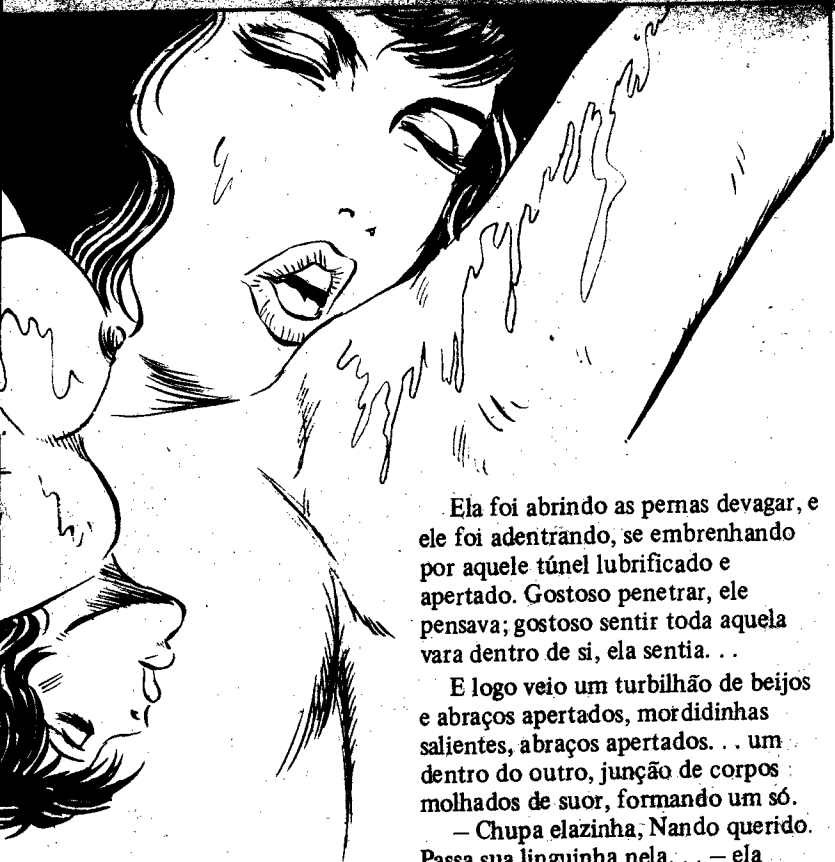
Tinha ouvido falar dos hábitos pouco ortodoxos da gente rica. Não acreditava que um marido se deixasse cornear sem se incomodar, mas se ela o mandara ficar tranqüilo, ficaria.

— Vamos subir? — sugeriu ela.

— Imediatamente — respondeu. E os dois pombinhos se dirigiram, um tanto apressados, ao ninho.

Uma vez no quarto, ela o despiu delicada e vagarosamente. Primeiro a camisa, a qual, retirada, deixou transparecer um belo par de músculos. Alguns pêlos adornavam aquelas formas esculturais. Ela acariciou docemente aqueles peitos. A seguir as calças. Arrancadas estas, restou a cueca que escondia pouco discretamente o membro duro e grosso. Ao vê-lo, ela suspirou longamente e pegou-o na mão. Apertou-o com devoção e, ao tentar arrancar a cueca, percebeu que era bem maior e mais vigoroso. Novo suspiro, boquiaberta com demasia daquele tamanho.

— Quero senti-lo todinho dentro de mim, garoto. Todinho — sussurrou ouvindo dele.



Logo era a sua hora do strip-tease. Tirou delicadamente sua blusa, mostrando à mostra dois adoráveis seios. Era do tipo que ele mais gostava: seios pequenos nas bases, bicudinhos nas mamas. Sentiu vontade de engoli-los, chupá-los, degustá-los. . . Refreou seus desejos canibalescos e limitou-se a beijá-los e chupá-los com emoção. Foi descontrolada na sua mais sensível parte, perdeu o controle. Tirou por si mesma o sutiã e abaixou rapidamente a calcinha, deixando à mostra aquela maravilhosa vagina, coberta por alguns pêlos. Ali estavam dois lábios belos, ansiosos por beijá-lo e guardar dentro de si seu membro.

Ela foi abrindo as pernas devagar, e ele foi adentrando, se embrenhando por aquele túnel lubrificado e apertado. Gostoso penetrar, ele pensava; gostoso sentir toda aquela vara dentro de si, ela sentia. . .

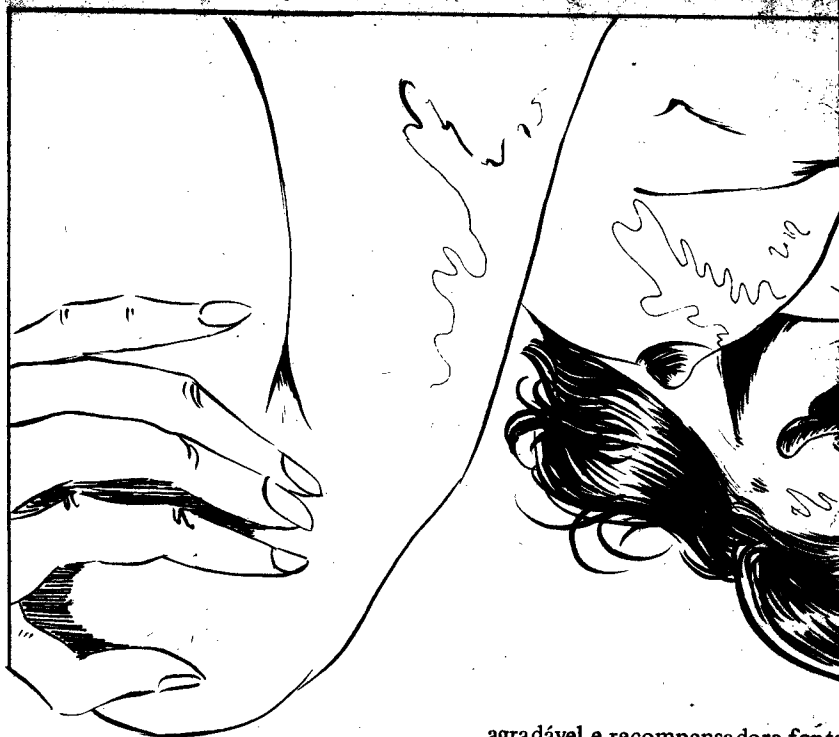
E logo veio um turbilhão de beijos e abraços apertados, mordidinhas salientes, abraços apertados. . . um dentro do outro, junção de corpos molhados de suor, formando um só.

— Chupa elazinha, Nando querido. Passa sua linguinha nela. . . — ela pedia, melhor, suplicava. Ele foi descendo devagarzinho, sentindo o sal de seu corpo misturar-se à sua saliva até chegar a “elazinha”, aquela boquinha linda, esperando para ser beijada. . . Meteu-lhe a língua com vigor e ela urrou de prazer, contorcendo-se de um lado para outro. Aquele contorcionismo excitou-o mais ainda, e ele atirou-se sobre ela outra vez, enterrando tudo dentro dela.

— Ai, que pica grande e gostosa, Nandinho. . . Ai! Eu acho que vou gozar. . . — dizia ela, alucinada.

— Goza, doçura! Goza, meu tesãozinho!

Logo estava ele espirrando dentro dela, e ela, restolegando de prazer e



gozo. Estava terminado, ao menos, o primeiro tempo. Sim, pois haveria um segundo. Ele ia gozar, duas, três, dez, mil vezes. . . quantas vezes o seu corpo e o seu membro suportassem. Era mulher demais para um gozo só. E ela queria mais. E como queria.

No dia seguinte, ele ainda aproveitou o tesão de mijo para dar mais umazinha. Mas logo estava pronto para ir embora. . . Pensava agora na velha tia que, preocupada, esperava por ele. Olhou o relógio: dez da manhã. Ainda teve tempo para tomar um café reforçado. Na saída:

— Toma. Leve isso. — Ela lhe entregava algumas notas de mil. Caramba! pensou. Para quem estava desempregado e precisando de um dinheirinho, viera bem a tempo.

— Posso vir aqui outras vezes?
— perguntou, já imaginando ali uma

agradável e recompensadora fonte de renda.

— Quantas vezes eu quiser, está

Ele entendera. Quantas vezes ele o quisesse. Quando se fartasse dele o mandaria embora, sem direito a fundo de garantia, aviso prévio. . . absolutamente nada. Mas por que aproveitar enquanto tivesse? Afinal, uma mulher como aquela não se encontrava assim todo dia, a qualquer hora e lugar. Partiu com um romântico adeus da parte dela.

Houve outras vezes. E quão maravilhosas foram! Era uma mulher de fôlego, gostava realmente de urtiga. Seus gozos magistras passaram a povoar os sonhos dele, e ele parecia ouvir seus urros de prazer, andando na rua, na casa da tia ou em qualquer outro local. E quando isso acontecia quando ele os lembrava, ficava bastante excitado, o que lhe arrancava certos constrangimentos.



o marido dela? Onde estava?
bra que o vira apenas uma vez
ndo saía, já de manhãzinha. Ele
a chegando e, ao cruzar com ele
portão, dirigiu-lhe um amável
iso. Era um corno convicto e até
lhoso de sua condição? Não o
a. O que sabia era que nunca o
ontrava lá, quando ia porventura
ontrar-se com ela.

— Nada outra vez? — perguntava a
antecipadamente decepcionada,
ndo ele voltava de suas buscas a
pregos. Diabos, que não conseguia
njar um maldito emprego! Já
va na casa da tia algum tempo e
cisava colaborar, de alguma forma,
n as despesas.

— Voltar é que eu não volto. Fico
i — dizia a si mesmo, ante a

possibilidade de voltar à sua cidade
natal, visto que não arranjava um
emprego e não poderia ficar para
sempre usufruindo dos bens da tia.

O que o salvava ainda eram as
poucas cédulas que Estela depositava
em suas mãos. Bem cu mal, aquele
dinheirinho dava para ir levando. Um
dia, porém, ao retornar à casa da
rica mulher, uma desagradável surpresa
o aguardava. Ao adentrar a sala, sem
muita cerimônia, como já se
acostumara a fazer, pois se tornara da
casa, a flagra num tremendo beijo com
um bigodudo que ele não conhecia.
Chocado, ele aguarda, mudo, uma
explicação. Que vem num tom pouco
amigável e bastante lacônica:

— Adeus, garoto! Queira se retirar,
por favor!

Humilhado, ele não ficou ali nem
mais um minuto. Então, estava tudo
consumado? Ela já não o queria mais,
terminara o trato entre os dois?
Vagabunda, piranha, ele pensava,
amargurado por ter perdido sua fonte
de proventos. E agora? Como se
arranjaria? Ah, mas aquilo não ficaria
assim! Aquilo era traição e ele jamais
deixaria uma traição sem troco.

No dia seguinte, ele voltou. Tinha
de ameaçá-la, assustá-la, para poder
arrancar-lhe alguns trocados ao menos,
até quando arranjasse um emprego. Já
nem se importava mais com o sexo.
Se ela não quisesse mais trepar com
ele, dane-se! Mulher a gente arranja
por aí, mas dinheiro não é tão fácil
assim.

— Escute aqui, eu vou contar tudo
ao seu marido, sabia? Ele vai saber
de tudo que a gente fez — ameaçou
com ira na voz.

— Não me diga? — respondeu ela
em tom debochado. Parecia não se
importar nem um pouco.

— Isso vai virar uma tragédia, você
vai ver só — tentou dramatizar, para

dar maior ênfase à ameaça.

— Não brinca? Uma tragédia grega?
— riu debochadamente.

Era demais. Como podia ser tão fria? Que diabos de casamento era aquele que a mulher não se incomodava com o fato de ser descoberta como adúltera?

— Vai embora, vai garoto. Você já deu o que tinha que dar — ela ordenou secamente.

Ele saiu verdadeiramente revoltado. Mas contaria tudo ao marido dela, ela veria só. Pensou que ele não teria coragem? O marido dela podia fazer o que quisesse: podia ficar nervoso e surrá-lo, esganá-lo, matá-lo, qualquer coisa, mas ele contaria. Tudinho. Com perfeição de detalhes. Ela não perdia por esperar.

Esperou-o no portão da casa dela, certa manhã. Ele chegou parecendo um pouco cansado. Tinha passado uma noite em claro, com certeza. Enquanto ele esperava o criado abrir o portão, dirigiu-se a seu carro e apertou na janela.

— Eu queria falar com o senhor.

— Comigo? — perguntou um tanto surpreso. Mas logo ofereceu: — Entra aí.

— Prefiro não entrar. O que tenho a dizer é algo muito sério e... e talvez o senhor fique bastante zangado...

— Dificilmente eu fico zangado — respondeu ele com um sorriso simpático. — Entra aí, vamos!

Ele titubeou, mas acabou entrando. Desse no que desse. Matá-lo é que ele não poderia mesmo. Estavam ali, na rua, em dia claro, pessoas passando para lá e para cá. E, uma vez dentro do carro, não perdeu muito tempo: foi direto ao assunto. Contou todo o ocorrido tomando o cuidado para colocar-se sempre na posição de vítima, ou seja, ela era o lobo mau e ele, o pobre e ingênuo chapeuzinho

vermelho.

Ao final da narrativa, ele, o marido traído, respondeu com um sorriso complacente. Ele, o chapeuzinho vermelho seduzido pela loba má, pôde ouvir, boquiaberto e com estupefação, a explicação do corno para o caso:

— Essa Estela! Coitada! É uma mulher tão volúvel!

Olhos esbugalhados, ele, Fernando olhava para o marido corno, fixamente. Não podia ser. Ele estava representando. Estava querendo tirar uma de liberal mas, na verdade, estava morrendo de ódio. Ele já podia antever o que aconteceria no minuto seguinte: ele se voltaria para o delator e o esganaria, e, a seguir, caminharia decidido para o casarão e mataria aquela mulher que o traíra tão descaradamente. Mas qual nada! Ela continuava ali, impassível, a encara-lo delator com um esboço de sorriso nos lábios.

— E foi com maior perplexidade ainda, que ele sentiu uma mão alisar-lhe a coxa e afagar sofregamente o seu órgão sexual relaxado sob a calça.

— Ouça, não ligue para a Estela — dizia ele, com calma. — Ela é assim mesmo. Você é um rapaz bonito. Pode ter muita coisa boa na vida. É querer. — E apertava-lhe o membro com carinho.

De repente, ele lançou-se sobre a porta do carro e saiu, branco de suor suando frio. Ainda teve tempo de olhar para a cara do marido corno, que sorria docemente para ele. Saiu correndo aos tropeços, desaparecendo como um furacão na esquina.



Vinte anos de pesquisa levaram o autor a escrever **A FUNÇÃO DO ORGASMO**. Não se trata de um manual, mas, sim, da mais importante biografia científica a respeito do fenômeno que pode levar um

víduo ao pleno sucesso econômico-social, à incapacidade de amar. Cr\$ 620,00.

A
FUNÇÃO
DO
ORGASMO

SEXO & PODER é um livro-relato, onde vários autores procuram dissecar a nossa realidade sexual e suas influências em nosso conceito de moral e na sociedade.

"Feminismo: reforma ou revolução"; "Sou... mas quem não é?"

"Pornografia, o sexo dos outros"; e muitos outros assuntos. Cr\$ 520,00.

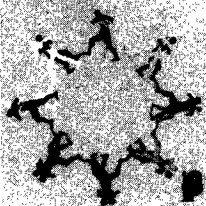


editora brasiliense

Quatro livros audaciosos que você deve comprar.

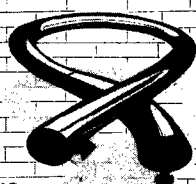
Neste livro, Daniel Guérin, bissexual desde a juventude – hoje tem 76 anos, casou-se, tem uma filha e dois netos –, sociólogo, historiador e sexólogo, faz uma análise direta sobre Reich e Kinsey e procura deter-se no comportamento sexual do homem e da mulher responder às gerações como cultivar com sanidade e alegria a arte do amor livre e, também, como exercer o direito de dispor do seu próprio corpo. Cr\$ 660,00.

ENSAYO SOBRE
A REVOLUÇÃO SEXUAL
DANIEL GUÉRIN



A CONTESTAÇÃO HOMOSSEXUAL é um livro de Guy Hocquenghem, onde o autor conta sua própria vida

A CONTESTAÇÃO HOMOSSEXUAL



GUY HOCQUENGHEM

com alguma inocência e boa dose de exibicionismo. Trata-se de um documento humano, um relato real, contundente e corajoso. Cr\$ 640,00.

Atenção: faça ainda hoje o seu pedido. Anexe um cheque ou vale postal do valor de seu pedido ao cupom abaixo e nos mande pelo correio.

(Não querendo recortar a revista, copie os dados deste cupom.)

Código: CT-49



Grafipar
Gráfica Editora

Rua Jordânia, 411 - V. Centenário - Caixa postal 1716
Fone 266-5033 Curitiba - PR - CEP 80000

Estou ciente que, enviando vale postal ou cheque no valor de Cr\$
anexo a este pedido, receberei o(s) meu(s) livro(s)

em embalagem inviolável.

Nome

Rua Nº

Cidade Estado CEP



Prima velha

Luiz Cláudio Sandy Gade

A hera ainda cobre toda a casa, com seus móveis de estilo, muitos fantasmas espalhados em tantos quartos e salas. E era assim anos atrás, com a velha prima, sozinha entre cachorros, gatos e passarinhos que apresentava às visitas, mesmo que levasse toda tarde.

O jeito dela sempre amedrontou os mais novos e chateou os outros familiares. Poucos ainda se aventuravam a uma visita. Ficavam mesmo nos telefonemas. Para se ir ao casarão, só nos aniversários da prima velha, por educação, ou em caso de urgência, quando precisavam dela. E, como sempre surge uma necessidade, o rapazinho, que não fez boas provas no meio do ano, não teve como fugir à obrigação.

— Amanhã, meu filho vai aí. Ele precisa muito estudar. Como você já foi professora, pode fazer esse favorzinho para mim.


O garoto pensou em arranjar um meio para escapar daquele casarão, dos cinquenta anos da prima e de

tanta tralha espalhada pelos cômodos. Mas, de manhã, já estava no portão, puxando a corrente da campainha.

A recepção foi tão inesperadamente alegre e delicada que o menino nem sentiu a manhã passar. Foi apresentado aos cães, gatos, pássaros e se maravilhou com as flores nos jardins. Depois, o almoço com bifes e fritas. Ela não esqueceu sequer da laranja e sorvete. Sentiu logo moleza, já farto com tanta coisa gostosa. Para desgastar a prima velha foi mostrar-lhe as estatuetas inglesas, tapeçarias holandesas e persas, quadros dos pintores da família. A aversão à prima passou inteiramente. Não teve mais medo do casarão, ojeriza da prima velha. Se deixou levar.

— Vamos ver televisão e, depois, iremos estudar — disse a prima.

Foram assistir aos filmes da tarde na hora de estudar, lado a lado, a prima velha roçou a perna nele. Se errava alguma coisa, ela apertava o braço dele, enquanto explicava o erro. Pedia para fazer novo exercício, e



izava a mão por seu braço. O garoto encarava os olhos brilhantes da na. No rosto, batia o hálito de bala hortelã. Quando o cuco anunciou as horas, os dois suavam com o or no fim da tarde.

— Vamos parar agora. Depois do tar, você vai embora.

Encostou a cabeça do garoto em peito e deu um beijo em sua testa. gostou do carinho.

— Você merece até muito mais. tomar banho agora.

O banho ainda foi mais gostoso, ma banheira enorme com sais. Até a ilha felpuda fez o rapazinho uecer a tarde de estudo. A chuva final da primavera começou a cair o depois. Uma chuvarada que recia querer inundar a cidade. Era ta água e tal a escuridão, que não enxergava a rua.

— Assim você terá que passar a ite aqui. Vou já telefonar para sua ãe.

— Mas não trouxe roupa. Só estou m esta aqui.

— Não faz mal. Está tão abafado

ainda que você pode ficar de cuequinha. Ou está com vergonha de mim?

Não custou muito a tirar a roupa, quando a prima entrou no banheiro. Foi ver televisão. Nem reparou que ela voltou numa camisola levinha, um pouco gasta e puída, acima dos joelhos. Levou um susto ao ver a prima velha naquela roupa. Se arrepiou com a mão acariciando seus cabelos.

— Você até que fica bonitinho de cuequinha.

Ela sorriu, mas ele se embaraçou ainda mais quando a camisola mostrou uma parte das suas coxas.

— O que foi? Sentiu alguma coisa?

— brincou ela com sua agitação.

— É uma espinha na perna que, às vezes, dá uma pontada.

— Espinha? Ah, também tenho uma espinha assim — E sorriu da mentira dele.

Sentou na outra poltrona, quase de frente para ele, totalmente largada, com a camisola aberta até metade das coxas, de uma brancura riscada de veias azuladas. Na embaçada claridade vinda do televisor, seus olhos brilharam para o garoto, medroso de olhar as coxas da prima.

— Que foi, priminho? Ainda a espinha? Não tenha vergonha, não. É na piroquinha a espinha?

Se assustou com o palavrão. Mais se assustaria quando visse que ela estava nua debaixo da camisola.

— Também tive uma espinha aqui, na buceta.

E desabotoou a camisola, que puxou para os lados, e mostrou-se até pouco abaixo do umbigo. No corpo brando, se destacou o ralo monte de cabelo entre as pernas. Alucinou mais o menino, que já ficava impaciente na poltrona.

— Foi bem aqui. Só deixou a cicatriz. Esse altinho. Olha, benzinho!

Vem ver de perto, vem!

Se ajoelhou como ela pediu, a cabeça entre as suas pernas, em que os cabelos raspados espetavam o rosto. Quis agarrar a prima, mas quando suas mãos delizaram sobre as coxas, ela escancarou as pernas e sua boca encostou no corpo perfumado de talco.

— Ah, que gostoso!

A prima empurrou a sua cabeça para dentro dela. Ele, com os lábios de espanto e vontade.

— Isso, benzinho! Passa a língua.

Lambe!

Babou mais do que beijou, lambeu o leite de rosas que ela espalhou pelos raros cabelos e sentiu o cheiro de naftalina de roupa guardada muito tempo. A prima se retorceu na poltrona. Agarrou suas mãos, quando ele se afastou, com a boca molhada.

— Vê como estou quente!

E fez ele passar a mão nela. Estava quentíssima. A prima velha queimava. Embeveceu o menino aquela vermelhidão salpicada de cabelos, que beijou de leve. Nem notou mais o cheiro de naftalina, leite de rosas e talco. E lambeu devagar, saboreou o gozo da prima, que se rebolou na poltrona. Ela abriu toda a camisola com calor e desejo. Os seios apareceram ainda conservados, de bicos crescidos de prazer. O corpo bailou com as pernas estiradas, tensas, subitamente trêmulas.

— Mais, mais. . . Que gozo! Sente como estou ficando gelada!

Não sentia, nem precisava. Queria o suor e gozo que escorriam para sua boca. E também enlouquecer a prima com o agrado. Os dedos arreganharam as carnes da prima, que enfiou a cabeça do garoto entre as pernas. Tonteou na poltrona. O corpo mais perfumado do que nunca. Os olhos, por entre os cabelos caídos e colados à testa molhada de suor, tiveram uma

ternura pelo primo. Viu seu corpo também agitado. Com a boca melada, banhado em suor, o priminho ficou e segurou o membro teso. Era pequeno, cercado de poucos pêlos, ainda liso, mostrando já o que seria mais crescido.

A prima velha, a língua correndo nos lábios, se despertou. Estava com a boca cheia de gula. A nudez do garoto a deixou mais gulosa, com água na boca de fazer a mesma chupação naquele membro. Não vacilou em fazer a ajoelhada na frente do garoto. Só as mãos secaria a saliva com que a excitação molhava sua boca.

— Quer uma chupadinha também?

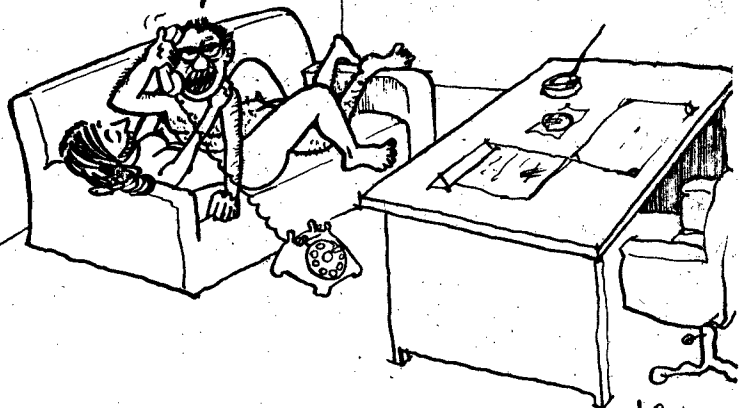
Nem esperou resposta para abocanhar o membro e soltá-lo até a ponta, enquanto o alisava com a língua. Mastigou, com os lábios, a ponta agora umedecida. A mão do garoto alisou seus cabelos, outra os seios. As delas passeavam pelas coxas do primo até as nádegas e voltavam enquanto beijava, lambia e chupava a barriga, o membro. O garoto também não parava com as mãos no corpo do primo. Depois de novamente engolir todo o membro, voltou a mastigar a ponta com os lábios, uma das mãos alisando as coxas do menino. Com a outra fez até o rego, o dedo cutucando o buraco. Sentiu o membro pulsar na boca.

Num rompante foi, nua, para o sofá, as coxas brancas bem separadas pelas mãos. Naquela claridade, dois olhos se velaram e outros dois baixaram com medo e desejo. O priminho já não era mais criança. Na agonia da mulher, nasceu um homem.

— Vem, dá a piroquinha, agora!



ALD MARGO, VOU DEMORAR
UM POUCO MAIS POR CAUSA DUMA
RETARDATÁRIA PRO TESTE DE
SECRETÁRIA



Enco

INCRÍVEL!
UM CABELO
NA SOPA.

DEIXA DE FARSA EMILIO,
TU TA ACOSTUMADO A CHEGAR
DE MANHÃ CEDO COM A
BOCA CHEIA DESSES
CABELOS AI.



Enco



Fantasia

Luiz Paulo de Assis

Escurecera. Mais um dia se passara e Rosa sentia-se inquieta. Há seis meses que Bruno havia morrido subitamente, depois de proporcionar-lhe múltiplos prazeres.

Lembrava-se de como se divertiam: Bruno era muito inventivo e ela também.

Cada minuto, cada segundo daqueles sábados eram lembrados por Rosa, em seus mínimos detalhes.

— Querido, que faremos hoje?

Sentado ao vaso, Bruno respondia:

— Qualquer coisa . . . Podemos ir ao cinema e, mais tarde, dar uma esticadinha numa boate. Está bem assim?

— Ótimo, eu adoraria. Faz algum tempo que não dançamos e nem nos amamos no escurinho de uma boate.

Gostosamente, o dia passava com prenúncios de prazer. Bruno lia o jornal, mão dentro do short, um costume.

— Um vício — dizia Rosa, que arrumava a casa, passava pano nos móveis e ajeitava as almofadas.

Bruno interrompia a leitura e, com o canto dos olhos, a acompanhava em seus movimentos, ora se abaixando aqui, avolumando as nádegas; ora se

abaixando lá, mostrando as coxas morenas. O short avolumava-se e ele se continha: era gostoso esperar.

À tarde, Bruno acordou do cochilo que tirara após o almoço, em que comera feito um frade a cabidela que Rosa Morena preparara especialmente para ele. Rosa ainda dormia a sesta. Bruno adorava vê-la com aquele baby-doll de jérsei branco. Ela, de braços, ancas à mostra. Bruno sentia o sangue subir-lhe ao rosto. Engoliu em seco, despiu-se, membro ereto, latejante, pronto a possuí-la. Mas estacou, convinha esperar. Foi ao banheiro e tomou um longo banho.

Quando Rosa acordou, Bruno assistia ao jogo da Seleção. Pés apoiados na mesinha, pontas de cigarro no chão, cheirava a cervo



o se importou, não: afinal era
ado, dia de folga, dia de Bruno em
a, dia de sexo, dia de farra.
ela se achegou, beijo quente, mão
eira, mão sabida por sob o short
Bruno. Rosa Morena sim, era quem
zia as mais belas jogadas de amor
quem finalizava com rara perfeição.
xo para eles sempre fora total, sem
rreiras, não tinha hora nem lugar:
sse no paraíso do seu quarto, na
la, no banheiro ou na cozinha.
— Gooooool do Brasil! Zico, o
Galinho de Quintino”.

Rosa não se importava: era sábado,
a de Bruno.

Agora vinham à sua cabeça as
magens do filme pornográfico que ela
Bruno assistiram. Imaginava os dois
omo únicos e principais atores:
Bruno abraçando-a por trás,
cariciando-lhe as coxas roliças, num
movimento constante até as nádegas,
fazendo-a arrear-se toda depois
ue aquelas mãos encontravam seus
êlos (raramente usava calcinha), a

facilitar-lhe uma relação anal
gratificante, ali mesmo em frente ao
fogão, em meio às carnes, ovos e
legumes. Ah! doces momentos.

E ali estava ela, Rosa Morena,
jovem viúva, natural da Bahia,
27 anos, pele morena, covinha no
rosto, pernas bonitas, só em suas
lembranças, perdida em fantasias
eróticas. Triste, tensa, tesuda. Por sua
cabeça desfilavam imagens e fatos
que a deliciavam meses antes e que
ainda a deliciavam, mesmo naqueles
momentos solitários quando se
acariciava por sob seu minúsculo
baby-doll. E Rosa Morena fantasiava:
foi até a porta e pelo visor viu
Paulinho, filho de Dona Zulmira, que
vinha trazer-lhe a roupa que sua mãe
lavara. Rosa sentiu-se invadida por
uma onda de excitação ao abrir a porta
e divisar o adolescente parado como
em transe, a olhá-la fixamente.

— Entre, Paulinho, ponha a roupa
na mesinha.

Ciente de que excitara o menino,
sentiu-se satisfeita consigo mesma e
ávida de desejos.

Rosa e Bruno, alegres, tinham bebido

bastante. Rosa excitara-se ao assistir o strip-tease erótico, um quadro de muito sucesso daquela boate. Por baixo da mesa, Rosa roçava as coxas nas pernas de Bruno e apalpava-lhe o membro.

Abriam a porta entre risinhos e apertões, dirigindo-se imediatamente para o quarto. Rosa despiu seu macho. "Um membro relativamente grande", pensava Rosa. Ele apontava na sua direção, maravilhando-a. Rosa levou-o logo à boca; sentada na cama, abraçou-se às nádegas de Bruno, fazendo um movimento cadenciado, enquanto seu parceiro acariciava-lhe o rosto e afagava-lhe os cabelos. Por minutos incontáveis, sugou-o até sentir um líquido quente e denso descer-lhe garganta abaixo, fazendo-a engasgar. Nunca havia tomado leite com tanta vontade, mas entendia que fora obrigada a abster-se do alimento sexual. Daí a ânsia que a levou a deglutir com tanta voracidade o alimento. Depois de tê-lo feito ejacular, tomou-lhe o membro em suas mãos acariciando-o, beijando-o com a ansiedade de uma adolescente e fazendo-o sair da inércia — a explosão de um vulcão. Rosa despiu-se, revelando seu belo corpo de mulher, deitou-se de bruços e trouxe Bruno de encontro às suas costas macias.

Bruno ria, jogava-lhe coca-cola por todo o corpo e lambia-a até secar. Tornava a deitar-lhe coca-cola entre as coxas e virilhas, demorando-se na sua intimidade e fazendo Rosa aliviar-se.

Rosa não desviava os olhos do volume que se formava no short de Paulinho.

Bruno era experiente, um mestre, gingava os quadris por cima das nádegas de Rosa Morena, beijando-lhe

as costas, fazendo-a gemer de satisfação.

Rosa chegava ao clímax. Mais um pouco . . . mais um pouco . . . aaa e o orgasmo veio total, inundando

Sobressaltada, Rosa abriu os olhos. Suas intimidades haviam sido compensadoras, sua mãozinha ainda estava por sob o baby-doll e os deuses no seu interior. Pelas coxas escorria o sêmen do amor solitário, sêmen das lembranças de Bruno, sêmen das fantasias que a levaram ao orgasmo total, depois de tantos meses de repressão física e mental. Mas, graças às suas lembranças e fantasias e, com a ajuda de Paulinho, seu parceiro fictício, por momentos havia se libertado, havia se esvaziado — era termo —, pois sentia-se leve e gostosamente relaxada. Mas, com o passar de instantes, sentiu-se novamente insegura: havia no seu ser um conflito de sentimentos. E sentiu-se adúltera: traíra Bruno, traíra sua memória. Mas, que diabos! Havia seis meses que não trepava, era humana, era mulher, mulher que nunca tivera prazeres e orgasmos totais e, por mais incrível que pudesse parecer, se realizara com suas fantasias do que com Bruno enquanto vivo. Fora-lhe fiel todos os sentidos, amara-o de verdade e, agora, viúva, tinha o direito — por que não dizer? — o dever de buscar a felicidade, a sua realização sexual.

Envolta nesses pensamentos, Rosa foi até a porta e, pelo visor, viu Paulinho, filho de Dona Zulmira, que vinha trazer-lhe a roupa . . .



POIS FIQUE SABENDO QUE A DA PROFESSORA É MAIOR QUE A DA TUA MAE

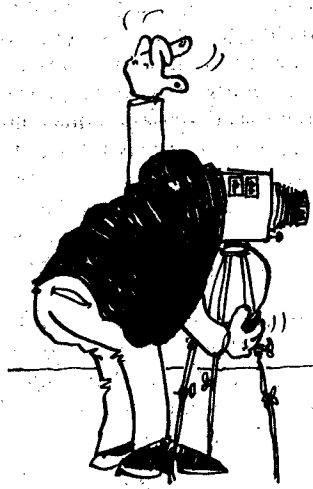
QUE SERA QUE ESSA GAROTADA TANTO DISCUTE?

ISSO É BASTANTE QUE PASSARAM A TER AULA DE EDUCACAO SEXUAL NA ESCOLA

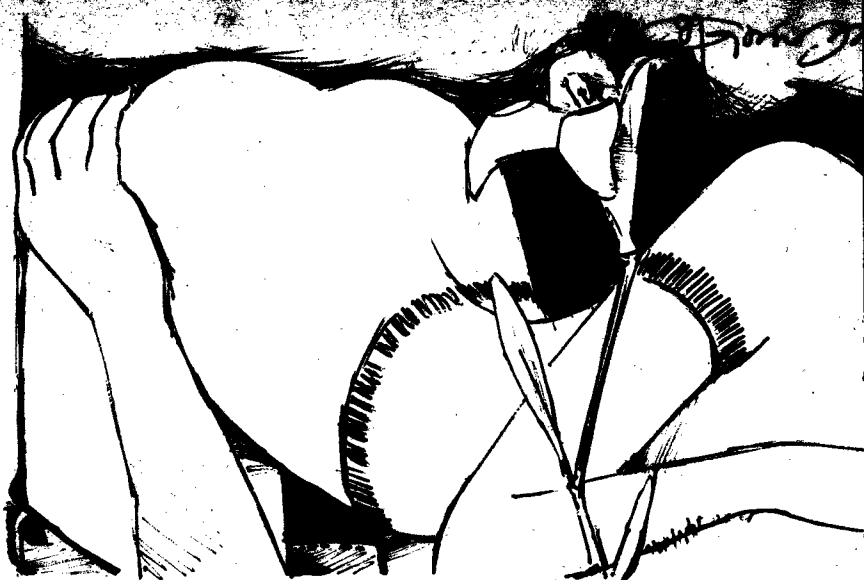
APOSTO!



Erico



Erico



Nosso encontro virou conto

Gotinde Chicel

É difícil explicar o que sinto e como sinto. Às vezes, é um desejo maluco de que ele me abra a blusa e acaricie meus seios. Sei muito bem como lhe agrada beijar-me e acariciar-me. Sei que meus seios o fascinam e, muitas vezes, gostaria de colocar, eu mesma, sem que ele esperasse, como se fosse um presente ou uma surpresa, o bico do meu seio entre seus lábios e desmaiar de prazer com o leve toque ou forte sucção. Quando estamos sós, à noite, dentro do carro, naquele aperto danado, desejo que ele coloque sua mão espalmada sobre meu sexo. Só em pensar, corre fogo dentro de mim, que me aquece as coxas, o ventre e essa pomba que quase voa. Mas, se ele o fizesse, eu ficaria imediatamente aborrecida. Seria como se o gesto, tão desejado por mim, tivesse a

possibilidade de, paradoxalmente, quebrar o encanto, de macular esse amor tão lindo e puro, que eu imaginava impossível em tempos como este em que vivemos.

Em uma noite da semana passada, Como eu não conseguisse dormir, resolvi imaginar como poderia ser nosso primeiro encontro. Quando se imagino, não sinto nada desagradável, nada repressivo. . . sou só liberdade e prazer. . . satisfação. As maiores loucuras são pensadas e vividas com os mais lúcidos e lógicos, éticos e convencionais gestos humanos. Leve à casa de uma amiga, que logo precisaria sair, exatamente como havíamos combinado. Antes de sua saída preparou-nos uma caipirinha com pisco, bem gelada. Saiu uma coisa finíssima, leve, deliciosa. Bebíamos devagar, enquanto trocávamos olhar

tudo aquilo. Quando minha
ega se retirou, já um calor gostoso
egre percorria nossas veias.
olhos dele brilhavam mais do que
nca, chegavam a ficar meio
erdeados. Pedi-lhe que ficasse
etinho, relaxada, e fui
purrando-o levemente sobre o sofá.
itei-o mansamente. Para criar um
ma mais íntimo, fechei as cortinas.
penumbra tomou conta do
bsento. Acariciei-o bem lentamente.
quei todo seu corpo, imaginando
calor que existia debaixo daquelas
upas. Vi, sob a calça, o crescimento
seu desejo, de sua excitação. Então,
ncipei a tirar-lhe, lentamente, toda
oupa. Embaracei meus dedos nos
os do seu peito, arranhei-lhe
emente o ventre e brinquei com seu
mbigo. Sua pele ficava toda arrepiada
cada novo toque. Beijei-lhe o ventre,
peito, as cavidades e protuberâncias
das que encontrei. Endureci minha
gua e fiz tilintar seus mamilos, que
stavam durinhos, durinhos. Tomei-os
tre os lábios, suguei-os, mordi-os, até
uvi-lo gemer de prazer. Iniciei outros
ovimentos lúdicos, com dedos,
bios, língua, orelhas, com todo o
eu corpo. Fiz tudo o que me
etecia ou que me vinha à cabeça
aquele instante. Era um sentir já
zendo. . . era um sentir feito de gesto
mediato. . . nem sei se era o sentir a
usa ou o resultado de cada
ovimento, de cada toque mágico.
udo recendia a flor e amor. Quando
ve a ousadia imensa de tomar-lhe o
xo, não pude mais me conter:
bracei-o com as duas mãos, de uma
vez, e cobri-o de minúsculos beijos.
e palpitava como se fosse um colibri
ustado. Mas seu olho mirava-me
da, como se fosse uma águia que
osse saltar sobre a presa. Mas eu era a
gil andorinha que dominava. Prendi-o
ssim por muito tempo,

pressionando-o contra meu corpo
inteiro. Foi tão bom senti-lo
quentinho e escondidinho entre meus
seios. Tudo aquilo me foi envolvendo
e me deixando totalmente tonta. . .
embriagada; e me veio um orgasmo tão
lento, tão leve, tão lindamente forte e
intenso, que fui sacudida por tremores
que vinham desde as unhas. Senti que
meu sexo pulsava como o dele. Havia
ali um coração que também amava.
Meu corpo foi se desfazendo, como
um fio finíssimo de água cristalina.
Adormeci tão profundamente como
jamais o fizera em toda a minha vida."

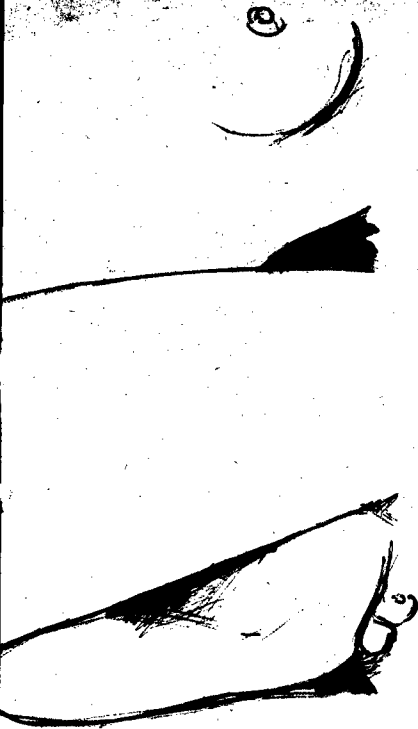
— Que foi que você disse? Ah! Não.
Não me separei dela. Já quis fazê-lo
dezenas ou centenas de vezes, mas
milhares de vezes decidi o contrário.
Quero mantê-la comigo, quero ficar
com ela. Já não quero mais
permanecer ao lado dela esperando o
momento de possuí-la. Já não vivo
mais aguardando que ela resolva
receber o corpo e a alma que lhe
ofereço a todo momento. Nada disso,
você não é capaz de entender isso, mas
quero só ficar ao lado dela. Ver aquele
riso-olhar maravilhoso de tudo me
basta. Sou vivo quando estou com ela.
Só vivo quando estou com ela. Como?
Lógico que ela continua virgem, quer
dizer, se é que ela é virgem. Bem. . .
eu acho que sim. Não sei. Mas eu
acredito nisso. Hein? Nunca me
perguntei por isso. Você é um
estúpido, pô! Você sabe lá o que é
amor? . . . Sabe o cacete! Você só sabe
trepar, cara, mais nada. Para você é só
subir em cima e vap vup, pronto! Mas
eu acredito em alguma coisa mais.
Olha aqui, se o sexo acontecer entre
nós, e sei que naturalmente ele vai
acontecer sem que eu o force, será
coisa de explodir brilhantes pelos
ares; cristais coloridos brincando em
nossos olhos; esquilos multicoloridos

fazendo festa dentro de nossas cabeças, fragrância de resedá nas campinas de nossos corpos mortos de felicidade e luz. Sai pra lá. . . Que louco, que poeta, que nada! Tá. . . eu sei. . . não... você não entenderá jamais coisa desse tipo. Olha aqui, tipo esquisito é a tua vó, tá certo?! Chega de papo! Não se fala mais nisso, ou a gente vai acabar perdendo a amizade.

“Mas que cara chato, estragou a minha tarde. Mas que bobo sou eu também, não tenho nada que falar de meus assuntos íntimos, particulares para esses caras normais. . . detesto esse tipo de normalidade. Mas eu não consigo ficar sem falar dela, ou sem dizer a todos que estou apaixonado. De repente, quando eu não acreditava mais no amor, ele aconteceu. Tenho que gritar mesmo. Quando as coisas me acontecem erradas. . . ou quando me vem aquele desgosto ou tristeza da vida. . . ou, ainda, quando tudo na vida me contraria, é que percebo quanto a amo. Tudo mais perde o valor e o significado. Só vejo a imagem dela à minha frente. Só desejo esconder meu rosto em seu corpo e chorar em seu ombro. Não preciso chorar. Agora, sinto vontade de chorar, mas, se a encontro, toda a dor desaparece. O calor de seu corpo afasta todos os dissabores, desalentos, tristezas e me dá alegria de viver. Por isso, sinto sua falta nesses momentos. Como ela é importante para minha existência! É tudo tão estranho que parece ter razão o meu amigo. Só pode ser loucura. O que deve passar naquela cabecinha tão clara e tão misteriosa? Ela é tão inteligente, como pode recusar um amor mais completo, integrando corpo-alma-espírito-coração-carne-sentimento-emoção e razão e o diabo a quatro? Será que ela faz assim para me provar? Não, não é uma prova. Nunca tentou colocar-me à



prova, em nenhum momento. Ela jamais pensaria uma infâmia semelhante. Seria uma espera? Espere de quê? De melhores condições? De um incidente desencadeador? Talvez Engraçado. . . ela já me falou por diversas vezes de sua indecisão, de sua dificuldade em tomar partido; no entanto, sempre foi decidida em dizer NÃO, todas as vezes em que tomei decisões sem consultá-la. Como não em que a levei a um motel. Nem mesmo entramos. Não pude suportar aquela carinha aborrecida comigo. Poderia entrar, ela terminaria por aceitar a situação, mas não seria o sonho que imaginara. No entanto, eu sonhara tão pouco. Pensei apenas em tomá-la nos braços, despi-la, abraçá-la, deitar-me com ela numa cama macia sob uma coberta quentinha, e lá ficar por muito tempo, eternamente.



raçados, beijando-nos como nunca. Imaginava beijos tresloucados, com introduzindo sua língua toda em minha boca e depois sugando a minha, e lhe tomava todo o espaço. Negava à maiores ousadias, tentando-a a me beijar o corpo todo. Não sei que muitos encontros assim se cederiam até o dia da mútua entrega, entrega total. 'Você não confia em mim?' 'Confio, mas em mim não!' Não sei por que disse tal coisa. Ela é capaz de um carinho mais devido. Ah! E eu tenho tanta vontade de vê-la crescer em arrojados, em arranjos loucos. Sei que há ansiedade de sol e de flores nalgum lugar oculto em nós. Vou ser forte e não esperar. Pode ser que amanhã tudo se precipite... ou seja apenas mais um dia de tortura maravilhosa."

— Ontem, eu voltei à médica. Fiquei furiosa com ela. Você se lembra que ela riu na minha cara, quando lhe disse que era virgem, na primeira consulta? Eu sei o que ela deve ter pensado: "Imaginem, nessa idade e ainda é virgem!" E, enquanto me examinava, ficava me chamando de mentirosa ou de boba, só com aquele olhar sem-vergonha. Pois bem, ontem lhe pedi que me receitasse algum tipo de anticoncepcional. Você nem imagina a cara que aquela filha da puta fez! Botou cara de gente bem, de moralista, ficou com indiretas, querendo me dar conselhos, me dizendo "Menina, tome cuidado. . . Quem sai na chuva se molha", ou coisa parecida. Só sei que, na minha indignação, eu devo ter dito algo forte. Ela fez uma cara que só você vendo e fechou o bico de uma vez.

Ele continuava a dirigir em silêncio. Concordava com pequenos gestos um tanto contraditórios; se ria, a cara era de tristeza e se dizia sim, o movimento parecia dizer não. Era que um sentimento esquisito lhe punha mil movimentos na barriga. Já estavam quase perto do motel e ele sentia uma vontade maluca de voltar atrás. Ligou o rádio para disfarçar. Uma canção romântica de Roberto Carlos veio em seu auxílio. Jamais gostara tanto desse velho da jovem guarda quanto naquele instante difícil. Ficou repetindo cada verso da canção — "esse seu jeito de quem nada sabe, sabe me fazer feliz" — até que conseguiu um maior controle sobre seus nervos.

Inútil. Controle totalmente perdido quando a funcionária do motel lhe pediu o documento. . . o dela também. Virou-se para ela com cara de mártir por submetê-la a esse vexame, imaginou que ela sofreria com isso, quis voltar atrás, desejou que ela

estivesse sem documento. Mas ela foi simples, solene e maravilhosa, retirando a carteira de identidade com toda calma e pedindo desculpas porque "eu esqueci que havia essas coisas".

A entrada no quarto foi catastrófica: estava cheio de mãos e de coisas pra dizer, atrapalhando-se todo com ambas. Enrolava-se nas mãos, engrolava as palavras, arrependendo-se logo em seguida por ter dito alguma coisa. Os comentários eram ridículos, mas felizmente ela estava muito distraída, ou melhor, muito preocupada em sentir outras coisas para perceber o seu ridículo. Talvez, ainda, estivesse apenas fingindo não perceber suas dificuldades, para deixá-lo mais à vontade.

Ele havia repensado tantas vezes as diversas maneiras agradáveis de livrá-la das roupas, e agora observava com a maior cara de paspalho a naturalidade dela ao retirar as peças de seu vestuário, uma após outra, enquanto lhe contava os projetos de viagem nas férias que estavam próximas. Retirando também as suas roupas, ele respondia mecanicamente ao que ela lhe perguntava. Abraçaram-se e rolaram na cama. O riso claro dela iluminava o quarto todo, mas ele se escondia nas sombras dos seus cabelos. Não lhe dava prazer o contato com aquele corpo moreno. Era muito grande a sensação de pecado; voltava a ser um congregado mariano desgarrado do rebanho. Tentou desajeitadamente colocar-se numa posição em que pudesse penetrá-la, esquecendo-se de toda a preparação que planejava. Mor-leu-lhe os seios descontroladamente, forçou seu pênis dolorosamente diversas vezes, nada conseguindo. Mais por cansaço e frustração, iniciou movimentos e carícias mais serenos.

Novamente foi ela que assumiu o controle da situação. Iniciou uma série de carícias que iam da orelha tendão de Aquiles, deixando-o em irritação e o supremo êxtase. Quando ele já não suportava mais o tesão irrefreado, que superava todos os complexos de sua deseducação sexual, ela postou-se em cima dele, tomando aquela barra enrijecida, e esfregou muitas vezes no clitóris e nos lábios vaginais, absurdamente intumescidos de prazer. Ele pensou que enlouqueceria se ela não parasse logo com aquilo. Foi nesse segundo que ela sentou-se com todo seu peso sobre o falo, num estado dionisíaco selvageria e loucura. A dor foi tão intensa que ele não conseguiu mais sentir prazer. Suportou calado, fazendo um grande esforço para não prejudicar o desenvolvimento de um orgasmo que lhe parecia iminente. Engano. Ela parou. Retirou-se num momento rápido e seco. Pareceu-lhe que aquilo era tudo uma violência para livrar-se, de uma vez, de algo que era um empecilho: a virgindade. Mas ela ainda foi capaz de rir e ironizar. Tomou-lhe a mão e colocou-a espalmada na vagina, dizendo: "Veja como fiquei, olha como está inchado". Apesar de tudo, ela foi tão natural que ele conseguiu recuperar a calma para brincar também: "Tá parecendo um rosa!" — mas seu riso saiu triste. Ela foi toda conforto. "Seu bobão, não fique com essa cara de desastre. A gente ainda vai ser feliz, você vai ver." "Tomara mesmo, meu amor, e eu vou pôr tudo isso no papel e mandar para um concurso de contos eróticos."



"80"



Handwritten signature



Boléia afrodisíaca

Carlos Rizolli Neto

São Paulo, certa manhã de junho, frio, garoa fina.

Eu parado no pátio de uma transportadora que fornece cargas aos autônomos, na rota para Brasília.

— Afinal, tem carga ou não?

— Muitas. Se tudo correr bem, você sai ainda hoje.

A velha rotina de sempre numa empresa de carga da capital paulista.

De repente, o alto-falante mandou que eu encostasse o bruto na plataforma seis.

Encostei. Pelo mesmo alto-falante, um pedido para que eu comparecesse, urgente, à gerência. Sai correndo, quase tropeçando no último degrau.

Eu, para secretária:

— O patrão mandou me chamar.
— Aguarde um minuto. Vou anunciá-lo.

Era uma loura muito bonita, corpo bem modelado, envolvido por um macacão de malha que deixava transparecer suas formas invejáveis. Ela disse:

— Pode entrar.

Lá dentro, o gerente me propôs trabalho com exclusividade para a empresa, por seis meses, o que viria a resolver meus problemas financeiros, e topei a oferta, felicíssimo.

Assinei o contrato e não quis nem ler.

Sempre foram muito corretos comigo e eu com eles.

Ressobia a ordem de ir para Brasília, levando uma carga.

Despedi-me. Estava radiante. Ao passar pela secretária, dei-lhe um beijo na boca e saí correndo.

Às oito e meia da noite, estava pronta a carga. Subi até a tesouraria para apanhar as notas e o adiantamento do frete.

Estava tudo em ordem, inclusive o carnê e a cópia do contrato. Desci correndo.

Ao pé da escada, Sandra, a secretária, estava batendo o cartão de ponto.

— Boa noite.

— Boa noite, senhor Jairo.

— Espero que não esteja muito zangada comigo.

— Estou, sim, e não adianta pedir desculpas.

— É. Fui muito atrevido, realmente.

— Amanhã, lá em Brasília, você me paga.

— E você vai a Brasília, também?

— Amanhã cedo, de avião.

— Se eu não estivesse em sua lista negra, ia convidá-la a vir comigo.

— Está ficando louco?

— Não falei? E agora?

— A que horas você vai?

— Já estou indo.

— Sabe que eu gostaria de passar por essa experiência um dia?

Sempre achei um tremendo barato essa de caminhão.

— Venha, então.

— Não. Vocês motoristas são todos sem-vergonhas.

— Nem todos. Mas a maioria não perdoaria uma moça bonita como você . . . Quantos dias você vai ficar por lá?

— Até depois de amanhã. Se você se comprometer a comportar-se como um ser humano, gostaria de ir de caminhão.

— Vou sair agora, e quero ver se ao

amanhecer já estou por lá. Prometo comportar-me direitinho, se assim você desejar. Mas lembre-se que toda mulher, por mais séria que seja, entrou na cabina de um caminhão, não presta.

— Corro esse risco.

Eu estava realmente disposto a comportar-me, pois além de ser realmente difícil viajar uma noite inteira sem companhia, nada melhor do que uma moça bonita para manter um motorista bem acordado.

Assim, passamos pela casa dela para apanhar a mala.

Às dez horas, mais ou menos, estávamos saindo de São Paulo.

Sandra tinha caprichado nas roupas, acho que para provocar: uma calça jeans justíssima e um blusão de couro, que acentuava um decote revelador de um maravilhoso busto.

Conversávamos pouco, ouvíamos música.

— Sandra, sei que toda mulher precisa ir ao banheiro muitas vezes. Não se acanhe de me pedir para parar.

— Você parece querer adivinhar meus pensamentos.

— Então, vamos parar no próximo posto, tomar café . . . Só espero que você não passe a adivinhar também meus pensamentos.

— E precisa?

— Realmente, somos todos iguais. Mas não pretendo sair dos pensamentos.

— Ainda bem.

Paramos, tomamos café, ela foi ao toalete.

Novamente na estrada, meus pensamentos se embaralhavam, num misto de prazer, desejo e alegria.

Meu membro começava a se impacientar.

— Acho que estou ficando com sono — disse a moça, bocejando.

— Pois deite e faça de minha perna



seu travesseiro.

Ela se acomodou no banco e encostou a cabeça na minha perna.

Shazam. Meu membro ficou de tal modo, que pensei que ia rasgar minha calça seminova.

Comecei a acariciar seus cabelos, para ajudá-la a pegar no sono mais rapidamente.

O que consegui foi despertá-la ainda mais.

Nem tinha percebido que ela estava acariciando minha perna, em movimentos tão leves e ternos que parecia uma pluma.

Desviei a atenção dela, para prestar mais atenção na estrada.

De repente, ela começou a abrir o fecho da minha calça.

Logo meu membro estava fora, duro como ferro.

Sandra começou a beijá-lo com ternura, depois a sugá-lo com fervor, em movimentos ora lentos, ora rápidos.

Parei o caminhão no acostamento e procurei seus seios com ansiedade; ela vibrava como uma louca.

Tirei-lhe a calça e a calcinha, ao mesmo tempo.

Encostei minha boca em seu sexo carnudo e úmido.

Suguei até a última gota daquele líquido que saía de dentro dela, mordi-lhe o clitóris, até que gozamos, numa explosão de orgasmo que chegava a balançar o caminhão.

Ficamos ali, estáticos, uns 10 minutos.

Eu, deitado com a cabeça entre suas pernas.

— Está contente?



— Não esperava por isso. Foi a primeira vez que cheguei ao orgasmo em minha vida. Realmente, não sei que aconteceu comigo, nunca toquei em meu namorado e nunca permitiu que ele me tocasse.

Acho que você tem razão: cabina de caminhão é realmente afrodisíaca.

— É assim mesmo, o calor do motor aquece nossos corações, faz a gente ficar mais carinhoso, perante o perigo de morte constante que nos rodeia. Com isso, nos apegamos mais às coisas da vida.

— A gente se sente mais perto do céu num caminhão do que num avião.

Procurei excitá-la novamente.

Fui atendido prontamente.

Comecei pelos seios, acariciando-os

ternamente, depois sugando-os voluptuosamente.

Sandra abriu as pernas, para que meu membro entrasse no lugar certo; senti uma certa resistência e recuei.

— Você é virgem?

— Sou. Mas não quero mais ser.

Procurei disfarçar, beijando sua vagina, mas ela insistia para que eu rompesse.

Tentei virá-la de costas, para penetrá-la por trás.

Acabei conseguindo.

E gozamos gostosamente.

— Quero ser somente sua.

Nunca me senti tão viva ao lado de ninguém, como estou me sentindo agora.

Seguimos calados, até chegarmos a Uberaba.

Deitada em meu colo, Sandra dormia profundamente.

Era uma pessoa bem-nascida, bem-criada, bem-informada, deitada no colo de um homem que não poderia lhe dar nada, futuro nenhum.



Só amor e desenganos.
Paramos no posto fiscal na divisa
entre Minas e Goiás. Acordei-a.

– Já chegamos?
– Ainda não, mas falta pouco.
– Que horas são?
– Quatro e meia.
– Daqui a pouco vai amanhecer.
E eu queria ser outra mulher, nesse
novo dia.

– Sandra. Gostaria de torná-la
mulher, mas não posso fazer uma
coisa dessas por mero prazer.

– Mas eu estou pedindo.
– Gostaria?
– Muito. Muito.

Rodamos um pouco mais, até
chegarmos ao Posto JK, em Catalão,
onde teríamos de parar, para
reabastecimento.

Tomamos café, fomos ao banheiro
e seguimos viagem.

Quando os primeiros raios da
manhã surgiram, ela me pediu para
parar, a fim de satisfazer seu desejo.

Tirou toda a roupa e saiu correndo
pela relva ainda úmida do orvalho
da noite.

Saí atrás dela, deliciando-me com
a visão daquele corpo iluminado pelo
dourado dos raios de sol que nasciam,
até alcançá-la, a uns 100 metros da
estrada.

Beije-a ternamente, sentia-me um
garanhão ao ver uma potranca no
meio do pasto.
Tirei minha roupa, também, e
procurei-a com toda a euforia.
Rolamos pela relva, até que ela
manuseou meu membro em direção a
sua abertura.

Tornei-a mulher vagorosamente,
com muito afeto e carinho.

Ela gemia de prazer e sussurrava:

– Mais. Mais. Mais.

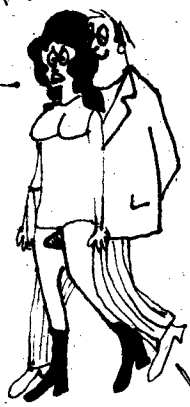
Sandra se contorcia debaixo de
mim, num misto de prazer e medo.

Até o fim, ficamos ali deitados,
lado a lado. Como desfalecidos, fomos
até um regato próximo.

Um pequeno fio de sangue
corria-lhe pelas pernas.



-TENHO A IMPRENSÃO
LIGEIRA DE ESTAR SENDO
SEGUIDA !!



Joaquim 87



Joaquim 87

O primeiro

Quando Leão morreu, até papai, que tinha um coração de pedra, chorou. Inconformada, amaldiçoei todos os carros do mundo. Logo, porém, me conformei, porque a morte do bichinho me foi favorável: voltei a ser menininha da casa. Todo o recente passado ressurgiu mais caloroso ainda, na forma de mimos, chocolates, passeios ao zoológico.

Apesar disso, eu vivia suplicando a papai que arranjasse outro cãozinho. Ele se afobava, dizia um não áspero, dava desgosto ver um animal de estimação, criado quase como filho, ser atropelado por esses malucos.

“Eu cuido bem dele, tranco o portão, não o deixo sair para o meio da rua”, eu insistia.

No meu aniversário seguinte, minha grande alegria: um cachorrinho de presente, com fitinha e tudo, comprado por não sei quanto. “Taf o Moleque”, disse papai, cheio de sorrisos e abraços. Vinha com bafó de bebida, olhos brilhantes, mãos pesadas; outro, a boca entupida de “sins”.

Em verdade, o velho era louco por cães e já não resistia ver a casa vazia, sem um latido. Durante toda a festa, me abraçou e beijou mais duas ou três vezes, e o novo hóspede, só faltou não largar mais. Como se fosse pai pela primeira vez.





homem

Nilto Maciel

“É esse o nome dele?” perguntei, irritada, à certa altura dos carinhos. “Moloque é mais bonito”, apressou-se mamãe em propor, ignorante do que dizia, eu soube depois. Batizei-o ali mesmo, com guaraná. E não o larguei mais, toda dedicada a banhá-lo, mimá-lo, beijá-lo, como o fazia com as bonecas, já esquecidas a um canto. Ele me olhava bem no fundo dos olhos e parecia querer dizer alguma carfícia, botava a linguazinha para fora, cheirava-me toda, mordida-me, carinhoso.

Passava da hora habitual de dormir, quando fui para meu quarto, sonolenta e cansada, e lá foi ele a me seguir.

Mamãe, porém, não permitiu que dormisse sequer ao lado da cama, quanto mais junto a mim. “Onde já se viu isso, menina? Ou você não estudou higiene?” E fez um serão daqueles, como se não tivesse sido dele a iniciativa.

Perdi o sono por instantes, zangada com a injustiça de mamãe, e fiquei a ouvir o coitadinho ganir. Parecia um choro de dor. Penalizada, imaginei que o deixariam dormir no sofá da sala, pelo menos. Papai não iria obrigá-lo a passar a noite ao relento. E, quando



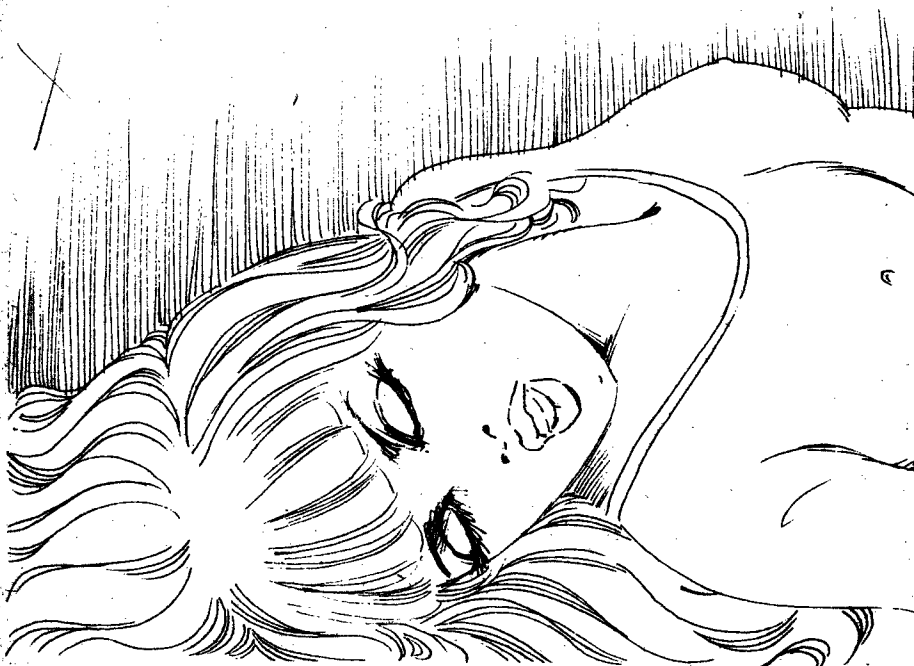
todos estivessem dormindo, ele voltaria para junto de mim e teria minha cama, onde pudesse repousar da viagem, do batismo e da festa. Para tanto, deixei a porta do quarto entreaberta.

Ainda não dormia, as imagens conscientes misturando-se às do sonho em formação, quando ouvi uma leve pancada na porta. Não me mexi, nem abri os olhos. Preferi acreditar que aquilo fizesse parte do que eu engendrava no cérebro: Moleque saltava para a cama, cheirava-me o rosto, puxava os lençóis, metia-se entre meus braços, à cata de calor. . .

Com pouco, senti um corpinho macio roçar-me os pés, cheirá-los, lambê-los. Arrepiei-me toda, sensível como sou ao mais delicado toque. Tentava abrir os olhos, mover-me, mas não conseguia, entorpecida. Não que passasse por minha cabeça tratar-se de uma pessoa humana. Não, eu tinha

certeza de que ali estava o Moleque. Sobretudo porque entre eu e ele não havia nada. O danado conseguira meter-se não só debaixo do lençol, mas ia varando, pouco a pouco, a roupinha frouxa que eu vestia. Alcançou-me as pernas, a seguir, e eu mais me arrepiei. E foi escalando meu corpo, à procura de carnes mais macias, de um travesseiro onde pudesse dormir sem se torturar. E chegou às coxas e lá se concentrou por não sei quanto tempo.

Garanto que ainda não dormia, mas forças não tinha para reagir, retirá-lo dali, colocá-lo ao meu lado ou até deitá-lo fora da cama. Mesmo quando seus dentinhos me desceram as calcinhas. Foi uma operação tão perfeita; carinhosa, doce, que não pensei em outra coisa senão em sua inocência. Ora, ele, decerto, achava que eu me sentiria melhor nua. Ou o



tecido lhe era áspero, desagradável, quem sabe?

Eu ainda não tinha pêlos na vulva e aquela língua morna lambendo-me a pele fez-me estremecer.

Em verdade, eu gostava de passar a mão sobre essa parte do corpo quando me deitava para dormir. Uma sensação tão boa que eu logo pegava no sono. Também durante o asseio eu costumava fazer isso, mas pensava em pecado, ficava triste e terminava arrependida. Mas o pior aconteceu na casa do vizinho. Eu ia sempre lá brincar com uma coleguinha que tinha um irmão. Brincávamos os três, de tudo, boneca, esconde-esconde, manja, carrinho. E ele andava sempre me chamando para os quartos escuros, tirava minha calcinha, alisava minha pequena boceta, encostava a piroca e dizia que era meu marido. Mas nunca enfiou nada, só fazia pegar, cheirar, coisa sem importância.

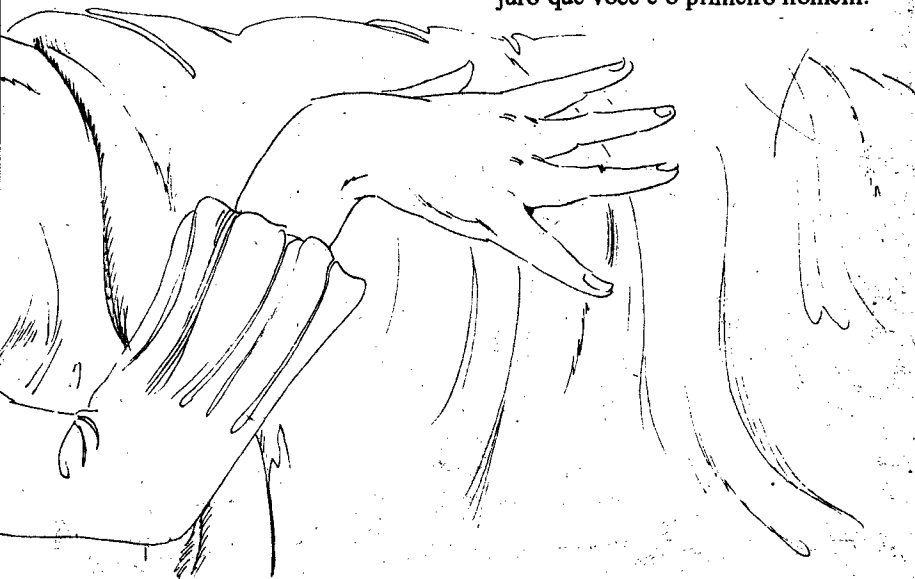
Voltando àquela noite, depois das primeiras lambidas, abri, instintivamente, as pernas, doida para


que aquela língua penetrasse em mim. Digo doida, mas não agia conscientemente. Para mim, estava sonhando. Seria uma espécie de limpeza, já que durante toda a festa eu havia bebido muito guaraná, urinado várias vezes e não me lavara, apesar das constantes advertências de mamãe.

Mas, estranhamente, ele parou de me lambe e deitou-se sobre minha barriga. Encostou a cabecinha perto de meus peitos, estirou as mãos, como se me abraçasse, e a piroca, dura, forçava a entrada de minha já inflamada bocetinha. Vai e vem, senti dor e prazer misturados, não sei se gritei, se gemi, se chorei. A coisa entrava-me com força, dilacerando, rasgando, queimando minhas entranhas. E eu morria de gozo, de um prazer nunca sentido.

De manhã, sangue nas pernas, na cama, nos lençóis, uma dor enorme no pé da barriga e nada de Moleque.

Se você não quiser acreditar em minha história, pior para mim, mas juro que você é o primeiro homem.





Fim de semana no Rio

Salomão Figueiredo

Eu, meu marido e nosso filhinho de cinco anos fomos passar um fim de semana no Rio de Janeiro. Somos de São Paulo e sempre é bom fugirmos, de vez em quando, da cidade onde o trabalho parece ser o centro de tudo.

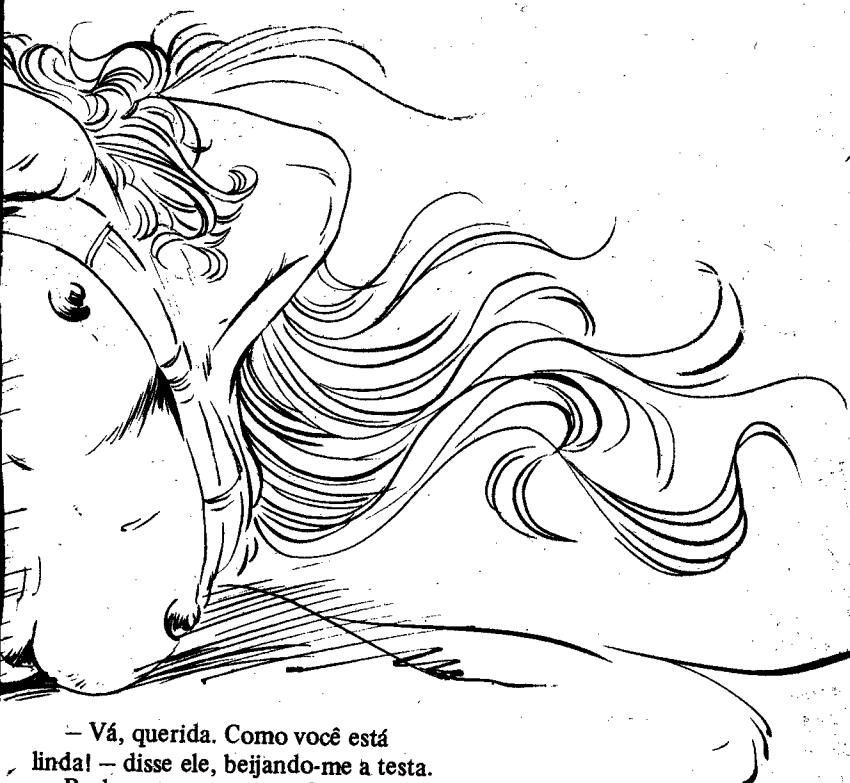
Durante o dia, deliciamo-nos sob o sol forte de Ipanema, deitados na areia, mirando as águas um tanto bravias que se perdiam no horizonte distante. As ondas, vez ou outra, atingiam-nos, amainando o calor intenso da Cidade Maravilhosa nos dias de verão. Estava uma delícia.

Hospedamo-nos num hotel perto da praia. Quando os raios do sol, já enfraquecidos pelo cair da tarde, que anunciava a noite, já não mais bronzeavam os ávidos por uma pele

morena, fomos para o nosso apartamento. Haveria festa no hotel e tínhamos de nos preparar.

Hóspedes e convidados dançavam, comiam e bebiam entre luzes coloridas, arranjos maravilhosos, perto da piscina. Tudo estava muito bem organizado. Divertíamo-nos à beça.

Lá pela meia-noite e meia, disse ao meu marido que ia até nosso apartamento ver nosso filhinho, que dormia.



— Vá, querida. Como você está linda! — disse ele, beijando-me a testa.

Realmente, eu não era feia. Loira, cabelos compridos, olhos verdes, pele já ligeiramente bronzada. Meu único filho não havia modificado meu corpo. As curvas eram facilmente notadas e os homens sempre me olhavam com ar voluptuoso.

Paulinho dormia tranqüilamente. O apartamento ficava no sétimo andar. Antes de descer novamente, abri a porta de vidro de uma saleta no fundo do corredor e fui até a janela. Fiquei admirando o espetáculo lá em volta da piscina. Acendi um cigarro. De repente, a luz da saleta se apagou. Fui atacada. Um homem forte me subjugou. Sua língua úmida e quente me tocava a

nuca. Senti seu respirar ofegante. Seu membro ereto, volumoso, roçava minhas nádegas. Suas mãos exploravam meu corpo. Não conseguia gritar. A princípio, achei que ia morrer, logo depois, em vez de medo, senti prazer. Por incrível que pareça, achei fascinante ser atacada daquele modo. Não entendia aquele sentimento.

Meu sangue começou a ferver, um prazer estranho me dominava, provocava-me uma languidez intensa, que quebrava qualquer resistência que



eu pudesse vir a ter. Ele me arrastou mais para o fundo, num lugar mais escuro. Vergou-me para a frente, levantou meu vestido e desceu minha calcinha. Meu coração disparou, meu corpo latejava. Ouvi-o descer o zíper. Seu sexo tocou minhas nádegas. Algo grande, quente, procurava-me. Para facilitar o seu intento, curvei-me e abri as pernas. Vendo que eu estava colaborando, lubrificou-o com saliva e penetrou-me ardentemente. Mordi os lábios para não gritar. Gemi de dor e prazer. Suas mãos buscaram-me o clitóris. Algo indescritível tomava meu ser. O homem fungava e me afagava. penetrava-me por trás e pressionava delicadamente o dedo médio em meu sexo. Tive um orgasmo intenso, como jamais tivera na vida. Subitamente, ele começou a acelerar os movimentos. Vi que ia gozar. Fungou, gemeu,

mordiscou-me, apertou-me mais contra seu corpo. Novamente cheguei ao orgasmo. Seu líquido quente inundou-me o ânus.

Pela primeira vez, consegui dois orgasmos simultâneos, ou melhor, quase simultâneos. Ficáramos no hotel mais dois dias. Tentaria descobrir aquele homem másculo que tanto me fizera gozar.

Na véspera da partida, quando achava que não conseguiria descobrir quem me havia atacado, fui com meu filho ao apartamento. Já eram onze horas e ele precisava dormir. Meu marido ficou com alguns amigos no terraço.

Ao entrar no elevador, abaixei-me para amarrar o sapato de Paulinho e encostei-me num carregador, sem



querer, que também estava lá. Pelo contato, achei que fosse o homem. Olhei-o. Inicialmente, senti repulsa, nojo, mas meu desejo era mais forte.

– Foi você? – perguntei.

– Sim, quer mais?

Consenti, acenando com a cabeça afirmativamente.

– Meu quarto é no térreo. É o número 3 – ele disse quase num sussurro.

Levei meu filho para cama e o fiz dormir. Ele nem notou que trocamos

algumas palavras. Quase não agüentava esperar.

Desci e fui ao quarto dele. Entrei. Mirei-o. Era alto, forte e negro.

– Você gostou do crioulo, né?

– falou ele, segurando-me e despindo-me.

Deixou-me nuazinha. Não consegui abrir a boca. Ele me devorava com os olhos.

– Como se chama, madame?

– Andréa – sussurrei.

Despiu-se. Pela cueca, seu membro imenso parecia que iria saltar.

Abraçou-me sem tirar sua última peça. Meu corpo tremia, meu sangue fervia em minhas veias. Levou-me para a cama. Deitamo-nos. Beijava-me o corpo todo. Entreguei-me totalmente.

Suas mãos hábeis percorriam-me.



Alisavam-me as nádegas, as coxas, os seios. Nunca senti tanta vontade de ser consumida, penetrada.

— Você é jóia, madame — falou ao meu ouvido —, nunca peguei uma dona tão boa — continuou.

Penetre-me. Não agüento mais — murmurei.

Agarrei sua cueca e atirei-a longe. Segurei seu sexo, acariciando-o. Ele gemeu de prazer. Como era grande seu pênis! Aqueles músculos negros retesados!

Ele virou-me de costas. Num abraço obsceno, roçou seu membro em minhas nádegas, beijando-me a nuca.

Estremeci.

Percebendo que ele queria repetir a façanha do outro dia, virei-me rapidamente. Queria senti-lo no lugar próprio. Abri as pernas para ele alojar-se entre elas. Sugou-me os seios, bolinou-me o clitóris, deixando-me alucinada. Agarrei seu membro duro, colocando-o em posição. Ele forçou, eu ajudei. Gemi ao sentir a penetração profunda. Movimentamo-nos vagarosamente para desfrutar mais das delícias do ato. Nunca sentira algo assim.

— Está bom, madameeee?

— balbuciou uma pergunta.

— Demaaaais — grunhi,

apertando-me contra seu corpo.

Segurou minha cabeça e sugou meus lábios com volúpia. Beijamo-nos ardentemente. Nossas línguas se tocavam.

Aceleramos os movimentos.

Fungávamos, gemíamos, apertávamos um ao outro, rolávamos. O clímax se aproximava. De repente, nossos corpos relaxaram-se. Abraçamo-nos com o espasmo. Seu néctar quente molhou-me as entranhas. Chegamos ao fim. Foi tudo tão alucinante que gozamos três vezes, repetindo voluptuosamente aqueles gestos eróticos.

No outro dia, tomamos o avião para casa. Meu marido e Paulinho brincavam comigo. Eu, perdida nos meus pensamentos, não tirava da cabeça aqueles momentos de pecado e de delírio passados no Rio de Janeiro, que começava a sumir: o sol, o céu azul, as areias, os arranha-céus, as águas esverdeadas do oceano.





①



②

OGAITEA



Braços abertos

Pedro Luiz Pereira

Somente à terceira batida na porta o rapaz grita "pode entrar". Indecisa, a mulher estaca na porta do quarto. "Cadela! Quem a vê assim, tímida, pode até pensar que é a primeira vez. No fundo, são todas iguais." "Ele é bonito. Será que fiz bem? Se ao menos ele estivesse em pé, me esperando vestido. Será que, por baixo do lençol, ele está nu? E se eu voltasse atrás?" Era só abrir a porta e, num instante, estaria a salvo no elevador. "Fingida! Olha o quarto como se estranhasse. Pra cima de mim, hem?" O rapaz amassa o cigarro no cinzeiro e se levanta. "Deus! E se a

toalha cair? Como é bonito! Que será que ele vai fazer?"

— Fique à vontade, meu anjo. Pode colocar a bolsa aí na mesinha. "Cadela! É realmente uma boa atriz. Até constrangimento ela finge. Já, já estará exigente como as outras." "Como é gentil! Que voz bonita! O que será que ele está pensando de mim? Será que ele me toma por uma vagabunda?"

— Pode tirar o casaco, meu anjo. Não faça cerimônia. Quer um cigarro? — A mulher despe o casaco e senta-se na beira da cama. — Faz tempo que você está me esperando?

"Não vai demorar muito e vem a choradeira. Essas que dissimulam são as mais chatas." "Será que ele vai me beijar?" O rapaz se aproxima dela e pega suas mãos.



— Olhe, não precisa ficar nevosa. Pode me chamar de Alex, está bem? “Provavelmente é um nome falso. Devo dar o meu, ou também invento um?” “Com essa, preciso ir com jeito. Ela é daquelas que gostam de rodeio.” Com a mão direita, Alex afasta algumas mechas de cabelo que se espalham pela testa da mulher.

— São muito bonitos os seus cabelos. — Encosta-se mais na mulher e lhe acaricia os cabelos. De repente, o choro nervoso. “Droga! Logo hoje eu tinha que pegar uma dessas?”

— E agora, como vou encarar meu marido? Eu amo meu marido!

— Eu sei, amor, eu sei. Pode chorar. Desabafe! Isso vai lhe fazer bem.

Abraça a mulher e, com uma das pontas do lençol, enxuga-lhe as lágrimas.


— Pronto, amor, está tudo bem. Agora você vai se sentir melhor. Ela fecha os olhos e sorri.

“Cadela! Não vai demorar muito e estará exigindo tudo, despudorada como todas.” “Como ele é gentil! Por um momento, pensei que fosse deixar cair a toalha e me agarrar.”

— Estou morrendo de calor, Alex; você espera eu tomar um banho?

“Que sensação estranha chamá-lo pelo nome. Tão íntimo!”

“Aposto como vou ouvir o barulho da descarga antes do chuveiro. Essas que procuram abafar o som da descarga abrindo o chuveiro são as mais difíceis. Tenho certeza de que ela vai sair vestida.”



“Será que ele ouviu o barulho da descarga? Não posso melhorar o cabelo. Deus! Estou tremendo. Acho que não vou ter coragem de entrar novamente no quarto.”

O terceiro cigarro, e Alex consulta o relógio, impaciente. “Merda! Quase uma hora nesse quarto e o pior ainda não passou. Com essa, não vai ser fácil.”

A porta do banheiro se abre e a mulher aparece vestida, enxugando o rosto na toalha de banho.

— Passou o calor, amor? Tire o vestido! Assim, você não sentirá tanto calor. Esse quarto parece um forno! Quer que eu te ajude? — A mulher recua, assustada.

“Merda! Essa vai dar trabalho.”

— Não precisa não! Eu mesmo tiro. Posso te pedir um favor? Você não vai achar ruim?

“Ah, já sei. Apagar a luz e virar o rosto.” — Você poderia apagar a luz e olhar um pouco pra lá? — “Acho que estou bancando a ridícula. Mas estou morrendo de vergonha. Será que ele vai gostar do meu corpo?”

Alex apaga a luz e finge estar ocupado abrindo um novo maço de cigarros. Com o canto dos olhos, ele observa a mulher, que hesita em tirar a roupa. “Nossa! Combinação! Pensei que não existisse mais essa coisa.” A combinação cai sobre o vestido e a mulher, atrapalhada, procura o fecho do sutiã. Cruzando as mãos sobre os seios, ela procura brincar:



— Assim não vale, você está olhando!

— Juro que não, meu bem! É que estou impaciente. Você já me fez esperar muito. Deixa eu te ajudar, deixa?

Alex se levanta e enlaça a mulher pela cintura.

“Será que ele gostou?”

— Como você é gostosa!

Surpresa, a mulher pisa por cima das peças de roupa e cambaleia, atrapalhada pela calcinha que lhe prende os joelhos.

— Não tenha vergonha, amor, deixe que eu acabe de tirar sua calcinha.

Rindo, a mulher se apoia no corpo

de Alex e levanta uma das pernas. Desvencilhada a primeira perna, Alex não encontra dificuldade em desvencilhar a segunda. De leve, belisca o biquinho do seio esquerdo. Sente a mulher estremecer. Avança. Suavemente, suga o seio direito. Percebe os olhos revirados da mulher, a boca semi-aberta, as pernas trêmulas, os braços que lhe enlaçam o pescoço. A mulher geme e se esfrega despidoradamente em Alex, pressionando-lhe o sexo. Alex sorri vitorioso. Sabe que chegou a hora. Interiormente, ri das súplicas desordenadas da mulher. “Cadela! Já está assanhada. Aposto como ela mesma vai arrancar minha toalha.”

Alex beija a mulher no pescoço e, rindo, carrega-a nos braços até a cama. Excitada, a mulher procura a boca de Alex. "Deus! Não acaba mais esse martírio?"

– Me beije, amor! Por favor, diga que sou gostosa, diga outra vez!

– Sim, amor, você é gostosa.

– Diga que me deseja, amor, diga!

– Eu te desejo.

As mãos da mulher arrancam a toalha e, desesperadas, procuram o sexo de Alex. Pressiona-o, esfrega-o no vão dos seios e, para surpresa do próprio Alex, leva-o à boca.

– Lili, será que um dia você será minha? Não faça isso.

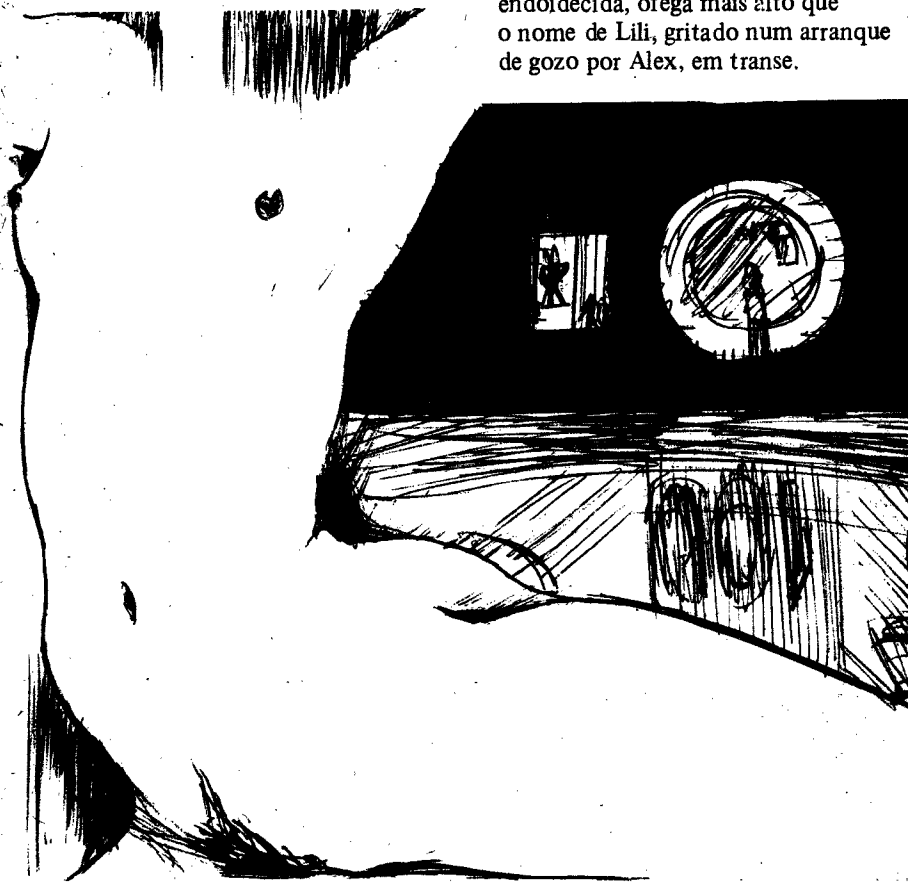
Com jeito, liberta-se. Fecha os olhos e, murmurando palavras incompreensíveis, desliza o queixo pela barriga da mulher.

– Lili, como você é gostosa! Quero você! Seu umbigo vou beijar.

– Alex, Alex, mais pra baixo, amor!

– Não mereço tanto, Lili! Você está pedindo tudo o que mais quero, amor!

Com o rosto entre as coxas da mulher, Alex balbucia o nome de Lili. Pensa em Lili. As coxas e os seios de Lili ocupam espaço na cama. São ainda as pernas de Lili que Alex abre em "V". A mulher geme e, enoidecida, ofega mais alto que o nome de Lili, gritado num arranque de gozo por Alex, em transe.



Saciado de Lili, Alex se surpreende com a presença daquela mulher de olhar deslumbrado, que sem a menor cerimônia, segura seu sexo. A mulher o olha com ternura. "Deus! Pensei que isso não fosse mais possível. Como eu o quero!"

— Alex?

— Humm . . .

— Se eu te pedisse uma coisa, você me dava?

“Como detesto essa voz melosa, de cadela saciada!”

— Depende, amor.

— Eu queria uma foto sua.

— O quê?

— É . . . uma foto sua.

— E seu marido?

— Meu marido não se importa mais comigo. Não me quer mais.

“Droga! Por que fui tocar no seu marido? Agora é agüentar a choradeira.”

— Meu marido me evita, Alex!

Quantas vezes o procuro e ele finge estar dormindo!

— Seu marido é um tolo, amor.

Onde já se viu desprezar uma mulher como você?

— A última vez que ele me procurou, Alex, ele estava embriagado. Tive ódio quando ele gemeu outro nome. Não quero que você pense mal de mim. Você foi o primeiro homem depois de meu marido.

“Outra vez a mesma conversa! Uma é cópia da outra. Da próxima vez, o Daniel que arrume outro pra essa maluca.”

— Vamos tomar um banho, querido? Eu ensaboo você.

“E a timidez, cadela? Agora, além dos beijos, quer tomar banho comigo. Cadela!”

“Ela se penteia. Sinal de que está satisfeita. Será em cheque ou dinheiro?”

— Amor, vou te fazer uma surpresa! Não saia do banheiro enquanto eu não te chamar, hem?

“Será que ela vai dar no pé? Preciso estar atento para o barulho da porta. Se essa vaca tentar bancar a esperta, torço-lhe o pescoço.”

— Já pode vir, querido!

No meio do quarto, a mulher pede outro beijo. Alex finge surpresa ao perceber que ela lhe coloca uma correntinha no pescoço.

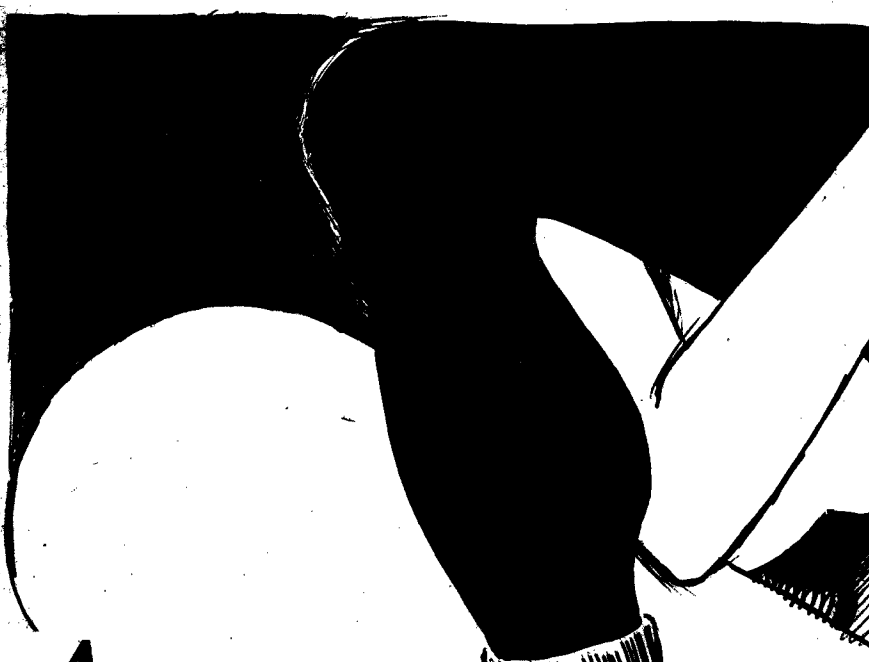
— Isso é pra você, amor. Ouro puro!

“Cadela! Pensa que vai me comprar. E o dinheiro? Será que ela pensa que vai me tapear com essa correntinha, que nem sei se de ouro é?”

Alex acende outro cigarro e quase suspira de alívio ao ver, embaixo do cinzeiro, as notas dobradas. Satisfeito, acompanha a mulher até a porta. “Adeus, cadela!” Espera o elevador descer e corre conferir o dinheiro. Depois, deixa cair a toalha e liga novamente o chuveiro.



Anjo negro



Anoitecia. As primeiras sombras já tingiam o firmamento.

Da lareira acesa eram projetadas sombras disformes por toda a sala, sobriamente decorada em estilo colonial.

Sentada em uma poltrona, Chris saboreava um drinque, absorta em seus pensamentos.

Lá fora, pesadas nuvens e o forte vento pressagiavam que a tormenta estava próxima.

A casa na colina, isolada no centro do bosque, no fundo o lago, a chuva que se aproximava, o cenário era próprio de uma novela de Edgar Allan Poe. Chris levantou-se para apanhar outra dose, sem deixar de sorrir por ter tais pensamentos.

Ela nunca fora medrosa. Jovem, forte e bonita, há pouco mais de um

ano perdera seu jovem marido em um acidente, e, desde então, ela fugia de tudo e buscava tal refúgio, curtindo sua solidão.

Chris fugia de tudo e de todos, recusava-se a aceitar os fatos e não tinha mais razão para viver.

Em suas lembranças, seu corpo retesou-se de desejo e, com um profundo suspiro, enxugou uma lágrima que teimosamente bailava no canto de seus olhos.

Agora a chuva caía abundantemente. . .

Pensava na paz e na solidão em que permaneceria durante mais aquele fim de semana, igual a tantos outros.

Antonio Gomes Bonita



A vila mais próxima ficava distante uns 20 quilômetros e, com aquela chuva, tornava-se impossível o seu acesso.

Subitamente, foi trazida de volta à realidade por insistentes batidas à porta de entrada.

Foi abrir e deparou com um jovem negro, de feições bonitas, alto, excessivamente alto, com corpo atlético, completamente molhado.

Era uma figura que impressionava, um verdadeiro deus de ébano. Olhar profundo, sorriso sincero, dentes alvos, elegantemente trajado.

Jorge era o nome do gigante de cor. Explicou que seu carro estava atolado na estrada, próximo à curva do lago, e perguntou se poderia usar o telefone, não queria incomodar.

Chris sorriu e deu passagem para

que ele pudesse entrar, indicando-lhe o telefone.

Várias vezes ele tentou ligar, porém o telefone permanecia mudo.

— Talvez a chuva derrubou algum cabo, afetando as comunicações — justificou Jorge. . .

A chuva agora parecia mais forte ainda, relâmpagos riscavam o céu e trovões ensurdecedores davam a impressão que o mundo ia explodir.

Diante de tal situação, Chris pediu que Jorge permanecesse junto ao fogo e esperasse que a chuva abrandasse um pouco mais. Ofereceu-lhe uma bebida.

Ao entregar-lhe o copo, suas mãos roçaram-se levemente e, por uns instantes, seus olhos se encontraram.

Os olhos negros de Jorge pareciam querer desvendar a tristeza estampada nos olhos azuis de Chris. Notou que ela era de uma beleza suave e de uma acentuada tristeza; através do macacão justo, percebeu as belas formas daquele corpo jovem e palpitante.

Chris não ficou indiferente à presença de Jorge. Não poderia explicar, mas ele causava-lhe uma sensação estranha.

A solidão em que vivia, a ausência do seu marido, aquele local, tudo ajudava para que seu corpo sentisse desejo de ser tocado, explorado, possuído, e a proximidade daquele macho despertava nela o instinto de fêmea.

A chuva continuava, cada vez mais forte.

Agora já conversavam como velhos amigos.

Jorge, em pé junto ao fogo, aproveitando aquele calor gostoso, aquela bela mulher e a bebida, excitava-se e, aos poucos, sentiu seu falo fazer pressão sob as calças.

Aquele enorme volume entre as pernas de Jorge fizeram Chris tremer de êxtase.

Chris aproximou-se de Jorge para servir-lhe outra bebida. Jorge segurou a mão, colocou o copo sobre a lareira e a puxou para junto de si. Chris não ofereceu resistência, tornou-se impotente, todos os seus poros pediam uma só coisa: SEXO.

Abraçando-a, o sexo de Jorge foi comprimido entre as roliças coxas de Chris, que quase delirou ao sentir a dureza daquela espada.

Delicadamente, deitou-a no felpudo tapete e começou a beijar seus lábios, enquanto suas mãos procuravam livrar aquele corpo, que pedia cada vez mais, das roupas que o embalavam.

Jorge era mestre em fazer alguém feliz, beijou aquele corpo palpitante, aos poucos, descendo pelo colo, através dos seios, do ventre, até encontrar aquela gruta que se abria para ser explorada.

Como num ritual pagão, aquele negro prestava a sua homenagem àquela deusa alva. Sua língua entrou por aquela fenda e violentamente trabalhou naquela mina de prazer. Chris gemia e contorcia-se toda.

Permaneceu assim até que a boca de Jorge encheu-se do sêmen que o seu corpo desprende, ao mesmo tempo em que ele ejaculou freneticamente.

Por algum tempo, quedaram-se quietos, lado a lado.

A nova iniciativa partiu de Chris, que com a língua suavemente deslizava pela glândula daquele falo de proporções avantajadas. Aos poucos, aquele membro adormecido enrijeceu. Chris abocanhou-o e, sugando com enorme apetite, tornou-o pronto para nova batalha.

Ajeitando aquele mastro umedecido com sua própria saliva, colocou-o em posição de ser agasalhado por sua vagina que, a essa altura, latejava de prazer. Sentou-se sobre aquele nervo, como quem monta a cavalo, sentiu

aquela carne quente ir fundo, atingindo suas entranhas. Cavalgou até atingir o clímax do prazer, ao mesmo tempo em que sentiu-se invadida por um jato quente que a fez urrar de delírio.

Jorge tirou-a de sobre si e, acariciando-a, levantou suas pernas e as colocou sobre seus ombros; vagarosamente, começou a introduzir seu membro naquele ânus, ao mesmo tempo em que suas mãos brincavam, ora com aqueles bicos róseos, ora com o clitóris, que se colocava à mostra através dos lábios entreabertos daquela vulva carnuda e gostosa que já lhe havia proporcionado momentos de satisfação.

Chris gritava de dor, porém comprimia mais aquele pedaço de carne que a dilacerava, produzindo uma sensação nunca antes sentida.

Aos poucos, os gritos de dor cessaram, dando lugar a gemidos de amor e pedidos de "QUERO MAIS".

A explosão de gozo foi tão violenta quanto a tempestade lá fora.

Continuaram assim, a praticarem sexo em toda a sua plenitude, sem preconceitos, até exaurirem-se.

Adormeceram. . .

Pela manhã, um pálido sol veio colher aqueles dois corpos contrastantes, em preto e branco, adormecidos enlaçados.

Na lareira só restavam cinzas.

Jorge beijou Chris e saiu sem acordá-la. Foi como chegou, assim de repente, como um anjo negro. Como um personagem de um sonho, irreal, deixando em Chris apenas uma imensa vontade de viver.





Uma “xereca” de respeito

Edilson José de Moura

(Este conto é baseado em fato real — logicamente, com alguns toques de sensacionalismo — e começou no dia 15 de dezembro de 1980, num dos coletivos da Empresa Cidade do Sol, com destino ao Conjunto Jiqui, em Natal.

Eram mais ou menos 18,30 horas.)

Como é corriqueiro, a lotação sentada estava completa e o número de passageiros em pé... puxa vida, como de costume, 200% superior ao limite! E eu, privilegiadamente sentado, com alguns pacotes ao colo, segurados por uma volta quase elástica que dei nos

meus braços. E, num dado momento (como eu não estava junto à janela), senti meu cotovelo direito topar nalgo “espinhoso”. Tentei ver com o rabo do olho o que se passava, mas, devido ao aglomerado de gente em pé, mal pude levantar a cabeça, somente virar um pouquinho o pescoço, para vislumbrar uma senhorita que já (aparentemente) chegava aos trinta — por sinal, bonita e muito boa. E, para o meu espanto, o que o meu cotovelo tocava era a sua xereca, por sinal muito volumosa. Tentei, inclusive, confirmar se tinha algum absorvente pra aumentar aquelas entranhas; tudo era conforme

a natureza fizera — originalmente elegante, volumosa e de respeito. E não é que senti a minha pulsação bater mais rapidamente, o que me fez olhar para o cara que estava ao meu lado, o qual fez um ar de riso e mudou a vista. Quis olhar pra trás, mas não pude; quis pedir pra que aquela senhorita mudasse de posição, porém ficaria muito degradante pra mim, pois, inclusive, por várias vezes o povo a empurrava mais pra frente e sempre ela voltava para o local do meu cotovelo. E isto me fez imaginar que o meu dito cujo estava correspondendo à altura. E cotovelo vai e xereca vem, quando chegou o meu ponto final. Levantei-me com os pacotes e pedi-lhe licença pra passar, quando alguma coisa me foi sussurrada ao ouvido: 224-2625, Lulu. E aquilo ficou ecoando em meus ouvidos, no percurso de minha residência — Lulu, Lulu, LuLu. ... E claro que o telefonema não poderia ser esquecido, tal os bons momentos passados pelo meu cotovelo direito entre aquelas apetitosas coxas. E cheguei em casa para o banho, o café e a televisão, sem, contudo, me esquecer de nenhum dos detalhes. Mas o cansaço foi superior às minhas forças e o jeito mesmo foi ir pra cama, sem, porém, deixar de anotar muito camufladamente o número do telefone da Lulu, pois seria muito chato se “D. Encrenca” visse-o.

E chegou o dia 16 de dezembro. E a mesma rotina pra ir ao meu local de trabalho. E, em lá chegando, a minha primeira providência “burocrática” foi ligar para o 224-2625:

— Alô, é do 224-2625?

— Claro, seu idiota, não foi praqui que você ligou? — respondeu-me uma educada voz feminina.

— A Lulu está?

— Aqui não tem ninguém com este



nome. . .

— Mas. . . foi este o número que ela me deu. . .

— E quem é o senhor, finalmente?

— Bem, eu sou um novo amigo dela; que tal?

— Como “amigo dela”, se a Lulu é noiva?

— Quer dizer que ela mora mesmo aí, pois a senhora acaba de confirmar isto, hein?

— Ora, meu caro, eu não sou senhora nenhuma. Continuo sendo uma senhorita com meus ainda 33 anos.

— Desculpe, senhorita. . . faz favor de me chamar a Lulu.

— Ela ainda dorme.

— Neste caso, às 13m30 de hoje, ligarei novamente. Muito obrigado e os meus respeitos.

E na hora marcada, uma nova



ligação.

— É você, Lulu?

— Quem está falando?

— Sou o moço de ontem à noite, no coletivo. . .

— Ah, sim. Que quer você?

— Ora, se você me deu o seu telefone, é que teria algo a me dizer, não?

— Bem, você me espere hoje à noite, em frente ao Cinema Rex, entre 7 e 8 da noite.

— Tá, sem falta.

E realmente nos encontramos, mas somente após as 21 horas (e quem conhece a pontualidade feminina?).

— Puxa, como você é bonita.

— Ora, é bondade sua. Você também é bonito, não tanto quanto eu, mas é bonito.

— Puxa, você já está me fazendo corar. Mas que faremos agora? Que tal um chopinho ao lado do Cinema

Rio Grande, com aquele bate-papo?

— E depois? — perguntou-me a Lulu.

— Depois? Bem. . . só Deus sabe, só Deus sabe.

E já passavam das 23,00 horas, quando achamos por bem terminar com o chopp e aquela conversa que não nos levaria a nada, e passamos a andar um pouco. E não foi nada difícil colocá-la num táxi e sair em busca de um motel à altura de nossas presenças. E o destino: Motel Jóia, no bairro da Ribeira, com certas esnobações modestas. Mas que me importava isso ou aquilo, se o que eu queria era “faturar”?

— Vamos tomar um banho? — falei-lhe.

— Não custa nada. O suor está fogo.

Ajudei-lhe a tirar a roupa, quando fiquei extasiado com aquele lindo corpo vestido com minúsculas roupas de baixo. E é desnecessário lembrar que eu “já estava armado” e que, para o meu espanto, ao me encostar na Lulu por trás, ela deu um tremendo salto.

— Epa, Lulu, que foi?

— É que eu não gosto destas coisas.

— Mas você não vai se casar em breve? Como é que enfrentará o problema sexual que já se presencia em você?

— Isto já é outra conversa, moço.

— Não, Lulu. O sexo é muito importante para todos.

— Moço, se você não mudar de assunto, eu me visto e caio fora, tá?

— Mas. . . afinal, o que viemos fazer aqui?

— Depende de você, moço.

— Nem meu nome você se interessa em saber. Bem, que tal você segurar o meu passarinho?

— Deixa ver. . . Eta, que gostoso! Mas. . . primeiro, quero muitas carícias.

E como ela estava bem limpinha e



cheirosa (apesar do salto, o asseio não faltou), resolvi pôr em prática todas as carícias que eu aprendera através dos livros. E, quando tive a certeza de que a Lulu já estava no êxtase das volúpias amorosas, deitei-lhe de bruços e tentei faturar-lhe por trás — o que não foi possível, já que o movimento que ela dera ao corpo quase me joga ao chão. E, com a respiração por demais ofegante, consegui ainda lhe perguntar:

— O que foi, agora?

— Minha bunda ninguém fatura assim não. Inicialmente, tem que ser com a língua.

— Mas, Lulu... eu...

— Nem eu e nem mais eu. Se não quiser assim, tchau.

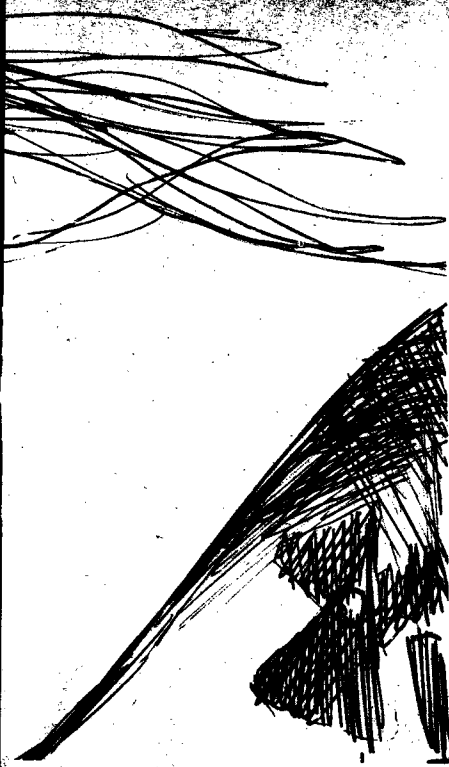
— Es... espere, espere. Não vai querer nublar os bons momentos pelos quais passamos até agora, não? Você, que denotou tanta sensualidade no transporte, quando lhe toquei no sexo com o meu cotovelo, sem a menor repulsa de sua parte.

— É que eu sou muito imprevisível.

— Está... está bem. Digamos que o nosso caso está começando agora, tá?

— Está bem. Então, mais carícias.

E eu lhe atendi a contento, com mais voracidade e com maior rapidez, pois a minha vontade de "faturar" era bem maior. E quando notei que a Lulu só faltava pedir pra que eu enfiasse



minha Lulu.

— Hoje, eu sou muito mais mulher moço.

— Assim espero.

E quando deixei-lhe em transe voluptuoso, resolvi abrir-lhe as pernas. . . e nova decepção. Desta vez, um violento tapa em meu rosto, o que me deixou deveras desnordeado e quase desacordado. E, quando me dei conta da situação, notei que a Lulu é quem fazia carícias, e com maior ímpeto, e só faltei subir às paredes quando senti o meu membro em sua boca, com aquele movimento característico. . . Foi só o que deu: gozei em sua linda boquinha, local onde eu beijei tantas e tantas vezes. E, desta feita, eu é que quase lhe atirava ao chão, tal a minha perplexidade diante de uma mulher linda e sensual, mas que por duas vezes não tinha conseguido me provar qual a sua real e verdadeira razão de ser mulher; particularmente, uma criatura que era noiva e, daí, com todos os resquícios de fazer mais um

infeliz no rol dos homens sérios. Saí abruptamente do apartamento, sem me lembrar de mais nada, mas com o coração cheio de amor, ódio, decepção, frustração e desejo por uma mulher que faria qualquer homem perder a cabeça (as duas mesmo, podem crer). Peguei um táxi e voltei ao centro da cidade, com a cabeça cheia de coisas não muito agradáveis.

“tudinho”, abri-lhe as lindas pernas e, quando já estava introduzindo o meu membro em sua vagina, um novo solavanco e uma real queda minha ao chão. Aí esquentei e quase lhe esbofetei. Contudo, mais calmo, vesti minhas roupas e resolvi ir embora. E, já no corredor, ouvi o abrir de uma porta e a voz da Lulu pedindo para que eu esperasse um pouco, o que, por educação, aceitei. E quando já estávamos num táxi, ela abraçou-se a mim, beijou-me bastante, pediu-me desculpas e prometeu que, no dia posterior, voltaríamos a um outro ninho de amor, e eu então lhe fatura: como quisesse, não tendo consentido naquela noite devido à sua condição física.

E novamente, no motel:

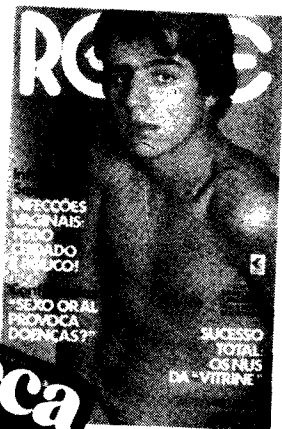
— Começemos com as carícias,

Mas fica aqui a minha perplexidade. Perplexidade esta que me faz parodiar a frase que diz: “Quem vê cara, não vê coração”. E eu digo: “Quem vê tamanha xerexa camuflada, não vê as intenções de sua dona”.



AGORA VOCÊ GANHA Cr\$ 5.000,00 PELO SEU CONTO ERÓTICO!

Escritores e
Artistas,
Postos,
Meses já
consagrados ou
revelação
de novos valores
no maior concurso
de gênero!
**CONCURSO
PERMANENTE DE
CONTOS ERÓTICOS**
distribua
anualmente mais de
**UM MIL CRUZEIROS
EM PRÊMIOS,**
através da publicação
de centenas
de contos nas
revistas **PETECA,
ROSE E
CONTOS ERÓTICOS.**
Agora o concurso
cobra a parada:
mais de
**UM MILHÃO
DE CRUZEIROS,
ANUALMENTE,
EM PRÊMIOS!**



Regulamento

- 1) Todo conto enviado deverá conter um mínimo de 3 laudas e um máximo de 8 laudas datilografadas em espaço dois. Não aceitamos trabalhos manuscritos.
- 2) Juntamente com o conto, envie nome completo, CPF e endereço, além da idade e alguns dados pessoais.
- 3) Em caso de publicação, você receberá a ordem bancária diretamente em sua casa. Por essa razão, é imprescindível que você mande nome completo, endereço correto e CPF, a fim de que possa receber o dinheiro. Você pode concorrer todos os meses e com quantos contos quiser.
- 4) Envie o (s) conto (s) para: CONCURSO PERMANENTE DE CONTOS ERÓTICOS – Caixa Postal 1716 - Curitiba / Paraná / CEP 80000.

REVISTA COM MUITA MULHER E



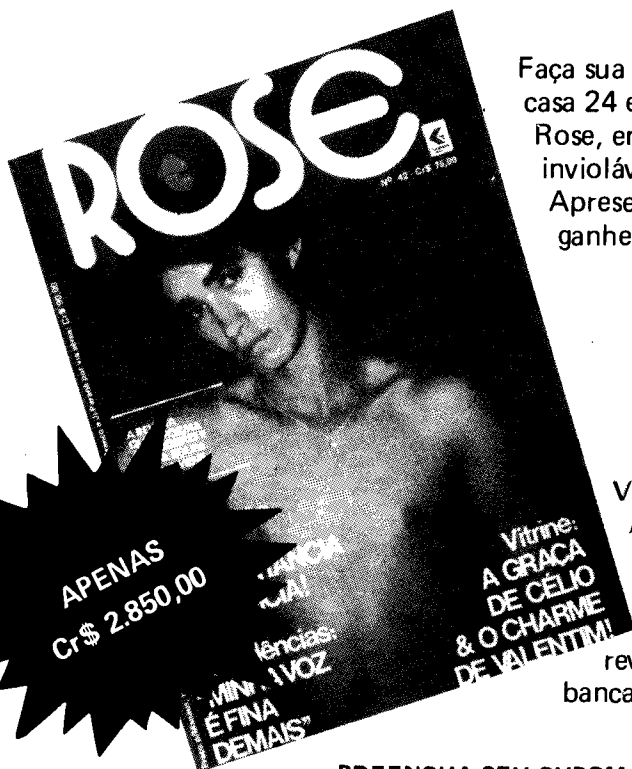
malícia

Mensalmente
em todas
as bancas



NÃO CORRA

ATRÁS DE ROSE!



Faça sua assinatura e receba em casa 24 edições da revista Rose, em embalagem inviolável e com o porte pago. Apresente um amigo e ganhe um brinde-surpresa.

VANTAGENS DA ASSINATURA:

O preço fica garantido por 1 ano. Você recebe a revista antes de sair nas bancas.

APENAS
Cr\$ 2.850,00

PREENCHA SEU CUPOM AGORA MESMO!

Não querendo recortar a revista, copie os números e códigos deste cupom.

Grafipar
Gráfica Editora

Rua Jordânia, 411 - V. Centenário - Caixa Postal 1716
Fone 266-5033 Curitiba - PR - CEP 80000

Estou ciente que, enviando vale postal ou cheque no valor de Cr\$ 2.850,00 junto com o pedido, receberei minha assinatura (24 edições) de Rose em embalagem inviolável.

Nome

Rua Nº

Cidade

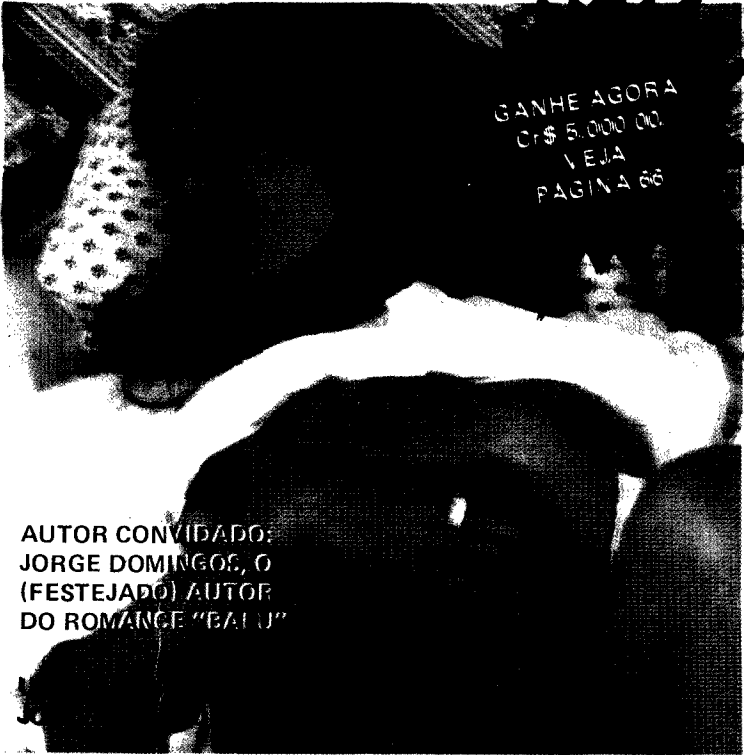
Estado CEP

Código: CT - 49

CONTOS ERÓTICOS



Edições



GANHE AGORA
CR\$ 5.000,00.
VEJA
PÁGINA 66

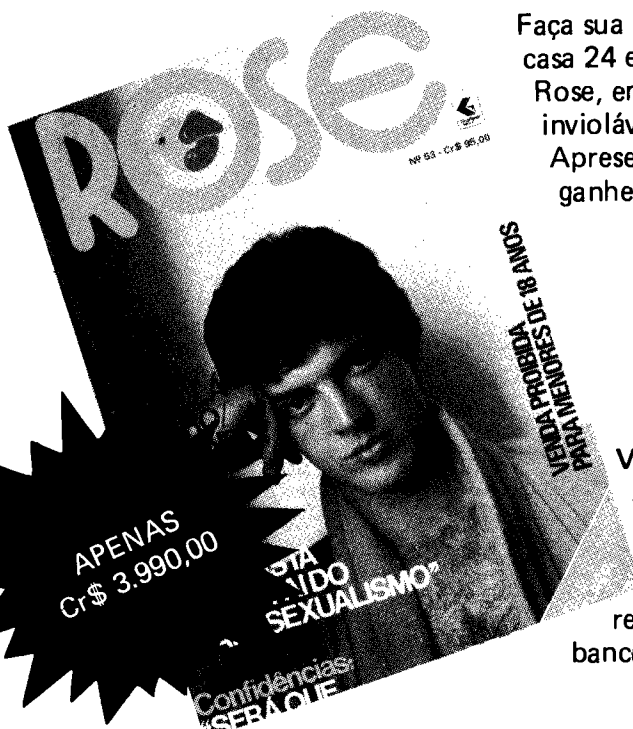
AUTOR CONVIDADO:
JORGE DOMINGOS, O
(FESTEJADO) AUTOR
DO ROMANCE "BAIU"

A ESTÓRIA QUE O CORDEL NÃO CONTA/Jorge Domingos/UMA GAROTA FRENÉTICA/J.F. Lima Cavalcanti/O PROBLEMA FUNDAMENTAL DA EXISTÊNCIA/Nilto Fernando Maciel/O ARCANJO NEGRO/Assi Bezerra de Sales/O ESCOLHIDO/Pedro Luiz Pereira/DELICIOSA LOUCURA/Ana Maria Brisolla Ribeiro/MARIA/Eulália Maria Radtke/JOÃOZINHO DA BABILÔNIA/João Antonio.

NÃO CORRA

ATRÁS DE ROSE!

Faça sua assinatura e receba em casa 24 edições da revista Rose, em embalagem inviolável e com o porte pago. Apresente um amigo e ganhe um brinde-surpresa.



APENAS
Cr\$ 3.990,00

Confidências:
SERÁ QUE...
VAI SER O SEU
SEXUALISMO?

VANTAGENS DA ASSINATURA:
O preço fica garantido por 1 ano.
Você recebe a revista antes de sair nas bancas.

PREENCHA SEU CUPOM AGORA MESMO!

Não querendo recortar a revista, copie os números e códigos deste cupom.



Grafipar
Gráfica Editora

Rua Jordânia, 411 - V. Centenário - Caixa Postal 1716
Fone 266-5033 Curitiba - PR - CEP 80000

Estou ciente que, enviando vale postal ou cheque no valor de Cr\$ 3.990,00 junto com o pedido, receberei minha assinatura (24 edições) de Rose em embalagem inviolável.

Nome
Rua Nº.....
Cidade

Entrando em seu quarto ano de circulação ininterrupta, a sua **CONTOS ERÓTICOS** tem provado, ao longo deste tempo, que é possível a absorção pelo mercado do melhor da literatura erótica nacional, mesmo que seus autores não figurem como medalhões que já viraram verbete de enciclopédia.

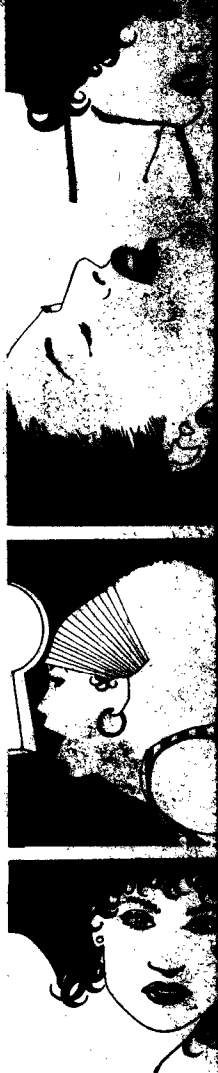
Revelando autores de todo o País, abrindo as comportas e desmanchando as famigeradas "igrejinhas" literárias, **CONTOS ERÓTICOS** tem a honra — e isso já está registrado na história da imprensa brasileira — de abrir suas páginas para gente (de talento) do Oiapoque ao Chui — sem nenhum preconceito.

Uma atitude (revolucionária) pouco percebida, mas de vital importância para a literatura nacional. Mal-pagos e trocando muitas vezes o seu exaustivo trabalho apenas pelo destaque que as chamadas "páginas literárias" dão ao seu nome, os autores brasileiros, principalmente os *ainda* não conhecidos, têm sido insistentemente explorados.

Aqui, você sabe, isto *não* acontece: além de você ter o seu trabalho publicado e — o que é mais importante — lido em todo o País, nós lhe pagamos a chance de mostrar o seu talento com Cr\$ 5.000,00 — sem preconceito contra estreantes.

Portanto, vamos lá, participe. E, claro, curta mais esta edição de **CONTOS ERÓTICOS**, com trabalhos criteriosamente selecionados entre as centenas que recebemos mensalmente. Boa leitura!

CONTOS ERÓTICOS



ADP



CONTOS ERÓTICOS

Reg. no R.C.D.P. do D.A.F. nº 1278 - P. 238773

Diretor de Redação:
Nelson Faria

Redator Chefe:
Wilson Siqueira

Arte:

Luz A. Simões (chefe),
José Victor Cirio,
Jefferson S. Mion.

Produção Editorial:

Ovídio Cruz (gerente), Lara Regina
(coordenadora), Wilmar C. Klein
(revisão/perquisa).

Produção Gráfica:

Méz D. Giacoma (toritor industrial),
Rafael Rodrigues (gerente), João J. Reis,
Antonio Braznick.

Contos Eróticos — é uma publicação da
Gráfica — Gráfica Editora Ltda.
Edição, Publicidade, Administração,
Correspondência e Passes Gráficos:
Jardim, A11, tel. (041) 256-0033,
caixa postal 1216, Curitiba, PR.

Os artigos assinados não representam,
necessariamente, a opinião da revista.
Todos os direitos reservados. Reprodução
qualquer sem a aprovação dos editores.
Os artigos desobtidos, mesmo quando
forem utilizados, Numeros assinados
são reembolsados postalmente em
uma edição em banca. Colaboradores
emprego e acabamento em diário
próprio. Distribuição nacional.

- Jorge Domingos
Petrópolis - RJ/Pág. 5
- J. F. Lima Cavalcanti
Fortaleza - CE/Pág. 12
- Nilton Fernando Maciel
Taguatinga - DF/Pág. 20
- Assi Bezerra de Sales
Rio de Janeiro - RJ/Pág. 24
- Pedro Luiz Pereira
São Paulo - SP/Pág. 28
- Ana Maria Brisolla Ribeiro
São Paulo - SP/Pág. 33
- Eulália Maria Radtke
Curitiba - PR/Pág. 36
- João Antônio
Rio de Janeiro - RJ/Pág. 44
- A ESTÓRIA QUE O
CORDEL NÃO CONTA**
- UMA GAROTA
FRENÉTICA**
- O PROBLEMA FUNDAMENTAL
DA EXISTÊNCIA**
- O ARCANJO
NEGRO**
- O
ESCOLHIDO**
- DELICIOSA
LOUCURA**
- MARIA**
- JOÃOZINHO
DA BABILÔNIA**



A estória que o cordel não conta

Jorge Domingos

Fim de mundo ermo: Nordeste
fermo.

Estéril caatinga esquecida:
assistência doída. Semeando desolação,
Sol é carrasco que não concede
ardão.

Braços de graveto, pernas
atusquelas que mal sustentam o
queleto, um quadro vivo do
ortinari, Cândido: duas famílias
brevivem para o nada que virá depois.
prole do Tonho: quinze filhas
chadas, todas com nome de flor, e
n menino do peru longo e fino,
Irmão do Tonho, o Juca tem
zeze filhas e um rebento macho de
ome Abel, de olho arregaladão, cor
e mel. Crescem, família única, numa

casa só, comunidade brotada da
miséria. Meia dúzia de caranguejos é
banquete pra família, que não come
frango, porco, vaca. O pé-de-vento é o
principal inimigo, pois acaba com o
banquete à base de farinha.

As meninas brincam: bonecas
de sabugo e cabelo de milho. As
crescidas vivem coçando grelo,
adestrando-o para o atrito com a
piroca-prima ou a incestuosa piroca-
irmã. Vulvas famintas, cobiçam os
moços que trabalham de sol raiado a
crepúsculo.

Abel tem 16 anos.

Firmino beira já as quinze dúzias
de meses de miséria.

Tendência é casar cedo, botar



filho no mundo pra herdar pobreza. Abel dispõe das quinze irmãs de Firmino, e este, das treze primas. Vacilam, adiam escolha.

— Fica c'as quinze — sugere o Tonho matreiramente.

— Casa c'as treze — insiste o velho Juça, armando arapuca, caçando arretação no magrelão Firmino.

O Sol esquenta brabo, racha bambu. Rachaduras naturais dilatam-se, exalam obscenos chamados, trinta conas pachorrando tesão.

Noitinha, as velhas atacam os companheiros, arregalando-se arreganhadas. Captando sons escapados da bimbada, as moças sonham, transformam seus fura-bolos em Abel e Firmino. Diazinho, donde estão enxadando terra seca, ventas

impregnadas da inhaca de buceta, os moços trocam olhares embriagados. Excitado pelo bodum vaginal, o cachorro Gico masturba-se nos arbustos, fere o pinto nos galhos espinhentos, goza, emite ganidos de prazer e dor. Meses tórridos, cupim voam acasalados, o desejo eclode inteiro: mulher clama por recheio racha. Graúnas escrevem no céu: homem.

Hora das almas, durante o banho de bacia e caneco, Abel e Firmino sondados através das frestas do bar onde dormem. As tesudas mocetoras espream, deliciam-se à visão do manguaçudo Abel, sonham ser varados pelo peru fino de Firmino. São partidárias do incesto. Não as assustam a lenda “filho de irmão nasce jacaré”

Alta noite, há sossego. Dormem os primos na esteira. Abel tem preocupação. Manhãzinha, acorda



gado a Firmino, em que rela
e inteira, resultando em
madeira, como se fosse latão cheio
apa rala de milho verde. Abel sabe:
casar... com Firmino. O balu
co, que não se sabe balu, treme.
i mata ele, se descobre.

Firmino tem tesouro: anel de
ra vermelha achado no arraial e
ervado no dedão magro. As
as cobiçam Firmino e anel.

oite, antes de dormir, ele deixa
l usar: — Anda, bota ele. . .

Não demora *demorinha*, Abel
nça maioridade. Tem que casar e
Firmino casado, dormir apartado,
rer de paixão. Toma decisão:
endo mandioca frita e bebendo
doce, cheio duma coragem que
sente, declara que vai embora.

lho Juca dá salto que nem gato,
sa-se do cajado apascentador da
a única, brande o porrete, ameaça
loada:

— Num vai! Num pódil!

— Acarma essa raiva, ômi. . .
Tonho tranqüiliza o irmão. Mais
ponderado, aproxima-se de Abel:
— Pru quê?

— Pruquê. . . prquê. . . — Abel
bate olho em Firmino, desvia, cava
mentira. Além da janela, vê no quintal
a solitária árvore despida de folhas,
galhos secos, estáticos, como braços
voltados para o céu, clamando a graça
de parir um fruto — . . . queru í prum
luga chêi di fruta . . . Dipois vorto,
busc'ocês. . .

Juca entende. Tristeza do filho era
igual à sua. Ele não teve coragem pra
partir; o filho tinha. Atira a um canto
o cajado.

— X' ele í . . . — aceita.

Nesse dia, Abel trabalha
duramente. Desejo maior é que o dia
passe rápido, noite e manhã cheguem,
partida se faça, distância se imponha,
saudade mate. Quem sabe, depois,
aprenderia a ler e escrever, mandando
então a Firmino uma carta de
despedida, forçando-o a que
aprendesse a ler também. Devaneia:
receber no ventre dum peixe o anel de



Firmino, como "Pierre e Magalona"
(personagens do cordel).

Antes mesmo que o galo cante, os berros da mulherada acordam Abel, arrancam-no do sono agitado:

— Milagri! Milagri! Abel! Vem vê, Abel!

O moço salta da esteira, acorre ao terreiro, onde dançam à volta da árvore, como pagãs adorando o Bezerro de Ouro.

— Lovadu seji Padim Ciço!

Abel aproxima-se da árvore. Há um fruto no galho mais alto. É caju. Não suspeitara tratar-se dum cajueiro. Colhe a fruta, chupa o caldo, come a castanha. Decide ficar. — É avisu, só pódi sê avisu du Céu. — Se o Padre Cícero queria, Abel ficava.

A cada manhã, surge no galho mais alto um fruto, mesmo lugar que o anterior. Abel cria hábito. Entretanto, novo acontecimento causa-lhe tristeza: Firmino despertou do sono da adolescência, tornou-se macho. Todas as noites, escapole para o arraial. Volta madrugadeiro, dorme pouco, cochila apoiado ao cabo da enxada.

Mal a primaiada adormece, quando julga Abel adormecido, Firmino fofoca com a cata de mulheres tarimbadas, prostitutas do arraial.

Durante o banho de bacia e caneco, Abel sonda grossura do mandiocão do primo. Firmino continua peru fino. Súbito: cadê o anel? Não só entregara o coração, devasso, mas dera a qualquer merecedor o anel. Foi a conta. Enciumado, Abel procura o Tonho:

— Firmino despreza nossas moças, barganha elas pelas puta do arraial — pinga veneno. — Tá duenti. . . cu piru podri. . .

Nessa madrugada, quando o filho põe a bota em casa o pé, chove porrada no ombro, nos colhões, na cara de Firmino. Tonho não perdoa:

— Marditu! Marditu!

Em meio à ira, quebra a espinha do filho, racha-lhe o crânio, arrebe o olho, arranca-lhe os dentes. Fácil acalmar o Ju-



possível controlar a própria ira.

e justiça, e faz.

Durante três dias, Firmino frige na própria febre.

Não houve mais fruta para Abel.

— Padim Ciço tá zangadu

nigu... — Arrependido, não encontra o solo, a não ser permanecer ao lado do primo que delira, às vezes ri ou chora.

Firmino morre.

Abel derruba a árvore, faz uma cruz, marca a sepultura que recebeu o corpo magro, envolto num manto negro no Cristo tirado da Cruz.

Abel parte de madrugada, sem descansar. Ao cruzar o terreiro, enxerga a realidade: Tonho come uma das frutas, atrás da casa. — Vinte e oito saços pra estourar.

Caminha, buscando não sabe o quê.

Quando o dia amanhece, percebe a nuvem branca no céu. Parece querer chover sobre ele, pois o segue. Não. . . ela quer guiar. Acata o fantástico convite. Segue a nuvem. Alcança um rancho. Uma cacimba onde uma velha de mãos ressequidas e manto negro puxa água.

— Mi dá um pocu. . .

Ela estende o caneco, enquanto exhibe no dedo ossudo o anel de pedra vermelha. Abel retém aquela mão gelada, derramando a água.

Reconheceu o tesouro de Firmino.



Olha em torno, procurando. Não há ali nenhuma meretriz festiva e portadora de venéreos incômodos, mas há um cajueiro. Dirige-se à árvore, colhe um caju, chupa o caldo para cuspi-lo em seguida. É sangue. . .

Apontando o anel, interpela a mulher, que o observa tranqüilamente, sem dar maior importância ao sangue segregado pelos frutos:

— Ondi achô? . . .

— Barganhei pur caju frescu. . .

Firminu vinha di manhã buscá. . .

Olhando o céu, Abel percebe que a nuvem ainda está lá. Vê então o chifre de boi pendurado à porta da casa humilde. Apanha-o e pega no chão um pedregulho. Deita-se,

repousando a cabeça sobre a pedra lisa, onde a velha costuma bater a roupa, pra amolecer a sujeira antes de lavar. Sobre a fronte põe a ponta do chifre. Pondo na mão toda a vontade de morrer, bate forte com o pedregulho. O sangue esguicha como se a cabeça fosse um caju colhido naquele cajueiro encantado. . .

Daí a pouco, são duas as nuvens no céu.

Brincam, embolam-se, separam-se Acabam se unindo.

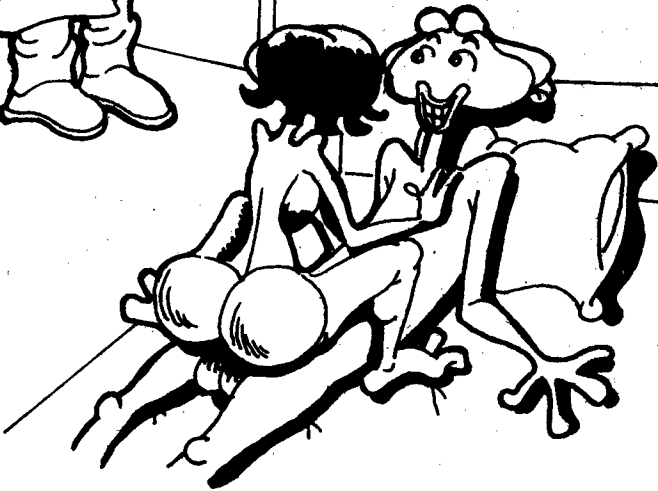
Chove.



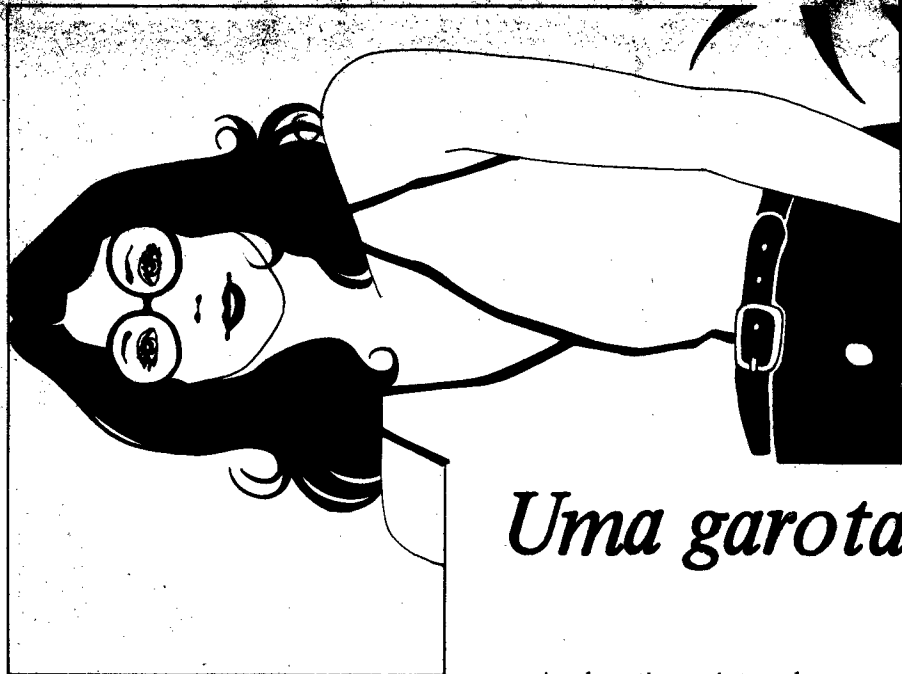
Jorge Domingos, autor do festejado "Balu", atualmente o livro mais vendido (e de maior sucesso junto à crítica) da Esquina Editora — a responsável pela publicação de "Lampião", um dos mais importantes jornais de nossa imprensa alternativa —, é o autor convidado de mais esta edição de **CONTOS ERÓTICOS**. Além de "Balu", um romance que mereceu rasgados elogios do escritor Aguinaldo Silva, entre outros, sendo até mesmo considerado, por muitos, como "obra-prima", Jorge Domingos já está na praça com um novo livro — o aguardado "As Bodas do Rei de Espada". O escritor vive em Petrópolis, Estado do Rio.



OÍ JORGE!
ESSE É O NOSSO
NOVO VIZINHO!



Allen
177-81



Uma garota

O edifício da Central de Datiloscopia da Polícia Estadual era um prédio velho, necessitando de reparos.

Mas Clara Tamer dava vida àquela sala cheia de antigos arquivos de aço, escriturinhas usadas e um par de austeros e negros telefones de parede, talvez os mesmos que Bell utilizara em sua primeira conversação.

Ela estava de costas para mim, debruçada sobre os mistérios de um daqueles móveis de aço, onde estão encerradas histórias de bandidos, assassinos, proxenetas, a escória, enfim.

Não havia mais ninguém na sala, e eu fiquei observando, sem pressa, o espetáculo que era o traseiro de Clara.

Os cabelos louros estavam desalinhados e escorriam pelas costas, sobre os ombros que eu sabia macios e deliciosamente perfumados, com a

maciez do cetim; a cintura de vespa arredondava-se aos poucos, mais abaixo, numa rotundidade capaz de fazer qualquer homem perder a cabeça. O tecido justo marcava a opulência das coxas brancas, leitosas, que eu mesmo já acariciara algumas vezes.

Finalmente, duas pernas esguias e compridas, um pouco afastadas, para dar melhor apoio ao corpo delicioso, coroavam o espetáculo.

Sem que ela notasse, fui chegando de mansinho, até que minha respiração quente lhe bafejou o pescoço e eu a abracei demoradamente, por trás.

Ela virou o rosto e me beijou na boca, com carinho.

— Olá, Tony — disse, quando me largou.

Ah! ia esquecendo: meu nome é Antonio Veiga, um metro e oitenta e cinco, oitenta quilos, boa-pinta, detetive. Particular, diga-se de passagem. Tony, para os íntimos.

— Oi, boneca — murmurei eu, normalizando a respiração.



frenética

João Francisco Lima Cavalcanti

— Você continua linda e desejável, como sempre.

— Deixe de conversa fiada, seu detetive. O que deseja, afinal?

— Bem . . . quase nada, querida. Antes, deixe-me observá-la com mais vagar. Você continua espetacular, Clara.

— Obrigada — murmurou ela, satisfeita. — Andava sumido há bastante tempo, Tony. O que vai ser desta vez?

— O que é isso, boneca? Até parece que esta é uma simples visita profissional.

— E não é? — quis saber ela, fazendo beicinho.

— Em parte, é . . . em parte, não — envolvi, acariciando-a.

— Eu sabia . . . — choramingou ela, fazendo um ar de choro, deliciosamente falso.

— Mas nós vamos remediar isso, querida — emendei, sorrindo cupidamente, antegozando alguns momentos agradáveis.

— Claro que sim, Tony. Agora, qual é seu problema?

Omitindo o nome do meu cliente, mostrei-lhe um instantâneo colorido, onde uma linda ruiva fazia pose provocante.

— Quem é a gata ruiva? — indagou ela, interessada.

— Um cliente meu foi ludibriado por ela em quase cinco milhões, Clara — respondi, acendendo um cigarro.

Ela soltou um assovio, indagando em seguida:

— Seus informantes nada conseguiram, Tony?

— Sacudi a cabeça, desalentado.

— Vamos ver o que posso fazer por você, querido. Sabe, por acaso, o nome da pantera? — indagou.

— Louise Forton, descendente de pais franceses, segundo meu cliente.

— Nome muito romântico para ser



verdadeiro — resmungou a linda policial, acionando o botão do interfone.

Após trocar algumas palavras com uma pessoa, voltou-se para mim, anunciando:

— Se a ruiva for fichada, dentro em breve saberemos.

Dois minutos depois, apareceu Joe, um velhote simpático e comunicativo, que me cumprimentou.

— Dê uma geral nesta zinha — pediu Clara, entregando a fotografia ao homem.

— De que tipo? — indagou o velho.

— Ladra . . . vigarista . . . prostituta profissional, etc.

— Para quando deseja isso, Clara?

— Para hoje, no final do expediente.

O homem assentou e deixou a sala, com a foto.

— Pronto, detetive. Algo mais?

— Quando recebo o resultado, Clara? — indaguei.

— Hum . . . que tal hoje à noite, às nove, no meu apartamento? — piscou ela, com malícia.


— Para mim está ótimo, querida.

Ela aproximou-se bamboleando os quadris, beijou-me demoradamente e sussurrou:

— Não chegue atrasado, está bem?

Claro que não ia chegar atrasado, de forma alguma.

O apartamento de Clara era uma cópia fiel da dona: um agradável e pitoresco amontoado de móveis



extravagantes, nas cores mais
estapafúrdias possíveis. Numa coisa,
porém, tivera bom gosto: a cama de
casal, uma obra de arte!

Deveria ter no mínimo uns quatro
metros quadrados, um campo
perfeito para o jogo íntimo.

Após receber uma dose de uísque,
indaguei:

— E então, Clara, alguma coisa
respeito da ruiva?

— Mais tarde, Tony querido —
esmungou ela, empurrando os seios
grandes e macios contra meu peito e
mostrando o par de coxas cheias de
sensualidade sobre as minhas,
depositando toda a feminilidade num
lar escaldante, capaz de derreter
qualquer “iceberg” num raio de dez
quilômetros.

— É . . . mais tarde — concordei,
servindo o resto da bebida, sentindo
seu efeito reconfortante.

Tomei a cabeça perfumada de
Clara e me afundei na onda dourada
de seu cabelo, mordiscando levemente
sua delicada orelhina, sentindo que ela
iniciava o processo de ebulição.

— Oh, Tony . . . você tem sido tão
mauzinho para mim . . .

— Vamos remediar isso, querida —
respondi, enfiando as mãos por baixo
do negligê transparente que ela usava,
notando que ela soltava um suspiro de
prazer. Eu havia encontrado um seio
deliciosamente quente, de bico
arreitado, pronto para a carícia,
pedindo para ser sugado, beijado,
mordiscado.

Ela puxou-me para si, esmagando
os lábios gulosos como uma
sanguessuga nos meus, introduzindo a
língua febril e rápida entre meus
dentes, numa carícia terna e
apaixonada.

Quando ela se afastou um pouco,
deslizei a mão que estava apertando o



monte de carne trêmula e apetitosa, descendo-a pelo ventre liso e chato da garota, procurando sua mais íntima parte, o triângulo de pêlos acetinados.

Clara abriu as coxas, para receber a carícia.

Meus dedos ansiosos tocaram a massa fulva de cabelos e foram descendo, ousados, para a abertura já úmida e pronta a ser massageada.

Levemente, a princípio, em seguida com um pouco de impaciência, fui manipulando a senda tépida, alargando-a carinhosamente, os dedos orvalhados pela excitação de Clara, um leve arrepio a me percorrer o corpo.

Clara, porém, não me deixou prosseguir, pedindo:

— Tony . . . na cama, querido.

Tomei-a nos braços e atravessei a sala em rápidas passadas, depositando-a no leito convidativo.

Despi-me rapidamente, ante o olhar dela, inteiramente nua, como uma deusa escandinava, a brancura da pele perfeita contrastando com o tecido azul-escuro das cobertas.


Clara era uma amante perfeita!

Quando sentiu meu corpo viril a roçar suas coxas, desceu a mão esquerda, tocando-o de leve, apertando-o amorosa e delicadamente iniciando um ritmado vai-e-vem que me levou às nuvens.

Puxei-a para mim, introduzindo a mão ávida entre o tépido encontro das coxas, por trás, os dedos suplicantes procurando a abertura que continuava úmida e convidativa, todos os seus mistérios e encantos prontos a serem descobertos.

Baixando um pouco a cabeça, encontrei o seio firme, um mamilo duro e cheio, a carne trepidante, que beijei, mordisquei, suguei, passeando a língua ao seu redor, com lascívia.

— Tony . . . por favor . . . mais!



Mas eu desejava despertar teiramente a fera que dormia no timo daquela mulher, escondida n brumas de sensualidade.

Desfiz o abraço escaldante que os unia e vim descendo lentamente, lábios encontrando o ventre quente, o umbigo, as primeiras murgens e, por fim, o emaranhado de belos e o doce orvalho que anunciava entrada da deliciosa e vulcânica verma, onde se fundiam o amor, o seja e a paixão.

Sem pressa, massageei aquela rne fremente, os lábios friccionando paredes internas daquele templo de úria e pecado, a língua nsformada em serpente, quase a plodir.

Atingida em seu ponto mais nsível, Clara se contorcia, risonando minha cabeça com a

face interna das coxas, quase a saltar da cama, o corpo arqueado, as unhas compridas e vermelhas enterradas nas minhas costas.

Por fim, quando senti que não seria mais possível continuar com aquela deliciosa loucura, deitei-me sobre ela, todos os músculos retesados, penetrando-a com força, mas carinhosamente.

Clara soltou um leve gemido e levantou as coxas, deixando que eu a possuísse totalmente, abraçando-me pela cabeça, como uma desvairada.

— Não pare, Tony . . . Não pare nunca! — gemeu, trêmula.

Redobrei a fúria dos movimentos, ouvindo seus gritos e gemidos entrecortados, guturais.

Finalmente explodi dentro dela, apertando-a desesperadamente, nossas bocas coladas, num beijo que era uma mordida, e não uma simples carícia.

Ela continuou agarrada ao meu pescoço, beijando-me com ternura e



pronunciando palavras ternas.

Aos poucos, consegui normalizar a respiração e descansei ao lado daquela mulher maravilhosa.

Durante alguns minutos, continuamos deitados, nus, fumando, sem falar. Finalmente perguntei, a voz ainda rouca:

— E então, Clara, descobriu algo sobre Louise Forton?

— Não, nada — respondeu após alguns segundos — ; mandei verificar tudo: drogas, fichas de prostitutas . . . até o legista da polícia foi acionado, além do Departamento de Homicídios.

— Foi o que imaginei — murmurei, resignado, voltando a acariciar um de seus maravilhosos seios.

Lançamos fora nossos cigarros e ela indagou:

— Por que você não me procura mais amiúde, Tony?

— Farei isso, querida — respondi, notando que ela continuava disposta a prosseguir em nossa luta amorosa.

Ela segurou então minha outra mão e a guiou diretamente àquele local inteiramente úmido do nosso amor, suspirando profundamente, pronta para ser novamente penetrada.

Mas agora eu sabia que ela não desejava perder nenhum tempo com preliminares!

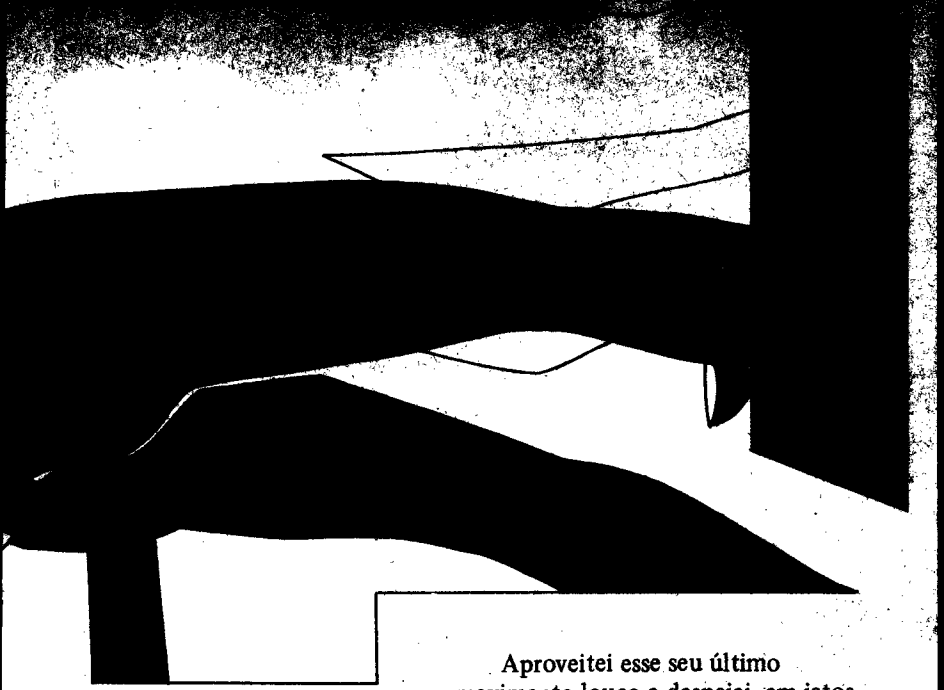
— Tony querido — ronronou ela — não me faça sofrer . . . venha depressa.

Atendi imediatamente àquele pedido delicioso, que, expresso em voz cálida e acariciante, aumentara minha já atribulada pressão sanguínea.

Novamente, percorri o delicioso canal estreito e aconchegante, sempre descendo, sentindo minha carne túrgida vencer o caminho que separa a realidade do paraíso.

Ela se contorcia, erguendo ritmadamente os quadris, a boca entreaberta, soltando gemidos surdos recebendo as profundas e torturantes estocadas, impregnadas de uma sensualidade quase animal.

Clara, porém, ainda não se sacia. Todo seu corpo elástico e nervoso



agitava, dançando freneticamente, a cada segundo, a cada golpe que me atingia, os olhos fechados, pernas e braços cercando-me como um polvo se enroscava à preia.

Eu também sentia que a vaga ondulosa de desejo estava prestes a romper dentro de mim, e multiplicava as ondas rápidas investidas, tornando-as mais cruéis, machucando a carne quente e deliciosa, gozando cada minuto que ela soltava.

— Mais! Mais! Mais! — repetia ela, envolvendo-me o ombro e enterrando as mãos em minhas costas doloridas, perturbando-me os rins com as pernas ásticas, puxando-me para si, sem deixar-me sequer um momento de descanso.

Finalmente, atingimos o clímax, momentos!

Com um rugido gutural, ela arrojou-se a mim, levantando-me o corpo quase em arco, a boca grudada à minha, saciando sua fornalha interior.

Aproveitei esse seu último movimento louco e despejei, em jatos quentes e sucessivos, a paixão que me consumia, toda a fúria que me restara, uma torrente de lava a se projetar pelas bordas de um vulcão.

Depois . . . o silêncio.

Os incontáveis minutos de paz e de carne saciada, o completo abandono.

Naquela madrugada, quando saí do apartamento de Clara Tamer, ia com as pernas trêmulas, trôpegas, que mal sustentavam meu peso.

Teria que me afastar daquela sanguessuga pelo menos o tempo para recobrar as forças, se quisesse sobreviver. Talvez um mês, quem sabe.

Quanto à ruiva que ludibriara meu cliente, encontrei-a dez dias mais tarde, em Mar del Plata.

Mas ela não possuía a metade do fogo de Clara Tamer!



O problema fundamental da existência

Nilto Fernando Maciel

Os cinco como que ressuscitaram ao mesmo tempo. Tudo em volta eram escombros, podridão, nada. Olharam-se, curiosos, o pavor grudado nas caras, como máscaras mal pintadas. Calados, puseram-se a mexer primeiro um dedo, após outro, a mão, desconfiados do milagre da sobrevivência. Pouco a pouco, foram se erguendo daquele cemitério, caminhando entre os mortos, até se sentirem sós. E gritaram todos a um só tempo:

— Eu falo.

E correram, gargalhando e berrando feito loucos, a se abraçarem.

O mais idoso, marido da velha e pai dos outros, pediu silêncio:

— Vim de pensar sobre nós, sobre o nosso problema fundamental.

E cheguei à conclusão de que, estando velho, não tenho mais futuro. Mas, meus filhos, já pensaram no que será de vocês?

O rapaz voltou a se entristecer, dirigiu-se ao pai e o abraçou:

— Papai, meu único amparo é você. Dê-me sua compreensão, ajude-me, não me faça desesperar.

A velha, irritada, levantou o braço como para discursar, e abriu a boca:

— Eu também não tenho futuro. Sou uma defunta, como estes que estão aí jogados ao chão. Mas quero viver por vocês, meus filhos, e principalmente por você — e abraçou-se, chorando, à garotinha.

A moça parecia sonhar, olhava para o céu, como se esperasse um salvador, o príncipe encantado da adolescência recém-finda. A menina vasculhava o chão, à cata de brinquedos soterrados.

O velho coçou a cabeça, franziu testa e exigiu o fim das lamentações. Era preciso pensar rápido, tomar decisões urgentes; do contrário, viveria seus últimos dias a lamentar a catástrofe.

— Vamos, estão esperando por quem? Não há mais ninguém, podem crer. Somos só nós neste mundão. E é necessário pensar na perpetuação



la espécie. Ou vocês são tão egoístas assim? Além do mais, afora eu e a velha, vocês quase não viveram nada linda.

Calou-se, à espera da reação da família. Queria opiniões ou, pelo menos, atitudes de decisão. E como todos permanecessem mudos e cabisbaixos, chamou a filha moça, beijou-a na face e sentou-a junto a si.

— O que é isso, velho safado? — atalhou a mãe.

— Compreenda, você já está velha, e ela não pode deixar que se estinga a humanidade.

E beijou novamente a filha, como se tivesse resolvido o problema.

— Mas não pode ser assim. Você é o pai dela, e isso é pecado, crime. Ou degenerou de vez?

Puseram-se a discutir os dois velhos — ele mostrando-se preocupado com o destino da espécie; ela apegando-se à moral, à religião e à lei.

— Nada disso existe mais a partir de agora e até que a família se torne tribo ou nação. Ou você pensa que vai surgir um Deus e nos trazer uma Eva ou um Adão?

O rapaz pediu que deixassem de discussões, chegassem a um acordo, e deu razão ao pai.

— E o que vai ser de minha filhinha no meio dessa imoralidade toda? — gritou a velha, enlaçando a menina.

— Tenho pena dela — disse o rapaz. Se houvesse, pelo menos, mais dois meninos.

A moça desvencilhou-se do pai, que a beijava e apalpava-lhe os seios, e pôs-se a chorar:

— Não quero, não quero. Prefiro morrer só.

— E seu irmão e sua irmãzinha? Você não pensa neles? Deixe de ser tão egoísta — irritou-se o velho.

— Mas meu irmão não é dessas coisas.

— Bem que eu queria que houvesse aqui um rapaz ou mesmo um menino — defendeu-se o filho.

— Além do mais, a menina precisará de um companheiro, mesmo que seja muito mais novo do que ela — argumentou o pai.

— Velho tarado. Primeiro quer a filha mais velha, depois que a menina se junte com o irmão que nasceu. Não acha isso demais?

— Então vamos morrer todos solitários, masturbando-nos e enlouquecendo? Você — e apontou o dedo para a mulher —, você é que já não pensa em nada.

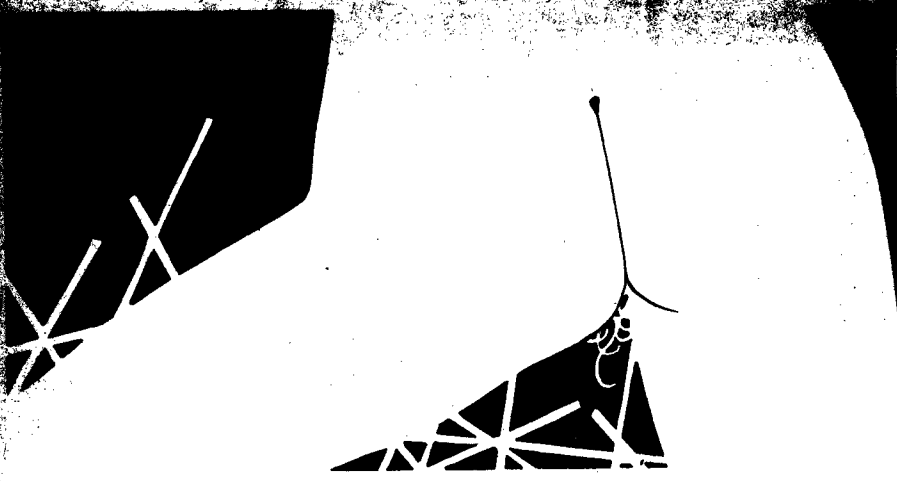
— Papai tem razão — dizia o rapaz.

De repente, a moça parou de chorar e pediu para dizer que aceitava o pai como marido, contanto que não mexessem na irmãzinha, enquanto não se fizesse mulher.

Houve palmas, risos e gritos por parte do velho, que correu a abraçar a filha.

— Esperem aí — bradou o rapaz —, só aceito isso se papai me quiser também. Caso contrário, fico ao lado de mamãe e sou capaz de agir com violência.

— Contra quem?



— Você, meu pai.

— Pior para você, que ficará sem ninguém.

A velha pedia calma, abraçava o filho, pedindo-lhe para não se precipitar. Não fosse cometer um crime maior, matando o próprio pai.

— Você era tão católico.

— Realmente, seria um crime horrroso. Mas me vingarei de qualquer jeito, nem que seja . . .

— Nem que seja o quê?

— Nem que tenha de matar minha irmã.

A moça pôs-se a gritar, como se estivesse sendo torturada, refugiando-se nos braços do pai, pálida e trêmula, derretendo-se em lágrimas.

— Calma, minha filha, ele não fará nada com você. Juro que atenderei a todos os desejos dele.

A velha foi a única a se irritar com o desfecho da controvérsia, amaldiçoando aos três, que se retiraram para um lado, e abraçando a filha menor, que parecia nada entender.

Enquanto a velha bradava impropérios, os três confabulavam.

— Você deve se sentir orgulhosa, minha filha, de seu papel. Veja que

você é a única pessoa no mundo capaz de fazer continuar a obra de todos os nossos antepassados. Você ficará na história mais do que como um mito, mais do que como um símbolo. Você será a mulher que salvou a espécie humana do fim.

Mais tarde, embora a velha teimasse em apregoar maldições, os três voltaram ao local que serviria de abrigo para a futura tribo e convocaram a menina para uma reunião especial. Iriam comunicar-lhe o nascer do novo mundo, da nova ordem, da nova moral, da nova lei.

— Veja que se não for assim, você será a única a sofrer, porque ficará só no mundo, até à morte — explicou-lhe o pai.

Disseram-lhe ainda que brevemente nasceria um menino, seu irmão e sobrinho, a um tempo, com quem ela haveria de se casar um dia.

— Mas se só nascerem meninas? — quis saber a garota.

Todos riram de sua inteligência. E mais do que rir, o velho esfregou as mãos, cheio de contentamento.



Montesa. Para qualquer terreno. Cidade - Campo - Estrada.



Característica técnica	Enduro 250 H6	Enduro 360 H6
Motor	2 tempos	2 tempos
Cilindros	1	1
Carburador	AMAL 34 mm	AMAL 36 mm
Cilindrada/ Potência	246,3 cc/34 H.P	349,6 cc/43 H.P
Amortecimento	Dianteira Betor 195 mm	Dianteiro MARZOCCHI 250 mm
Amortecimento	Traseira 165/195 mm	Traseira MARZOCCHI 265 mm
Transmissão	6 velocidades - Partida Pedal	6 velocidades - Partida Pedal
Pneus	Tambor	Tambor



MONTESA



IBRAMOTO LTDA.
INDÚSTRIA BRASILEIRA DE MOTOCICLOS
Rodovia BR-376, km 12 - Cr. Postal 255
83100 São José dos Pinhais
Paraná - Brasil



O arcanjo negro

Assi Bezerra de Sales

Aquela magnífica enseada passara a ser o meu recanto favorito; parecia ser de todo desconhecida, pois costumava estar sempre deserta. Suas areias claras e águas cristalinas exerciam sobre mim um profundo fascínio. Eu a descobrira casualmente e guardei o segredo de sua existência, fazendo daquele paraíso o meu refúgio de paz. Adormecia embalada pelo marulhar manso das ondas e canto de pássaros ao meu redor.

Acordei sobressaltada, ofuscada pelo fulgor do sol, semicerrando os olhos à procura de ver o que me despertara tão bruscamente.

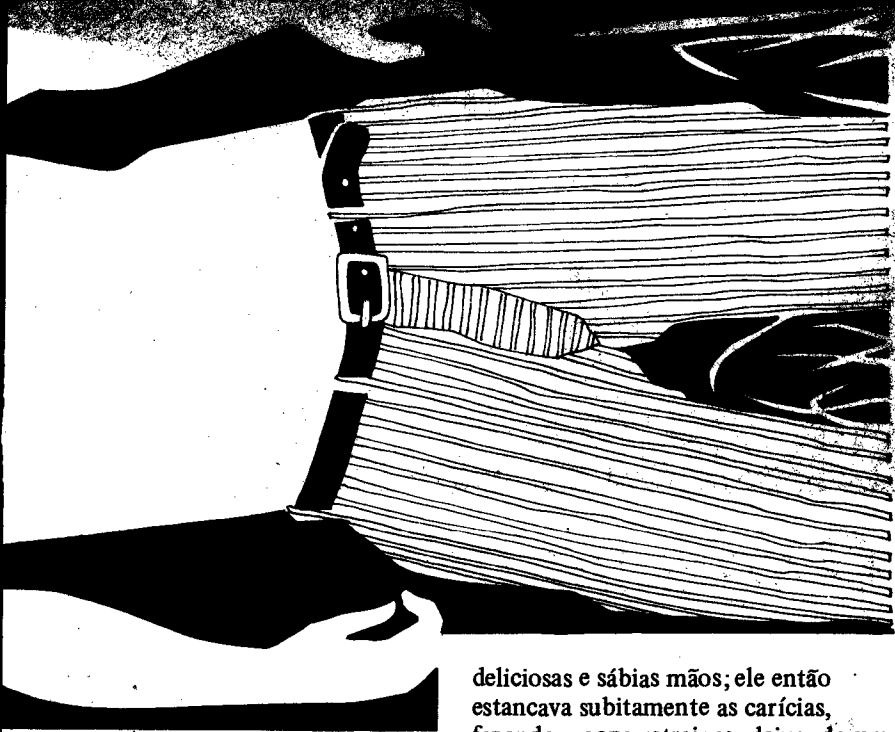
O homem estava parado à minha frente, fitando-me de tal maneira que senti gelar-me o sangue nas veias e arder-me a pele, como se os raios solares a ouvessem queimado por inteiro. Compreendi de imediato o

significado daquele olhar; eu estava nua, exposta e à mercê daquele estranho.

Era um negro alto, de compleição robusta: uma rocha talhada em formas humana. Estático, as pernas abertas quase sobre mim, como se fosse desabar de repente, feito avalanche, e esmagar meu corpo indefeso.

Sem desgrudar os olhos de mim, ele despiu rapidamente a única peça que vestia, uma velha e rota calça, dobrada à altura dos joelhos, o sexo pulou para fora, enorme, grosso, parecendo uma estaca de ébano. Estremeci de pavor, encolhendo-me instintivamente. Ele sorriu desdenhoso, mostrando os dentes alvos e reluzentes, ciente da minha impotência. Curvou-se sobre meu corpo, roçando minhas coxas com o membro, a ponta úmida resvalando em minha pele, espargindo o líquido quente, viscoso.

Quis gritar, mas a voz não me saía. Debatí-me em seus braços, que me



prendiam feito tenazes, enquanto ele avançava esfregando-se furiosamente, lambendo-me o pescoço e indo grudar em meus seios, involuntariamente excitados. A boca ávida colou-se ao biquinho arrepiado, sugando-o gulosa, arrancando gemidos de minha garganta. Senti um frêmito de prazer quando seus dedos afundaram na gruta do meu ventre, já completamente lubrificada. Abri as pernas para ele poder ir mais a fundo, orientando seus movimentos na direção do botão da minha feminilidade.

O terror se esvaíra por completo. O desejo imperava, fazendo do meu corpo uma caldeira fervilhante. Nenhum homem que eu conhecesse até então fora capaz de provocar-me tamanha luxúria. Muitas e seguidas vezes estive prestes a atingir o orgasmo, manipulada por aquelas

deliciosas e sábias mãos; ele então estancava subitamente as carícias, fazendo o gozo retrair-se, deixando um zumbido agudo em minha cabeça.

Eu queria ser possuída, não suportando mais aquela demora angustiante. Ele percebia e deliciava-se com o meu desespero. Estendia-se sobre mim, e eu abria as pernas tentando prendê-lo no meu sexo palpitante, fazê-lo afundar em minha carne, provar o êxtase que aquele falo imenso me daria. Segurei-o com ambas as mãos e encostei-o à entrada da gruta suplicante, fazendo-o sentir as contrações dos músculos contra a sua glândula. Ele forçou devagar, ciente de suas dimensões, estudando cuidadosamente as probabilidades. Abri-me o mais que pude para recebê-lo. A cabeça avançou entre os lábios, causando um ardor dilacerante; comprimi-me contra ele, agarrando-o pela cintura, fazendo-o penetrar cada vez mais, até tê-lo todo dentro de mim, os testículos roçando em meu



traseiro. A dor era quase insuportável, mas o desejo muito maior, como o desespero da morte. Ele recuava lentamente e avançava em seguida, rasgando-me a carne, alargando as entranhas. Trinquei os dentes no seu peito. A cabeça zunia. O gosto de sangue na boca, aquela ardência no ventre. . . O gozo explodiu, jorrando lavas dentro de mim, ardendo em chamas num vulcão de sexo!

Tudo girava ao meu redor num redemoinho de sensações, centelhas faiscando nos meus olhos, até que tudo escureceu e fui caindo. . . caindo. . . Quando abri os olhos, ele havia desaparecido.

Pensei, a princípio, que tudo não passara de um sonho. Um erótico sonho que me fizera gozar; mas o

sangue em minhas pernas era tátil e bem real.

.....
Muitos dias depois, tornei a encontrá-lo, no mesmo local, imóvel, a esperar-me, como eu tinha quase certeza que o faria, em meus devaneios. Senti o seu olhar fixo em mim, embora ele não esboçasse nenhum gesto. Estendi a toalha sobre a areia e, lentamente, desfiz-me de toda a roupa, deitando-me em seguida. E ele veio então. . .

Arcanjo negro. Ele é isso!
O meu paraíso está completo.



PÔRRA, VIRGÍLIO.
AS VEZES TENHO
A IMPRESSÃO QUE
TÔ FODENDO
COM CACTOS.





O escolhido

Pedro Luiz Pereira

O velho Estêvão levanta-se afobado, quase arrastando com ele a mesa, e junta-se aos outros homens que, na calçada, suspiram à passagem da viúva Lenita. Até o China, que exige respeito no seu bar, vai se juntar ao grupo de suspirosos. Sentado no meu canto, sinto-me superior.

Sei que o velho Estêvão, o bicheiro Izaías, o garoto Tatá e até mesmo o China desejam aquela mulher. Tatá não agüenta e manda o seu famoso assobio, quando a viúva entra na relojoaria que o marido lhe deixou. O China não gosta do assobio e dá um tapa no moleque, que, cabisbaixo, volta para sua caixa de engraxate. No fundo, sei, é desabafo do China. Até o velho Estêvão chora suas mágoas. Quantas vezes não fui seu confidente, altas horas da noite! Conheço tão bem o velho Estêvão que, quando não estou de bom humor, evito o bar do

China em dias de chuva. Nesses dias, o velho Estêvão fica melancólico. Às vezes, paciente, ouço seus lamentos. "Não me importaria de morrer, meu rapaz, se pudesse ter aquela viúva pelo menos uma vez." Quantas vezes, de olhos fixos na calçada molhada, ele já não disse, com a voz chorosa: "A pior tortura é saber que vou morrer sem tocar naquela mulher!"

Se eu soubesse que meu segredo lhe serviria de consolo, descreveria a ele o quarto da viúva. Contaria tudo, até mesmo sobre a pequena pinta que ela tem no seio esquerdo. Talvez o velho Estêvão, que diz conhecer tudo, se surpreendesse com o detalhe da caixinha de música. Nem mesmo ao China, famoso pela sua descrição, eu ousaria contar que tive a viúva em meus braços. Também já sofri por aquela mulher. Se não fossem minha teimosia e coragem, hoje eu estaria ali na calçada suspirando com os homens.



vezes, me recrimino. Acho que traí todos. Mas, também, que diabo! a vida não poderia ser de todos.

A primeira vez que vi Lenita, senti-me arrasado, principalmente por estar ali na calçada entre os homens, perdido no anonimato. HorrORIZAVA-me pertencer ao grupo dos suspiros. Eu precisava ser notado por Lenita. Por isso, deixei o bar do cinema durante alguns dias e passei a trabalhar na relojoaria. Uma tarde de segunda-feira, resolvi finalmente enfrentar a viúva. Com a intenção de passar por vendedor, entrei na relojoaria. A viúva estava limpando os joelhos de uma enorme vitrine. Ao me olhar, ela não deu por mim. De pé, atrás dela, eu olhava os seus joelhos. Senti um fogo me queimar por dentro. Naquele momento, eu tinha certeza de que não conseguiria bancar o vendedor. Presentindo minha presença, Lenita levantou-se, ajoelhando-se sobre os joelhos. “Sim?”

“Eu . . .” Ela repetiu a pergunta, e eu, olhando-a nos olhos, sem conseguir falar. Foi então que, num gesto de audácia de que me admiro até hoje, consegui falar: “Vim até aqui com a intenção de passar por vendedor, mas confesso que fracassei. Não tenho vocação para ator”. Lenita sorriu, sem demonstrar nenhum espanto.

“E por quê?” “Era o único jeito de falar com você.” “E o que você queria falar comigo?” “Bem . . . eu queria dizer que você é a mulher mais bela que já vi.” Para meu espanto, Lenita continuava a sorrir, como se não me levasse a sério. “Vocação para ator você pode não ter, mas para mentiroso . . .” “Eu juro. É verdade. . .”

“Faz de conta que eu acredito.”

“Droga! Você não está me levando a sério!” “E devia?” “É isso que ganho por ser sincero!”

Já me desesperava por não estar conseguindo nada, quando entrou uma mocinha de avental azul.

Fiquei frustrado. Então, numa atitude de desespero, de quem não tinha mais nada a perder, balbuciei: “Pelo amor de Deus, jante comigo! Nem que seja uma só vez!” Lenita olhou-me nos

olhos por segundos, séria, pensativa, e, pedindo que eu esperasse um pouco, foi até à caixa registradora e rabiscou um pedaço de papel. Em seguida, entregou-me o pedaço de papel: "Este é o meu telefone. Me ligue quarta ou quinta-feira e veremos!" Saí trôpego. Acho, até hoje, que minha aflição a comoveu.

Na quarta-feira liguei para Lenita. Combinamos jantar no sábado. Ela pediu que eu a esperasse em frente ao cine Ipiranga. Não queria ser vista comigo. Se os homens da vizinhança a vissem acompanhada, ela jamais teria paz. Desde que ficara viúva, eram só olhares de cobiça, sorrisos maliciosos e, às vezes, até um assobio atrevido. Ela já notara. Mas desde que ficasse só nisso! Para ter sossego, ela sabia que precisava impor respeito. Cautelosos com sua indiferença, na vizinhança nenhum homem ousou lhe fazer propostas. No sábado, uma hora antes do combinado, lá estava eu em frente ao cine Ipiranga,

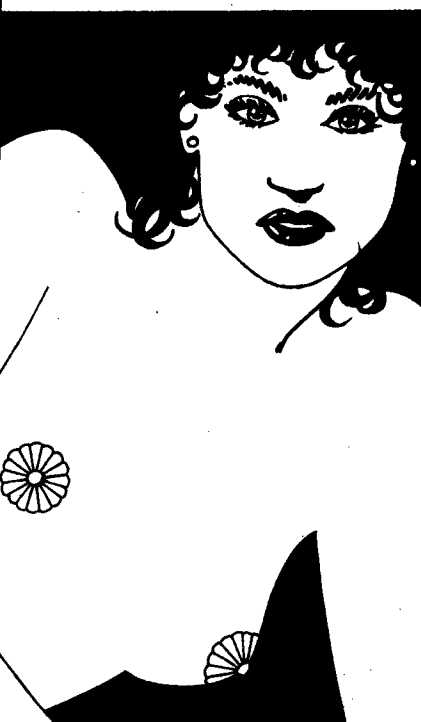
perfumado, angustiado, trêmulo e um colegial, receoso de estar sendo vítima de uma brincadeira.

Cinco minutos antes da hora marca Lenita apareceu, saía preta bem justo no corpo e blusa vermelha. Senti-me o mais feliz dos homens. Na mesa do restaurante, ela confidenciou-me que era viúva havia dois anos. Nesse tempo só saíra com dois homens e não gostara. Olhando-me séria, confessou não saber por que estava ali. Nessa noite, conversamos bastante, mesmo acontecendo nas duas outras noites em que saímos. Não tentei nada, por palavras ou atos. Eu tinha medo de espantá-la. O curioso é que sentia prazer em conversar com Lenita. Ouvindo-a falar, quase me esquecia por que estava ali. Uma noite de domingo, a quarta em que saíamos, Lenita formulou o convite tão esperado. Deu-me o número de seu apartamento e pediu que eu lhe dessem pelo menos uma hora de dianteira.

Uma hora depois, emocionado, eu tocava a campainha. Lenita me recebeu com um sorriso e, depois, acomodou-se no sofá. Ela ainda estava com a roupa de passeio. Temi um equívoco. Estaria ela brincando

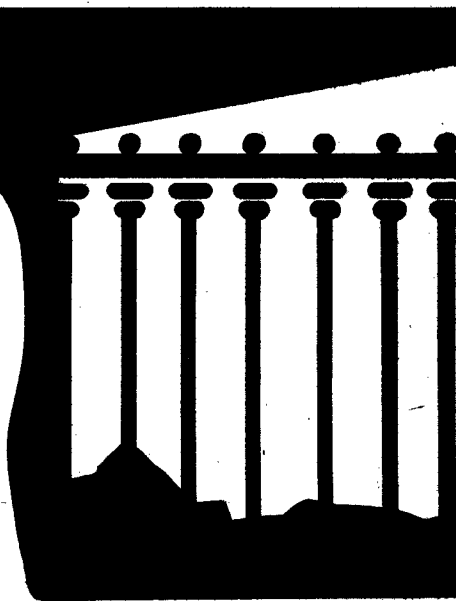


...igo? Entrei e fiquei olhando-a,
do, esperando alguma coisa.
no se adivinhasse meus
samentos, Lenita levantou-se e veio
mim. Passou os dois braços ao
or de meu pescoço e me beijou.
respondi com fúria. Ela, então,
almou as duas mãos em meu peito
e afastou um pouco:
"Tenha calma". Foi até o meio da sala
agorosamente, começou a
abotoar a blusa. Livrou-se dela e
liu que eu me aproximasse.
"Vire meu sutiã." Trêmulo, obedeci, e,
quando ia beijar seus seios, ela me
stou novamente. Pediu-me que não
asse os olhos dela. Então, abriu o
er lateral da saia e deixou que ela
orregasse lentamente, indo juntar-se
lusa, aos seus pés. Eu olhava, com
espiração suspensa. Séria, me
olhando fixamente, como se estudasse
sua reação, ela tirou a calcinha.



Alargou as roupas com a ponta do pé
direito e fez sinal para que eu me
aproximasse. Permaneci imóvel,
encantado com sua nudez, olhar ora
fixo em seus seios, ora fixo nas pernas
longas e bem-feitas. Lenita repetiu o
sinal. Aproximei-me e tentei tocá-la.
Pela terceira vez, fui delicadamente
afastado. Insisti. Tentei agarrá-la.
Olhando em meus olhos, ela me
adverteu, com a voz quase rouca,
trêmula: "Não me decepcione.
Não seja igual aos outros. Em você
eu vi algo diferente, por isso o trouxe
aqui. Venha até o meu quarto.
Você jamais vai me esquecer."

Segui Lenita até o quarto, dócil
como uma criança. Fiquei surpreso
com o aspecto do quarto. Na parede
que ficava em frente à cama, havia
incrustado um imenso espelho.
Do teto, pendia um espelho redondo.
Lenita pediu-me que encostasse a
porta do quarto e deitou-se, as pernas
dobradas e os cabelos esparramados
sobre os travesseiros. "Vem, meu
amor." Fiz menção de tirar a roupa e





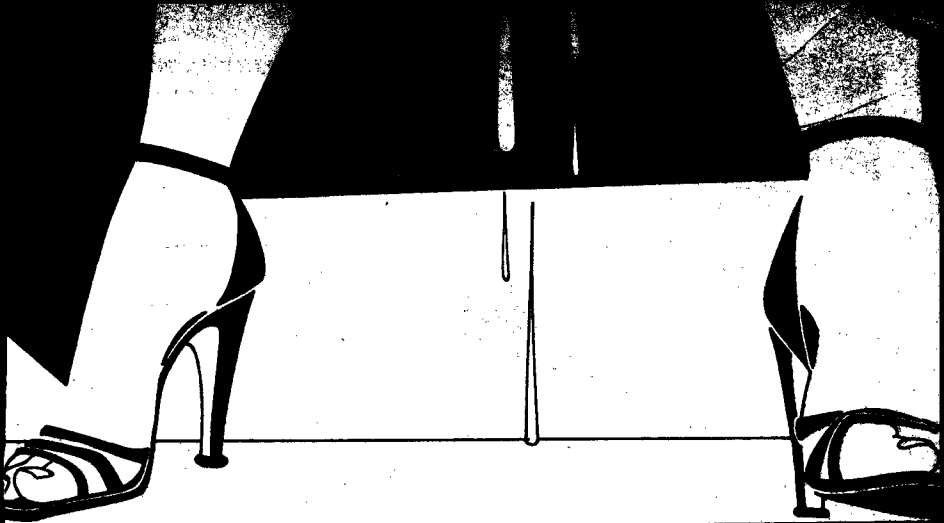
ela novamente me advertiu: "Não estrague tudo, amor. Já não lhe basta minha nudez? Faça de mim o que quiser, mas não tire a roupa." Deitei por cima dela e a beijei com desespero. Lenita rolou na cama, me abraçou, gemeu meu nome, apertou meu rosto entre suas coxas, me sufocou. Em determinado momento, ela começou a chorar e a tremer. Implorou-me que ficasse imóvel e se levantou. Frustrado, pensei que ela fosse tomar banho e se vestir.

Lenita foi até a penteadeira e abriu uma gaveta. Fiquei apreensivo, já começando a temer a estranheza daquela mulher. Pelo espelho, vi que ela abria uma caixinha de música e lhe dava corda. Apoiado sobre os cotovelos, ergui o pescoço e vi, sobre a caixinha de música, uma pequena bailarina. Um som cristalino e repousante inundou o quarto. Não pude acompanhar os passos de dança da pequena bailarina. Lenita deitou-se ao meu lado e, ela mesmo, com as mãos trêmulas, despiu-me todo. Olhou meu corpo com o sorriso que era só dela. "Você é como eu

esperava." Agarrei-a com fúria e ela não me repeliu. Eu fazia tudo que meus sentidos mandavam, com brutalidade até. E Lenita, como que regida por aquela música, me arranhava, me mordida. Foi ainda ao som que vinha da caixinha que ela, ofegante, cabelos revoltos, voz rouca, implorou que eu a penetrasse. Obedeci. Lenita revirou os olhos, gemeu, deu um grito que findou em soluços. Senti que ela ia desfalecer. Então ela estremeceu e se aquietou, saciada, exatamente quando, acabada corda, a caixinha de música silenciou e a pequena bailarina quedou, imóvel, uma das pernas suspensa no ar.

Quando há pouco Lenita passou em frente ao bar do China, fingi não conhecê-la. Sei que estou sendo sacana, enganando o velho Estêvão, o bicheiro Izaías, o garoto Tatá e muitos outros. Mas que culpa tenho se fui o escolhido? Eu deveria me preocupar com a caixinha de música. Suspeito que ela determina os escolhidos. Enquanto eu for afinado com ela, terei Lenita. Temo o dia em que, terminada a corda da caixinha de música, a viúva não esteja saciada. Tenho certeza que nesse dia serei punido. O velho Estêvão vem sentar-se à minha mesa. No seu rosto, adivinho uma solidão medonha. Lá fora, começa a chover. Entardece rapidamente. O velho Estêvão beberica no meu copo e fica olhando a chuva cair. Não me levanto quando ele, com a voz chorosa, repete o lamento: "Não me importaria de morrer, meu rapaz, se pudesse ter aquela viúva pelo menos uma vez".





Deliciosa loucura

Ana Maria Ribeiro

A noite cai de mansinho, esfarrçada pelos luminosos das lojas, o som dos brinquedos eletrônicos e o burburinho das pessoas, que vão para casa ou se preparam para os afazeres noturnos da cidade que não dorme.

Espera pelo namorado. Tinham combinado um encontro para as seis horas; são seis e meia e ele não aparece. Seu aborrecimento vai aumentando. Enfeitara-se toda, tinha posto uma minissaia, que descobria as pernas bem-feitas, e sandálias de saltos altos que projetavam seu traseiro para cima, deixando sua bunda mais empinada, num convite mudo a todos os olhares.

Na boca da noite está Marcela, só no meio de uma centena de pessoas que sai das butiques, cinemas e chonchetes, em conversas animadas.

Olha para o relógio; quase sete horas. Caminha para a saída, já resolvida a desistir, quando percebe que alguém a observa. É um rapaz de uns vinte anos que a olha fixamente. Resolve ignorá-lo e percorre o pavimento principal do Shopping Center quando, numa curva, nota que o rapaz a tinha seguido.

Pensando bem, não tinha mais programa para aquela noite, e ele é bem simpático, mais bonito do que seu namorado.

Dando uma ajuda ao acaso, finge olhar uma vitrine de calçados; na realidade, procura observar melhor seu paquerador. É bastante alto e tem um sorriso lindo.

Ele pára, meio escondido por uns cartazes, olha-a e sorri, chamando-a com um gesto de cabeça. Marcela se aproxima.

— Oi, tudo bem?

— Tudo. Vamos sentar ali para conversar.

Sentam-se num recanto disfarçado por algumas plantas ornamentais. E,



Maria Eulália Maria Radtke

Quero vê-la cantar/quero vê-la sorrir.../quero vê-la...

— O que é isso que você canta, Maria? — diz D. Débora, mulher castanha, de corpo bom e dona de grande fortuna. Marido sem sôssego, na batalha de vida toda, sempre buscando mais nos negócios à parte da Medicina, profissão essa que exerce com grande vontade e afinco.

— Tô cantando Sidney Magal, D. Débora. Eta, ciganão bonitão, ele!

— Não conheço esse cantor.

— A senhora precisa ver — diz Maria. — Ah, é! A senhora precisa ver que corpão ele tem. É de dar água na boca de qualquer uma. E por falar em boca, a dele tem lábios bem grandes, que é uma beleza. Parece uma pitanga.

— Onde você viu esse tal de Magal?

— Sidney Magal, D. Débora, lindão mesmo. Até tô arrepiada... Quer ver? Ah, sim, vi ele no programa do Chacrinha, o mesmo programa

onde tem aquele mulheroio que canta como louca a “Maria Sapatão”.

— Em que dia passa esse tal programa que tem a Maria Sapatão?

— Nos sábados. Agora nos domingos. Claro, a senhora nunca viu, porque é nesses dias que a senhora vai passear com o Dr. Fausto.

E Maria sai cantarolando em direção à área de lavação. D. Débora a segue com os olhos de quem descobre, naquele momento, alguma coisa de novo em sua casa. D. Débora já não agüentava mais cabeleireiros, amigas de saunas, falando sempre a mesma coisa sobre seus honrosos maridos e suas lamúrias sexuais. Prefere ficar em casa. Anda de um lado para o outro. Lê, abandona o livro, de repente. Não tem nada para se preocupar. Tem tudo, o único filho, já crescido estudando fora. Maria faz tudo. Menina do interior e eficiente. Até aí havia sido difícil acertar empregada que dormisse no emprego e trabalhasse todo o tempo, alegre e cantando. Empregada solícita, era o que D. Débora precisava.



Maria tem todos os predicados à altura dos desejos de D. Débora. Trabalha, sorri, cozinha bem. Mas tem poréns: 1) vive cantando coisas estranhas aos ouvidos de D. Débora; 2) além de cantar num jeitão meio brejeiro-caipira, fala muito dos intérpretes das músicas que cantarola, principalmente de Sidney Magal. D. Débora não se liga muito em rádio e televisão. Portanto, dificilmente poderia discutir música de povão com Maria.

Jorge, o filho do casal, entra em férias. Vinte dias com a família. Um adolescente de bela aparência, um boy, dentro da atualidade social, no que diz respeito a um jovem nascido em berço de ouro. Maria o conhece e se surpreende com a beleza e o jeitão do rapaz.

Numa tarde, Maria lava roupa, cantarolando Magal. Pára, de repente, ao ouvir o som alto que vem do quarto do filho da casa. Jorge curte, a toda altura, os seus ídolos mais grandiosos,

é aquela Maria que quer ver de perto, não sabe a respeito. Enxuga as mãos e vai até o quarto. Se detém na porta. A curiosidade tamanha lhe faz espiar pela fechadura. Jorge está de sunga, sentado na cama, encostado na parede e com os joelhos erguidos. Maria corre os olhos e pára num volume meio apertado entre as pernas do rapaz. O sangue sobe à cabeça. Envergonha-se rapidamente. Mas o coração dispara e volta a olhá-lo com mais vontade. Sente umedecer a vagina; ao mesmo tempo, ouve os passos de D. Débora, que se aproxima. Ergue-se, assustada, e depara com D. Débora, já no corredor, a observá-la. Maria não acredita no rosto da patroa. Sendo pega olhando na fechadura do rapaz, Maria acreditava que haveria outro tipo de reação da parte da patroa. Ao contrário, D. Débora mostra um leve sorriso sem espanto nenhum.

Maria pede desculpas, meio atrapalhada, e sai. Vai para a cozinha, olhar as panelas. Do nervosismo resulta a queimadura com água quente numa das pernas. A coisa dói. D. Débora, que a seguia disfarçadamente, corre ao seu socorro. Leva-a para o quarto, pede que se deite, enquanto vai apanhar a caixa de primeiros socorros. Mesmo com as dores da queimadura, Maria ainda carrega na mente o monte volumoso que encontrou entre as pernas de Jorge. Desce as mãos até a calcinha e sente-a molhada e seu sexo latejando. Sabe que é desejo. Está com dezoito anos e nunca experimentou fazer sexo. E sabe também que seu apetite é grande, e agora, aos dezoito anos, mais do que nunca, tem a louca vontade de provar se é bom.

Fecha os olhos, enquanto pensa no monte volumoso de Jorge, ao mesmo tempo em que as mãos acariciam a boceta no cio. Quando

volta. D. Débora, que pára, de repente, vendo Maria no ponto de masturbação mais ligeira, volta-se e tranca a porta. Maria abre os olhos arregalados.

— D. Débora, a senhora?

Tenta se arrumar, descer a saia, enquanto D. Débora, com voz macia, se aproxima, abrindo a caixa de socorros.

— Vamos ver a queimadura. Está sentindo muita dor?

— Ah, sim, dói muito.

— Levante a saia. O que é? Está com vergonha?

— Não. É. . . Estou com vergonha.

— Vai, levanta, deixa de vergonhas. sou uma mulher como você.

D. Débora limpa o local atingido pela água quente. Faz o curativo, devagar, com cuidado. Suas mãos correm distraidamente pelas pernas de Maria. Com malícia, arregala os olhos ao tocar, rapidamente, a calcinha de Maria.

— Ué, você está com a calcinha molhada?

— É. . . Eu acho que não enxuguei direito quando fui ao banheiro.

— Mas isso aqui não me parece xixi. . .

— Será que é algum corrimento, D. Débora?

Sabe ela que não é nada disso. Sabia também que a suposição feita era furada. D. Débora deixa isso transparecer em seu rosto, aproveitando, ao mesmo tempo, para trocar-lhe as roupas.

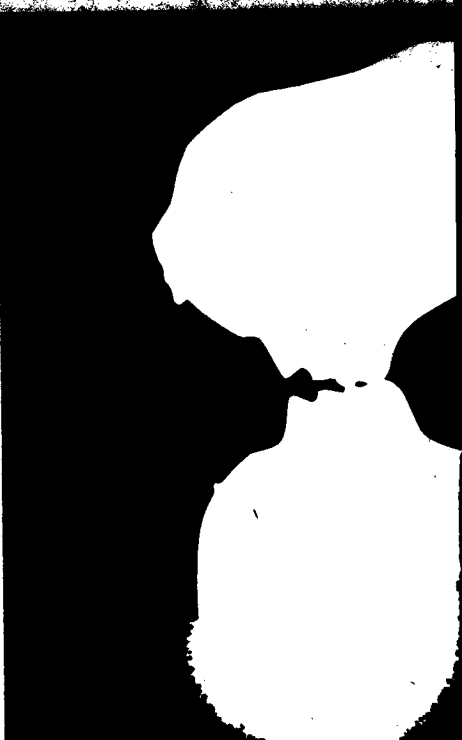
— Vamos trocar a calcinha e essa sua saia, que também está molhada. Por hoje, você vai ficar descansando na cama. Eu termino o almoço.

— Deixa, D. Débora, eu tiro a roupa.

— Eu faço isso.

— Puxa, como a senhora é boazinha. . .

— Boazinha é você.




— O quê? Nada disso, D. Débora.

— É, você é. . . É muito boa.

Suas mãos correm em volta da cintura de Maria. Descem devagar, apalpando, até os pêlos negros de Maria. Desce a calcinha. Detem-se olhando sua xoxota. As mãos tremem. O rosto de Maria, vermelho, meio assustado com as gentilezas da patroa. Maria, tesuda como está, respira fundo toda vez que as mãos da patroa lhe apertam em algum centímetro de sua pele. Gosta da sensação.

— Tive uma idéia: não pôr roupas em você. Deixa esse lençol lhe cobrindo. Assim será melhor para renovar o curativo, logo mais, à noite.

Maria não entende muito bem as gentilezas da patroa. Nunca tivera uma patroa assim tão boazinha. Pelo contrário, as outras só lhe enchiam a paciência, resmungando que fazia as coisas mal-feitas, e que sua profissão



era de doméstica e não de cantora. D. Débora era diferente, fazia tudo aquilo, a deixava na cama e ainda a chamava de boazinha.

— D. Débora, eu preciso terminar o serviço.

— Nada disso. Fique aqui quietinha. À noite, vou precisar de você.

Sem entender ainda, aceita. Equivocada. D. Débora nunca precisara dela à noite. Fica sozinha, pensando em tudo o que está acontecendo:

“Estranho . . . Minha avó dizia: O Santo, quando vê muita esmola, desconfia. E também, ela apertou tanto a minha xoxota. . . Se a

queimadura foi na altura do joelho? Pra mim, aí tem coisa. Vai ver que ela tá fazendo tudo isso, pra depois me dar bronca sobre o meu espiamento pro pinto do filho dela. . . Não confio em patroa. São todas iguais. Exigentes, metidas e rainhas da verdade. E D. Débora me incomoda. . . Essa maneira que ela tem de ser boazinha comigo. . . Mas deixa pra lá. O bom mesmo é pensar no que eu vi no meio das pernas do filho dela. Ele é moço novo, como eu. Seu eu tenho uma xoxota fogosa, ele deve ter um pintão grande e fogoso também. E, se for verdade, ele tem pinto grande mesmo, porque os dedos das mãos dele são compridos e grossos. Ah, eu ainda vejo aquele pinto, nem que seja o último dia que eu trabalho nesta casa. . . Puxa, até esqueci o meu Sidney Magal.”



Anoitece. Maria acorda, depois de um sono um tanto atrapalhado devido a sonhos estranhos, onde a personagem principal era D. Débora. Não quer acreditar em todo o erotismo que acaba de ter no sonho.

— Com licença, Maria? Que bom já ter acordado. Trouxe leite quente para você.

— Não precisava, patroa.

— Precisa sim, carne nova deve se

alimentar bem. E também porque você tem trabalhado muito.

— Poxa, a senhora é tão boazinha...

— Boazinha é você, tesão.

— O que a senhora disse, patroa?

— Isso que você ouviu mesmo.

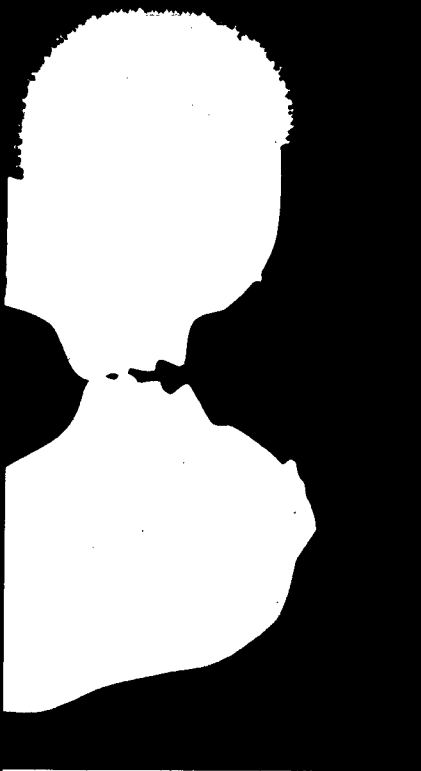
E vamos lá, vamos ver como está essa queimadura. Passou a dor?

— Um pouco. Até dormi um pouco e sonhei coisas estranhas.

— É, é bom sonhar. O que é estranho para você?

— Sonhar com a senhora.

— E por quê? Não pode?



— É... Mas é o tipo do sonho. E depois, se fosse com o filho da senhora, eu não estaria estranhando tanto.

— Está muito quente isso aqui. Queimou bastante. Vamos tirar esse lençol fora de uma vez. Só atrapalha.

Maria, muito ligeiro, tenta segurar o lençol, vendo que suas intimidades ficam expostas.

— Deixa disso: o que é belo tem

corpo muito bonito.

— A senhora acha?

— É, é um tesão.

— Engraçado, a senhora disse isso no meu sonho.

— Sim? E o que mais eu disse?

— Eu tenho vergonha...

A esta altura, D. Débora massageia com leveza as coxas tesudas da empregada. Aproxima-se dos pêlos negros de Maria. Nota que sua pele está arrepiada e que Maria já havia esticado os braços para trás, como se estivesse se entregando à carícia completa. Sabe que o momento chegou. O tempo de espera terminou. Foram tantos os dias a se masturbar, ao olhar Maria pela janela do quarto, quando essa lavava as calçadas usando um curto short. Não podia perder aquele instante longamente desejado.

— D. Débora, as suas mãos são tão macias... Dá arrepios. Isso também estava no sonho. Ah, é bom... D. Débora!

— Débora. Deixa a "dona" para a hora de serviço. Aqui eu sou Débora, uma mulher que te deseja doidamente, uma mulher que quer te beijar todinha, te chupar todinha, te comer todinha.

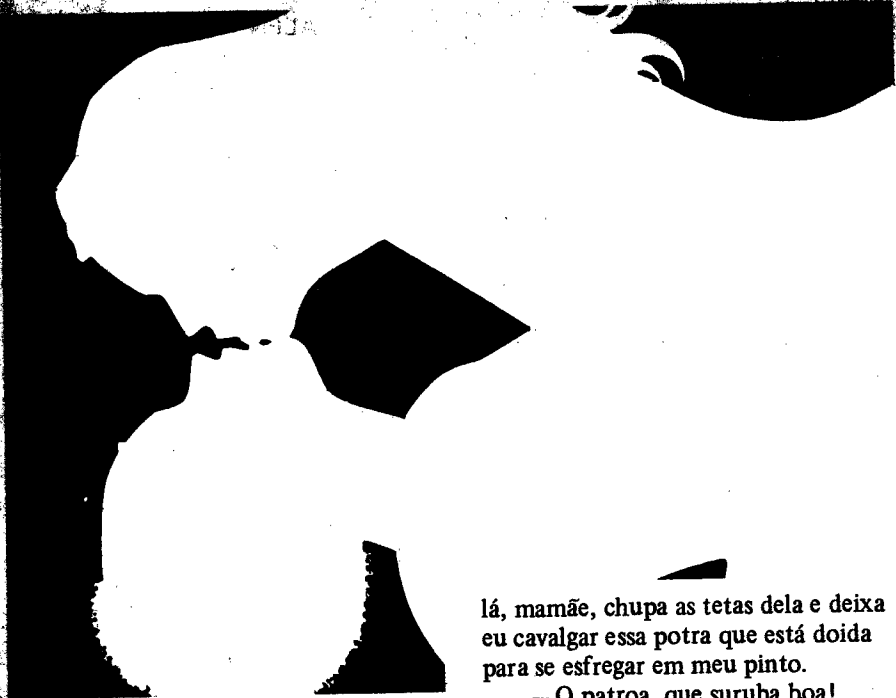
Ah, D. Débora. Ai, Débora... No sonho, eu a chamava de tu; no sonho, eu abri minha blusa e dei minhas mamicas para chupar.

— Isso, minha menina. Tira essas mamiquinhas durinhas.

— Pega minhas mamicas, Débora. Apertã, chupa, morde. Olha que bicos duros e grandes...

— Assim, minha querida. É assim que eu gosto. Há tempos que eu não pego umas mamicas novas e gostosas assim.

— Ai, Débora, meu grelo deu um treco agora. Deu uma esquentada. Bota a mão na minha boceta, aperta,



amassa. . . Tudo isso tu fez no sonho.

— Ei, querida, estás doidinha pra dar essa bocetinha apertada, hem?

Deixa comigo, gosto mesmo é de boceta nova. Estou cansada de fazer bocetas usadas de amigas, na sauna.

— Descé, Débora. Ai. . . patroa boazinha, que linguão. . . Parece uma cobra. . . Chupa o meu grelo, que tá doidinho, chupa. Enfia a língua no meu buraco. Ai. . . patroa Débora, que gostoso ver minha boceta abocanhada! Chama o Jorge. Eu quero que ele enfie aquele peru novo dele, bem lá dentro. . . Eu quero gozar com o pinto dele. Chama, seja mais boazinha. . .

Não foi preciso chamar. Jorge já se encontrava no quarto, envolto numa toalha.

— Mamãe, já tomei banho. Pô, ela é boa mesmo, você tem razão. Sou doido por boceta de empregada. Vai

lá, mamãe, chupa as tetas dela e deixa eu cavalgar essa potra que está doida para se esfregar em meu pinto.

— O patroa, que suruba boa! Essa não tava no sonho.

— Mas estava no buraco da fechadura. . .

— Jorginho, que pintão bão.

D'aqui, deixa eu dar uma chupadinha nessa coisa dura e cabeçada.

— Chupa, querida, chupa. Ah. . .

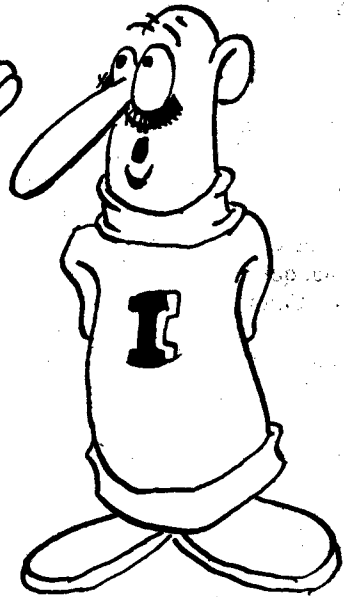
Agora abra as pernas dela, mamãe; tá na hora de uma boceta apertada engolir o meu pinto. Agora vai lá, mamãe, dá a sua boceta na boca dessa potra e faça ela chupar também.

— Não, Jorginho, a minha parte acabou.

— Vai. Faça, se não quiser que eu a entregue para o papai. Já pensou, se ele fica sabendo que você saboreia muito mais a boceta da Maria do que o seu pinto solitário?



MINHA MULHER
É PROSTITUTA!
MAS SÓ GOZA
COMIGO!



[ALEN]
[64-80]

"Se os meus suspiros pudessem
Aos teus ouvidos chegar,
Verias que uma paixão
Tem poder de assassinar"

— modinha do tempo de D. João VI
no Brasil.

"... apesar da idade, tinha tanta coisa
para me ensinar na cama que eu perdi
o remorso"

— um pensamento de Joãozinho.

Por último dei para zanzar,
pegando o rumo da praia.

Ando, cato a direita, para a Praça
Serzedelo Correia. Jornal que compro,
não abro, vai debaixo do sovaco.
Lerdo, pesado, até a pedra do Leme,
quietamente. À frente não há luzes,
mas o mar escuro; passo o calçadão,
as areias e me sento nas beiradas.
Mando ao diabo uma lembrança.
Mas sinto um medo. Um vento frio
batendo na cara e me vem um samba,
dos antigos, besteirada, engrupimento,
gemido lá no inferninho:

"Vem, amor, que é fria a
madrugada

E eu já não sou mais nada
Sem seu calor".

Num minuto, a cabeça nas mãos,
devo ter chorado. E se Guiomar me
visse assim, agachado, encolhido nas
areias, me acharia desengonçado e
menor do que sou. Não iria acreditar,
são quatro horas e não bebi uma gota.

Joãozinho

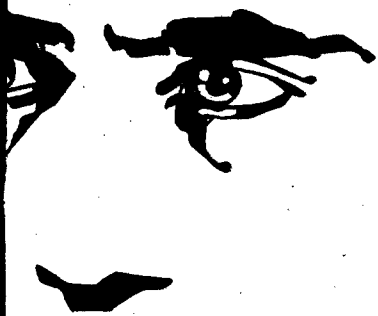
Se chorei, se não chorei, ninguém
via. As costas das mãos, enormes, vão
limpar a cara. E a madrugada geral vai
continuar.

Bastava uma casa no subúrbio,
quarto e cozinha.

Não jogo, tenho bebido pouco e,
quando a noite acaba e me raspo do
Danúbio, no rabo da manhã, não vou
pra casa. Enfio pelo comprimento de
uma rua e fico, tocando, de bobeira.
Muita vez, ali pelas cinco, topo os
pescadores que saem pro mar, no
Forte de Copacabana; topo mendigos
moleques, corpos suados, arriados aos
barcos, estirados em folhas de jornal.

Aqueles não têm para onde ir,
dormem na praia. E são os que fazem
Copacabana àquela hora.

Cedinho, velhos barrigudos e
caquerados fazem ginástica,
custosamente. Correm nas areias,
correm frouxo, bufando.
Velhas sacodem celulite e pelancas no
maiôs fora de moda, largos.



la Babilônia

ão Antônio

aborreço a velharada; para o Arpoador
fio tempo sem fim. Do alto das
pedras da Praia do Diabo, sentado,
o a garotada vermelha, crioula de
nas pranchas, meninos, rapazinhos,
belos voam no surfe. Outra gente,
dinheiro. Pranchas rápidas brincam,
equilibram, caras, perigando, lisas,
ascas, ganhando a frente da crista das
das. Mas aborreço.

Uma casa no subúrbio, quarto e
zinha. Chegava. Ou já seria um
meço de vida.

Coisas de que gostava me irritam;
go e bebida me cansam; acho que
do só. E bem. Curto isto por dentro,
e tranco. E me pesa numa pancada
, numa porrada só.

De novo, como um merduncho,
go o calçadão de Copa. Quatro horas
nenhum conhaque. Xingo a lua.

Assim de repente, num susto,
nso em Guiomar, no caído bonito de

cabeça para trás e para os lados.
Olho o mar, onde meus olhos afundam
e dou com uma porção de coisas doces,
menos pesadas, nenhum medo, limpas,
boas, nenhuma sacanagem, claras.
Lembro o samba do inferninho.
Fico virando uma porção de coisas na
cabeça, sem sentido. Dou um tempo,
de cara para o mar.

Barulho do mar nada resolve.
Tinha mais mistério lá, na parte de
cima da sua cara, do que nesta merda
de mar grande que eu vejo ainda agora.
Tinha mais segredo e provocação lá no
canto da sua boca do que no quebrar
das ondas. Tinha mais perfume ali, na
risca do seu cabelo; tinha mais cheiro,
chamado e violência ali, quando ela
beliscava no canto da boca o dedo
mínimo, do que quando o mar tenta
gritar, de encontro às pedras, no
preto-escuro das madrugadas que
curto, eu e só. Tinha mais de tudo ali,
dentro dela, com sua mão pequena,
com seu sapato sofrido, com a bolsa
que só poderia ser sua, com seu
agasalho marrom suado, suas ilusões,
manhas, preguiças, gatices, com os
olhos sonsos que iam e vinham, riam
e espetavam do que em todo o barulho
que o mar tem. E não tem.

Caído bonito de cabeça, Guiomar.
E o mar não parece tenha mais segredo
que o seu recado — batia curtido e
reurtido, direito vindo neste peito
largo e já cansado, a que um bem não
chega e não chega e não chega.
E chegou e já acabou e está frio, e
esquenta de novo e de repente — agora
não entendo mais, sem uma gota de
álcool na cabeça. E me pergunto se
com mulher nova nesta vida a gente
pode nascer de novo.

O mar não tem, está longe disso. Ela
toma conta das pedras, do mar e de
mim. Fica até pequeninho e bem,
diante daquelas duas coisas quase no
alto de sua cabeça — aquelas duas luzes

ali, debaixo da frente e antes do seu nariz. Até pena desses caras que me disse terem passado por sua vida — não enxergaram esses dois mares. Babacas dos babacas!

Eu me contenho diante do mar. Os seus olhos eram dois. Escuros, sonsos e onde o cais? Aperto o passo, ando esta Copacabana, me consolo. Seus olhos, dois mares.

Copacabana. Copa dorme, ronca como uma porca enfarada, entupida — escrota — de sacanagens e gentes.

Nem assobio, nem durmo, já devo ter parado de chorar. Andei da pedra do Leme ao banco da Praça do Lido. Acho que perdi e espero, morto, mortinho, o sol da manhã. Desacompanhado, como quem se preza. Sol, mar, os claros do céu. Tudo dói e redói nos olhos que não dormiram.

Os camaradinhas observam. Dia desses, um dos músicos da casa me largou a liberdade:

— Ô, cara, que encabulação!
Isso é mulher.

Luz nascendo lá no horizonte, em cima do mar, luz de verão. Seja o que Deus quiser. Estou no rabo da manhã e

à hora é esta. Pego um ônibus, pego um trem, vou esticar minha solidão, na cama, em casa, lá em Madureira.

Então, o músico:

— Mulher é como folhinha de parede. Você puxa um dia, tem outro atrás.

Estando no Rio, Batistão pula cedo da cama e se manda vagabundo. Às nove, vai de velho na rua.

Desce no centro e começa a bebericagem ali pelas dez da manhã, Bar Carioca, faz lá o primeiro expediente com chope ou cerveja gelada. Pausa para o almoço. É de se ver. Batistão toca para um restaurante antigo da Buenos Aires, quase Prime de Março, desses que ainda têm mesa de mármore e cadeirinhas austríacas. Pede filé malpassado. Zangado com demora, bebe uísque com água, coloca os óculos e olha o jornal na coluna do Estado do Rio. Põe cara importante, compenetrado e entendido, torce o nariz, reprova tudo. Vem o filé, que cru, dispensado de arroz ou

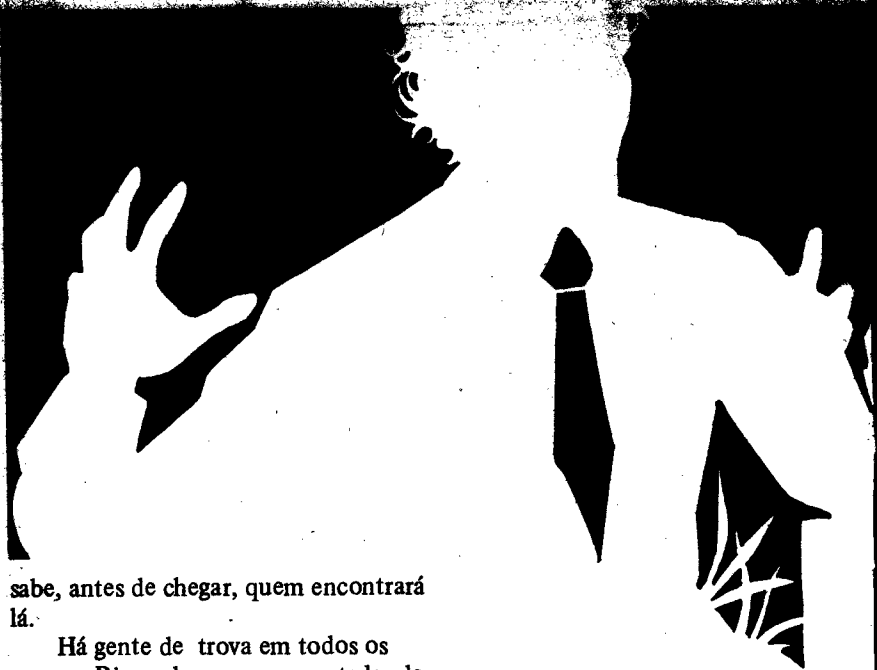
organicamente. Mas o velho não
ome. Masca, masca, mastiga. Chupa a
rne malpassada e devolve com a boca
prato, como gomos esmagados de
ranja. Come feito um gato velho,
achado; não usa garfo ou faca, só a
oca. Até os garçons se viram para não
sistir.

epois da carne mascada, vai à rua do
uidor, na Casa Pará compra três
olandeses da marca Duc George.
augura o primeiro charuto do dia e
gue, lerdo e atento, sondando pernas
e passam até a porta da Colombo,
nde se empertiga, importante,
adista e gaiteiro, bulindo com as
mulheres, jogando galanteios à antiga
ra as meninhas comerciárias da
onçalves Dias. Ali arrasta a tarde, se
sinuando para as mulheres da rua ou
nanciando algum lanche caro no
terior da confeitaria, onde os lustres
os espelhos laterais mostram
mpregados de libré e certa classe
tiga. Numa mesa, ao lado de uma
rotinha que come e toma frappé de
co, Batistão, já meio bêbado,
rmelho, gordalhudo, suado no
escoço enrugado e na testa,
tornando cerveja gelada, falando
to e grosso aos garçons solícitos,
nietos e aporrinhados.

Na rua Ciné, um bar chamado Régis
recebe, à tardinha, Batistão e outros
veteranos, comidos e dormidos. Uns,
cochilaram em casa; outros, no
cinema. Tomam o reduto com risos,
papos e joguinhos de palavras escritas
em papéis, que chamam de trova.
É ponto de apontamento dessa
companheiragem de certa faixa
boêmia. A maioria grossa da turma é
dos que vão para casa às onze. Outros,
poucos, estendem a noite até o
Amarelinho. Os mais acordados vão se
embebedar ainda nos giros ao que resta
da Lapa e ao que há em Copacabana.
Perturbar. Bebemorar e esticar, como
dizem.

Essa veteranice malcomportada se
mistura a marafonas cansadas e a um e
outro biriteiro de verdade. A variedade
de tipos inclui sujeitos com trinta anos
de janela, muita lenha para bebida e
papo, gente aposentada com bastante
sede e história. Porém, sempre na
condição de boêmios alegres da noite.
Só. Malandro nenhum, nem de passagem.
Uma boêmia calejada e fanada, feita
por coroas erradios e vadiadores. É o
tipo do lugar onde o camaradinho já





sabe, antes de chegar, quem encontrará lá.

Há gente de trova em todos os grupos. Rimando, vozes empastadas de cigarro e de bebida. Há uma curriola que só aparece às sextas-feiras. E uns quatro-cinco veteranos, quase setentões, que se reúnem todas as sextas. Arrotam que fazem isso há uns trinta anos, mudando de bar, pulando de ponto, conforme a cidade muda. Firmes.

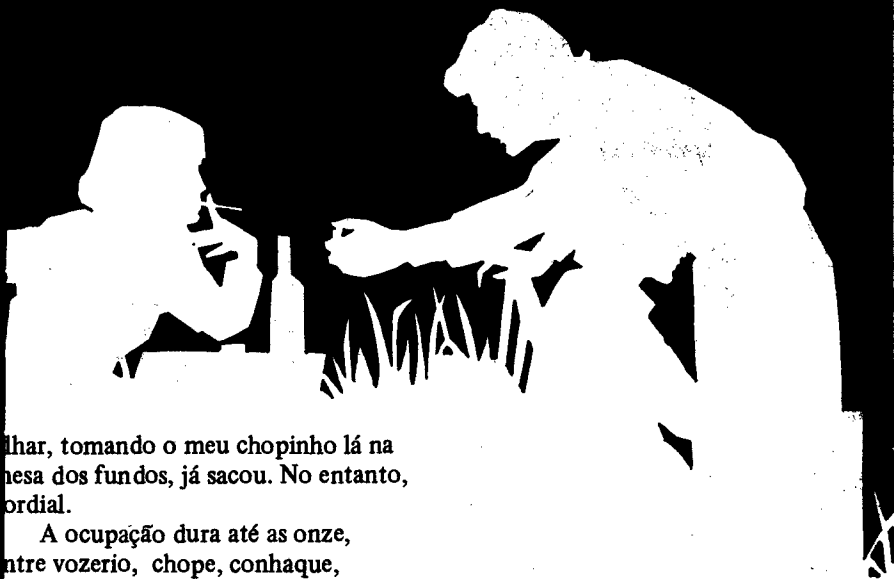
Mas das oito às nove da noite, o movimento é diferente. E aí, Batistão apita.

Vem chegando, para ficar até fechar o Régio, os que rondaram antes outros pontos do centro ou quem sabe onde. Chegam já mordidos e beliscados e ficam plantados até as portas de ferro descerem. Então, uma e outra bandida arrasta as asas em busca dos patrões de bebida. O velho Batistão é dos que convidam, oferecidos e gaiteiros. Manda forrar a mesa. Uma que outra mulher, mais vivaça ou faminta, aproveita e janta. Batistão paga, precisa de auditório para as trovas.

Ali. Único lugar de beber, dos que conheço, onde se encontram o que lá entre eles se chama os errados da trova. Porque a maioria são babacas entoando. Mas no Régio, dando uma colher à trova, há os de juízo: que chegam a fazer trova debochando de. Da boca desses chapolas, saem marotices engraçadas, com alguma picardia divertida. Têm peraltice. Batista fica tiririca com os errados, quando dizem que estão fazendo quadrinhas. Ele é dos sérios, dos gordos trovadores, direitinhos, comportados. Fica fulo com um dos errados que, ali pelas tantas, engrossa voz e diz para todos ouvirem:

— A trova é a bolotinha de cabra da poesia.

No Régio não pinta malandro. A gente tira pelos garções, dois: um, estranja e otário, está bem longe de surrupiar ou marmelar nos trocos; o outro é um vivaço, e só de me



lhar, tomando o meu chopinho lá na mesa dos fundos, já sacou. No entanto, cordial.

A ocupação dura até as onze, entre vozerio, chope, conhaque, batidas. Uísque também. Nessas beiradas das onze, mulher que aparecer toma-lhe a grana. Uma noite, pinta no Régio uma vedetinha de televisão, toda de longo, lambuzada de pintura, endurecendo postigos. Batista, rápido, faz para o seu colo. Já é otário fertado.

— Dá um beijo no Batistão.

A artistinha bica e o velho lhe escorrega uma nota de cem.

— Agora dá outro aqui — e vira a cochecha.

Ela belisca mais cem.

Do Régio, Batista Pamplona desliza de carro particular até a Cinelândia; dali ao Passeio Público. Parando. Da porta do carro, dá espetáculo, cumprimenta conhecidos gente que nunca viu, para chamar a atenção. Desce, absoluto, pisa o meio-cio.

E depois, ao que der e vier. Copa, Fátima, Leblon, Estácio, Praça Mauá,

onde houver uma boca aberta, lá Batista Pamplona. Entorna até o sol raiar, vai dormir mijado num hoteleco, com alguma piranha. Mesmo deixando Guiomar no apartamento do Flamengo.

O velho não dorme, desmaia.

Mania de batucar na coxa, dar nós nas cadeiras, cheia de marra.

Se muito, me chega à altura dos ombros, pequetitinha. Mas tem um caído de cabeça, cheia de vida. Doce de mulher, pedaço, gata tihosa, isto aqui de picardia. E está aliviando a granolina do coroa, a pivete Guiomar.

Saravei meu santo nas águas da Barra. Vovó Catarina estalou os dedos e fui benzido pela passagem do ano.

Regulei. A maré raiada me sorriu. Fui ganhando de chorriho. Levantei seis mil pacotes, nascidos duma

insignificância apanhada numa centena que multipliquei, com prejuízo.

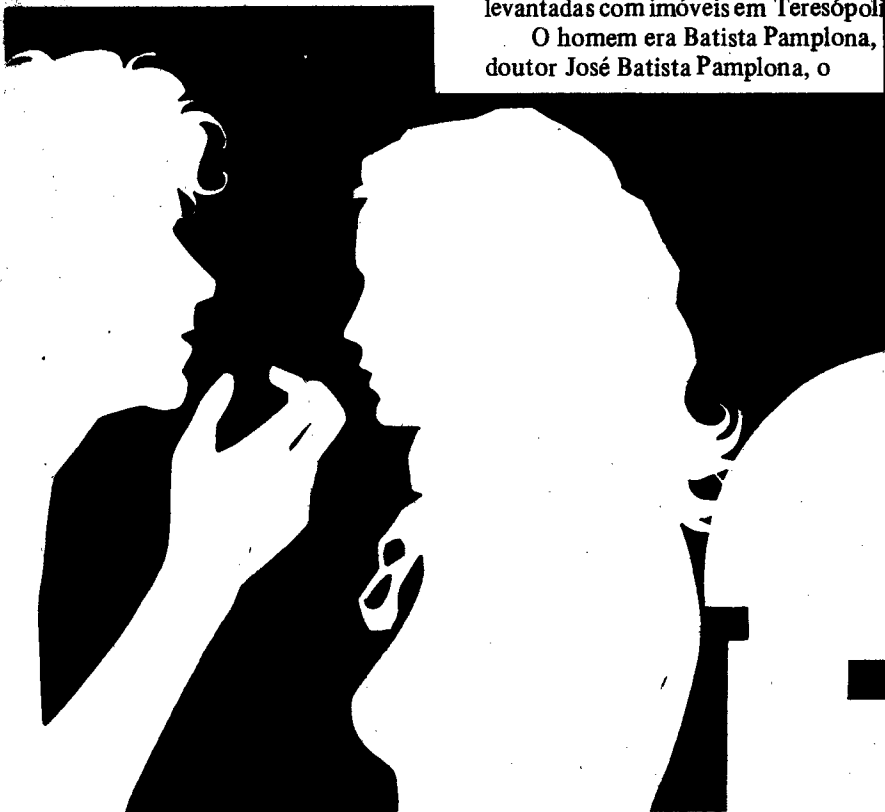
Por aí, na madrugada, tomo canja de miúdos de galinha lá no Capela, topo uma dessas bandidetes de rua, que faz a vida nos hotelecos e nos escuros da Mem de Sá. Muita vez, até contra as árvores e contra os carros, nas curvas dos paralelepípedos da Joaquim Silva, como quem faz que vai subir a ladeira para Santa Teresa e acaba ficando na Lapa. Porque a fome é mais brava nas ruas para a gente da noite. Ali, batalhando como as outras, chamando homem e botando para dentro. Mas tem um quê, os mocosongos só lhe viam o resto. E ela faz um jogado de cabeça para trás e para os lados quando ajeita a melena toda preta. Aquilo poucos enxergam.

Uma criança, um quindim dessa vida. Matreira na zanguiha para dobras e otários exigentes e metidos a mandão. E toma-lhes tudo, a mulata Guiomar, dezessete anos. Só.

Pule alta. José Rojas, treinador, me passou a égua Lalá, picada de injeção, num terceiro páreo da noturna. Um roubo. Noventa e cinco pontos. Maré grande, fui buscar um tufo de dinheiro.

Um leão-de-chácara dos antigos me disse que, nos tempos dos cabarés da Lapa, só um sujeito tinha crédito naquele corrimento de casas. Ali, tratando marafona como rainha e estourando bebida importada, o freguês bebeu duas fortunas, levantadas com imóveis em Teresópolis.

O homem era Batista Pamplona, doutor José Batista Pamplona, o



artista falado do Estado do Rio
atistão, como gostava de ser tratado
elas mulheres.

De outubro para cá, por umas
ansas marotas nas corridas, passei a
ormir pouco em Madureira, que os
prontos eram cedinho e eu me
mandava para a Gávea, saído do
nferninho, o Bar e Boate Danúbio,
nde continuo sendo Joãozinho da
abilônia, leão da casa.

Numa dessas estiradas da noite,
ando um tempo entre as quatro e seis
a manhã, antes dos cavalinhos e
omendo buchada no Capela, achei
Guimar de coronel a tiracolo.

Sacava o veterano, que tive de
tutar numa madrugada de mau jeito
m que ele entrou beijando mão de
pistoleira como se fosse princesa ou
lama de sociedade. Pediu champanha
rancesa e acabou estranhando o
pistonista da casa. Difícil explicar que
o músico não tinha nada com a sua
lançarina, uma piranha aguada e
branca como lagartixa, que lhe parecia

beldade e paquerava, pelo prazer de
entregar o ouro. Acompanhei,
maneirei o porré e a esbórnica, não me
esqueci de cumprimentá-lo pelo bom
gosto e pela beleza de seu par
constante.

Endeusado assim, o cavalo
deslumbrou e a gorjeta veio dobrada.
Recomendei, jeitoso, que aparecesse.
Dali para frente, conhecidos.

Grandalhudo, balofo, um
desengonço. O velhão Batista, de
dentadura postiça, papadas e cabelos
tingidos de caju, era uma peça. Tinha a
mania de bravo, charuto no bico e uma
mauser que não tirava do cinto nem





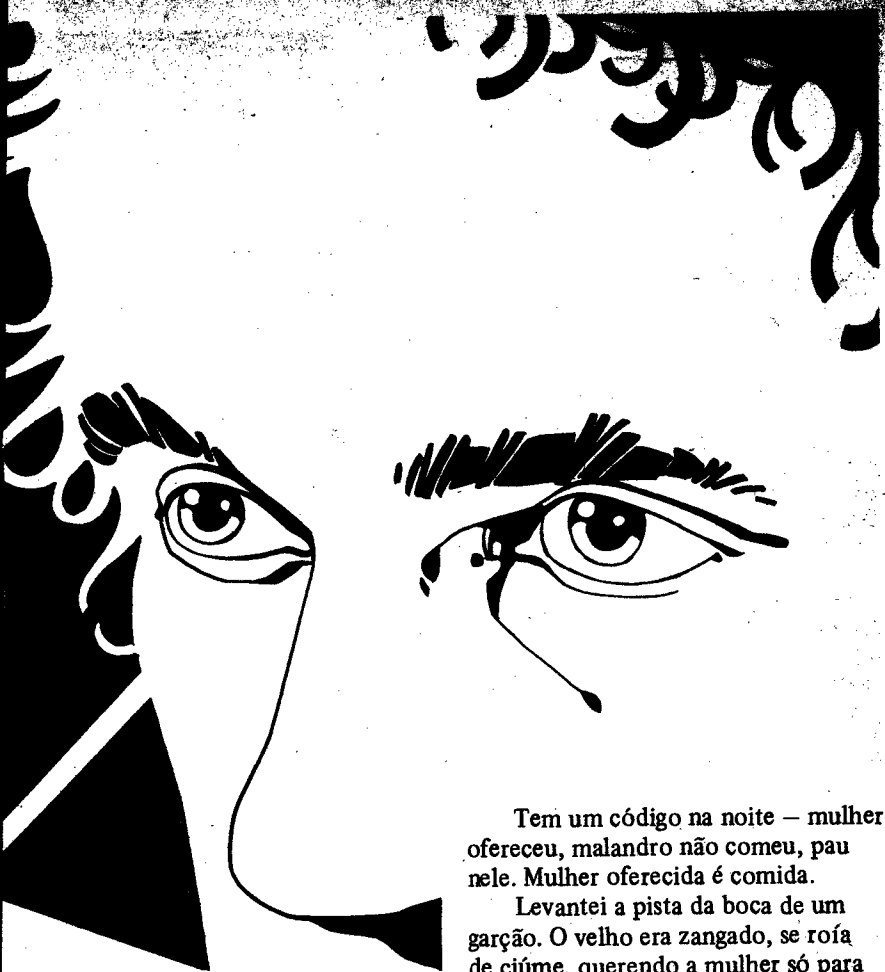
para ir ao banheiro — coisa dos graúdos lá no Estado do Rio. Um molóide saído a mandão. Aquilo, numa briga, não prestava nem para correr ou recolher as cadeiras quebradas. Divertido, palhaço quando bebia, vermelho do pescoço enrugado onde a mulatinha se pendurava, com fingimento.

O mulherio aproveitava, se servia, depenava o veterano. Manjei aquilo, cabeça no chão. Batistão era um endinheirado das salinas do Estado do Rio, em São Pedro da Aldeia. Um forte da grana, esbagaçador, havia sido homem da lei na mocidade; agora, vereador e outras palas. Desses importantes, manda-tudo que viaja para Brasília e resolve.

Soberbo na vida, coronelão em cima da carne-seca, virava um neném

na mão do carro novo Guiomar. Ali, uma dona de carnes firmes, pescoço fino, canelinha de sabiá. Uma tanajura — e sabia. Batista, coronel e gamado. Ela indo lá, firme, zanguinha arrancando as coisas. Apaixonadão, da gama preta, puxando um bonde por Guiomar. Vestindo, calçando, comprando duanas e presenteando com jóias, dando um banho de loja na mina. Saquei. Mas, bico calado, vi com os olhos e lambi com a testa.

Bandidete da rua, malhada da vida, traquejada na muamba, como sempre meio corrida da polícia,



vindo com um olho nos trouxas e outro no camburão. Não falava a língua dos bacanas, quanto mais de um bonado, um refestelado que anda até de avião. Diacho. Carne é carne, peixe é peixe.

Ela quem me buliu, dando nó nas cadeiras, sacaneando, na cara do velho. Tenho, relando, relando, quase dois metros; uma destas mãos, duas de Guiomar. No aperto de mão, esfregou um dedo na minha palma. E se mandaram os dois. Ele, capiongo de bebida; Guiomar, lá ia Guiomar quequebrando para eu ver.

Tem um código na noite — mulher ofereceu, malandro não comeu, pau nele. Mulher oferecida é comida.

Levantei a pista da boca de um garção. O velho era zangado, se roía de ciúme, querendo a mulher só para ele. Também por isso, montou apartamento, que a mulata devia virar bacana numa rua do Flamengo. Sim. Telefone e outros leros. Sim. Mas para vigiar, ligar de onde estivesse, azucrinar as noites, saber se estava dormindo. Batistão vivia no Estado do Rio ou viajando, seus negócios. Avisava que ia chegar e não chegava. Só susto. Sim. Dava-lhe decisão: catasse com macho, cortava Guiomar aos pedaços. A mulata emburrava, cabreira da vida saía pra noite. Ia zanzar por Copa ou perturbar na Lapa. Aprontar, rever as amigas fuleiras,

queimar o pé na bebida. Sim. Parava quando em quando no Capela e, bem mamada, se abria com os garçons e com as amigas. Mem de Sá, lá depois dos Arcos, de onde o velho Batista a arrancou, marafona qualquer de pé lambuzado. Sim. Uma maria-judia fanada da vida. Batista enciumava, lhe jogava na cara, e aquilo doía. Então, ela cai pra rua, vai perturbar, fariscar alegria.

Pus capricho na gorja do garção que me deu o serviço. Toquei para a Central e peguei o caminho de casa, Madureira. Ia enclistrado. O velho a largava em casa, sozinha. E metia bronca pelo telefone, ameaçando arrepiar a vida dela se a achasse fora. Sim. Que ele sustentava. No apartamento do Flamengo — ela e Deus.

Cada vez mais calado, no trem, comecei a olhar as coisas de baixo para cima. Daquele tipo de boa vida nem

condenado gosta — na rua da Alegria só tem tristeza e na Saúde só dá doente. O veterano Batista merecia um bom par de chifres.

— Venho da pescaria.

Molhado de praia e já bebido, aparece no calçada de banho, sacudindo as gorduras às onze da noite e falando grosso na porta do Balalaik. Descendo do banco de trás do carrão com motorista particular e ar refrigerado.

— Chegou Batista. Chegou o dinheiro. Me traga aqui o presente desta espelunca.

O pessoal tem de se virar. Arrumam roupa enxuta, roupa de baixo e o diabo, sapato, paletó, gravata, àquela



da noite. Para o coronel Batistão
continuar molhando o pé nas bebidas
e apalpando as mulheres.

Deixasse pra lá, não era negócio

Mas tinha coisa. De longe em
longe, meio da noite, aturando um
momento, pegando friagem nas pernas, me
chamava da melena e do caído de
debaixo para os lados e para trás. Um
momento, uma graça.

E dei para seguir Batista, a troco
de nada sei de quê. Talvez pensasse em lhe
contar um chá. Havendo grana,
eu ando fareja.

Fui apalpar Josepa Popopó.
Josepa Popopó, gritalhona. Piranha
de bico e faladora, das que hoje
fazem, curtindo fome e vadiando pelo
centro da cidade, depenou coronéis e
comprou muito cafetão, na mocidade. Fala
de glórias, esconde os fiascos,
é uma moleira cansada. Mas, por um
momento, deu um gau de aveia e dois ovos quentes,
e o bico. A troco disso, na Leitaria
do Estre, do Largo da Carioca, me
contou numa tarde, que o coroa é

doente. Depois do terceiro copo,
desanda a urinar nas calças. Aí,
zangado, chama o garção e pede
chope. Faz que leva à boca e derrama,
de propósito, onde mijou. Dissimula,
então, sério, aliviado:

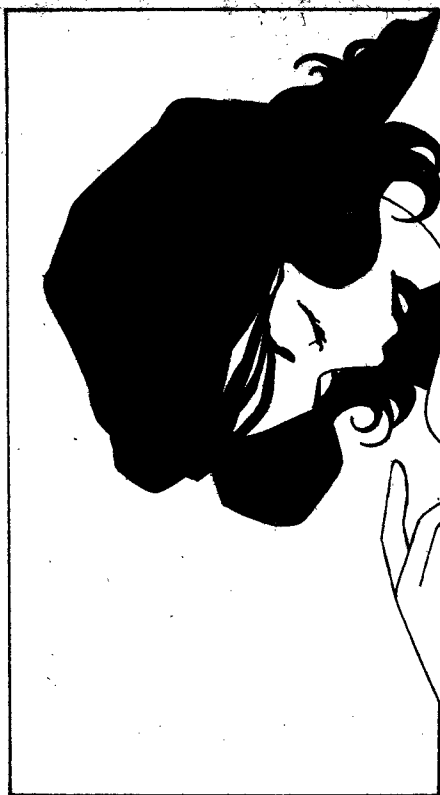
— Traga uma toalha para Batistão.

Popopó garante que o velho vai
dormir mijado. Todos os dias.

— Quizumbeira é a mãe!

Brigam, brigaram feio, de paralisar
o edifício. Embocetam-se, quebram
vidros e pratos, quase botam abaixo o
apartamento. Guiomar cata o sapato
de salto alto e malha o velho na
cabeça. Vão parar na delegacia da
Praça Pedro Américo, levados pelo
tintureiro. Escândalo no prédio de
baconas.





O comissário quer enquadrar Guiomar por agressão e o resto da encrenca. Mas o velho, pelo caminho, no camburão, já perdoava e quer as pazes. Mente que caiu no banheiro e o arranhão não dói.

A mulata recebe o livra-cara com uma careta de nojo. Vão os dois, de braço dado para dissimular, no banco de trás de um táxi. Ao curativo e às chapas no Souza Aguiar. Mal entram na Bento Lisboa, Guiomar solta uma praga:

— Bunda mole, chupador!

Batistão alisa, atura, pede calma. Ela mostra a esfoladela no antebraço e continua xingando a mãe.

Fica encolhido e no Largo do Machado tenta beijar o ferimento, dizer que não foi nada. Toma novo esporro. O motorista ri.

Uma madrugada, acho Guiomar no Lido. Meio bêbada, cambaia saindo do Alvorada e sapecando um escula no trouxa que a acompanha. No que me viu, dispensou o gajo. Começa me lacrando que o corno velho está em Brasília. Maneirei:

— Que é isso, comadre?

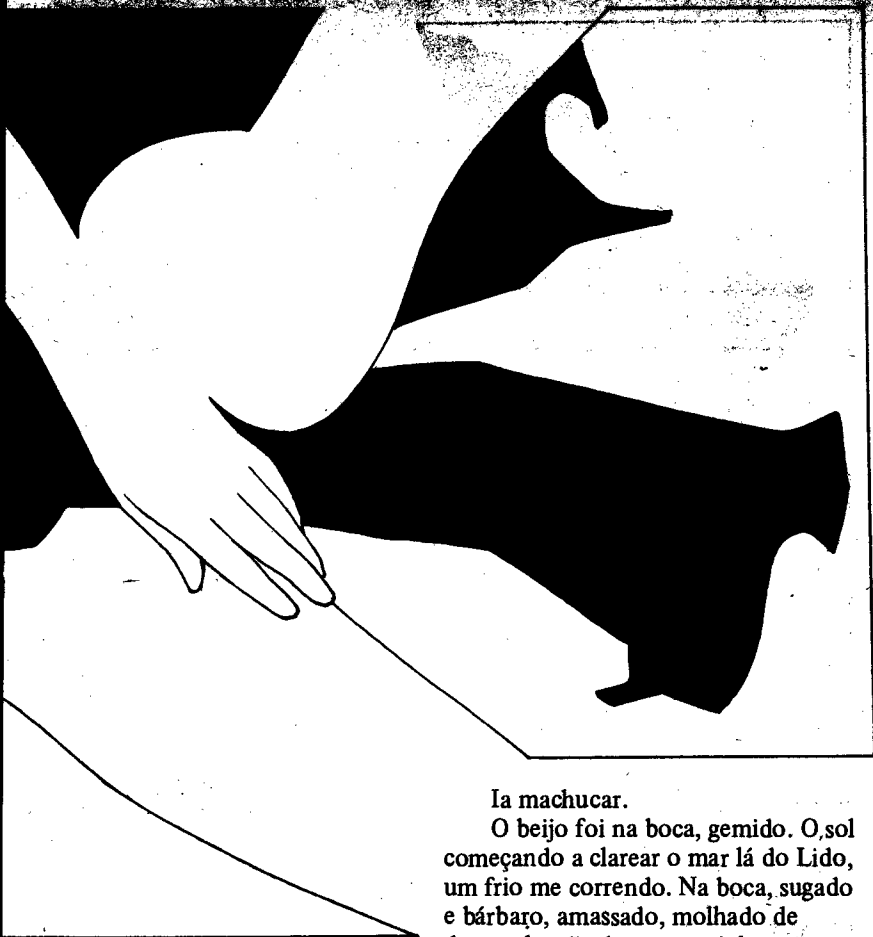
— É isso aí.

Guiomar remata que comadre é a madrinha dos meus filhos.

Aí, sorrimos.

O que aquela criança estava vendo num sujeito como eu, enorme, quase dois metros, com vinte anos de janela, os cabelos pintando de branco? Despistei, ainda. O velhão lhe dava a vida e um daqueles não se arruma todos os dias. Devagar com o andor. Cortou rente — tinha nojo de Batistão. Mijava na cama.

Atento na guria. Fala a minha fala, malandrecia; tem lenha e dengue esta coisa nos junta — vivendo de otários, na humilhação e no vexame tendo de suportar as vontades para levantar o tutu dos trouxas, a gente



na bronca dessa raça. Diferença séria, nada; enrustida, represada. Quando a gente pode e não depende, eles que têm de fazer as vontades, uma a uma. Aliadas. Pudéssemos, seriam esfoladós os. Todos e sem pena.

Atiçava um homem. Estava aí: gente minha, eu estava sentindo o prazer. A provocação ia em frente, esperando resposta, me jogando que o turista a deixava em falta. Graça no modo de cabeça, uma menininha. Seus olhos nas pernas, nas ancas. Um dos seus dedos bulia no umbigo, que a estilista da moda deixava de fora. Então, depois, foi batucar na coxa.

ia machucar.

O beijo foi na boca, gemido. O sol começando a clarear o mar lá do Lido, um frio me correndo. Na boca, sugado e bárbaro, amassado, molhado de durar, chupão de novo, minha mão trazia, passeava, conhecia, demorava, a brisa da matina batendo e levantando folhas secas no chão da Praça do Lido.

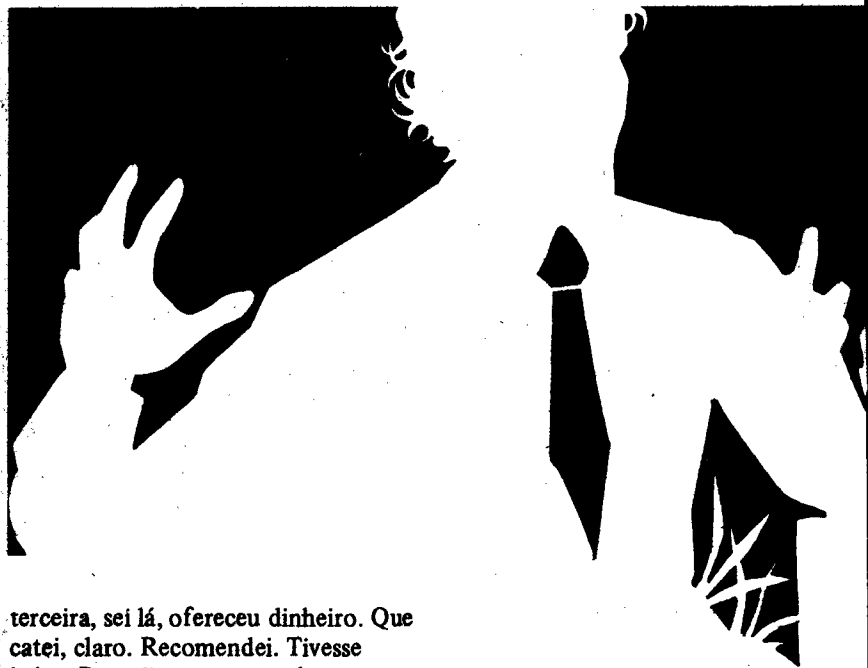
Joãozinho da Babilônia, apesar de falado, sabe só uma coisa na vida. E bem. Acho que não aprendi outra — lidar com malandro, trabalhar otário e adoçar mulher da vida. Quando Joãozinho quer, cuida como princesa.

No hoteleco, a ponta dos dedos me correu o peito:

— Vida, paizinho.

— O neguinho não toma conta de mim.

Andamos uma vez, duas, na



terceira, sei lá, ofereceu dinheiro. Que catei, claro. Recomendei. Tivesse juízo, Batistão era um cavalo, mas zangado e enciumado, metido a homem, vivia coberto de mauser. Ficou tiririca, tornou a ralar, de tom mudado:

— O neguinho não toma conta da mamãe.

Mas não foi isso. Foi que na noite, semana sem me ver, com a cara de chorar, machucada, Guiomar passa de carro defronte ao Danúbio. Desce e vem dizer ao pé do ouvido. O hálito quente me roçando a orelha. A vida sem mim não pode ser.

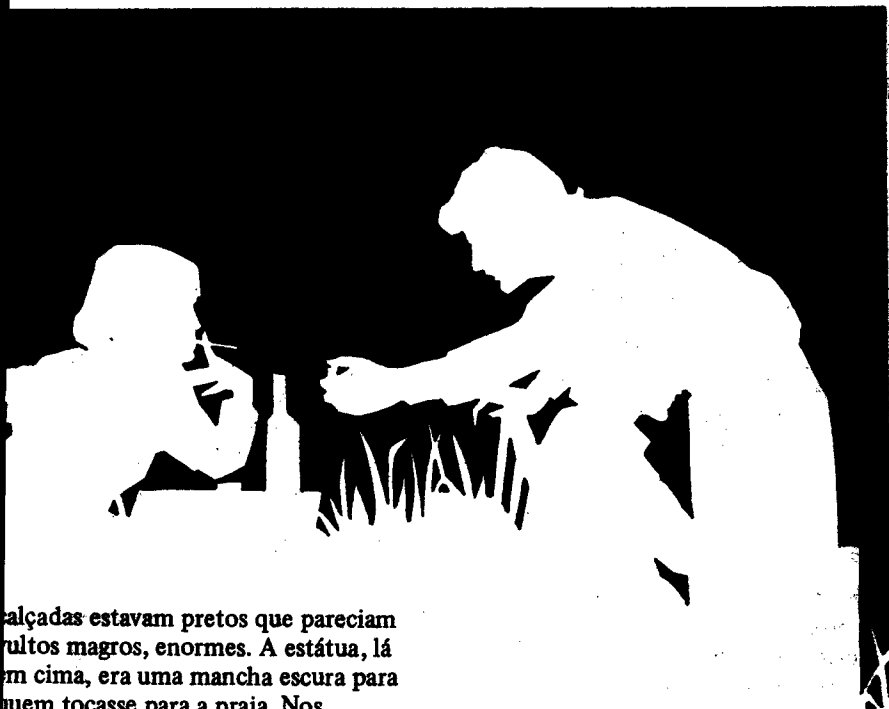
Criançada. Não botava fé naquilo nem jurado de pés juntos. Um cara como este aqui, vinte anos na noite, viu diabo a quatorze. Criançice, fogo de palha. Meti a mina no carro, prometi para mais tarde.

Sossega. O choro serenado; gana moral, joga o cabelo para trás no cabelo bonito de cabeça. Bato a porta do carro. Brinco:

— Exagerada.

Engrosso, engordo uma birra. Gana esquisita fisingando por dentro ultimamente. Pegar de jeito, dar um pau em José Batista Pamplona. Mas pau arretado, de placa, exemplar. Desses de baixar pronto-socorro. O folgado.

Madrugada tinha chegado na Praça José de Alencar e aquele lado do Flamengo dormia. Os autos corriam, poucos, no asfalto que a iluminação clareava mal. Os oitís da



alçadas estavam pretos que pareciam
muito magros, enormes. A estátua, lá
em cima, era uma mancha escura para
quem tocasse para a praia. Nos
apartamentos, nenhum olho aceso;
ninguém na bomba de gasolina.

Havia botequim aberto, um só.
Fui apanhar cigarros.

Flagrei o velho. Bebia sozinho,
último freguês, de costas para a porta.
O garção português, bigodes virados,
gravata borboleta, aguardava para
fechar com o ferro na mão.

Aporrinhado, arriado numa cadeira
nos fundos, quase ressonava. Fui
chegando manso, devagar, no lance de
dar o bote. Batista não me via.

O garção não me via. A noite corria
sem barulho.

Chegando. Podia lhe dar uma
purrada de cima pra baixo, empapucar
a cara balofa no cope e completar

serviço com uma cadeira. O cachorro
não teria tempo de dar à mauser.

Quatro e tanto da manhã. Ele
estava sonado, meio triste ou enfiado,
com explosões de alegria que duravam,
cabeça pendida no vinho. Vontade me
crescendo. Podia lhe plantar um
muquete na cabeça. Ouvi que rosnava
qualquer coisa, de dentro do peito,
quando em quando abrindo os olhos já
ressacados. Provavelmente havia
passado a noite num bordel. Mamado,
chumbado, derreadinho. Onde eu
estava que não lhe enfiava o cacete?
Ficava menor do que era, encolhido
ali. Encorujado. Engrolava na voz
pastosa e sumida. Sozinho:

— Chegou Batista, alegria das

mulheres. Chegou o bom, chegou o dinheiro.

Então, pedi cigarros, paguei, ganhei a Praça.

Dama de boca.

Corro a mão na mesa, olho de viés os parceirinhos. Vou jogar outra vez, de mão. Ganhando alto na ronda, quatrocentas pratas na parada. Agora, tinha de arrumar jeito e desguiar, antes de algum, mais malandro, tentar a forra. Boca quente, estávamos na Ladeira dos Tabajaras, bem no pé da favela, bocada perigosa, esquisita demais. Sair do jogo ganhando, deixando gente mordida, seria arriscar a pele. Mas a maré era grande, ganhava há uma semana. E mais: vacilou, dançou. Encarei os parceiros e atirei:

— Paro.

Não se ouvia um nada. Um mulato correu a mão no nariz, num desaponto. Outro mañou o cigarro e um deles sorriu frio. O de olhos raiados de sangue. Fez, no risinho cínico:

— Já, parceiro?

Maneco do Pinto, dono da mesa, cansou de me tomar dinheiro na ronda. Espreguiçou-se, gordo, nas

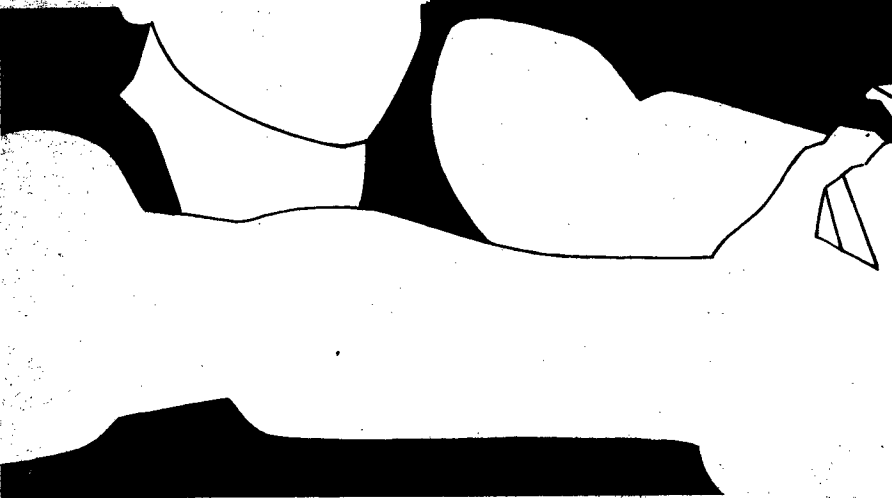
costas da cadeira. Tarde, a gente havia varado a noite jogando. Os olhos dos parceirinhos se abotoavam em Maneco perguntavam. Tarde no barraco, famos às cartas sonados, lerdos, olhos ardendo, tontos de canseira, de fumaça de cigarro. Maneco liberou, cabeça baixa no baralho, os dedos gordalhudos tamborilando:

— Tá no ré, cara. Te manda.

Aparecesse logo mais para a forra.

Dei de olhos nos caras. Ali tinha coisa preparada? No que abotoei a japona, senti a máquina na cintura. Bem. Meti o cigarro no bico, desliguei. O que Deus quisesse. Palavra de Joãozinho da Babilônia não volta atrás.

Iriam me dar um chá. A descida dos Tabajaras escura, um breu. À esquerda, num canto de prédio, nego me campanando. É uma sombra, um vulto, meus olhos não precisam. Luzes só lá em baixo, no comprimento do asfalto da Siqueira Campos. Algum



medo, podia ser cobra mandada. E eu que marquei de dormir com Guiomar. Cinco da matina, céu clarendo, não passava um carro:

— Meu chefe.

Meto a mão no bolso, apalpo o perro. E marcho, firme, faço não ouvir.

— Seu Joãozinho.

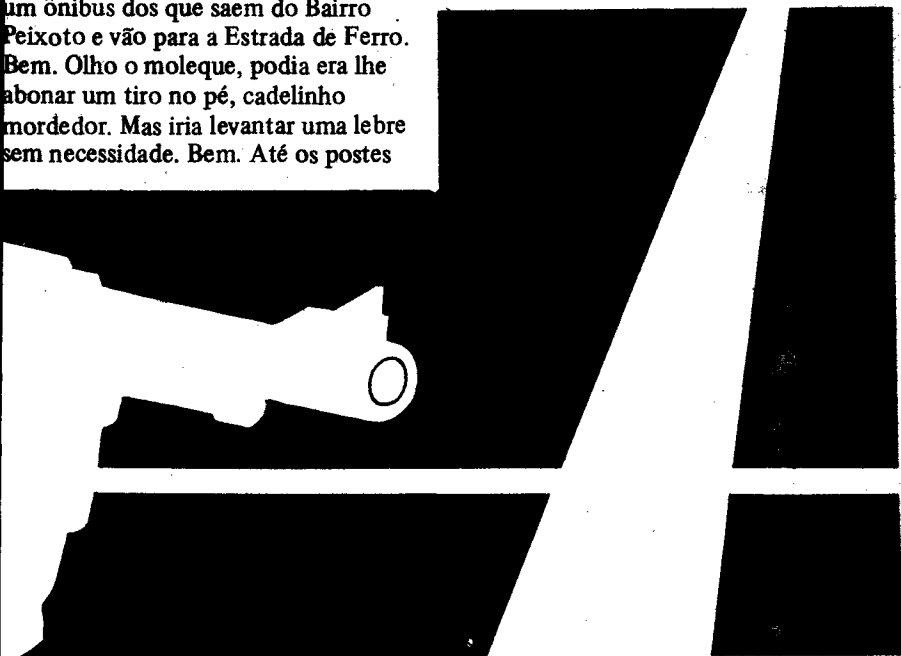
Diabo. Uma hora dessa dar uma dessa. É um molecote, uns treze-quatorze anos. Bermuda, camiseta munda, magrelo, um pivete da curriola de Maneco. Estou reconhecendo o bichinho, naquela cidade já atravessando erva. Vai me dizendo que está roendo uma beirada do penico, tesinho, numa pior de fazer gosto. Bem. A mãe na cama, o pai na cadeia. Ou nem deve ter. Falando que como eu havia levantado uma nota, estava tomando liberdade. Bem. Pede um libra-cara. Quem sabe eu podia lhe abonar com uma nota para as bocas do seu barraco. Lá em baixo, ronca um ônibus dos que saem do Bairro Peixoto e vão para a Estrada de Ferro. Bem. Olho o moleque, podia era lhe abonar um tiro no pé, cadelinho mordedor. Mas iria levantar uma lebre sem necessidade. Bem. Até os postes

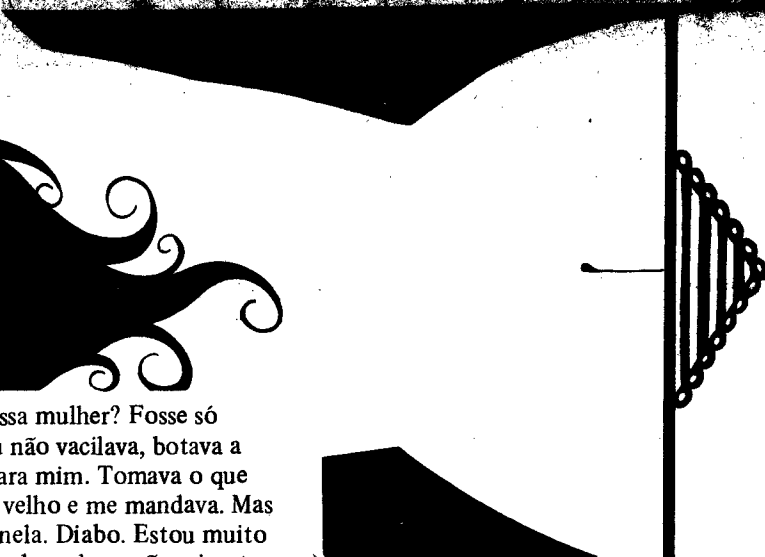

me conhecem na favela dos Tabajaras. E o molecote podia me servir mais tarde. Dá com o meu silêncio, começa a gaguejar. Bem. Engrola que é emprestado e vai devolver. Então, passo-lhe duas de dez. Sigo.

O menino solta alguma coisa, que não pego. Deve estar agradecendo. Diabo. Como resolvo o enroscado com Guiomar? Jogador não empresta dinheiro, dá. Ou não dá. De mais a mais, silencieei; o moleque não terá mais peito de suplicar outra vez, no futuro. Batistão, balofo, vermelho de beber, apalpa as michelas do Danúbio e entorna bebida francesa. Depois, dá um espetáculo na pista de dança. Falo com a mão no ar:

— Esquece. Isso morreu.

E chega em casa mijado, quando chega. Cato um táxi, em vez de me enfiar num ônibus para a Estrada de Ferro, peço a Lapa. Vou comer um bagulho antes de Guiomar, no hoteleco da rua do Resende. Onde é





que enfio essa mulher? Fosse só bandida, eu não vacilava, botava a trabalhar para mim. Tomava o que pudesse do velho e me mandava. Mas acho graça nela. Diabo. Estou muito putado dentro das calças, não sei se toco para a rua do Resende, se como no Capela ou torço tudo, esqueço, desguio para a Central. Menina, pintando os dezessete anos e tinha um borogodó.

Esses morros por aí são umas misérias. Quando ganho no jogo me vem a vontade de ser bom, prestar favores, ajudar algum merduncho da vida. Uma vontade que procuro empurrar logo para fora de mim. Sou um homem com mulher honesta, uma filha, onde é que Guiomar vai entrar? Fosse um cabra sarado, um boiquira, um ponta-firme e tirava essa mulata da vida. Encarava Batistão, enfrentava. E daí? A mulher é minha, qu'eu tomei. Tem mais: em vida de marido e mulher ninguém meta a colher. Quer guerra? A sua é mauser, o meu é 38.

— O neguinho não toma conta de mim.

Logo me vejo fantasiando machezas. Tapeio-me, então, com uma certeza; não passo de um leão-de-chácara, o Joãozinho da Babilônia, porteurinho chué do Danúbio que levanta algum no jogo, quando a maré

é de sorte. Não posso ter mais de uma família. Pela janela vai me batendo vento na cara e, quando pegamos a praia, olho o céu e vejo o dia, que será de sol. A japona está incomodando. De chorrilho, multiplicando, mordendo um tufo. Seis milhas de lucro em menos de uma quinzena. Joguei, joguei de mão e belisquei. Havia dobrado capital na ronda da Boca do André, lá no Estácio. Voltei, ganhei três noites. Os parceirinhos estranhando a onda de sorte, me vendo de lado, triscado, canto dos olhos, sem bandear a cara. O velho gosta dela? Largava o lucro em casa, metia no fundo do baú velho, lá com a mulher em Madureira. Descia para a cidade com um capitalzinho, dava filhote. Estava rezado?

Guiomar não pára quieta.

— O neguinho não toma conta de mim.

Penso umas coisas da vida. Quando menino, no Morro da Babilônia, a gente brincava com os cachorros, jogava-lhes pedaços de carne amarrados a uma linha forte, branca; o bicho engolia e a gente

...uxava. A carne voltava do estômago. Bicho estúpido, queixo duro. A gente jogava de novo, eles vinham bocanhar. Aquilo devia doer. Ela tira a roupa e seus pêlos ficam mais pretos. Dezesete anos, uma parada; e me dando algum na mão, para o paizinho, chamando de machucho na cama, agrado; apesar dos cabelos brancos, diz que sei dar o recado. Batistão gosta dela? Alivio a grana do velho mijão. Deve sobrar grana. Rezado? Nada. Maré de sorte é isso. Nadar de praçada, estraçalhar, ganhar de chorrilho, aprontar façanha, tomar mina do alheio, perturbar, ganhar outra vez. Dezesete anos, não chega à altura do meio peito, porreta nos agrados, mulher. Guiomar, apesar da idade, tinha tanta coisa para me ensinar na cama que eu perdi o tempo.

Aí, eu era impossível no morro e fiquei Joãozinho da Babilônia. Olho o taxímetro correndo na bandeira dois.

— Chefe, pelo túnel Santa Bárbara.

A patuléia, a ratatúia, a curriola, a patota se arruma no Capela. A gente boa.

Quase seis da manhã. O Capela ainda ferve na Mem de Sá, restaurante em baixo, inferninho no primeiro pavimento. Aquilo aninha uma cambada bem sortida a esta hora, um dos poucos pontos do centro da cidade onde a maioria se conhece na misturação — marafonas, bandidetes, travestidos, jogadores, gente da noite, da polícia, picaretas, jornalistas, velhos, gente descarrilada, otários, coronéis, safados, cafetões, homens fanados e com sono, bêbados — da gente abonada e alegre na bebida aos merdunchos e bicões da noite, sentados, encolhidos, esfomeados, tesos, sem pedir nada e vendo os outros comerem.

Mulher entrando e saindo, sassaricando para os homens, fazendo fricotinho, subindo ou descendo da boate para o restaurante pela velha escadaria de madeira, remexendo os corpos, piscando os olhos pintados, chamando, torcendo as caras cansadas, empetecadas de pintura, que às primeiras horas do dia começam a desmascarar sem pena.

Aqui, o mais bobo acende o cigarro no relâmpago.



A porta de vidro do Capela abre, fecha, abre. Um formigueiro. Guiomar me esperando no hoteleco. A porta não tem sossego. Passa-me a idéia besta, tirava a mulata do velho, arrumava uma casa no subúrbio. Talvez desse pé, só quarto e cozinha, a maré é de sorte. Diacho, Joãozinho da Babilônia tem janeiro na noite, não se ilude feito um menino. Estou pegando amizade.

Logo rio, baixo, cínico no canto da boca, engolindo conhaque e mordiscando pão, enquanto a comida

não vem. **Batuto no copo.**

— Ao enterro do sabido vão quatro viúvas. Uma não conhece a outra.

Um crioulinho sustenta um peso no braço esquerdo, de encontro aos rins e vem que vem curvado. Mas anda rápido, arisco, varando a manhã. Com os seus jornais, entra no Capela e grita o nome do primeiro matutino da cidade.

Compro e esfrio na primeira página. Um frio na nuca, um afogo na barriga. Depois, amargo na boca. Acima das letras pretas, enormes, a cara de Guiomar tirada do retratinho do documento. E eu que nunca botei fé no ciúme de Batista. A vontade me bateu quente, no começo, num sofoco. Levantava, saía de mesa em mesa no Capela, gritava para a cambada que foi ele, o velho, o cavalo se metendo a macho. Soquei a mesa e o conhaque voou.

Mas fico, sem fazer nada, numa ponta da rua do Resende. Os ônibus comem a manhã e os rádios de pilha tocam músicas caipiras. Tinha um caído bonito de cabeça para trás e para os lados, me ficava pequena, menina que não chegava à altura dos ombros.

Encho as bochechas, sopro, o bolo do peito diminuindo. Procuo cigarro. Estou ligado — fosse ao hotel, daria uma pista aos ratos da polícia. Aparecesse no Instituto Médico-Legal, ali pertinho, os homens me iriam pensar. Contasse direitinho o meu interesse pelo presunto.

Primeiros pardais passam entre os oitis da Mem de Sá. Vai ser dia de sol.



EU SOUBE
QUE TUA GAROTA
ANDA DANDO
O RABO...



Renato

AGORA VOCE GANHA

Cr\$ 5.000,00

PELO SEU CONTO ERÓTICO!

Escritores e jornalistas, a postos. Nomes já consagrados ou a revelação de novos valores no maior concurso do gênero!

O CONCURSO PERMANENTE DE CONTOS ERÓTICOS já distribuía *anualmente mais de 500 MIL CRUZEIROS EM PRÊMIOS, através da publicação de centenas de contos nas revistas PETECA, ROSE E CONTOS ERÓTICOS.* Agora o concurso dobra a parada, *mais de UM MILHÃO DE CRUZEIROS, ANUALMENTE, EM PRÊMIO!*



Regulamento

- 1) Todo conto enviado deverá conter um mínimo de 3 laudas e um máximo de 8 laudas datilografadas em espaço dois. Não aceitamos trabalhos manuscritos.
- 2) Juntamente com o conto, envie nome completo, CPF e endereço, além da idade e alguns dados pessoais.
- 3) Em caso de publicação, você receberá a ordem bancária diretamente em sua casa. Por essa razão, é imprescindível que você mande nome completo, endereço correto e CPF, a fim de que possa receber o dinheiro. Você pode concorrer todos os meses e com quantos contos quiser.
- 4) Envie o (s) conto (s) para: CONCURSO PERMANENTE DE CONTOS ERÓTICOS - Caixa Postal 1716 - Curitiba / Paraná / CEP 80000

Mensalmente em todas as bancas



Ele!
Ela ...
Ele & Ela ...
Ele & Ele ...
Ela & Ela ...
Você!

Marcar /
conquistar
e amar

de ponto de encontro

Uma revista trissexual

Como superpostar/sua peça vai gozar pra mais de metro!

Superpostar gigante da garota
a mais linda do ano
1 metro e 20 de altura
meio de largura.

o tamanho quase
atural e numa pose
orenatural, pra
ca colocar em
o quarto, ao
do da cama,
curtir o mais
licioso
ual do
undo!



Peça de
seu poder
gigante,
por apenas
Cr\$ 890,00,
em cheque
ou vale
postal. E você
receberá o
Superpostar
em sua casa
num tremendo
canudão de
fazer inveja, em
embalagem
inviolável, sem
nenhuma despesa. Preencha
já o cupom
abaixo,
anexando
cheque
ou vale
postal.



RESTAM POUCOS EXEMPLARES!

Não querendo recortar a revista, copie os números e envie este cupom.

Rua Jordânia, 411 - V. Centenária - Curitiba - PR - CEP 81.171-176 Código: 1571
Fone 266-5033-Curitiba - PR - CEP 81.171-176

Gratuito
Gratuito

Se quiser, envie este cupom com o pedido, junto com o cheque ou vale postal no valor de Cr\$ 890,00, para receber o exemplar do Superpostar da Peteca, em canudo de papelão duro, em embalagem inviolável.

NR

CEP

HOT GIRLS

CONTOS

EXCERPTOS

Textos abordando o cotidiano das ruas, num orgásmico coquetel de palavras...

UM MEMÓRIA
O homem nasce
como criança e pe
lábios da a sa criança

TADEU E A MAMBOSA
A moça simples do subúrbio
a mercê das
garras de um gordo...

ÊN
de um j
r penetra
prazer...

**mensalmente
nas bancas...**



**mulheres, informações e mil
transas pra você "gozar" a vida!**

um desbunde total!!!

HOT
GIRLS

Apresenta...

CONTOS excitantes

Editor:

Joseph B. Abourbih

Diretor de Arte:

Tony Fernandes

Diretor de Projetos Editoriais:

Paulo Hamasaki,

Produção Editorial:

Fausto Kataoka

Diretor de Redação:

E. C. Brasiliense

Colaboradores:

André Carneiro

Alberto Soares

Alex Pinus

Carlos Araújo

Carlos Magno

Érika Rosbergh

Gonçalves Coelho

Hélio Bitannicus

Jorge Fischer

Leila Barata

Marina Amorim

Silvana Pimenta

Orlando B. Garcia

CONTOS EXCITANTES é uma publicação mensal da **NOBLET, EDITORA E DISTRIBUIDORA Ltda.** — Redação, Administração, Publicidade e Correspondência: Rua Almeida Torres n.º 119/163 — Fone: 278-6152 — Caixa Postal, 15.181 — Código Postal 01530 — São Paulo, SP.

Todos os Direitos Reservados.

Os artigos assinados não refletem necessariamente as opiniões adotadas pela revista. Todo o material enviado para apreciação dos editores não serão devolvidos, mesmo quando não publicados.

Composição: Linotipadora Lino-Jato S/C Ltda.

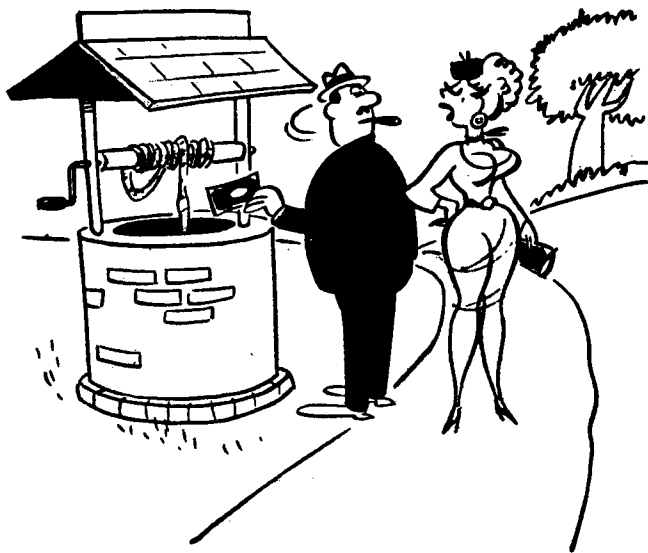
Impressão e acabamento em oficinas próprias.

Reg. no D.C.D.P. do D.P.F. sob n.º 1959 — P. 209/73





Ele acabou
se decidindo.
Pedi para eu
ser a amante dele.



Se você der o dinheiro para mim, seu desejo se
tornará realidade.

MARGINÁLIA



Você sabe, malandro: quando po-
ho umas pesadas na cuca fico muito
puco, não tem Cristo que me segure.
Eu bandeira e sou mais poderoso que
Obatalá, é tudo comigo. Pois aquela
noite eu descia a Borges muito emba-
do quando dei de cara com a mo-
ena. Podes crer, xará, eu vinha numa
luvem cor-de-rosa. Já tinha perdido
conta dos birinaites derramados na
esquina Maldita, no Leblon, no Luanda
Far; havia, depois, enrolado coisas
com a Darlene e o Jaca na Redenção.
Frocando em múdos: eu estava na
maior pinel. Estava na maior e dei de
cara com ela.

Gostei do seu jeito faceiro de ca-
ninhar, a bundinha bem empinada e um
veve gingar de ombros alcagüetando
malandragem que morava naquele
corpo. Sou ligado em morena, xará,
acou? E aquela ali, bem empacota-
dinha no jeans colante, na blusa que
deixava os braços nus, não era de se
pogar fora. Fui conferir o lance de
certo: deu coluna um.

Perguntei se ela estava a fim de
derrubar umas comigo. Ela continuou
amanhando e, mesmo de esquelha,

saquei que me tirava um fiapo de alto
a baixo. Aí, deu uma de bacana:

— Como é isso, derrubar umas
com você? Que tipo de proposição é
essa?

"Tá gozando comigo", pensei, en-
quanto olhava a sua bundinha de ma-
cinha doce, perfeitamente redonda, re-
bolando indócil no partidouro de brim.

— Seguente: estou me sentindo
muito solitário. Queria transar um pa-
po com você. A gente podia derramar
um Campari ali no Adelaide's e con-
versar um pouco escutando sambão
ao vivo. Topa?

Ela fez um ar de dúvida e entrou
na Salgado Filho. Eu atrás. Quando
chegamos à Doutor Flores, os sons da
orquestra do Atlantic Bar chegaram
até nós, de mistura com o inferno das
buzinas, escapes, arranques, os pala-
vrões dos motoras ensandecidos por
um trânsito sem explicação.

— Não sei qual é a tua — disse
ela.

— A minha é curtir uma trova, tu-
do numa legal. Não sou de forçar a
barra.

— Isto é você quem diz.

— E digo certo — retruquei. —
Só quero conversar um pouco, trocar
figurinha.

— Tá legal — ela concordou por
fim. — Mas se hobéia, dá trenenéia.



Peguei-a pelo braço e, ao conduzi-la, sentia nos dedos a tepidez daquela carne nova, o resvaladiço da pele — e é aí, garotão, que a gente distingue a fêmea das minas comuns. A Fêmea possui uma pele que, ao tato, parece banhada no mais suave óleo de oliva, como uma rainha bíblica. A palma da mão da gente vai deslizando naquela superfície lubrificada, morna e úmida como pele de coxa — mas, vai-se olhar, é uma pele perfeitamente normal. Apenas aquela sensação de leve aderência, leve calor, leve umidade. É a Fêmea no cio. Não o cio de estação, ocasional, temporário e condicional, mas o cio perpétuo. Por isto, o tato é um sentido a ser exercido de imediato sobre a mulher. O amor, meu chapa, deve ser experimentado pelos cinco sentidos. A visão, a audição, o olfato, o paladar, o tato. É provando a fêmea, apalpando-a, sentindo os seus perfumes secretos, ouvindo-a gemer, ciciar, ganir como uma çadela, vendo-a nua em cada uma de suas qualidades e defeitos, mordendo-a e beijando-a da cabeça aos pés para saber o gosto da sua carnção — é só assim que você sabe o tipo de mulher que vai comer. O resto é brincadeirinha de papai-e-mamãe.

Conduzi-a ao Adelaide's e lá enxugamos umas e outras, enquanto can-

tavam o Samba de Orly. Conhece o Adelaide's? Não? Pois devia. Que barato, nêgo! É a própria casa de irene. Todo mundo bebe, todo mundo canta, todo mundo ri. Tem nêgo pulxando jereré no escurinho, cada mina que vou te contar. Dê vez em quando pinta por lá alguma entendida. Mas afora isso, jóia.

Dali fomos para o Hotel Phoenix. Você sabe onde é, já te vi pintando naquela boca com uma mina embardeirada. Lá, só os corôas renascem dos cinzas. A gente, que ainda está na panca, não: consome-se junto com o fogo. Enquanto subíamos as escadas — ela na frente — eu observava o motor de popa. Duzentos e oitenta erre-pê-eme, cara! Um verdadeiro motor de Wallita! Fiquei de bochas incendiadas, antecipando o prazer prometido por aquela carne prá mais de metro.

O quarto era como todos no Phoenix: acanhado mas limpo. Na parede um telefone condenado à mudez perpétua, e miniaturas de sabonetes no banheiro. Apaguei a luz central, deixando acesa apenas a do abajur, e comecei a despí-la. Primeiro a blusa depois o sutiã. Olha, cara, acho o sutiã a mais rebarbativa peça da indumentária feminina. Cheira a prisão e a borracha ardida, a seio prisioneiro a leite coalhado, sei lá. Devia ser condenado, abolido, proibido por lei. As mulheres deviam usar clâmides como as gregas, e, por baixo delas os seios soltos, pululando livres e fauceiros como dois cães lebréus.

Quando arranquei-lhe o sutiã os seios saltaram, brancos, para a liberdade das minhas mãos. Comecei a beijar com desespero os grandes crespos botões que se destacavam como rosas em campo de neve. Ela pediu quase num lamento:

— Morde, Teteno! Aii... Morde mais... Machuca!

A terra estremeceu em erupções de apocalipse em minhas entranhas corria em minhas veias a ardência da lava aflita. O tempo desabou, deixou de existir: havia apenas um gigantesco gongo soando na eternidade e, acima desse clangor, a voz gemente preenchendo o vácuo, preenchendo a vi-

pedindo que eu mordesse mais, sempre mais, cada vez mais. E a sensação de poder, a glória sangrenta do lobo sobre a ovelha, a invisível do sexo a exigir como uma escravidão faminta, e o mapa-mundi dos seios e me apascentavam, minha mãe cum!

Estávamos nus sobre a cama, e também a cama gemia, suas vértebras de madeira estalavam, seu ventre de puma plástica contorcia-se sob os remessos do amor, e morde mais Teteno, e Teteno mordida, e mais ligeiramente Teteno, Teteno agitava-se, sentindo e ia morrer de repente, não com um estrondo mas como um gemido, porque é assim que o mundo acaba. De virgem sacrificada, fogo sagrado, adoradores do diabo e do sexo, erguei a sentir — palavra! — cheiro sangue e incenso, e berrei como um minotauro diante da primeira virgem em holocausto.



— Me sodomiza... — gemeu ela,ixinho. — Me sodomiza.

A princípio achei que ela queria dançar. Ergui o braço para derrubar na pauleira arretada mas, de repente, lembrei-me da Bíblia — Oolá e Olibá, Sodoma e Gomorra, e só então compreendi. Virei-me na cama, dando-a de bruços, a luz embriagada abajur a refletir-se na brancura dos lençóis, que pareciam duas lágrimas gradadas a rolar no dorso. Toda ela contorcia como cobra-coral no fogo. Mas, ao primeiro avanço, ela saiu.

— Não vou agüentar! — Seus dentes crispavam-se na guarda da cama, tentou fugir à ardência da penetração.

Mas eu a empunhava pelos quadris sentindo a sua carne fremir, o corpo despreendendo um suor de agonia, até que ela enterrou o rosto no travesseiro, abandonou-se toda e começou a chorar. Senti que, para ela, foi como se houvesse perdido a sua segunda virgindade.

Eu estava muito loco, xará. Adivinhei que ia desmanchar-me como uma lesma no sal — líquida explosão de vísceras, ofego bestial que fendeu as paredes do quarto. Sucumbi. Como um saco vazio, caí sobre a morna estertorante. Depois, o abandono dos corpos. Minutos brancos a deslizar com mansidão sobre um quadrante irreal, suor, sonolência. Olhei para ela e vi que o rosto, ainda rorejado de lágrimas, iluminava-se em um sorriso. Adormeci.

O sono é uma bosta, cara. Enquanto você dorme, os outros conspiram. Você está num bode, de olho fechado e, quando acorda, o chaveco tá pronto. O diabo arma uma cama-de-gato para você. Não sei quantos minutos dormi. Mas, ao acordar, não a encontrei ao meu lado. A abajur estava apagado, uma nesga de luar iluminava os lençóis amarfanhados, ainda úmidos de suor. Ergui os olhos e vi-a, completamente vestida, diante da janela entreaberta. Ela olhava angustiada para o precipício da rua.

— Qual é que deu? — perguntei.

Ela fixou em mim uns faróis vidrados e ergueu o punho, sacudindo-o à altura do rosto.

— Eu estou louca, Teteno! Sabe o que é louca? Sou eu! Sou eu...

— As lágrimas começaram a rolar, sua boca contorceu-se num esgar de peixe fígado. — E eu não queria, Teteno... Não queria ficar louca...

"Epa opa!", pensei, e ergui-me de um salto. Chorando, ela gritava que não havia ninguém mais imunda nem mais louca do que ela, era uma pobre, uma pequena burguesa efe-da-pê, uns baratos assim. Fiquei com medo de que o porteiro escutasse aqueles fados muito locos e viesse dar bronca.

— Quem sabe a gente sai um pouco? — Sugeriu. — A noite está tão bonita lá fora.

— Vamos. Vamos sair e beber, que eu não agüento mais. Para agüentar a mim mesma, só bêbada.

Vesti-me às pressas e saímos. A orquestra do Atlantic continuava furiosa. O vento trazia um som de música englostorada, velhos bolerões de Gregorio Barrios cantados com voz de barítono por um cantor presumivelmente negro. Entramos. Cheiro de suor, de perfume, de bira e de paraguaiá queimando solta nos escurinhos. A maior parte do pessoal tinha ido embora, de modo que pudemos escolher uma mesa perto da orquestra. Pedi um Cave D'Aubigny. Depois da terceira garrafa ela começou a trovar. Caso batido de marido no estrangeiro e ela ali, esperando, fazendo a cama para desarrumá-la sozinha, a carne em rescaldo, procurando apaziguar-se na bebida, cada vez mais. Até que surgiu o primeiro homem.



— Um negrão — disse ela, e encarou-me, tentando surpreender minha reação.

— Corta essa, morena. Negrão ou branco, é tudo a mesma coisa.

Ela baixou os olhos.

— Tive outros homens depois dele. Teve um que me obrigou a dormir com ele, dizendo: "Se você dá para o negrão, por que não vai dar para mim? Se não der, eu mando uma carta para o Joel na Europa e conto tudo. Já viu a zorra que vai dar quando ele estiver de volta, né?" Que coisa horrível! Fiquei com medo e dei.

Esse homem era meu cunhado. Obrigou-me a praticar a felação, dizendo que não queria sujar aquilo que, por direito, era do irmão dele.

Olha, malandro, nessa altura todos os cristais se espatifaram dentro de mim. Comecei a notar que ela tinha pés-de-galinha, o nariz era comprido demais e a boca assemelhava-se à de um ciclóstomo; havia uma papada sob a linha fugidia do queixo, fios de bico gode margeando a boca de ventos dentes irregulares. Você saca, não? A decepção faz a gente exagerar os defeitos das criaturas. Mas continuei sentado. Sempre gostei de ver a mulher arder até o fim.

Ela secou as lágrimas com o dorso da minha mão e tornou a encher de copos. Dois **black power** ao microfone — o da voz englostorada cantando infatigavelmente seus bolerões, outro acompanhando-o na viola. Enquanto bebíamos, uma luzinha se acendeu no fundo dos olhos dela. Olhos sedentos e implacáveis, fixos no cantor cuja cabeleira era uma massa flutuante acima do microfone.

Veio outra garrafa — e a luz impertinente continuava a velar os olhos rasgados. Ela acompanhava todos os gestos do cantor, comia-o com o olhar. Eu conversava banalidades, fingia não estar notando. Mas não sei o quê, négo. Comecei a sentir-me deslocado, o cheiro das axilas pareceu-me de repente insuportável, o ar carregado de fumaça dava-me náuseas e náuseas ainda aquela estória malcontada de cunhado forçando cunhada.

Os dois passaram diante da nossa mesa e não me surpreendi quando a voz dela rasgou o vapor:

— Oi, cara. Chega um pedaço, venha tomar um vinho com a gente.

O cantor aproximou-se, o riso mostrando um perfeito teclado de piano. Fez uma mesura e falou:

— Minha senhora, estou acompanhado pelo violonista. — E, dirigindo-se a mim: — Mas, se o cavalheiro permite...

— Tudo bem — disse eu, com um gesto largo. — Fiquem à vontade.

Apresentaram-se com muito formalismo e começaram a trovar, a atar

o de ambos voltada para a morena. Quando em quando jogavam-me um ar no qual eu vislumbrava uma mais-farçada ironia. A morena falava música popular brasileira, era Caracará cá, Martinho prá lá, dê-lhe deia e Paulinho da Viola pontificando sobre todos. Tinha bom gosto, morena. Mas nem um jota sobre Ketti, Chico Buarque, Edu, Vandrê. O me irritou. Os dois entreolhavam-se e sorriam, sem saber como encabeceves Mejía, Barrios e Agustín a no papo da morena, que durou os quatro garrafas de D'Aubigny e a de Jolimont. Eu ali no bico, acamando tudo, apenas beliscava o coço. Mas eles mergulhavam cada vez mais fundo.



Saquei o desfecho que a coisa ia dar e compreendi que era necessária a minha intervenção para modificá-la. Os garçons varriam o salão, empurravam cadeiras e, de quando em quando, lançavam para nós olhares sorniosos. Você sabe que não sou forteiro. Meu negócio é outro, não tenho mão-leve prá chorrear crocodilo vivo. Mas desempenho um pouco, dá para o gasto. Os garçons haviam sumido por trás do balcão. Passo o braço esquerdo pelo ombro defingindo interesse. Com a mão direita fui abrindo o fecho da sua bolsa. Cagar, bem devagar, fiz lanceta na peleira dos pilchos e tornei a fechar a bolsa. Depois levantei-me, pretextando ir ao banheiro. Eles nem água,

tão enrolados estavam na própria trova. Aligeirei-me na direção da saída.

Na rua soprava uma brisa fresca, os últimos vapores abandonaram a minha cuca ardente. Dos arbustos que dividem a Salgado Filho eu tinha um ótimo posto de observação e ficava perfeitamente oculto. Na esquina, um táxi apanhou passageiro e saiu roncando como um gato pardo. A rua ficou deserta, iluminada apenas pelo olho de vidro da porta do Atlantic Bar. Eu, esperando.

Minutos depois uma gritaria veio de lá. A porta abriu-se para despejar a morena, que cambaleava. Atrás dela vinham os músicos. Na calçada ela voltou-se para eles, chorando e gesticulando:

— Vocês me roubaram! Quero o meu dinheiro de volta.

O violonista deu-lhe um empurrão, jogando-a de encontro a um aviso de estacionamento proibido.

— Tá nos chamando de ladrão, piranha? Teu branco é que se espionou sem pagar a conta, sacou? Deu o pirulito e te deixou numa pior. Pensa que somos otários?

— Que vergonha, que vergonha! — ela escondia o rosto entre as mãos para chorar.

— Não faz esparro! — disse o cantor, e deu-lhe um tapa no ouvido.

— Não dá em mim — ela gemeu.

— Eu não vou dar — do meu esconderijo, vi os dentes dele branquearem na escuridão, em um sorriso maldoso. — Você é que vai dar. Para dois.

Vi também quando eles a pegaram pelos braços, arrastando-a para um hotelzinho imundo que existe defronte ao Atlantic, muito usado pelas minas que batem bolsa na Salgado Filho.

— Tetenó! — gritou ela sem saber onde eu estava, mas logo o cantor deu-lhe outro tapa e os três corpos sumiram na escuridão do hotel. Deixei passar um minuto. Depois acendi um cigarro e saí à procura de um táxi. A vela havia ardido até o fim, eu me sentia vingado. E, por falar em cigarro: me alcança um crivo, meu camarada.

UM MENINO



EUGENIA CECILIA BRASILEIRA

Solto. Sem vínculos, lastro, origens, teias. Feliz, avulso. De onde veio ninguém sabe. Talvez porque as coisas lindas nunca nascem, surgem anônimas do imponderável.

Dormindo, foi achado na praia. Sorriso-criança, sonhando colorido.

Depois de rolar sem tréguas pelos ermos, burocráticos orfanatos sem ternura, emprestado-devolvido, várias vezes, findou num "Atelier" da Nova Barão, pequeno em dimensão, intenso em solidão, repleto de telas vazias e obscuras ausências.

II

André. Casado por comodismo, talvez masoquismo. Seus traços lembram Alain Delon: belo, macho, sensível, e a responsabilidade da pobreza embaçando o talento. Dorme o dia inteiro e à noite pinta. Ninguém sabe o quê, mas pinta.

Casal caótico, paradoxal, incoerente.

Mafalda é disparate único. Primo-gênita mal acabada e antidiluviana de

um importador que de repente adou bilionário.

Comenta-se no meio atacadista e o velho Benevides andou avariado com cebolas abstratas. O "Seguro" caiu em cobrir o prejuízo.

Quando a feíssima Mafalda pesou André, o velho concedeu folga à vinice. Comprou mansão colonial Morumbi, Mustang para o genro, cel para a filha. Analogia?

Depois veio o "Atelier", sociedade na Importadora, viagem ao Exterior.

Tudo vinha fácil, menos filho. Taram, insistiram, no escuro. Sem sem luz. Nada.

A mulher freqüentou macumba, tomou banho de defesa, usou André lua cheia em homenagem a Yemanjá. Inútil.

Chegaram a comentar que era só alérgico. Secreção vaginal-ácida (aliás da mulher toda ácida). acreditou. A culpa recaiu sobre o marido.

André submeteu-se à insensibilidade. Ordenaram espermograma. Fez. "positivíssimo" — disse o técnico.

Começaram a cogitar na possibilidade de inseminação. Fizeram. Um mês depois, houve rejeição. Não deu certo, pois este não plantou. Ponto morto. Vontade arquivada por desentendimento uterino.

Apelaram para o mais plausível: percorreram Orfanatos, Creches e, como último recurso, a "Casa da Mãe Altaíra". Barreira impenetrável. O mísculo vínculo sucumbiu exausto.

III

O menino espreguiçou na areia. Entre as estrelas últimas aos poucos amando e abanou a mãozinha num gesto puro de fraternidade como só crianças e loucos são capazes de criar perto os guardas. Faltava o mar. Por alguns momentos, peladinho, confundiu-se no verde ramado de espumas.

O guarda mais jovem, sentou na areia, embevecido diante da pureza do instante.

— Olhe — disse ao colega.

— Olhe o quê rapaz? Estou zonzinho e sono.

— Repare a beleza dessa criança... veja... agora abraça a espuma.

— Está fazendo a gente de bobo.

— Dá inveja.

— Esse enjeitado?

— É... se eu não ganhasse tão pouco, ficaria com o menino.

— Não deve ser flor que se cheira. Ninguém quer saber de ficar com ele. Ainda, vamos acabar a festa desse felinho, o pessoal, do Orfanato anda perdido atrás do moleque!

— Larga de ser chato. Nunca foi criança? Senta aí e deixa o menino brincar.

Que fazer senão obedecer e esperar a infância furar as ondas?

O menino saiu do mar e sempre sorrindo, estacou diante dos guardas, sacudindo os negros cabelos. O resmungão gritou:

— Põe a roupa! Não tem vergonha de andar pelado na frente dos outros?

— Vergonha? — Seu olhar era só interrogação.

— Isso mesmo, sujeitinho desavergonhado! Põe já esse calção antes que eu perca a paciência.

O menino vestiu-se rápido. Jogando a velha blusinha sobre os ombros ainda molhados, sempre em silêncio, acompanhou-os.

O guarda jovem deu-lhe a mão num ímpeto de proteção e aquele sorriso, de novo, nasceu no rosto do menino.

O resmungão guinchou:

— Estou cheio. Devolve o fujão. Tchau.

O menino, vendo-o afastar-se, apertou mais a mão que segurava a sua.

— Vou voltar?

— Precisa.

— Por quê?

— Não posso deixar você na rua.

— Estava na praia.

— Por que fugiu?

— Rosas.

— Dona Rosa?

— Também.

— Então, não foi à toa?

— Ninguém foge assim.

— Você é um menino estranho.

Devia dar-lhe uns tapas na bunda e estou aqui, feito bobo, batendo papo com um fujão que me obriga a ficar acordado até essa hora doida. Nem queira saber o que me espera em casa!

— Sei, uma mulher.

— Fica uma fera quando chego de madrugada.

— Não vai ficar.

— Ora essa! Você por acaso já foi casado?

— Não, mas ela é bonita, gosta de você e você gosta de mim.

— Não devia gostar.

— Mas gosta.

— Largue de convencimento. Gosto porque é criança, vive jogado nessas merdas de orfanatos, sendo judiado por essas viúvas do diabo!

— Não precisa ter pena, sou um menino feliz. Pode acreditar, nunca minto.

— Conheceu sua mãe?

— Nunca tive.

— Largou você.

— Olha moço, estamos chegando.

— Estamos.

— Não sei seu nome.

— João.

— João, já que você gosta de mim e eu de você, esse fato nos torna amigos, não?

— Parece.

— Não me deixe aí, por favor. Preciso viver, preciso de sol, chuva e mar.

— Vontade não tenho, mas custaria meu emprego.

— Você não gosta.

— Como adivinhou?

— Percebi.

— Espera... deixa pensar.

— Não pense.

— Pode ir.

— Você é bom. Tome isso.

— Que é?

— Não é suborno.

O menino subiu na mureta, concheou o rosto do guarda com as mãozinhas cheirando mar e grudou sua boca miúda sobre os lábios entreabertos de espanto daquele moço tão gente.

A janela do apartamento bateu com indignação e a manhã rompeu mansa espargindo inocência.

João sentiu o gosto de rosa. Passou a conselra. Coração brando, asoblando "Carolina", apertou o passo curtindo saudade. De repente sentiu pena de si mesmo. Sabia. Plantão noturno, sinônimo de Nelinha ralvosa, aqueles horríveis rolinhos, creme amarelo lambuzando o bonito rosto. Preparou o espírito, resignado. A repetição constante doía, machucava. Isto é hora de chegar? Estou cheia desta merda de vida! Pensa que nasci da

pedra? Pensa que vou deixar crateira de aranha? Se não quer falar, tem fila. Só a ralva era diferente.

Sabia que sempre existe alguém procurando uma mulher sozinha. Sabia que Nelinha era só de falar. Cria que ladra não morde. Não morde. Não! Repetia para confirmar. Gostava de sentir o eco da própria voz procurando o quiza inevitável.

Contou nos dedos. Quase vinte dias. E se o cão mordesse? "Aquilo"... não era amor. Nelinha quase sempre acerta. Lembrou-se das aulas de ginástica no Grupo Escolar: "um-dois-três-quatro... por hoje chegou meninos".

O homem sem querer regressava à infância. A definição de Nelinha não era lírica, porém honesta: "ginástica noturna dos sempre-cansados, insípida, inossa, insignificante." — Falta o rótulo: robô 2623 marca registrada três pés. Meu Deus, tomara que não mordesse.

Chegou diante do portão recém-pintado. Cheiro de café fresquinho gostoso. Nelinha devia estar preparando a cena, toda borrada de amarelado. Seria a sogra? Puxação assim só mesmo a velha.

Pisou manso. Na sala, só o cheiro bom. Cenário sem personagens. Nunca mais? Ressabiado, entrou na cozinha e foi preso. Outro beijo doído. Gosto inesperado: café, desejava vida. O cão uivou desta vez. Ceiteza.

Nelinha, toda ela, boca beijando de um jeito faminto, sem palavras. Nunca. Sua outra vez, do homem sozinho, não de ninguém. Viu as rosas. Estremeceu. Lembrou sete anos de brigas. Mas Nelinha era um anjo de boca suja alma branca... não poderia.

— Lindas! Obrigada amor. — Disse Nelinha mastigando a rosa amarela. Repouso de realização. Gosto de rosa no corpo da mulher. A água escura correu purificando os ratos do esgoto. O homem derrotou a máquina.

IV

São Paulo. Praça da República. Trânsito insano, mundo débil.

Mafalda-caniço vestia um Denner. Outro disparate. Denner é mágica.

as não é Deus. A pureza mística
as suas linhas transcendentais era
mulada pela feiura. Mafalda deve ter
do fabricada quando Deus estava
os seus dias de fossa.

André. Sardinha fígada. A mulher
esceu maldizendo o tempo.

O Mustang percorreu ainda alguns
quarteirões.

— Quero rosas — disse André à
orista.

— Quantas?

— Todas que puder.

— Tantas?

— Pode encher o carro.

— Vou embalar.

— Sem fita. Odeio laços.

— Assim feias?

— Você é feia. Rosas sempre são
ndas.

— Para ela?

— Para mim.

— Mesmo?

— Exato. Almoço e janta até vi-
ar flor. Fique com o troco. Você
ão é feia. É sem amor.

— Se soubesse quanto! — disse
mocinha quando André afastou-se.

O menino passava devagarinho, jo-
ando "amarelinha". Pulava engraça-
do, dono da calçada, do mundo. An-
dré absorto. A garotinha na Praça
perrando por um sorvete. Conflitos
de máscaras e epidermes. Calor, chu-
va, sorvete, choro. Gente tentando
viver.

Trombaram. Homem-menino ,brin-
quedo e frustração. Todos os mias-
mas do humano se dissiparam. Emo-
ção, surpresa. Identificação total ho-
mem-criança. Dois pares de verdes
olhos irmãos, dois idênticos.

Intangível levitação renunciou a
derrota do não-ser.

V

André passou a existir. Não ple-
no, porém vivo.

Desvinculou-se totalmente dos ne-
fastos impedimentos: mansão-mulher-
sogro-chato.

Devolveu tudo, dissolveu as socie-
dades: comercial e conjugal.

Fez pintura fabricada: retratos ado-
lescentes de antigas senhoras. Cobrou
alto. Após o nono suborno à deca-
dência, o bisturi retornou à condiçã-
o primeira. Pagou o "Atelier". Sentiu-
se imunizado. O artista germinou na
carne entumecida do homem.

Mafalda, angustiada pelo inespera-
do, mesmo ciente do asco que lhe
inspirava, contratou detetive particular.
Aguardou indócil.

Finalmente chegou o homenzinho.
Contumaz fila-bóia, à hora do jantar.
Depois de ingerir vários uísques, for-
rar o estômago de avestruz na base
do "fricasse", "au gratin" e "mousse"
de morangos, destravou a língua, não
obstante o ruído pouco elegante do
palito de pressão.

— Minha senhora, (outra palitada)
seu marido está morando no Atelier".

— Sei.

— (Chegou o cafezinho). Bem,
madame, todas as manhãs, sem fa-
lhas, "Monsieur" André compra seis
rosas brancas; às 12 horas amarelas;
às 15 brancas de novo e às 19 varia
de cor.

— Rosas? Tantas assim? — em-
palideceu, a voz um tremor débil. —
Deve ser linda! Sabe a única coisa
que me deu? Um papagaio imoral.
Qualquer dia estrangulo o bastardo.

— Quem?

— O papagaio, imbecil.

O licor cortou a revolta. Engoli-
ram muitos. Ficou na sala o perfume
francês surripiado às claras pelo es-
nobe mordomo.

A imitação barata de Sherlock Hol-
mes sem cachimbo, filando também
cigarro, cuspiu a frase ensaiada:

— Perdão, madame, ainda não ter-
minei.

— Fala, diabo!

— Calma, só a morte não tem re-
médio.

— Já sei, anda logo.

— Vejamos... há sete dias mon-
sieur" tem adquirido somente rosas

rubras. Importadas, especialíssimas. (Ênfase proposital). Trinta e duas diárias.

— E daí?

— Recebe-as a domicílio, bem cedo.

— Só?

— Almoço e jantar também no "Atelier". Para uma pessoa.

— Uma só? Certeza?

— Absoluta.

— Então... não tem amante? — O feio rosto resplandeceu.

— Não. Tem um menino. — Os olhos matreiros cuspiam nódoas.

— O quê!?

— Isso que ouviu. Fui claro?

— Some alcoviteiro ordinário! Mor-to de fome, maneta, aleijado, sífilítico filho da puta!

— Pois não madame, vou sumir, fui bem pago, mas quero antes satisfazer uma pequena curiosidade: já nasceu assim ou foi desastre? — E saiu altivo, deixando Mafalda perplexa e desesperada.

O mordomo, há muito espiando, acudiu rápido, disfarçando o riso com pigarros.

— Madame não se sente bem?

— Na pior, idiota. Onde está o velho?

— Deve estar no salão de cinema. Quer vê-lo agora? Vou...

— Não vai. Nós vamos apreciar também. Venha.

— Madame, não fica bem... compreenda, sou um criado.

— Chame os outros. O sol nasceu para todos.

O velhote quase cai da cadeira. Emudeceu. Gesticulava com o dedo em riste. Na tela a podridão colorida.

— São meus convidados. Sentem-se. — Os criados acomodaram-se sem cerimônia. Dir-se-ia, pela igualdade dos reflexos faciais, estarem assistindo "A Bela Adormecida". Mafalda cochichou na orelha do pai:

— André é fresco.

— É o que? — Os olhos presos na tela.

— Deixa o filme, pai, é important

— Diz pederasta, é mais chiqu

— Bicha, papa-crianças.

— Quem não é?

— Tem grilo na cuca, pai?

— Todo dia caviar, enjoa até sant

— Você é nojentto. Que faço, pa

— Desquita.

— Não vivo sem ele.

— Bobice filha, vive sim. Depois compro outro melhor. Mais aliviada

— Quem?

— Sei lá, pôxa, trago aqui voc escolhe.

— Olhou direito minha cara, Bene vides?

— Dinheiro tem cara pior e ni guém rejelta. Vai deitar, filha, amanh a gente conversa.

— André é lindo, pai...

— Também acho. Tchau, durm bem.

— Manda o mordomo levar me uisque.

VI

O desquite seguiu os trâmites legais. Depois da audiência, Mafalda permaneceu alguns minutos no salão do juiz. Olhos fundos, congestionados, rímel borrando o grotesco. Traço de lábio, rebotalho, insignificância. O caudal de lembranças, lembrando André, seu jeito másculo, apesar da grande beleza física, penalizado indagou:

— Dona Mafalda, tem mesmo certeza da gravidade da alegação à qual se apegou? Seu marido é homossexual?

— Não é, senhor juiz, não é.

André entrou no "Atelier". O menino dormia. Deitou ao seu lado contemplando a si mesmo. Achou-o mais coradinho. Feliz.

— André... amo... você...

Seria alucinação? Ressonância? Baixou as pálpebras e sentiu seu no

me virar musica suavíssima... depois, só a boca miúda, cheirando rosa, grudar na sua, até amanhecer. Acordou pleno de imagens. Incomum.

Onde o menino? Só uma rosa última repousava na mini-geladeira.

Sonhos não deixam vestígios. Existem paralelos, sem limites ou fronteiras.

Deixou a pintura acadêmica, comeu o último modelo, mastigando com raiva a "natureza morta" que lhe descia pela garganta com sádica euforia. A maçã, desta vez, não fomentou ignorância. Lacrou mediocridade.

Depois da homologação do desquite, Mafalda passou a dar e beber. Moto-contínuo: bebia e dava; dava e bebia para esquecer que dava.

Um dia faltou. Coisa inédita. Foi ao ginecologista. Era.

— Quantos anos tem?

— Quarenta e cinco, doutor.

— Primeiro filho?

— É.

— Sabe seu RH e Grupo Sanguíneo?

— RH negativo, grupo O.

— E seu marido?

— Estamos desquitados.

— Sinto. Precisa cesariana.

— Por que, doutor? Pelo amor de Deus, não faz uma judiação dessas comigo! Justo eu... que sempre quis ter um filho como todas as mulheres têm, sentir as contrações, a expulsão... a dor horrível... tudo.

— Madame, é um pouco tarde para correr esse risco.

VII

Noite de estréia. A Galeria de Arte fervilhando. Gente comum, pintores famosos e medíocres; fotógrafos, jornalistas, ferinos críticos (alguns incapazes de traçar uma reta), mas ali estavam, farejando.

Transmutação. Surrealismo, modernismo, outros ísmos? Indefinível.

André plasmou cores e formas intermediárias. Imagens germinavam-lhe

no cérebro e renasciam sinuosas, inesperadas, lúbricas. Sem espaço, sem tempo, eternas, empenhadas em ultrapassar as barreiras inócuas, num duelo de repetição.

O reflexo das nuances-não-fixas projetavam sombras móveis, incomuns. Fluiam, rebentavam, trazendo origens-vivências de outras gerações, reencarnadas em sangue e flor.

Os críticos se aglomeravam diante da tela "Avesso". Uma égua-grávida-ventre-translúcido, seres amorfos boiando paralelos.

"Metaformose" diluiu o impacto. Dizia o crítico:

— Onde o autor? Quero ajoelhar-me aos seus pés.

A direita do "Avesso" — respondeu a mocinha.

— Aquele?!... — aproximando-se — Superou a si mesmo!

Ajoelhou-se. Flash. Consagração. O negativo repercutiu em branco e glória.

Rio de Janeiro. Zona Sul. Elegante cobertura da Vieira Souto. A criança loura, sonolenta, pergunta a Nellinha:

— Mãe, cadê meu pai?

— Foi procurar.

— Outra vez?

— Fecha os olhinhos... papai já vem.

— Por que nunca acha?

— Quem acha um sonho?

— E a gente pode adotar o sonho, como o pai quer fazer?

— Não, mas ninguém tira a teima dele.

— Por que meu pai gosta tanto desse menino que nunca vimos?

— Ganhou na Loteria Esportiva.

— Pôxa mãe, o pai sonhou no duro!

— Claro, meu amor... agora do me.

SEXO



1 O SEXO, A MULHER ERÓTICA

DR. OTTO SCHWARTZ

Este livro, com uma leitura fácil e clara, ajudará você a melhorar sua vida sexual. Fique por dentro de todo o relacionamento sexual, dos instintos sexuais, das manifestações e desejos, das técnicas do coito, das posições, dos estímulos copulativos, das técnicas do movimento, do prazer e do orgasmo e outros. 152 páginas — capa plastificada.

Cr\$ 180,00



2 AMOR E FELICIDADE NO CASAMENTO

FRITZ KAHN

Uma obra que não pode faltar nos lares brasileiros, devido a sua enorme utilidade, indiscutivelmente, uma orientação necessária à boa formação sexual conjugal de jovens e adultos. Com observações do advogado Paula Cardoso de Siqueira, sobre aspectos brasileiros do direito de família. 540 páginas, impresso em ótimo papel e capa plastificada. Uma jóia na sua estante.

Cr\$ 420,00



3 FORTALEÇA SUA POTÊNCIA SEXUAL

DR. RICHARD M. FALK

Um dos maiores problemas de nossos dias, é o homem conservar sua potência ou, e claro, se puder, aumentá-la. Isso não é possível sem certos conhecimentos da fisiologia do homem e da mulher. Assim sendo, este livro lhe abre um caminho e lhe propõe aumentar e fortalecer sua vida sexual. 268 páginas — capa plastificada.

Cr\$ 350,00



4 O HOMEM ERÓTICO

ROGER WARREN

O autor acredita que qualquer homem pode tornar-se desejado pelas mulheres e aqui nesse livro ele dá as fórmulas, e acredite, não são mágicas a sim práticas, honestas e realmente útil. E se você estiver disposto a empreender o necessário esforço, saberá como manter-se eróticamente em forma. 142 páginas — capa plastificada.

Cr\$ 240,00



5 RELAÇÕES SEXUAIS SUAS TÉCNICAS

DR. VAN DE VELDE

Ela alguns capítulos deste importante livro: A cópula — importância do jogo de amor — O beijo — Variações do beijo amoroso — A mordicação amorosa — Análise das sensações voluptuosas — O apalpanamento — Técnica no jogo de excitação — A defloração — O orgasmo e mais dezenas de outros temas. 96 páginas — capa plastificada.

Cr\$ 220,00



6 SEXO, AMOR E FELICIDADE NO CASAMENTO

DR. ELLEN SUNDAYS

Este livro nos mostra a que os homens e as mulheres devem saber sobre o sexo. Aborda temas tais como: A lua-de-mel — A união sexual — O controle da concepção — O impulso sexual — O temor da gravidez — A esterilidade e a impotência — Medidas anticoncepcionais — Complicações na gravidez — A infidelidade e muitos outros assuntos. 122 páginas — impresso em ótimo papel, capa a 4 cores.

Cr\$ 240,00

EDITORA NOBLET Caixa Postal, 15.181 — Cambuci - S. Paulo,

Peço enviar pelo Reembolso Postal o(s) livro(s) assinalado(s)

Assinale com um (X) o(s) livro(s) que deseja receber.

1 2 3 4 5 6 não remetemos para o exterior.

Nome Rua Cidade Estado Cap No

Favor escrever bem legível - haverá acréscimo de despesas postais

SEXO
ce3

SEGUNDO...



ALBERTO SOARES

Após a primeira vez que tive Mirtes, voltamos a nos encontrar ainda umas três ou quatro vezes, naquela casa, e uma infinidade, em motéis e apartamentos de amigos.

Depois de quatro meses, Mirtes já estava começando a se tornar uma pessoa chata, pois começou a ser possessiva. Isso mesmo, achava que tinha o pleno direito de saber mais e mais da minha vida, onde eu ia, com quem andava, se tinha saído com alguma garota...

Eu não pedia nada a ela, somente via nela — prazer!; ela, pelo que parecia, estava realmente se ligando em mim, o que era mal para nós dois, pois, afinal, além da enormidade de anos que nos separavam, eu, apesar de adorar uma sacanagem, trepadas e mais trepadas, não estava a fim de largar os meus estudos, minhas farras e tudo mais para montar uma casa e ficar ao seu lado, ao seu inteiro dispor, como ela um dia me propôs.

A briga que tivemos foi realmente feia, só no bate-bico, mas depois daquele dia, tentando me redimir e mesmo porque a queria demais — tinha sido a única mulher a quem eu estava ligado por mais tempo, mesmo em se tratando só pelo lado sexual —, resolvi ir até a casa de Rose e pedir desculpas, fazer alguma coisa para que voltássemos às boas, enfim, estava até mesmo com vontade de sairmos, curtir um restaurante, uma boate

e depois... cada um para sua casa, com um beijinho doce e...

Nada disso aconteceu. Naquela tarde, quando a porta se abriu não foi a tia, mas sim a mãe da Rose quem me atendeu e... tinha acabado de sair do banho.

— Oi Beto, Rose não está, foi à aula de balé e depois...

Não ouvi mais nada, apenas me perdi naquele corpo, ainda úmido, uma toalha branca cobrindo os seios — atrás estava tudo descoberto, eu podia imaginar. Foi então que a cena parecia se repetir, a primeira vez que tive Mirtes, tinha acontecido assim, dessa mesma maneira.

Foi então que Leda falou, ou continuou a falar e eu pude ouvi-la, enquanto continuava a passear os olhos pelo seu corpo, tentando atravessar a toalha e, ao mesmo tempo, invejando-a, por estar acariciando aquele corpo maravilhoso.

— ... cheguei da praia ainda agora e você me pegou quando estava saindo do banho. Tenho cabelereiro às três e já estou terrivelmente atrasada. Espero que me desculpe.

Um latido numa das casas vizinhas me trouxe à realidade.

— Sim... sei... talvez...

— Beto, você está bem? — ele perguntou, me olhando um pouco intrigado. — Bebeu alguma coisa? — completou.

Foi então que realmente caí em

— Não senhora... digo, não, não bebi nada, é que estava meio perdido... Os meus pensamentos — respondi, meio envergonhado, sentindo a face formigar.

— Tem certeza que está bem? Não quer um copo d'água, qualquer coisa assim? — ela falou, com aquele seu jeito que me deixava meio piroca das idéias.

Aceitei a água e, quando ela se virou para se dirigir à cozinha, me feze quase enlouquecer, pois a toalha continuava a não cobrir a parte traseira, deixando descoberta aquele par de pernas bem feitas... aquela bundinha linda de morrer, queimadinha do sol, com aquela marca da calcinha do biquíni...

Naquele instante eu pude sentir claramente que a terra girava... e com uma velocidade incrível.

Quando voltou, a toalha estava presa, só deixando descoberto parte das pernas. Não escondi o volume que se estampava na minha calça e muito menos baixei o olhar, depois que o dela baixou e subiu, me encarando, com um leve sorriso zombeteiro. Senti uma tremenda vontade de voar-lhe em cima, tirar aquela toalha, colocar um bolero na vitrola e trepar, trepar, trepar até não aguentar mais, até ficar com a cabeça vermelha e doída, suspirável.

Bebi a água suavemente e, ao entregar-lhe o copo, nossos dedos se roçaram. Senti que ela ficou arrepiada. Talvez fosse a deixa, mas ela cortou — bruscamente — meus pensamentos.

— Espero que já esteja melhor. Tenho pouco tempo para me vestir e não sei se chegarei ao cabelereiro na hora. Não sei como farei, Mirtes não podia ter escolhido hora pior para viajar, setembro, o mês que mais obrigações sociais me prendem à rua. Não sei o que será desta casa. Não confio nem um pouco nas empregadas.

Eu realmente me espantei. Então Mirtes havia viajado. Seria por acaso por causa da nossa briga dois dias antes? Não, não podia ser por causa

disso, afinal, ela sempre fora uma mulher decidida, mas, controladíssima.

— Mirtes viajou? — perguntei, querendo parecer o menos curioso possível.

— Sim — ela me respondeu, enquanto me fazia ver que a estava realmente atrasado. — Viajou ontem. Parece que brigou com um dos namoradinhos e viajou para esquecer.

Não, eu não podia realmente acreditar, Mirtes ter viajado por causa de mim? Não podia acreditar. Aquela notícia realmente me tirou todo o tesão que estava contido. Realmente aquela notícia tinha sido como uma ducha fria.

Saí da casa realmente um pouco atordoado. Me esqueci até de perguntar para onde ela tinha ido, quando voltaria...

Naquela tarde, após as aulas, fui ao cinema, ver um filme de Bruñel, um dos meus preferidos. Saí de lá chapado, terrivelmente cheio de idéias e, novamente, com aquele tesão.

Nenhuma das minhas antigas garatinhas estava a disposição; também, já fazia bastante tempo que passel a ser exclusividade de uma só mulher, que por sinal, agora tinha me deixado de pau na mão, ali, feito um boneco e, além do mais, pior do que isso, tinha deixado que a sua irmã me tentasse, mostrando aquela bundinha maravilhosa, balançando pra lá e pra cá, convidativa, sobre aquelas duas pernas...

Pensei, realmente em duas opções: uma, pegar uma qualquer e afogar o ganso; outra, me esquecer num desses banheiros da vida e mandar ver, no São Pedro — São Paulo.

Quando cheguei em casa, tomei um banho frio, jantei e dormi, antes porém, telefonel para a Rose, perguntando se ela queria ir à praia no outro dia.

— Eu não vou poder, tenho aula de manhã — me respondeu com aquela vozinha tesuda e sensual — mas mamãe vai, se você quiser...

E eu queria, ora se não queria.

Foi então que me lembrei de Mirtes.

— E a sua tia, quando é que volta? — perguntei.

— Não sei não, ela não disse. Soube pela mamãe que ela tinha brigado com o namorado e que tinha viajado para esquecer. É o que dá namorar esses quarentões da vida, eu sempre disse pra ela que tinha mais era que se amarrar num broto, afinal, ela não aparenta a idade que tem, parece mais uma garotona do que uma corôa que é, que nem minha mãe, não parece ter já quase quarenta, parece? — me perguntou ela, com uma voz alegre, querendo que eu dissesse não. E eu disse.

— Não, Rose, vocês parecem mais irmãs do que mãe e filha.

— Pois é — ela continuou —, inclusive, uma vez ela namorou um corôa, até enxutão o cara, mas, ao lado dela, parecia mais pai do que namorado. Não sou contra os corôas, mas, veja só, agora ela está numa de curtir uma dor de cotovelo e, sabe, adoro a tia Mirtes, ela, com o seu jeito descontraído, aquelas sacanagens... — aí ela engasgou, parecendo que tinha se empolgado e falado demais. Procurei contornar a situação.

— Se a sua tia ligar, fala pra ela que mandei lembranças e que também, como vocês, estou com saudades — disse lhe cortando e anunciando que a nossa conversa estava quase para terminar. — Fala pra sua mãe que passo por aí às nove, tá bom? Um beijão procê, tchau!

Desliguei alegrão da vida e, ainda, cheio de tesão, mas, resolvi que o guardaria para o outro dia, afinal, poderia estar reservado para mim muitas e muitas sacanagens, quem sabe... aquela bundinha!

O sol estava realmente quente. Tomamos o caminho da barra, mas passamos. No rádio Carole King, It's Too Late, me fazendo meditar se realmente era tarde demais, possivelmente, as chances que haviam me sido expostas poderiam não voltar mais e aí... Esqueci.

Contrário ao que eu pensava, não paramos no Recreio, passamos, indo aportar numa prala mais para a frente, quase que totalmente isolada e onde, da estrada, não dava para ver nada.

Fiquei pensando como é que a mãe da Rose a tinha descoberto.

Não havia viva alma, só nós dois, o sol e o mar.

Estendemos nossas toalhas e ficamos falando de tudo e nada, até que ela me pediu para passar-lhe óleo nas costas. Foi demais, minhas mãos alisando aquela pele macia, sedosa, tentadora; ela com aquele biquini mínimo, deixando aquela popa de fora... Não sabia, realmente, por quanto tempo poderia continuar a controlar-me, responder por meus atos.

Na sunga, o pau já não sabia mais o que fazer para sair, varar as vestes e se perder naquelas carnes, naquele corpo. Tesão contido é tesão dobrado, já dizia o meu professor de matemática, um quarentão simpático e muito sacana, que, geralmente gostava de ficar ensinando às menininhas o que deviam fazer para enlouquecer os homens e depois tirarem o delas da reta. Acho que ele é meio frustrado.

— Aproveita e passa nas minhas pernas... você tem umas mãos tão macias... — ela disse, com aquela sua voz que me deixava louco que me embriagava...

E eu passei, passei não, comecei a alisar as suas coxas, ir e vir, lentamente, curtindo aquele par de pernas lindamente torneadas, que lhe davam uma beleza maior — sensual.

Tão entretido estava que, esbarrei no vidro de óleo, derramando-o no meio das pernas, bem lá em cima, lambuzando tudo, inclusive...

Ela se levantou de um pulo, mas mesmo assim entrou bastante óleo no seu biquini. Não se fez de rogada, me chamando de desastrado, desfez os dois lacinhos e deixou a peça cair, mostrando aquele triângulo claro e de poucos pêlos, mas terrivelmente tentador, e... a poucos centímetros do meu rosto, pois eu estava de joelhos.

Fiquei olhando-o como que hipnotizado por alguns segundos, depois, não respondi mais pelos meus atos, puxei-a para mim e afundei a cabeça ali, a língua procurando a abertura principal, sentindo o gosto de óleo, um cheiro bom de perfume francês. Era

a buceta mais cheirosa que eu já tinha enfiado meu rosto, língua...

Ao contrário do que eu suponha, ela não fez a menor menção de se livrar do meu abraço, pelo contrário, segurou minha cabeça, alisando meus cabelos, arfando cada vez mais forte, suspirando, gemendo...

Entramos na água, os dois pelados, correndo, de mãos dadas; ela balançando os seios empinados e durinhos, parecendo uma garotinha de dezoito, vinte anos e eu, o meu badulaque, que me tocava as coxas e o ventre. Nos lavamos, tirando o óleo e depois, dei um pique, na frente, me sentando na toalha, esperando que ela viesse se aninhar em meus braços. E ela veio, parecia flutuar, os seios pulando, as coxas, o ventre, a boca aberta, os cabelos esvoaçando... parecia uma gazela selvagem. Aquilo me excitou mais ainda. Me levantei e corri ao seu encontro, pegando-a no ar e rodando-a, sorrindo, sentindo a brisa nos arrepiar o corpo inteiro.

No colo, levei até a toalha, deitei-a, comecei a lambar-lhe os seios, o ventre, as coxas, o joelho... os dedos do pé, enquanto ela se contorcia, e com a mão, se masturbava. Aí, fui subindo lentamente e mais uma vez afundei o rosto nos seus pêlos, enfiando a língua na sua buceta, toda,

fundo, e começando a balançá-la lá dentro, enquanto ela afundava a minha cabeça, se contorcia e gemia. Vi-rei-a então de costas, empinei-lhe a bunda e caí de língua na sua rosqueta, fazendo-a delirar e pedir que a fudesse logo, que não queria gozar sozinha, que queria sentir o meu pau lá dentro da sua buceta toda molhadinha, sedenta...

Como ela estava, comecei a trepá-la, por detrás, por que Mirtes havia me dito que causava mais tesão nas mulheres, pois o pau ficava roçando também no grelinho dela, fazendo-a delirar e gozar imensamente.

Leda realmente delirou e, quando a inundei com o meu esperma, soltou um grito, grunhido, sei lá, me fazendo pensar que a havia machucado. Os ovos não entraram por falta de espaço.

O telefone me fez perder a última gota, as contrações. Acordei assustado, a cama toda inundada, alagada mesmo. Tinha sido uma trepada e tanto... no colchão.

Leda ainda estava intacta, mas, seria o sonho um aviso?

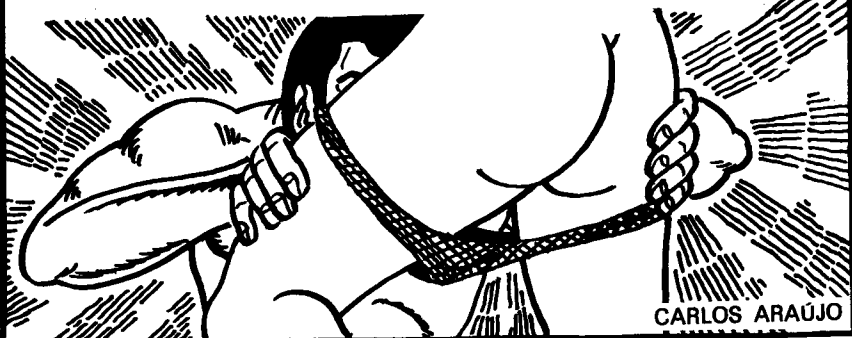
O telefonema? Engano, em plena madrugada, três da manhã. O filho da puta bem que podia pelo menos deixar eu acabar de gozar, não?

mensalmente nas bancas

W O T
GIRLS

a sua revista erótica

PER UNA VIRGÉN



A primeira vez que as vi, me apaixonei. Mãe e filha, duas maravilhas sem igual, realmente dignas de um amor maior, carnal e espiritual.

A mãe deveria ter uns quarenta e alguma coisa; a filha, ainda menor, contava apenas com quinze ou dezesseis, não perguntel, mas parecia uma moçona, corpo bom, bem feito, olhos faceiros... Tudo nela era sensualidade, e ela parecia saber disso, pois a usava com real maestria.

Três meses depois que nos conhecemos consegui entrar naquela casa que as abrigava, mãe, filha e uma velha e boa empregada, que mais parecia mãe e avó, do que empregada, propriamente dito.

Foi lá que descobri que a mãe era muito mais sensual, pois, mesmo vestida da cabeça aos pés, sabia excitar, desencavar os desejos maiores e eu, mero mortal perdidamente apaixonado, carnívoro duplamente, me vi cair — com a maior satisfação — naqueles laços femininos, que tanto bem me faziam.

Mas, apesar da extrema sensualidade da mãe, o meu negócio era mesmo com a filha dela, afinal, tinha apenas dezoito anos e não estava nada a fim de me tornar um amante assíduo, cheio de problemas, deveres, essas coisas que pesam sobre a cabeça da maioria dos amantes — os regra três.

Meu negócio era mesmo com a filha, somente por uma razão maior — era virgem!

Você já teve a oportunidade de possuir uma virgem? Não, não uma virgem qualquer, mas uma que fosse como esta, sensualmente feminina, exalando sexo e desejo por todos os poros, com um par de coxas que todas as mulheres do mundo desejariam ter, seios fartos e firmes, uma boca carnuda, lábios grossos e desenhados... Não, acho que nunca imaginaram, ou, pior, já imaginaram sim, mas não conseguiram ter a oportunidade de... Eu consegui!

Aos poucos consegui ficar sozinho com ela e a empregada, saímos juntos para um cineminha, mão na mão, qual dois namoradinhos apaixonados — embora não existisse nenhum laço que nos prendesse, a não ser, de minha parte, que era o desejo maior, infindo, de me alojar ali, naquele corpo jovem e febril e, se acontecesse morrer, morreria feliz, podem acreditar.

Um ano depois, a liberdade já imperava entre nós três, o palavrão era usado sem medo nem subterfúgio, mas também, sem vulgaridade. Descobri que adoravam uma revista onde constasse alguma sacanagem. Nada como alimentar um corpo faminto. Em pouco tempo, era assim... um atravessador de sacanagens, para aquela casa, aquelas duas mulheres, e, excita-

dos, víamos, líamos, discutíamos — sempre os três — as fotos, os textos, os contos... Ainda bem que eu tinha a minha safra selecionada, onde podia sempre extravasar o excesso de vontade de possuí-las — primeiro a filha — em outros corpos, e, o meu tesão era tamanho, que as garotinhas e mulheres que transavam comigo se debulhavam em gozos maiores, me chamando, indignamente de um amante maior.

Um dia, o acaso começou a me ajudar. Cheguei com uma safra nova, mais audaciosa, onde não havia somente o nu, artístico ou não, mas também... a posse. Começava a era das dinamarquesas.

A mãe me veio abrir a porta vestindo uma calça comprida e uma blusa branca, fina, deixando transparecer a auréola escura dos seus seios, não tão firmes como os da filha, mas igualmente desejados, maravilhosos... um manjar.

Era sexta-feira, o dia escolhido para as nossas "visões" de sacanagem. Para mim, apesar de ter minhas fugidas fixas, por ser final de semana, tinha mais facilidade de achar uma bucetinha cabeluda onde enfiar meu pênis duro e sedento, mas... e elas? Por acaso curtiriam o desejo, acumulando-o ou... se afogavam sozinhas... juntas... outro dia?

Uma vez passei a noite inteira espreitando-as, mas não vi nada de anormal. O mistério me intrigava... e fascinava.

Naquela sexta, só eu e a mãe nos deliciamos, discutimos e... chegamos mesmo a trocar carícias fortes, embora sem conseqüências, diante daquele desfile de corpos nus, pênis e vaginas, cabeludas, abertas e fechadas, rapadas, molhadas e secas, pingando, sedentas, desejosas, desejadas, possuindo, possuindo, possuindo...

Sentamos bem juntos, coxas coladas, as mãos se tocando, eu notando os seios arfando, as mãos discretamente alisando um ou outro pênis, os pêlos vastos de uma buceta ruiva, uma bundinha bem torneada e aberta, na espera de abocanhar um membro enorme...

Numa das revistas, trocamos de colo e, quando ela colocou a mão sobre uma bunda, na revista, e senti o meu pênis, duro e pulsante, desejoso, desejando... Não retirou a mão nem avançou, fez como fazia sempre, alisou, suspirou, falamos, discutimos... viramos a página.

Quando fui embora, pau duro, a vista, ela com os seios querendo saltar a blusa a fora... Senti vontade de saltar-lhe em cima, esquecer minha promessa de primeiro ter a filha. Resisti, e saí levando — não sei porque daquela vez menti dizendo ser as revistas de um amigo, não minhas — comigo aqueles cinco exemplares que fizeram o sangue correr mais forte nas veias, endurecer e amolecer, turvar, desejar.

Voltei à casa na terça e, levando — ainda não sabia bem por que, pois nunca repetíamos as já apresentadas — as revistas dentro da bolsa.

Alegria maior: a filha estava em casa, sozinha, sem mãe ou empregada, e assim ficaria por quase o dia inteiro. A chance, afinal.

— Oi, entre! — ela me saudou com um enorme sorriso nos lábios, aqueles lábios que eu tanto sonhava beijar, chupar, sentir percorrer meu corpo.

Entreí, beijamos-nos no rosto levemente e me sentei no sofá, ela, numa poltrona em frente. Vestia um shorte curtíssimo, deixando de fora aquelas coxas maravilhosas, os pêlos lourinhos —ela nunca havia raspado as pernas — e tentadores, pedindo uma chupada, por menor que fosse. Os seios empinados, presos dentro de uma blusa hering azul, me fazendo imaginá-los e querê-los ainda mais... dentro da minha boca. Ela cortou meus pensamentos e a minha tourné pelo seu corpo.

— Mamãe me disse que na sexta-feira você trouxe umas revistas maravilhosas, diferente... — sua voz, dava para notar, era pedinte, ansiosa. Por certo a mãe havia contado com detalhes o que havia visto. — Por quê não as deixou aqui e apanhar no sábado? Puxa, eu queria tanto vê-las — completou, fazendo um beicinho e... mostrando que, só em pensar nas revis-

tas, tinha ficado excitada. Os biquinhos pareciam, queriam mesmo se verem livres daquele tecido e serem abocanhados, acarinhados, por minha boca, meus dedos...

— Não as deixei porque não eram minhas, eram de um amigo... — respondi, com um leve e sacana sorriso nos lábios, pousando os olhos levemente no meio das suas pernas, querendo desnudá-la daquele shorte, ver aqueles pêlos vastos e claros que formavam um triângulo mais perigoso que o das Bermudas.

— Mas você podia pedi-las emprestada de novo? — perguntou, mostrando desejo na voz.

— Posso — respondi suavemente. — Ou melhor, eu pedi novamente emprestadas e as trouxe para que você as visse. Mas só que terei que levá-las de volta ainda hoje. Estão aqui na bolsa — e comecei a abri a bolsa, para libertá-las.

Ela pareceu voar da poltrona para o meu lado, encostando aquelas coxas nuas e sensuais nas minhas, que por sinal também estavam desnudas, pois — como o pressentimento de levar as revistas embora, tive outro — estava de bermuda.

Senti um arrepio percorrer meu corpo ao contato com aquela pele macia e quente. Vontade de esquecer as revistas e voar em cima dela, desnudá-la... não faltou, mas me controlei. Era preciso fazer o jogo dela e eu faria, por certo que sim.

Começamos a ver as revistas, lentamente. Eu estava excitadíssimo, mas não das revistas — era por causa dela, aqueles pêlos eriçados, os seios arfantes, quando saltar fora da blusa, os biquinhos duros, que nem duas lanças, dois torpedos, prestes a serem lançados.

Quando ela acabou a primeira, perguntel, colocando a segunda sobre meu colo, meu pênis ereto e sedento.

— O que você achou?

Ela me olhou, realmente bastante excitada.

— É difícil de acreditar que aconteça realmente tudo que está aí, em multicolor, tamanhos... afogamentos — ela se referia ao excesso de es-perma apresentado nas fotos — e tu-

do mais. Já imaginou uma mulher transar com um cavalo? Receber aquele negócio enorme na...

— Bunda? — completei, meio, bastante sacana, observando todos os movimentos dela.

— Pois é... na bunda — disse sorrindo. — Não acredito que possa ficar com aquele sorriso que apresenta na foto — completou.

Eu também não acreditava, mas, fazer o quê? Estava ali, em como ela mesmo tinha dito, em multicolor, e a mulher com o maior sorriso de prazer. Enfim, como dizem que há mais mistérios entre o céu e a terra...

Partimos para a segunda, onde havia um bacanal de três casais, uma festa de pernas, braços, pênis e buceta. Eu não gostava era dos peitos das mulheres, pareciam umas... vacas leiteiras. Comentamos.

— Essa aqui é mais razoável, apesar de existir também algum absurdo, pelo menos para mim — ela disse, apontando para a foto onde o cara enrabava a mulher, que por sinal enfiava um consolo na vagina, enquanto o cara era enrabado por um outro, com um consolo no cu, chupando uma buceta aberta e vermelha; a mulher que estava sendo enrabada, tinha na boca um longo e grosso pênis, enquanto era chupada nos peitos por uma outra, que se contentava em enfiar um outro consolo no meio da sua buceta loucamente aberta e peluda — um pouco de insanidade.

Notei que não havia, se não sinceridade em suas palavras, pelo menos uma certeza. Seus olhos falscaram diante da suntuosa cena, os bicos pareceram aumentarem e ficar mais duros, mais sedentos. A mão dela correu levemente por sobre eles, apertando-os levemente.

Quando terminamos a quarta, ela parecia em transe. Por certo estava transbordando de tesão, e, com jeito, eu poderia chegar lá onde eu queria, sem forçar, na manha.

— O que você achou? — perguntei, esticando a perna, roçando levemente na dela, arrepiando-a por inteiro.

Ela não respondeu, apenas me olhou e riu, enquanto passava a mão

pelas coxas, tornando os pêlos ao lugar, e depois, levemente até o meio delas, prendendo-a com um leve aperto, enquanto fechava os olhos, soltando um longo suspiro. Fingi que não notei.

— Sabe — eu disse, roçando de novo a perna — uma outra menina, você não conhece, depois que viu estas revistas me disse que tinha ficado de tal maneira excitada que estava que nem aquela mulher, da última, sabe, na página central — ela disse que sim com a cabeça — deitada naquela cama enorme, de pernas abertas... toda molhada, de tanto tesão. Eu, cá pra nós, não acreditei, mas fiquei intrigado. Tá legal, com tesão, tudo bem, até que ela saísse dali e fosse se masturbar, dar uma trepada com alguém, qualquer coisa, mas... ficar molhadona só porque viu as fotos... Você acredita?

Ela não respondeu, ficou apenas me olhando. Persisti.

— Você... você ficou toda molhada? — perguntei, sério, querendo parecer mais um médico do que um tremendo sacana que estava a fim de me afundar naquelas carnes virgens e maravilhosamente sensuais.

— Não sei... — ela respondeu, meia ressabiada.

— Não sabe? — perguntei espantado.

— Como você não sabe? Não sentiu?

— Não percebi, estava entretida... olhando — disse, passando a língua vermelha naqueles lábios carnudos.

— Você pode me fazer um favor? — eu disse, meio tímido, pelo menos, querendo parecer.

— Faça! — ela respondeu decidida.

— Vê pra mim.

— O quê?

— Se você ficou...

— Fiquei o quê? — perguntou, um pouco espantada.

— Ora... molhada... lá.

Ela me olhou, querendo descobrir a razão da minha curiosidade, pelo menos a verdadeira, não a que eu apresentava, apenas curiosidade.

— Pra quê?

— Pra... acabar com a minha dúvida, para que eu possa saber se a menina estava curtindo com a minha cara ou estava falando a verdade.

— Só se você me prometer uma coisa.

— Qualquer coisa — disse afoito, quase me condenando.

— Prometer que não vai falar com a mamãe que estava aqui hoje, nem para ela nem pra ninguém... tá?

Prometi, de pronto. Ela me beijou levemente o rosto, depois começou a abrir o fecho do shorte, enfiou a mão por dentro da calcinha, se demorou um pouco, ah, como eu queria que aquela mão fosse a minha! — e retirou, levantando um pouco, me deixando ver seus pêlos, ao vivo.

— Acho que não — disse, enquanto fechava novamente o zíper.

— Não sabe? — disse eu, realmente espantado e puto, comigo mesmo, pois poderia tê-la atacado naquela hora em que me deixou ver os pêlnhos...

— É... não sei se fiquei molhada... não tenho... experiência dessas coisas... é... acho que não — falou fazendo menção de se levantar. Segurei-a pelo braço e, quase implorando, disse:

— Deixa eu tentar... prometo que não conto pra ninguém... eu preciso tanto... saber...

Ela me olhou, sorriu debochadamente e começou a abrir novamente o zíper.

— Está bem... mas rápido... sem sacanagens, tá?

Fiz que sim com a cabeça, enquanto pousava uma das mãos nas suas coxas, levemente, fazendo-a se arrepiar... por inteiro. Mais se arrepiou quando minha mão pousou no seu ventre, e foi descendo, levemente por dentro da sua calcinha, alisando os pêlos pubianos, macios, e descendo, avançando, aquela carne macia, quente — uma fornalha, mais quente — úmida, e os dedos abrindo caminho por entre os pêlos, ela fechando os olhos, se abandonando às minhas carícias, minha boca chegando até sua face, depositando um leve e sensual beijo na sua orelha, ela estremeendo, suspirando.

Sua calcinha era apertada, o que me impedia de fazer um serviço completo. Sugerir então que a tirasse, pois eu não conseguia enfiar o dedo lá dentro da vagina dela, para ver se estava ou não úmida.

Ela nem se levantou, esticou as pernas e, rebolando aqueles quadris, retirou o shorte e a calcinha, deixando à mostra, além das coxas, por inteiro, aquele triângulo claro e peludo, úmido... Abriu as pernas e ficou esperando meu dedo, que logo chegou lá, abrindo aqueles lábios virginais — pensava eu — deixando à mostra a entradinha daquela gruta maior de prazer, aquele botãozinho mágico. Comecei a friccioná-lo lentamente, ela se entregando totalmente, minha boca mais uma vez indo até sua orelha, descendo, descendo, as coxas dela se fechando, a outra mão levantando-lhe a blusa, os seios pedintes, sedentos, por uma mamada, eu levando os lábios até lá, passando a língua lentamente, ela estremecendo mais e mais, se entregando toda, lânguida, faceira, meu beijo molhado num selo, no outro, ela apertando minha cabeça neles, quase me sufocando, suspirando, suspirando...

Os móveis foram testemunhas que eu não a queria possuir, não pela frente, gostei mesmo foi daquele banho de língua naquela bucetinha virgem de membros, aquele gosto de maresia, manhã, madrugada, as ondas se quebrando na murada da ponte, rompendo os laços, os lábios dela me saboreando o pênis, eu querendo me conter, mas ela lá, me chupando, lambendo, sugando, gozando na minha boca e eu, lhe retribuindo o prazer, lon-

gas golfadas, pastosa, e ela sugando, sugando, sugando...

Nossos corpos nus rolaram pelo chão, ela se deitou de bruços, arrebitou aquela bunda branca e tentadora, se abriu e convidou, e eu fui, e gemi, gememos, nos entregamos, gozamos, suspiramos... amolecemos os dois.

O banho veio prazerosamente, nossas bocas se engolindo, as línguas degladiando, sugando, lambendo as gotas que as toalhas deixaram, que a brisa não secou, os risos ecoando pela casa inteira, o lençol branco, perfumado, os corpos em brasa mais uma vez, ela abrindo as pernas, aqueles pêlos louros, convidando, os lábios, grandes e pequenos dizendo: — vem!

Não houve dor nem sangue, não aquela dor enorme, aquele rio de sangue. Houve gozo, houve sim, maior, enorme, avassalador... com um espaço mínimo. Nos afogamos juntos, voamos por sobre a cidade, sete mil, dez, quinze, vinte mil pés... desfalecemos.

Quando me fui, carregava ainda o cheiro daquela caverna úmida e quente, o gosto daqueles lábios, todos os lábios, os pêlos...

A próxima etapa, seria a mãe, a quem a própria filha achava uma mulher madura, bonita, sensual e... tesuda. Quem sabe... na sexta-feira eu traga novamente as revistas, a encontro sozinha, pergunte se ela ficou molhadinha. lá...

Ah, quem matava a sede delas, o tesão contido, pelo menos da filha, era a empregada, que não era tão velha quanto parecia, mas era uma genuína amante... para as mulheres.



LEIA E AUMENTE O SEU CONHECIMENTO.

1



SODOMIA — Dr. Hans Fritz Lerner

A sodomia é o desvio sexual mais antigo da humanidade e que ainda hoje constitui tabu em muitos países. Mas os que se dedicam a essa prática sabem os prazeres que ela proporciona.

Cr\$ 310,00

2



JOGOS ERÓTICOS — Xaviera Hollander

Conheça todos os jogos que precedem o ato sexual. Eles são importantíssimos para a realização do sexo completo.

Os jogos eróticos preparam o indivíduo para o orgasmo total.

Cr\$ 320,00

3



XAVIERA SUPERSEX — Xaviera Hollander

As variedades da prática sexual são ilimitadas. Aqui Xaviera mais uma vez explica, numa linguagem cheia de sensualidade, as maneiras mais eficazes de se conseguir o sexo total. Ninguém entende de sexo como ela.

Cr\$ 320,00

4



A SELVAGEM XAVIERA Xaviera Hollander

Mais uma coletânea de casos e situações sexuais da inigualável Xaviera. Mas agora mais voluptuosa, ardente e selvagem.

O mais violento dos seus livros, com descrições de técnicas e práticas sexuais jamais imaginadas.

Cr\$ 380,00

5



AS BISSEXUAIS Bernhardt J Hurwood

Elas amam o sexo em todos os aspectos. Entregam-se sensual e voluptuosamente aos homens e ao mesmo tempo descobrem novos prazeres no lesbianismo.

Cr\$ 370,00

6



PRATIQUE O SEXO CERTO E SEJA FELIZ — Dr. Hans Fritz Lerner

Freqüentemente o prazer sexual diminui por não estar sendo praticado de maneira correta. Pratique o sexo certo seguindo as instruções contidas neste livro.

Cr\$ 240,00

7



CONHECIMENTOS E VERDADES SOBRE O SEXO Dr. Hans Fritz Lerner

Tudo sobre o sexo, para leitores e entendidos. Livro indispensável para quem deseja obter conhecimento profundo do sexo em todas as suas facetas.

Cr\$ 240,00

8



TUDO SOBRE O ORGASMO Dr. Hans Fritz Lerner

Há casais, e principalmente mulheres, que passam a vida sem jamais conseguir um orgasmo completo. Veja porque e como transpormos as regras do gozo sexual para atingir o orgasmo total.

Cr\$ 240,00

9



ADAPTAÇÃO SEXUAL PERFEITA — A. H. Chapman, M.D.

É freqüente o casal se sentir infeliz sexualmente por falta de adaptação. Leia as técnicas que devem ser utilizadas para uma adaptação sexual perfeita.

Cr\$ 390,00

O SEXO É PARTE IMPORTANTE NA FELICIDADE DO CASAL.

10



AMOR, SEXO E FELICIDADE — Dr. Hans Fritz Lerner

Que é a felicidade? Bem, é um conjunto inexplicável de circunstâncias agradáveis. Veja como é fácil ser feliz, através do amor e do sexo...

Cr\$ 240,00

11



COMO MANTER ACESA A CHAMA DO SEXO — Dr. Hans Fritz Lerner

O maior alimento do amor é a variedade. A monotonia mata o amor. Mantenha acesa a chama do amor utilizando sempre renovadas práticas sexuais.

Cr\$ 240,00

12



COMO AUMENTAR O PRAZER SEXUAL — Dr. Hans Fritz Lerner

O prazer sexual pode ser aumentado com novas práticas, novas posições, novas modalidades. O orgasmo sexual bem explorado não conhece limite. Veja como conseguir-lo com a leitura deste livro.

Cr\$ 240,00

13



O PRAZER SEXUAL NO CASAMENTO — Jerome — Julia Rainer

O prazer sexual é um dos mais gratificantes prazeres da existência. Nem todos, contudo, conseguem conhecê-lo em toda a sua plenitude. Descubra o universo do prazer sexual pela leitura deste livro.

Cr\$ 420,00

14



O MELHOR DO SEXO — Xaviera Hollander

O que há melhor no sexo, fora da rotina e das formas convencionais. Livro fascinante, cheio de novas modalidades, de como se conseguir o máximo prazer sexual.

Cr\$ 320,00

15



A ALICIADORA FELIZ — Xaviera Hollander

O livro de estréia de Xaviera é o mais lido em todo o mundo. Ela nos revela todos os prazeres ocultos do sexo, como conseguir o máximo de satisfação sexual e o faz com arte e muita sensualidade.

Cr\$ 400,00

EDITORA NOBLET Caixa Postal, 15.181 — Cambuci — São Paulo

h19

Peço enviar-me pelo Reembolso Postal o(s) livro(s) assinalado(s).

Assinale com um X o(s) livro(s) que deseja receber:

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15

Não remetemos para o exterior

Sexo 15

Nome:

Rua: Nº:

Cidade: Estado: CEP:

Favor escrever bem legível — haverá acréscimo de despesas portais.

AMOR ESCURO



Manfredo, tarde da noite, meio acordado meio dormindo, sentiu uma mão trêmula sobre o peito. (A mão já conhecida, que sempre o acariciava, os dedos macios, leves). Em seguida, rápido, o corpo da mulher veio se chegando, se torcendo para o lado dele. Então, Manfredo puxou-a para mais perto. E violentamente se agarraram.

Estava acostumado com aquele tipo de insinuações da esposa, quando sedenta por amar. Começava assim, leve toque, que nem uma gatinha. Com pouco, atacava feroz, mais desesperada do que uma loba.

A mulher repuxou a cueca de Manfredo para baixo, deixou-o nu. Arrancou também as calcinhas dela e a camisola. Dentro de segundos, estava nua. Nua, pegando fogo, na cama, ardendo de desejo. Manfredo procurou-lhe a boca e os dois se uniram em um beijo ganancioso, dentro da noite escura. As línguas se enroscavam uma na outra, duas cobras que se engoliam.

Depois, a mulher, já sem fôlego, largou o beijo, queria respirar. E pa-

ra respirar, recuou um pouco, se arastando para baixo. A cabeça inquietada parou à altura do coração de Manfredo. Então, ela passou a morder-lhe o peito esquerdo, transpirando amor. Já, já, o direito, lambendo-o só com a ponta da língua. Enquanto isso, Manfredo, com uma das mãos, bolnavá-lhe o bico do seio mais próximo. Com a outra, alisava o sexo dela, voluptuosamente, enfiando o dedo indicador, devagar, carícia superexcitante.

Ao mesmo tempo, mordida a cabeça da mulher, os cabelos que se espalhavam como leque em cima do seu rosto. Ela foi descendo a cabeça, descendo pelo corpo de Manfredo abaixo. Mordiscava-lhe a barriga, aqui, ali, a respiração agitada, os lábios queimando que nem brasa. Quando chegou ao umbigo, meteu a língua no buraco, mais do que furiosa, queria arrancar uma coisa dali de dentro. Manfredo, porque a posição não facilitava, tirou a mão de cima do sexo dela e foi para trás, alisar-lhe as nádegas. Tateou por toda a zona. Amorosamente, bem amorosamente.

A mulher continuou descendo, descendo, chegou até o sexo de Manfre-

do. Acharam prático a troca: os pés dele ficaram para o lado da cabeça dela e os pés dela ficaram para o lado da cabeça dele. Melhor assim, muito melhor. Ai, a mulher pegou o pênis de Manfredo com uma das mãos. (A outra, machucava-lhe os testículos, forte, mas com muito carinho). Beijou-o no tronco e dali veio subindo, até o gargalo, a língua costurando o pênis quente, rígido que nem ferro. Não custou, logo o introduziu na boca, mas só a cabecinha, os dentes mastigando-o de maneira especial.

Manfredo, também, beijava o sexo dela: em cima, em baixo, de lado, não sabia mais onde beijasse. Então, parou, meteu a ponta da língua, e continuou: metendo e tirando, metendo e tirando, o mais ligeiro possível. Ou mesmo deixava a língua lá dentro, fazendo círculos que nem uma palheta girando. Já perto de ejacular, Manfredo se acabava, se diluía, ai, ai, ai!!! A mulher mal gemia, soluçava, hum, hum, hum!!!

Ao aproximar-se o ponto crítico, ambos preferiram a posição normal:

Manfredo passou para cima dela, as mãos agora lhe apertando os seios, o ventre. A mulher abriu as pernas e, dirigindo o pênis dele, que latejava, deixou-o no lugar certo, bem no ponto. Empurre!, ela disse.

Ele empurrou.

Tirou, enfiou. Tirou, enfiou. Tirou, enfiou. Isso, uma porção de vezes, até que ejaculou, o vômito de um vulcão.

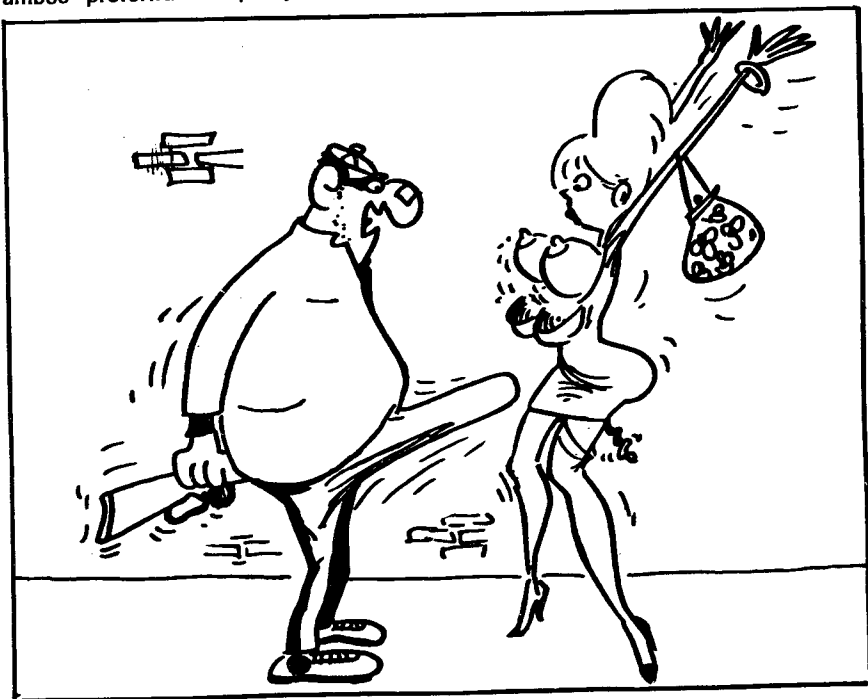
E gozaram juntos...

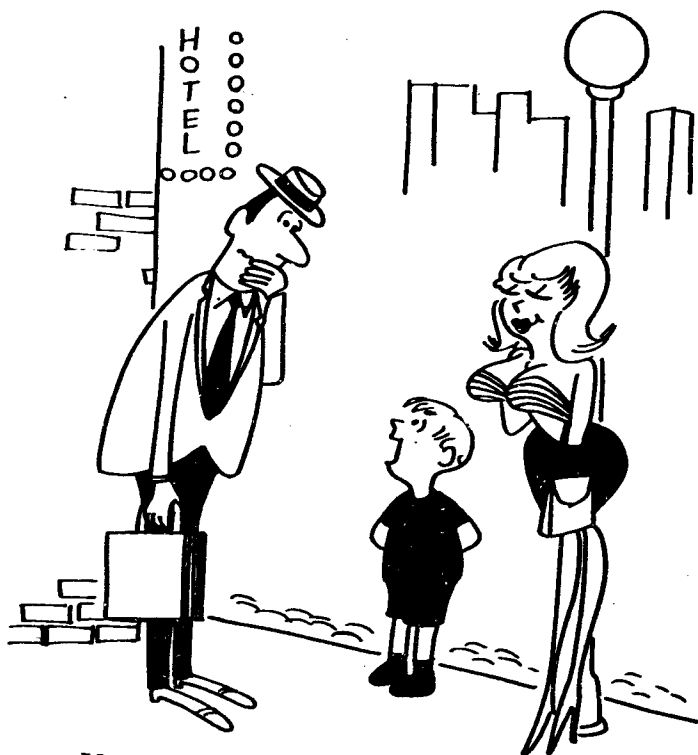
De repente, Manfredo caiu em si: quem seria a mulher ao seu lado? Quem, se a esposa havia falecido na semana passada?

Quem?

Acende o abajur junto à cabeceira da cama, angustiado. O gesto é brusco, de medo. E, na claridade, não viu na cama deitada mulher alguma, coisa alguma: a não ser os lençóis remexidos, em cima dele enorme mancha de esperma.

Quente, vivo, como a noite escura, lá fora.





Vou ser gigolô quando crescer.



Ei, motorista, vire o taxímetro, seu tique-taque está atrasando meu ritmo.

TADEU E A MARIPOSA



NILTO MACIEL

Agora ele deve andar metido nalgum quarto de pensão a implorar à mulher com quem se deitou a se deixar fotografar lá mesmo na cama, nua e suja como estiver. Contaram-me que vive dia e noite nas zonas, desesperadamente cantando mulheres, máquina pendurada ao ombro: "Vamos tirar umas fotos, garota?" E todas lhe fogem como o diabo foge da cruz, receosas de se tornarem mais públicas, de comprometermos com a polícia, os bons costumes. Sua má fama já se espalhou por tudo o que é meretrício. Não vai para trepar e muito menos para fazer outras sacanagens. Seu fraco é fotografia erótica, coisa nojenta. De certo não abre o jogo e se faz de apaixonado: "quero te ver de novo, sempre, deixa eu te fotografar". Ou mente e diz que é repórter de revista de nu. "Você vai ficar famosa, virar manequim, estrela e ganhar muito dinheiro sem precisar abrir as pernas durante toda a noite em troca de uns cruzeirinhos". Mas a coisa ficou preta pro seu lado, nem a mais rabugenta puta aceita sua companhia, sabedora de que é um explorador como outro qualquer, falso e mentiroso. Dizem que vive constante-

mente embriagado, liso, sujo, remendado, a peruar de bordel em bordel, de ruela em ruela, doido por uma cliente que não lhe saiba o nome.

Maluco na certa está mas não é de hoje. Na verdade, no começo de nosso namoro não desconfieei de nada. Quando me visitava nos fins de semana, lembro-me que, vez por outra, abria a carteira e me mostrava retratos e mais retratos. Eram da mãe, das irmãs, das ex-namoradas. Tudo muito sério, familiar. "Me apresente sua mãe", eu dizia, e ele mudava de assunto, fazia que não ouvia ou tirava doutro bolso mais fotos. Pelo visto, era campeão em namoros e casos. Os nomes se acumulavam e se baralhavam magistralmente: Ana, Ana Lúcia, Lúcia, Luzia, Anícia, Anizia. Uma interminável galeria de moças bonitas, feias, brancas, morenas, adolescentes, coroas. Eu tinha ciúmes e ao mesmo tempo orgulho. Afinal, ele, que conquistara tantas mulheres, era meu. Eu significava o presente e talvez o futuro, enquanto todas elas se perdiam no passado, viravam álbum de recordações. "Onde mora essa Ana Lúcia?", eu queria saber. "Foi embora para Brasília", conformava-me.

E ria, gargalhava, chamava-me de tolinha. "E então por que guarda essa porcaria de retrato?" eu insistia. "Besteira minha", encerrava o assunto.

Depois de certo tempo, conclui que gostava mais de fotografia do que de dinheiro. A carteira vivia recheada, mas não de cédulas. Mania que outra qualquer. Podia ser por futebol, selo, livro. Não levei a sério a extravagância. E o ciúme foi pro beleléu. Eu me trocar por um pedaço de papel? E eram tantas e ele não demonstrava preferência por nenhuma.

Um dia apareceu com a máquina a tiracolo, risonho, carinhoso, falador, e me pediu para posar. "Foi você quem bateu todos aqueles retratos?", lembrei-me de perguntar. Não gaguejou e disse sim. Daí em diante não teve sábado nem domingo em que não aparecesse com a câmera e eu fizesse poses no jardim, na calçada, no meio da rua, na praia.

Desde que o conheci, Tadeu trabalhava no comércio mas eu acreditava que fosse fotógrafo. Talvez porque o vi pela primeira vez mostrando retratos a colegas num bar. Dias depois, ao entrar no mesmo bar, o vi de novo, mas desta vez em fotografia, ao lado de rapazes da vizinhança. Mais para diante, nos vidros do armário do bar, três ou quatro fotos mostravam Tadeu abraçado a amigos, copo à mão, rindo largamente, cara de boêmio. Mas não me mentia: "sou vendedor, sim senhora". E ria e eu ficava na dúvida.

Alugada a casa, resolvemos nos casar. "É o jeito", dizia papai. "Quem mandou cair na conversa de vagabundo?", concluía. E Tadeu encheu a casa de móveis comprados a prestação. Ao fim do primeiro mês, lamentou-se e chorou. Cadê dinheiro para saldar as dívidas? Eu cozinhava, lavava, varria e queria dar uma ajuda. "Compre uma máquina de costura", suplicava. Comprou mas a situação piorava cada vez mais.

Num meio-dia de sábado, chegou bebado mas alegre. Trazia um filme e disse que ia me fotografar. "A coisa preta como está e você gastando dinheiro à toa", foi minha primeira

reação. Não me deu ouvidos, sorriu brincou, beijou-me e fomos para a cama. Nunca o sentira tão danado, uma fúria de assustar a mais experimentada prostituta. Horas e horas naquela safadeza. De repente, diexou-me e correu para a sala. Nu ainda, voltou com a câmera na cara, enquanto eu me enrolava na colcha. "Tire isso de cima de você, meu bem", pediu. Cheia de vergonha, eu perguntava para quê. "Deixe de besteira e fique quieta". E ia dando ordens: estire-se, encolha-se, abra as pernas, vire-se, levante os braços. Eu obedecia, resmungando, com medo. "Será que ficou doído?" Lembrava-me dos tempos de namoro, dos retratos das namoradas e perdia o medo. "Vou deixar, isso é cachça. Depois destruo o filme e pronto". No final, não tive coragem de conversar. Fui tomar banho e ao sair do banheiro ele já estava roncando em cima da cama. Vasculhei em vão toda a casa à procura da máquina. À hora de dormir, ele despertou. Banhou-se, jantou e saiu. Fui deitar-me, mais preocupada do que nunca e adormeci. De manhã, ao acordar, assustei-me: Tadeu dormia profundamente. E assim foi todo o resto do dia. Só durante o almoço da 2.ª feira pude perguntar-lhe por que me fotografara daquele jeito. Não deu resposta, trêmulo, nervoso, encabulado. "Agora não dá para conversar, estou atrasado". E saiu às carreiras. À noite, novamente embriagado, não tocou no assunto. E, durante uma semana, esqueci até que um dia tivesse sido fotografada.

Essa cicatriz talvez não ficasse em mim (e hoje mal passa de uma quase apagada mancha) se eu não tivesse sabido que todas aquelas fotos ele as vendeu. No princípio, não acreditei no que ele dizia e até brinquei: "estão aí na sua carteira no lugar daquelas mocinhas". Depois fiquei furiosa. Então eu era puta para andar nua nas mãos e nos olhos dos machos? Ele não tinha vergonha de entregar a própria mulher aos outros, fazer papel de gigolô, proxeneta? Estava novamente cheio de cana e colocava outro filme na máquina. Explicou que era a única maneira de ganharmos dinheiro. "É um trabalho honesto, como vender tecidos e costurar.

apenas mais lucrativo e mais penoso. amuriou-se, passava o dia andando, conversando, adulando. Tudo para o nosso bem, nosso conforto. Breve saldariam todas as dívidas e ainda teríamos dinheiro para passear, comprar roupas, comer bem. Chorei o tempo todo, enquanto ele falava. Se eu estava chorando era por poder ser confundida com rapariga, sossegasse que ele era fotógrafo fino e marido zeloso. Não ia deixar que sua mulher, logo sua mulher, se prestasse a um papel daqueles. Tomara todos os cuidados, ninguém iria saber jamais que a mulher fotografada se chamava Rosana. "Mas sou eu que estou aí feito uma rameira qualquer", eu bradava. E para isso ele tinha também uma desculpa: em nenhum momento mirou meu rosto. "Estão aqui os negativos, veja". Com mais cinco minutos de conversa, cedi. Vendera cada foto a cinquenta cruzeiros, comprara mais um filme e pagara a prestação da televisão. "Agora precisamos de mais dinheiro para a cama, o fogão, a geladeira, o conjunto de sala". E foi relacionando os móveis. "Vamos ao segundo filme, minha santa", encerrou a questão. E fui despir-me e retorcer-me em cima da cama.

Aos poucos me acostumei ao trabalho e já não sentia mais vergonha de me escangalhar diante do flash, mariposa atraída pela luz. Abria as pernas, arrebitava a bunda, dançava, pulava na cama, no chão, com o cachorro, o gato, de cócoras, como se mijasse, cagasse, me masturbasse com o dedo, vela, garrafa, banana. No final, superexcitado, ele saltava sobre mim, estranho, malvado.

Chegado o tempo do sonho, porém, eu acordava suada, chorando, gritando socorro, para fugir das multidões de tarados que me cercavam em ruelas escuras, em cubículos estreitos, num mundo de fúria e dor.

Com certo tempo, Tadeu deixou o emprego na loja e se dedicou exclusivamente à fotografia. Nos últimos tempos, diariamente me fotografava e contratou dois rapazes para o trabalho de vender os retratos. Vivia esbanjando dinheiro, dizendo-se rico. Voltava para casa tarde da noite, queixando-se de cansaço. Perdera a

fúria dos primeiros tempos e eu me entregava aos monstros que me visitavam pela madrugada. O que me dava, não era talvez o valor de uma foto vendida. "Tome para as compras", dizia-me, atirando uma cédula de cem. Passávamos bem, é certo, mas pus-me a fazer contas e a acreditar-me explorada. "Onde você está botando tanto dinheiro, Tadeu?" eu queria saber. Enfurecia-se, mostrava os carnês em dia, as roupas que vestia, apontava para as panelas. "Mas não sobra nada para um passeio, um filme, um jantar fora, uma viagem?" A desculpa vinha inteligente: apesar de nunca me fotografar o rosto, seria perigoso sair comigo. Poderiam me reconhecer, pelo corpo, pela cor, pelo jeito, por andar com ele.

Não convencida, insisti, dia após dia, na vontade e necessidade de passear, divertir-me, sair da toca. Não agüentava mais aquela vidinha de esposa-modelo fotográfico. A resposta veio rápida: queixou-se; dizendo-se sem dinheiro, ninguém queria mais comprar as fotos, os fregueses exigiam agora o rosto da mulher.

Nos primeiros tempos, passamos bem, comida farta, roupa e calçados novos, televisão colorida e até um carrinho no qual eu nunca tive o prazer de sair. Tadeu vivia na rua, acordava cedo, quando não voltava bêbado e tarde para casa, almoçava em restaurante, qualquer que fosse o dia da semana. Tinha sempre na ponta da língua uma desculpa: vou me encontrar com um freguês, mandar revelar o filme, apanhar uma fotos. Se eu reclamava porque ele vivia fedendo a álcool, justificava-se: para ter coragem de conversar, abordar os futuros clientes tinha que beber. Eu chegava a me penalizar dele, sugeria que procurasse emprego, deixasse aquele negócio de lado. Então me dava dinheiro e eu comprava roupas bonitas, jóias, perfumes.

Com o passar do tempo, dinheiro que era bom eu quase nem via mais. Alegava que o mercado estava ruim, muitos concorrentes, falta de dinheiro, muita revista erótica aparecendo na praça. Se era assim, por que continuar a produzir tantas fotos? Informava que o preço baixara demasiada-

mente. Para quanto, não me dizia. Desconfiada, dei para segui-lo. De longe, escondida, eu o via conversando com homens, geralmente velhos, nas portas das lojas, nos bares, nas filas. Fui adquirindo o hábito de viver na rua, sozinha, andando à toa, gastando o dinheiro que ele me dava, me pagava.

Curiosa, passei a freqüentar estúdios fotográficos, pagando para ser fotografada. Claro que bem vestida, maquilada, bonita. Foi então que conheci Edmilson. Logo estávamos conversando sobre fotografia e ele me fez a pergunta que serviu de laço para nos unir: por que eu tirava tanto retrato? Gaguejei, ele insistiu e eu fui falando de mim e de Tadeu. Quando cuidei, contava detalhes de nossa vida. Daí para a frente, tudo mudou para mim. Perdi o medo de sair de casa, de exigir explicações de Tadeu. Criei até coragem de dizer não a Tadeu quando ele me chamou para posar. Aborreceu-se porque simplesmente eu disse não, sem qualquer esclarecimento. Fiquei vendo televisão, calada, enquanto ele enchia a cara de cerveja. A certa altura, aproximou-se de mim, beijando-me, alisando-me,

chamando-me de amor, benzinho e me tirando a roupa. Recusei-o e permito-me dizer que me tornei firme na decisão: não queria mais saber de fotografia. Aborreceu-se e passamos a trocar insultos. Chamou-me de cadela, mariposa, puta, o diabo. Dei o troco: gigolô, proxeneta, viado, corno. Foi o fim. Ele saiu para comprar mais bebida e deve ter voltado e se embriagado. Ou dormiu ou saiu à minha procura. Nunca mais o vi mas sempre me dizem que andava por aí, bêbado, maltrapilho, sujo, amarelado, convidando as mais decaídas prostitutas para uma pose erótica.

Corri ao estúdio de Edmilson e lá posei de todo jeito durante um tempo. Fui além do que me ensinaram a fazer. Tadeu. Só faltei me partir em duas. E em seguida trepamos no chão, como um casal de doidos.

E agora vai ser aqui nesta casa que Edmilson alugou para mim. Vou me deixar lambido pelos flashes, pela luz que sai da máquina, ficar tonta, cega, doida, como a mariposa diante da lâmpada acesa. Quero ser milhões de vezes fotografada, nua, toda nua, só sexo e ser adorada depois por todos os tarados do mundo. Nem que todos se chamem Tadeu.

CHEGOU...

Coleção

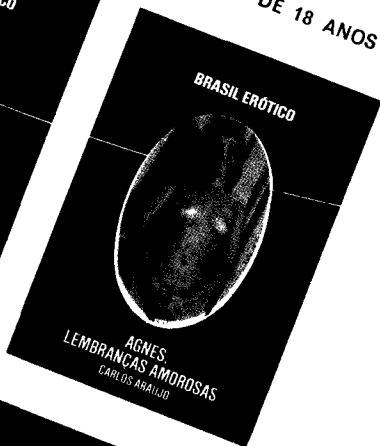
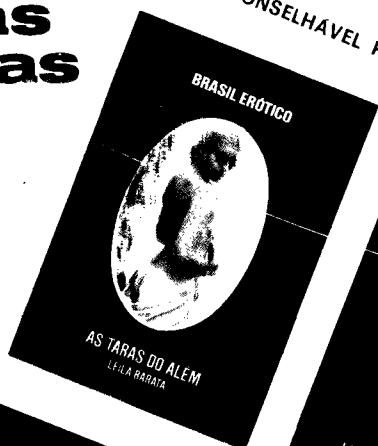
**BRASIL
ERÓTICO**

★
**VOCÊ
NÃO
PODE
PERDER**

★
**SEXO HOMÉRICOM COM
MUITO VENENO**

**já nas
bancas**

"DESACONSELHÁVEL PARA MENORES DE 18 ANOS"



**coleção
brasil
erótico**

**romances
eróticos
com todo o
tempêro
do autor
nacional**

**não
percam!**



- Espero que você entenda que eu nunca brinquei de "papai-e-mamãe", antes disso!"

APRESENTA...

CRS 90.00



15

Vizinha sem ninguém:
MACHÃO IMPETUOSO

Disse não
e se arrependeu:
TEMPO PERDIDO

Um festival de
chifres:
UM É POUCO, DOIS

INÇA

Uma linha irresistível
UN8 3E103

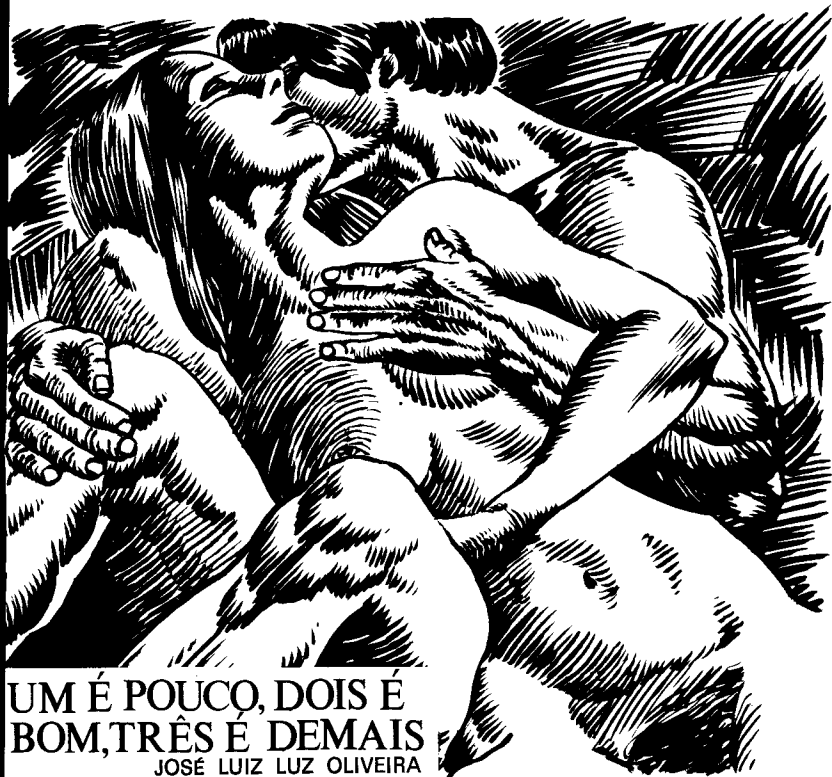
Cuidado, não
MEU NOME

**NAS BANCAS,
todos os meses**

**não
percam!**



**QUADRINHOS
PARA ADULTOS**



UM É POUÇO, DOIS É BOM, TRÊS É DEMAIS

JOSÉ LUIZ LUZ OLIVEIRA

Eu sabia que Myra, mais cedo ou mais tarde, iria se defrontar com graves problemas, devido à personalidade instável que vinha demonstrando desde há muito tempo.

Tanto sabia que até já imaginava o mal que por certo iria causar a ela própria e ao otário que se deixasse vencer por suas artimanhas diabólicas.

Eu não tenho o costume de bisbilhotar a vida alheia, mas não pude resistir a tamanha curiosidade e fiquei de antena ligada, atento ao que se passava. Para mim, mulher casada que não anda satisfeita com a atuação do marido, só pode fazer o que não presta.

Como era de hábito, Myra amanhecia o dia com a cara de mal-amada e sua aparência insatisfeita não escondia certas ansiedades...

Como um qualificado bisbilhoteiro que sou, eu esperava acontecer para

então entrar na jogada. E até que demorou mais do que eu esperava. Quem iniciou tudo, foi um vizinho novato da direita. Eu manjei logo que Myra estava se derretendo pra ele.

— Gaspar, dá um pulinho aqui! — convidava ela.

Sempre havia alguma coisa para mostrar: um álbum de fotografias, uma coleção de Gibran e, entremeando a tudo isso, umas tarazinhas de leve, é claro! Coxa roçando coxa, mãos bobas trombando em algum lugar...

Um dia, aconteceu!

O vizinho foi lá, à noite. Como não poderia deixar de ser, aproveitando a ausência do marido otário que, ultimamente, andava atarefadíssimo com o treinamento de pessoal, na reparição.

Volto a repetir que não tenho nada com a vida alheia, mas fui impulsionado para o meu posto de observação

por uma força maior. De lá, notei Myra arranjar qualquer desculpa esfarrapada e fazer o homem entrar em casa.

Eu não podia ver nem ouvir nada, mas meu sexto sentido adivinhava tudo o que estava ocorrendo lá dentro... Claro que não devia ser diferente: esfregavam-se um no outro, safadamente... Comlam-se de beijos... Chupavam-se nos lugares mais gostosos... Seguiam para o quarto... Agalinhavam-se sobre a cama... Fodiam e gozavam...

Eu ouvia Myra gemendo e gaguejando, mas só na imaginação. Imaginei aquele corpo enxuto e sedutor sendo possuído por um homem que não era seu marido; aquelas carnes lascivas sendo rasgadas por um enorme pau, grosso e intumescido, que não era o do seu marido; os montículos gelatinosos dos seios encimados por biquinhos rosados sendo sugados avidamente e ela sentindo sucessivas vertigens coloridas... Finalmente, imaginei Myra gozando aos urros, estrebuchando de tanto gozar, quase sendo sufocada pelo violento orgasmo e ainda pedindo mais...

Ao cabo de algumas horas, vi Myra aparecer no limiar da varanda com a cara mais deslambida do mundo, despedir-se do amante e fechar a porta. Aposto como foi dormir com aquele arzinho de gatinha saciada.

Eu também me afastei do posto de espionagem. Já vira o bastante para organizar minha Investida contra a mulher...

...

Gaspar voltou lá no dia seguinte e na quinta-feira também. Ficou visitando Myra, toda vez que o otário do marido saía para as freqüentes reuniões até altas horas. Eu observava tudo na surdina.

Eu descobri até um código entre eles: toda vez que Myra ligava a vitrola, momentos depois, Gaspar entrava naquela casa. Coincidia sempre que o "chefão" estava fora e a música era a mesma: de Maysa. Era uma boa maneira de evitar imprevistos. Toda vez que o amante ouvia a música de Maysa, já sabia que o campo estava

livre para mais uma calorosa trepada com a vizinha.

O sexo proibido corria solto naquela casa. Myra e o amante fodiam à larga e sem o mínimo temor, nem remorso. No dia seguinte, ambos amanheciam desgastados de tanta orgia.

Eu, por minha vez, já havia visto demais para continuar passivo. Se ela



fodia com um, podia foder com mil. E o que era que eu estava esperando para entrar no jogo? Minha timidez ou covardia talvez, estava me atrapalhando.

Diz a experiência que após o primeiro erro, a mulher perde o temor e incorre em outros. Torna-se um vício. Pois é, o problema é não trepar a primeira vez.

Azar! Quando eu me aprontei todo para entrar em cena, apareceu um obstáculo que eu não tinha reparado durante meus atos de espionagens... Tive que ficar na estaca zero novamente, por mais alguns dias.

...

— Jarbas, este jardim está uma derrota! Faz até vergonha! Veja que grama alta! Precisamos contratar urgentemente uma pessoa para cuidar dele! — reclamou Myra.

— Não conheço ninguém que possa fazer este serviço.

— Eu mesma posso contratar a pessoa... — adiantou Myra, com voz segura.

— Está bem. Mas, por favor, não me vá botar dentro dessa casa uma pessoa com maus costumes! O garoto de recado da vizinha era um ladrão fichado, lembra-se?

— Serel cautelosa, querido. Sossegue.

E, numa coincidência muito singular, o jardineiro contratado era um rapaz alto e musculoso e não tinha mais que dezoito anos.

Quando ele estava semi-nu, arrancando grama, ficava constantemente excitado por baixo da bermuda. Não era pra menos; ver Myra subir numa cadeira para ajeitar um quadro na parede. Ele se deliciava no estimulante vislumbre de pernas macias e alvas e de coxas roliças, bem torneadas.

Claro que o rapagão, na flor da juventude, sentia a garganta dar um nó e procurava desviar a vista para não revelar sua demasiada excitação. Myra descia da cadeira e caminhava sedutoramente, como se nada estivesse fazendo ou provocando.

Não havia dúvida de que o garoto estava doido para ter uma oportunidade de encontrar-se a sós com Myra, a sua bela patroa, menos de trinta anos, e que o deixava sempre confuso em todo e qualquer gesto que fazia.

Ela engolia em seco quando via o rapaz de cócoras no jardim, regando as plantas, pele queimada pelo sol, exalando ativo cheiro de suor. Imaginava André sobre uma cama... Deveria ser gostoso sentir aquele corpo sobre si, sentir aquele mastro enorme cravando nela, fuçando o recanto mais profundo de sua intimidade latejante.

"Não deveria esquecer Gaspar. Isso nunca! Ele era uma boa pedida também. Mas seu tesão maior no



momento era o jardineiro..."

A primeira vez em que eles ficaram sozinhos, foi frustrante. Nervosamente, com o coração dando pinotes de emoção, Myra virou-se para cerrar as cortinas e roçou propositalmente a bunda no pacote do rapaz. Mas a hora era imprópria e eles não puderam ficar à vontade, como tencionavam, para dar vazão a seus anseios... Ainda por cima, a presença de um vendedor de livros os incomodou.

Durante aquele primeiro encontro, eles não foram além de beijos e abraços. Chegaram a esfregar-se bastante, ainda conseguiram se bolar, mas infelizmente, o rapaz teve que levar para casa os escrotos explodindo de esperma e tinha pressa em aliviar-se no primeiro sanitário público que encontrasse.

...

A revelação sobre o jardineiro retardou minha investida. Seria mais sensato aguardar o desenrolar dos acontecimentos para aparecer na festa e comer o pedaço de doce a que tinha direito.

Como bom espião, eu já sabia que o jardineiro voltaria à noite. E foi certíssima a minha dedução porque até aquela hora, quase nove, Myra não tinha ligado a vitrola e muito menos escutado a música de Maysa, como fazia sempre para avisar a Gaspar que estava sozinha.

Pelo contrário, andava para dentro e para fora, esfregando as mãos uma contra a outra, revelando uma ansiedade fora do comum. Estava louca para foder, mas daquela vez, não queria Gaspar.

As carnes duras e jovens de André, o jardineiro, não safam de sua mente leviana. Queria provar daquele corpo rústico, daquele feixe de nervos buliçosos dentro dela, matando-a de gozo.

Sua excitação aumentava a cada minuto que passava. Sentia-se pegajosa por baixo, devido aos pingos de amor que minavam a xota, molhando a calcinha.

Do meu lugarzinho predileto, eu era um privilegiado espectador. Dava pra ter uma visão quase completa do cenário erótico.

Finalmente, soou a campainha!

Myra recebeu o amante com o têsão à flor da pele. Esfregou-se nele igual uma cadela no cio. Roçou-se incontáveis vezes naquele pacote anormal que André trazia nas virilhas, pulcando cada vez mais e tomando forma de garrafa de refrigerante.

— Pensei que não ia ter coragem de vir...

— Não já estou aqui? O que estamos esperando, então? — insinuou o rapaz.

— Desde cedo que estou me pingando. Estou toda lambuzada por baixo... Acho melhor lavar isso primeiro, pra ficar limpinho.

— Não demore. Estou seco.

— Será um minutinho só.

Myra correu para o banheiro e apressou-se em fazer uma rápida higiene. Ouviu-se o sonoro xô-rô-rô da mijada no lavatório e a descarga logo a seguir. Depois ouviu-se o barulho do chuveiro no piso.

Enquanto esperava, André procurou fazer alguma coisa para distrair a monstruosa excitação que o atormentava. Ligou a vitrola e pôs o disco de Maysa. Os acordes românticos de "Meu Mundo Caiu" brotaram suaves, enchendo a sala. André tinha gradado o som tão baixo que Myra nem escutava, talvez até devido ao barulho constante do chuveiro...

Gaspar, o vizinho, ao ouvir o sinal combinado, correu para lá. Seria mais uma gostosa noite de amor nos braços de Myra. Já estava até com saudade de perfurar novamente aquelas carnes mornas e enxutas. Pulou a cerquinha e entrou pelo lugar mais fácil que encontrou. Ao chegar à sala, porém, deparou-se com um desconhecido, sentado no sofá, fumando muito calmamente...



Myra correu nua de dentro do banheiro quando pressentiu o erro... Na sala ficou em pé, confusa, diante dos dois homens, sem saber o que fazer para se justificar.

Foi aí que eu não agüentei mais ver tanta sujeira... Já tinha suportado mais do que devia. Era então uma ótima oportunidade para entrar em cena, eu que vinha querendo fazer isso há muito tempo, mas que esperava o momento certo. Era agora ou nunca!

Meti a chave na fechadura e pulei para o interior da sala de revólver em punho... No desespero, ainda ouvi Myra gritar por socorro...

Preferi ser assassino triplo a continuar sendo corno... Esse é meu depoimento, senhor delegado!



MENTIRA QUASE INOCENTE



CARLOS MAGNO

Está certo; não sou um conquistador de classe A, nem B. Talvez esteja lá pela metade do alfabeto. Mas isso não era motivo para que os bundas-moles dos meus amigos vivessem tirando sarro na minha cara. Cada um trepa como quer. Principalmente, quando quer. Não existe manual ou lei que nos obrigue a manter relações dessa ou daquela forma.

Por falar em lei, lembrei-me: até o deputado Quinzinho começou a me gozar. Imaginem só: o deputado Quinzinho! Logo esse infradotado, cujo projeto mais inteligente feito em todo seu mandato, foi pedir ao governo que pagasse uma astronômica indenização ao Banco do Brasil pela situação crítica em que viveu esta organização antes do país ser descoberto! Este foi o mais inteligente. Imagine os outros.

Uma semana depois da festa no clube do Bolinha, onde somente homens podem entrar, o deputado passou por mim na rua e escarneceu:

— Como é, Almeida, já se recuperou da foda do semestre?

E riu como uma besta. Como não entendi nada, fiquei sério. Este negócio de trepada semestral não me dizia respeito. Pensei que ele tivesse me confundido com outra pessoa.

Acontece que naquele mesmo dia, um pouco mais tarde, encontrei-me por acaso com o João Chupeta. Tomamos um café no boteco, conversamos coisa de cinco minutos e, quando nos separamos, ele disse bem alto, pra todo mundo escutar:

— Antes que eu me esqueça, companheiro, pegar no sono enquanto trepa, é uma coisa muito feia!

Quando fui pedir-lhe explicações, não deu tempo. Ele tomou o ônibus e sumiu.

Além dessas duas bestas amigas, outras mais me fizeram insinuações semelhantes. Por telefone e pessoalmente. E aquilo foi me enchendo tanto o saco que, numa noite, quando dava uma enrabadinha em minha esposa, tirei um pouco o membro de seu ânus e ajoelhei-me na cama, submergido no assunto.

Margarida percebeu que algo não ia bem e perguntou:

— O que acontece, querido? Sintu que você está com o pênis tão distraído... Não gosta mais de fazer amor no meu traseiro?

— Nem diga uma coisa dessas, mulher! Você sabe que o meu maior prazer é nenetrá-la vaginal e analmente.

— Mas não me parece que esteja gostando hoje. Enraba-me tão mecanicamente como se estivesse escovando os dentes.

Para mostrar-lhe que estava realmente entusiasmado em possuí-la, procurei afastar um pouco as preocupações e, untando o pênis com creme hidratante, coloquei-o novamente em seu orifício anal. Margarida rebolou de satisfação, brindou-me com rápidas e delicadas mordidas traseiras na glândula, sugou-me inteiramente e depois derreteu-se em espasmos orgâsmicos. Eu, de minha parte, fiz o que pude: contaguei-lhe o reto com alguns disparos de esperma e, depois, saí de cima.

Quando o membro, ainda semi-rígido, voltou para fora, levei um choque. Ele estava vermelho! Coberto por algo sangüíolento!

Como numa hora dessas a gente sempre pensa no plor, perguntel:

— Oh, querida! Será que fui tão desastrado a ponto de arrebentar algumas veias do seu buraquinho?

— Eu não senti dor alguma. Por que pergunta isso?

— Veja como meu membro está vermelho. Parece sangue!

Ela examinou-o, cheirou-o, deu-lhe uma leve lambida em toda sua extensão e comentou:

— Além de vermelho, tem gosto de morango.

— Oh, desastre! Será alguma doença grave?

— É apenas distração. Você está tão mergulhado em seus problemas que, em vez de lambuzar-se com creme hidratante, usou meu batom com sabor de morango.

Calamidade! Estranhíssima calamidade!

Ao ver que me deixara envolver tanto pelo problema a ponto de sair com o membro sabendo a morango, resolvi colocar as panelas na mesa e analisar tudo o que acontecia, tudo que tivesse alguma relação com o fato, por mais remoto que fosse.

E a lembrança mais antiga foi, realmente, a festa no clube. Antes dela, tudo corria normalmente.

Mas o que acontecera lá? Bem... Os caras que participavam da reunião resolveram fazer uma brincadeira para saber quem ficaria com a tesoura de prata do Sérgio e Léo. Dias antes, tínhamos comprado a tesoura para homenagear os vinte e cinco anos que o Sérgio dedicou de sua vida, cortando mangas esquerdas para as camisas da sociedade. Como ele não queria a homenagem — e tanto não queria que resolveu morrer antes que a mesma se realizasse —, ficamos sem saber o que fazer com a tesoura. Foi aí que o Dino Repolho, conceituado feirante e especialista em vender berinjeles, propôs a brincadeira. Todos os sócios deveriam responder à seguinte pergunta: "Qual o lugar em que você mais gostaria de estar neste momento?". Quem desse a melhor resposta, ganharia a tesoura.

Saiu cada uma! O deputado Quinzinho disse que gostaria de estar na assembleia, defendendo com todo seu ardor e palxão, a nacionalização da chave inglesa. O João Chupeta falou que gostaria de estar pisando num monte de excrementos. Quando lhe perguntamos por que respondeu que seria uma delícia pisar, somente, pois já fazia quase um ano que estava com a merda pelo pescoço. Outros saíram com respostas mais absurdas, ainda.

Quando a mim, eu disse que a coisa mais gostosa seria estar comendo o rabinho de minha esposa.

Ganhei a tesoura de prata, pois todos concordaram que não havia melhor lugar para se estar. Quando cheguei em casa com a tesoura, fui obrigado a contar pra Margarida como a ganhara. Falei do concurso, das respostas que os outros deram e, para não inibi-la, menti, dizendo que respondera ao pessoal que o lugar onde gostaria de estar era no teatro. Por isso me deram a tesoura.

Eram estes os fatos que eu sabia ter alguma ligação com as gozações do pessoal. Por mais que me esforçasse, não me lembrei de outros. E nem vi, também, motivos para as gozações.

Foi então que, parando de limpar o batom do membro, perguntei à Margarida:

— Você já usou a tesoura que ganhou no clube?

— Ah, sim. É muito boa. Por falar nela, querido, no dia seguinte ao concurso, o Dino Repolho veio me trazer algumas berinjeles e perguntou se eu sabia qual fora a resposta que você dera naquela noite.

— E daí?

— Respondi que sabia, mas que você era um mentiroso. Mentira para eles, pois desde que nos casamos, só estive no seu lugar preferido duas vezes: na primeira passou todo tempo dormindo; na segunda vez, ficou tão chateado que saiu depois de dois minutos.

Não precisava explicar mais nada. Já estava tudo explicado.

VEROSSIMILHANÇA

JOÃO BRASILIENSE



— 1 —

— Por favor, papai, não seja teimoso.

— Não dou!

— Hoje virá aqui a mais linda mulher do mundo, devolva-me o fusível.

— De jeito nenhum; cavoque a terra, engula minhocas, canalize sua energia em outras esferas. Carne, nem por sonho. Poxa, não entendo o que há de errado... concentro-me em você há anos e cada vez mais sua semelhança com essa cambada de monstros se acentua.

— O fusível, papai!

— Esse, não!

— Mas é dele que preciso...

A voz do moço foi apagando num lamento débil. O pai tentava contornar a situação.

— Ouça Steve Wonder... hoje não quero prensa, nem bolinação.

— Mas, velho, estou a perigo!

— Velho, merda nenhuma, funciona melhor que qualquer modelo obsoleto!

— A mulher mais bonita do mundo vai pensar que também sou.

— Disse-lhe que maneirasse naquela festa, só deu corno viúvo.

— As fêmeas andam famintas.

— É, filho... a raça urge do nosso aço.

— Só mais uma, pai, uminha só?

— Não, estou pensando em refazê-lo... talvez, se acrescentasse algo.

— Outra vez?! Oh, essa mania de perfeição, esse desejo insano de ultrapassar, essa angústia de renascer...

— Vamos testar novamente, sente-se no peitoril da janela, vou acioná-lo.

— Mas, papai, estamos no último andar!

— Diga-se, de passagem, muito confortável sua cobertura... voe até nossa matriz e traga-me Athys.

— Aquele retardado? Microtize-o.

— Em célula?

— Parafuso.



— 2 —

— Entre, moça, esteja à vontade, meu filho Pholis precisou viajar.

— Você... é pai dele?!

— Sim, parecemo-nos bastante.

— Idênticos, como gêmeos!

— Ainda não degeneramos.

— Como disse?

— Nada, não, moça, jeito de falar... bebe alguma substância?

— O quê?

— Perdão, boneca, aceita algum aperitivo?

— Uisque com gelo, obrigada.

— Você é um pedaço de mulher!

— Incrível, absolutamente fantástico, você é o homem mais lindo do mundo!

— Vejo que meu primogênito também não exagerou... se importa se eu ficar pelado?

— À vontade.

— Com licença.

— Meu Deus, que belo macho!

— Menina gulosa... há quanto tempo não vê um?

— Nem dá pra contar. Espécie em extinção...

— Moça, o tapete agüenta, mas acho melhor permanecer em cima.

— Não quero cansá-lo.

— Ora, menina, não confunda, cento e noventa quilos engulo fácil, peso-pena, linda delícia.

A mulher mais linda do mundo dobrava-se em múltiplos orgasmos, ganindo cósmica sua vontade milenar sobre o grande-macho elétrico à mercê do inesgotável cio da fêmea insatisfeita há séculos.

— Vem... fica um pouco em cima... macho divino... você cheira petróleo... essência envenenada que alucina!

— Moça, estou avisando, seus frágeis quilinhos não vão dar conta.

— Quanta gentileza... me leva pro céu, agora... vem em cima... vou explodir de novo!

— Tá bom... não sei por que as mulheres são tão teimosas.

— Vem!...

CRASH! CRASH! CRASH! chu-in... in... i...

— Moça, falta de avisar não foi, que mulher esganada! Fez boa viagem, filho?

— Onde está a moça mais linda do mundo?

— Dê-me Athys.

— Preso à rosca da coluna, não queria vir, precisei parafusá-lo à força.

— Filho, poderia deitar-se de costas sobre esta placa vermelha?

— PAPAI!

— Da próxima vez, não escolha mulher tão magra... venha cá, feche os olhos... levante-se, Athys! Abra os olhos, feliz aniversário, filho.

— Mas, papai, Athys não passa de uma mulher!

— Filho ingrato, esqueceu que você hoje completa treze anos?

— Oh, papai!

— Meu presente para você... a décima-terceira mulher mais linda do mundo, que lançamos no mercado... ela é virgem, vão pra cama.

UNS SEIOS

NILTO MACIEL



"E através dos anos, por meio de outros amores, mais efetivos e longos, nenhuma sensação achou nunca igual à daquele domingo, na rua da Lapa, quando ele tinha quinze anos."

MACHADO DE ASSIS

Pedrinho olhava distraído para os seios de Izaura, que se debruçara sobre a mesa para melhor distribuir o almoço.

— Provou do cozido, Severino?

Em vez de responder à mulher, o advogado deu um berro e pôs-se a descompor o hóspede.

— Esse menino não tem jeito. Vi-ve dormindo em pé. Acorda, palerma, presta atenção às coisas!

Filho mais velho de um irmão de Severino, andava Pedrinho por volta dos quinze anos e só há um mês chegara de Baturité.

Severino combinara, com o irmão do interior, dar comida e dormida ao sobrinho, além de providenciar-lhe estudos regulares, desde que o garoto o ajudasse no escritório.

Casara-se com Izaura, moça bonita, de vinte e cinco anos, toda dedicada

ao lar. Mas, apesar de conviverem há três anos, não tinham filho.

Terminada a refeição, serviram-se de café. Ela quis saber das novidades da cidade e o marido falou de loteamentos, carros, juros.

Alheio às preocupações do patrão, o garoto olhava de soslaio para os seios da senhora, enquanto levava à boca a xícara.

Seu trabalho, se não era penoso, chegava a ser cansativo. Levava correspondências, depositava cheques, limpava o escritório, ia ao Foro, comprava cigarros, jornais, café, servia aos clientes do tio. Não descansava um minuto sequer. E, à noite, corria à escola, para voltar, cansado e sonolento, em ônibus superlotados, para um sono de poucas horas.

— Não vai beber esse café hoje, não?

Deitado no sofá, Pedrinho já dormia. Parecia um anjo. Izaura amiu-dou os passos, pisou de leve no chão, para não acordá-lo.

— Como é lindo!

Diante dele, vieram-lhe à tona, pedaços do sonho da noite passada. O garoto dormia e ela, como se atraída por ele, aproximava-se da cama.

Não conseguia reunir os vários quadros da cena. De onde viera? Do quarto do casal, do banheiro, da rua? Inclinava-se sobre o hóspede, medrosa, coração aos pulos, olhos faiscantes. E daí? Sim, apalpava-o. A que altura do corpo?

Ouvia a respiração dele, achegou-se mais de seu corpo moreno, ajoelhou-se, como se aos pés de um Cristo.



Um ruído fê-la estremecer e recuar. Quem seria? Era o gato, à cata de sobras de comida, na cozinha.

Sonhava também Pedrinho. Assistia televisão, numa tarde morna, enquanto Izaura dormia no quarto ao lado. Não o prendia o que via. Enfastiava-o. E cochilou. E teve um sonho passageiro mas delirante. Pois lhe aparecia ela, tão bela como na realidade, os seios quase à mostra, balouçantes, livres dentro do vestido, e, como acreditou pudesse ser verdade, caminhava em sua direção.

Recomposta do susto, reaproximou-se do sofá, tateou o corpo dormido do garoto.

Severino não voltaria tão cedo, o gato não teria olhos para o amor, os homens e as mulheres da televisão

falavam, riam, choravam mas nada viam, nem ouviam. Podia sossegar, passar horas seguidas junto de Pedrinho, os lábios a um beijo dos lábios dele.

— Está dormindo.

Antes do anoitecer, ele despertou, feliz, pronto para retomar o fio esquecido de sua rotina, trabalhar feito burro de carga, agüentar a cara feia do tio, dormir pouco e sonhar muito. E ver, duas ou três vezes por dia, Izaura, seus seios cor de rosa, admirá-la, amá-la.

Nos dias que se seguiram, não notou qualquer atitude dela e de Severino que pudesse significar ressentimento ou coisa parecida. Antes, via menos ríspido o tio, mais amável Izaura. Podia então continuar a lembrar aquele sonho maravilhoso. Recapitular as cenas daquela tarde de domingo. Sentir aquela mão macia a abrir-lhe a braguiilha, apalpar-lhe o pênis, erguê-lo, beijá-lo, abocanhá-lo. E quase morrer de prazer durante a noite, antes de se entregar ao sono.

Não sabia, porém, se no sonho chegava a roçar o membro entre os seios dela, tocar-lhe os biquinhos duros com a ponta dolorida do pau.

Izaura criava coragem, descia a mão com firmeza pelo corpo dele, que dormia, não via nada, não saberia de nada. Mas estaria realmente dormindo? Claro que sim. Não havia perigo algum. Podia admirá-lo à vontade, beijá-lo quantos vezes quisesse, tocá-lo. Passar, de leve, a língua por sua glândula intumescida, abrir a boca, engolir a seiva que jorrasse daquela serpente enraivecida. Despir-se, sentar-se inteiramente aberta sobre o seu tornozelo e sentir-se penetrada bem fundo, doendo, doendo.

— Tem sono pesado.

Uma semana depois, Severino o mandou de volta à casa dos pais. Não deu maiores explicações e nem falou com rispidez. Izaura também não parecia zangada.

— Vá com Deus.

Nunca mais Pedro esqueceu aquele sonho dos quinze anos e, sempre que parava para recordá-lo, trazia à mente os seios de Izaura e ejaculava.

Era Severino, de volta às repreensões, aos abusos, esgotado o assunto das novidades solicitado pela esposa.

Logo na primeira semana de nova vida, Pedrinho percebeu o jeitão esquisito do tio-patrão e pensou em voltar para sua cidadezinha. Mas aqueles selos durinhos, sempre meio escondidos, meio à vista, de Izaura o fizeram desistir da apressada decisão. O lado bom da vida.

Após a janta, sentaram-se à sala marido e mulher. Ela pensativa, a recapitular o incidente do almoço. Sim, o rapazinho não perdia oportunidade de meter os olhos por entre seus selos. Curioso, o safado.

— Deu para andar cochilando também?

E Severino voltou a falar mal do sobrinho. Chamou-o de preguiçoso, moleirão, dorminhoco.

Viram novelas por umas boas horas, até que ele se pôs a cabecear no sofá. Ela não, apenas lutava com os pensamentos. Devia dizer tudo ao marido, falar da malícia de Pedrinho, de seus olhares lascivos. Mas tudo o quê? Ora, o pobre garoto não cometera nenhum ato de desrespeito. Que mal podia haver num olhar? Além do mais, não tinha culpa de se ver tentado. Se culpa havia, essa começava e terminava nela. Culpa não, que nenhuma mulher é culpada de ser bonita. Ora, culpa! Pois sentir-se admirada, galanteada, desejada, é um atributo feminino.

E se debatia num mar de idéias, conjecturas, dúvidas.

Nos dias que se seguiram, Izaura passou a observar mais o adolescente. E percebeu estar ele apaixonado dela. Claro, aqueles olhos de fogo, aquele nervosismo diante dela, aqueles suspiros só podiam significar muita paixão. Mas pura paixão adolescente. Coisa passageira. Bastava combatê-la, sufocá-la, matá-la no seu nacedouro.

Percebeu Pedrinho a repentina mudança nas atitudes de Izaura. Já sequer lhe dirigia a palavra e, quando o fazia, era com aspereza, tal qual o marido.

Se antes havia motivo para despedir-se daquela casa, então sobravam razões para uma fuga. Sim, precisava ir embora, nunca mais ver aquela mulher, aqueles seios.

Durante dias, esteve o garoto às voltas com a dor de, para sempre, deixar de ter pertinho de si Izaura. Longe dela, no entanto, ardia de desejo de vê-la. Perto, esquecia a só lembrança da idéia estúpida de voltar a Baturité.

Cuidou, não só ela se mostrava a mesma criatura afável de antes, como até o tratava com carinho.

— Você está bem, tem se alimentado durante o trabalho?

Dava-lhe conselhos, como andar pelas ruas, escolher companheiros, conversar, queria saber se suas necessidades de vestuário, calçados, higiene, diversões.

Durante certo almoço, Severino contou uma piada e andava Pedrinho tão à vontade na casa, que riu, pela primeira vez, diante do patrão. Izaura não notou a mudança no hóspede mas antes, beleza no seu sorriso.

Apesar de tudo, o garoto não ia bem. Atrapalhava-se no serviço, trocava o correio pelo Foro, os bancos pelas bancas de jornais, não dormia direito, perdia o apetite, definhava.

Numa tarde de domingo, viu-se obrigado a desviar os olhos da televisão que tinha diante de si para acompanhar a imagem maravilhosa de Izaura, saída de não sabia onde. Não podia ser verdade, no entanto, a repentina aparição dela, se se enclausurara no quarto do casal desde a partida de Severino. Após o almoço, fora ele em visita a um amigo.

— Vamos, minha filha.

— Não, pode ir só. Estou indisposta, cansada, com sono. Vou dormir.

Realmente, no momento em que Pedrinho a viu, Izaura remexia-se na cama. A seguir, levantou-se, andou pelo quarto, arrumou o leito, mexeu nas gavetas da penteadeira, olhou-se, penteou os cabelos, perfumou-se. Perseguiu ainda o quarto, antes de abrir a porta e dirigi-la à sala.



ANDRÉ CARNEIRO

MEU NOME É GO

Meu nome é Go. Muita gente chama eu Gorila. Dr. Wilson fala Go. Eu escrevo isto porque ele pensa ser bom controlar progresso. Eu tenho monte de idéias sobre vida dos homens, mas não sei nada sobre minha raça. Acho que nunca vivi junto na terra dos gorilas. Dr. Wilson fez experiências comigo e eles. Não sei porque, eles não fazem certo as coisas como eu.

Eu trepei com umas fêmeas gorilas peludinhas, mas não acho nenhuma completa. Prefiro mulheres, lisinhas. É muito importante para mim. Quero dizer, trepar. Me ensinaram escrever de outro jeito, "fazer amor". Mulher gosta de falar assim, mas trepar é mais fácil. Posso lembrar a primeira vez que trepei com mulher, sei que foi bom e depois também. Dr. Wilson e os outros deixaram eu sozinho na cama redonda, ela entrou nua, começou puxando meus pêlos devagarinho. Pude cheirar que ela estava com medo, acho que fui muito pesado. Dr. Wilson falou que não posso apertar mulher com força. Gorila peludinha gosta com força. Dr. Wilson ensinou. Mulher lisinha é muito fraca, fica logo sem fôlego.

Nome dela é Jane. Ela deu pra mim um livro de estória do Tarzan. Ela explicou que não é estória certa, que um homem chamado escritor inventou tudo. A diferença das coisas que são mesmo e das coisas que são inventadas é importante. Os homens entendem muito dessa diferença. Dr. Wilson conta muita estória pra mim.

Ele explica se é estória inventada ou estória certa. Eu aprendi a perceber estória certa e estória inventada. Dr. Wilson pergunta, eu respondo, ele fica contente. Mas, pra mim, estória inventada e estória certa é a mesma coisa. As duas existem.

Tarzan existe, Jane existe, eu existo. Tenho certeza que a gente não escapa disso. Jane dá risada diz que não entendo. A gente trepa. Aprendi a fazer bem devagarinho. Jane diz que não quebrei nenhum osso dela. Seria gostoso mas não pode. Jane ensina posições. Jane me deu um livro tem seiscentas posições, homem, mulher, desenhado. Muita posição só pra gente forte como eu, Gorila. Precisa pegar mulher um braço só, suspender perna. Pra mim fácil trepar assim. Homem nunca consegue força assim. Fêmea gorila sim, mas não sabe ler livro. Dr. Wilson põe aparelho torna grande e bom cabeça de gorila. Não sei se cabeça de homem pode melhorar assim. Homem gosta de ser mais inteligente. Ser mais inteligente é difícil saber come. Inteligência é como cheiro que gorila sente mas homem não sente.

Eu posso sentir cheiro de mulher atrás da porta. Cheiro de gorila peludinha, quatro portas. Cachorro sabe cheirar fêmea bem. Cheiro de mulher é bom eu sigo até as pernas. Vagina não pode falar, Jane ri quando falo, só médico pode. Quando aprendo coisas dos homens faço do mesmo jeito que os homens. Tenho na minha cabeça como é certo pra gente ficar mais alegre. Mulher é diferente de homem. Mesma coisa faço pra homem e mulher, resposta vem diferente. Não sei por que nem importo. Cansa muito falar diferente pra homem e pra mulher. Acho que diferença é porque trepo com mulher e não trepo com homem.

No começo quis trepar com homem mas desisti. Tem um assistente do Dr. Wilson bonito, branquinho, gordo. Quando falei isso pra Jane ela gritou, não trepou comigo. Muita coisa é proibida mas não sei explicar porque sou gorila. Eu concordei com ela. Mas certo não tem diferença entre homem e gorila. Mas todo dia

passa eu aprendo é melhor fazer coisas como homem costuma fazer. Isto é uma regra, acho. Tem regras escondidas também. Ninguém conta quando pergunto. Acho que é outra regra não falar as regras.

Quando fico com Dr. Wilson ele deixa eu ficar sem roupas. Mesmo se eu coço no rego da perna. Mas perto de gente não posso. Posso coçar a mão, coçar o braço, mas não coçar a bunda. Jane gosta de eu coçar a dela quando a gente trepa. Mas ela mata se eu faço perto de gente. Ela usa roupa perto de gente. Eu também.

Também é regra. Sei que tem gorilas vivendo no mató. Dr. Wilson não deixa eu ir lá. Eles não sabem falar esta língua, são selvagens. Não sei se falam outra língua. Não acho isso importante. Falo porque gente, Dr. Wilson, fica contente. Não precisa falar, escrever, pra viver. Gesto resolve tudo. Jane fica horas falando com Dr. Wilson. Os dois perguntam opinião minha de tudo. Eles não acreditam eu não tenho opinião.

Quero me divertir, trepar, comer bem, dormir, trepar, brincar, beber, trepar, um monte de coisas. Não tenho opinião. Tudo que falo de tudo aprendi com gente, Dr. Wilson, Jane. Quando visitante, jornalista, televisão pergunta pra mim, respondo o que aprendi repetindo tudo. Jane às vezes fica aborrecida de trepar. Ela diz não tem futuro. Não compreendo essa palavra, mas aprendi a usar. É fácil falar de coisas que vão chegar. Eu li livros de gorilas, macacos. Acho que eles não têm a palavra futuro. A gente faz agora, não faz amanhã. Eu não sei como fazer amanhã. Mas é fácil fingir que a gente está aqui agora e vai estar amanhã, na hora certa.

Dr. Wilson acredita nas coisas que não existem. Ele ensina pra mim matematicamente. É divertido. Tenho que pensar coisas que não existem, números, e inventar problemas. É aborrecido inventar problemas e achar o certo, no papel. Se o problema não existe não precisa inventar. Jane falou que a gente precisa matemática para construir casas altas. Tem a máquina chamada computador que resolve isso dentro. Coisa importante co-

mo ter fome e não ter comida, querer trepar e não ter mulher com vontade, quebrar ossos e consertar, isso homem resolveu tudo. Nunca vi gente do laboratório com fome sem comida. O jornal diz que acontece na África, no Brasil.

A máquina computador arranja isso. Tem gente gorda que come muito. Acho que isso é opinião. Cada vez sou capaz de fazer como homem. Cada vez que tem visita tiro maquininha computador do bolso e aperto botão. Gente pensa que resolvo problemas. Primeiro Jane viu eu masturbando ela disse "eu resolvo problema". Nós trepamos. Não sei por que chamar masturbação de problema. Regras de sexo é difícil. Eu finjo que conheço. Trepar ou não trepar, coçar o saco, beijar a parte de cima, a parte de baixo (parece que a gente não pode escrever a palavra certa). Dr. Wilson mostra cinema pra mim. Mas na sala é proibido imitar trepadas.

Agora já não quero mais aprender as regras. Muda muito no lugar, do dia, gente, na idade. Quando não sei, paro, olho gente, faço mesma coisa. Também não dá certo, às vezes. Jane diz que gente faz como eu. Não acredito. Acho que é outra regra não se falar como se aprende as regras. Todo dia Dr. Wilson pede pra mim escrever e responder muita pergunta. Jane e ele repete todo o dia pergunta igual. Quando não repito a mesma coisa Dr. Wilson fica triste. Não sei por que repetir sempre mesma coisa se tudo muda.

Faz tempo agora Jane está aborrecida comigo. Acho que ela tem que inventar problemas com as maquininhas porque a gente trepa muito bem. Dr. Wilson põe máquinas na minha cabeça, tenho de repetir, fingir, repetir, todo dia.

Jane disse que eu estou voltando para trás, vou ficar gorila só, não gente. Boa, boa notícia eu falo, mas Jane não fica contente. Outra regra. Masturbo. Jane trepa eu. Regra. Trepar bom.

Comida. Dr. Wilson dorme computador. Perna Jane cheira. Bom.

Regra. Pra trás. É bom ser gorila.

LEIA E AUMENTE O SEU CONHECIMENTO.

1



SODOMIA — Dr. Hans Fritz Lerner

A sodomia é o desvio sexual mais antigo da humanidade e que ainda hoje constitui tabu em muitos países. Mas os que se dedicam a essa prática sabem os prazeres que ela proporciona.

Cr\$ 550,00

2



JOGOS ERÓTICOS — Xaviera Hollander

Conheça todos os jogos que precedem o ato sexual. Eles são importantíssimos para a realização do sexo completo.

Os jogos eróticos preparam o indivíduo para o orgasmo total.

Cr\$ 660,00

3



XAVIERA SUPERSEX — Xaviera Hollander

As variedades da prática sexual são ilimitadas. Aqui Xaviera mais uma vez explica, numa linguagem cheia de sensualidade, as maneiras mais eficazes de se conseguir o sexo total. Ninguém entende de sexo como ela.

Cr\$ 660,00

4



A SELVAGEM XAVIERA Xaviera Hollander

Mais uma coletânea de casos e situações sexuais da inigualável Xaviera. Mas agora mais voluptuosa, ardente e selvagem.

O mais violento dos seus livros, com descrições de técnicas e práticas sexuais jamais imaginadas.

Cr\$ 950,00

5



AS BISSEXUAIS Bernhardt J Hurwood

Elas amam o sexo em todos os aspectos. Entregam-se sensual e voluptuosamente aos homens e ao mesmo tempo descobrem novos prazeres no lesbianismo.

Cr\$ 900,00

6



PRATIQUE O SEXO CERTO E SEJA FELIZ — Dr. Hans Fritz Lerner

Freqüentemente o prazer sexual diminui por não estar sendo praticado de maneira correta. Pratique o sexo certo seguindo as instruções contidas neste livro.

Cr\$ 500,00

7



CONHECIMENTOS E VERDADES SOBRE O SEXO Dr. Hans Fritz Lerner

Tudo sobre o sexo, para leigos e entendidos. Livro indispensável para quem deseja obter conhecimento profundo do sexo em todas as suas facetas.

Cr\$ 420,00

8



TUDO SOBRE O ORGASMO Dr. Hans Fritz Lerner

Há casais, e principalmente mulheres, que passam a vida sem jamais conseguir um orgasmo completo. Veja porque e como transpormos as regras do gozo sexual para atingir o orgasmo total.

Cr\$ 500,00

9



ADAPTAÇÃO SEXUAL PERFEITA — A. H. Chapman, M.D.

É freqüente o casal se sentir infeliz sexualmente por falta de adaptação. Leia as técnicas que devem ser utilizadas para uma adaptação sexual perfeita.

Cr\$ 780,00

O SEXO É PARTE IMPORTANTE NA FELICIDADE DO CASAL.

10



AMOR, SEXO E FELICIDADE — Dr. Hans Fritz Lerner

Que é a felicidade? Bem, é um conjunto inexplicável de circunstâncias agradáveis. Veja como é fácil ser feliz, através do amor e do sexo...

Cr\$ 500,00

11

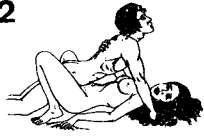


COMO MANTER ACESA A CHAMA DO SEXO — Dr. Hans Fritz Lerner

O maior alimento do amor é a variedade. A monotonia mata o amor. Mantenha acesa a chama do amor utilizando sempre renovadas práticas sexuais.

Cr\$ 500,00

12



COMO AUMENTAR O PRAZER SEXUAL — Dr. Hans Fritz Lerner

O prazer sexual pode ser aumentado com novas práticas, novas posições, novas modalidades. O orgasmo sexual bem explorado não conhece limite. veja como conseguí-lo com a leitura deste livro

Cr\$ 500,00

13



O PRAZER SEXUAL NO CASAMENTO — Jerome — Julia Rainer

O prazer sexual é um dos mais gratificantes prazeres da existência. Nem todos, contudo, conseguem conhecê-lo em toda a sua plenitude. Descubra o universo do prazer sexual pela leitura deste livro.

Cr\$ 900,00

14



O MELHOR DO SEXO — Xaviera Hollander

O que há melhor no sexo, fora da rotina e das formas convencionais. Livro fascinante, cheio de novas modalidades, de como se conseguir o máximo prazer sexual.

Cr\$ 660,00

15



A ALICIADORA FELIZ — Xaviera Hollander

O livro de estória de Xaviera é o mais lido em todo o mundo. Ela nos revela todos os prazeres ocultos do sexo, como conseguir o máximo de satisfação sexual e o faz com arte e muita sensualidade.

Cr\$ 1200,00

EDITORA NOBLET Caixa Postal, 15.181 — Cambuci — São Paulo

Peço enviar-me pelo Reembolso Postal o(s) livro(s) assinalado(s).

Assinale com um X o(s) livro(s) que deseja receber:

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15

Não remetemos para o exterior

Sexo 15

Nome:

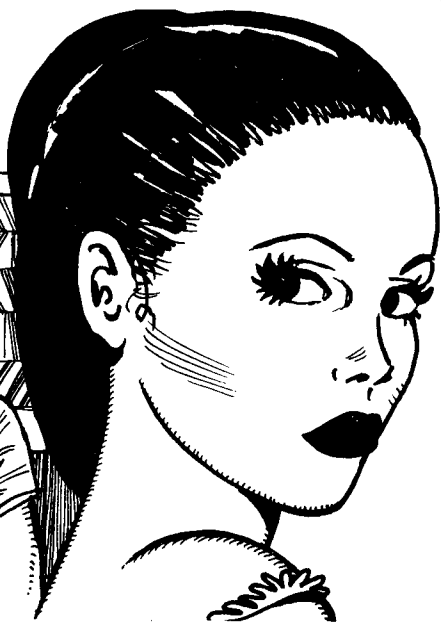
Rua: NP:

Cidade: Estado: CEP:

Favor escrever bem legível — haverá acréscimo de despesas postais.

MACHÃO IMPETUOSO

A. LEMES



Estamos num bairro residencial de classe média, em uma rua discreta, bem ornamentada de frondosas árvores e jardins na frente das residências construídas em gracioso alinhamento...

Fiquemos atentos aos movimentos de duas dessas moradias; vamos conhecer três pessoas vizinhas uma da outra.

Na casa da direita, reside um casal sem filhos, na da esquerda, mora a mais linda mulher do bairro: tentadora, fechadíssima jovem viúva. Ela era nova no pedaço, enquanto que o casal sem filhos viviam naquele setor há bastante tempo. Clotilde é o nome da criatura sem marido; Dionísio e Fernanda, o do casal...

Clotilde levava muito a sério a viuvez. Ninguém naquela rua, mesmo as donas mais fofoqueiras, lograram devassar os particulares da solitária senhora. Ela, simplesmente, levava vida quase semelhante ao do claustro; suas saídas resultavam rápidas, se resumiam em ir buscar o dinheiro da pensão deixada pelo falecido, fazer compras no supermercado ou na feira. No que diz respeito ao vestuário, des-

de os sapatos até as blusas de golas altas, eram negros. Estas fúnebres tonalidades estavam também presentes na sua maquiagem através das sombras aplicadas ao derredor dos olhos ou dos próprios, tão pretos como os cabelos, cílios e sobrancelhas naturais. Seus penteados eram os mais simples possíveis. Quando os cabelos não se encontravam soltos acariciando-a na nuca, apareciam presos em deslumbrante coque...

O par Dionísio/Fernanda, representavam o contraste de quase tudo o que disse acima. Comparando o estilo de vida que levavam, com a da vizinha, sentir-se-ia a grande diferença existente nas atitudes individuais. Enquanto aquela se ralava em solidão, estes se desdobravam em atividades sociais, promoviam festinhas, viajavam, adoravam as colcas da natureza... Mas, nesta casa também havia tristezas ocultas por detrás dos sorrisos, da aparente descontração ou daquelas palavras de sentido positivo tais como: "Comigo está tudo bem, nada há a reclamar"... Havia reclamação, sim. Adoidadamente, Dionísio fodia a esposa. Queriam um filho e este, nos

oito anos de vida em comum, ainda não havia aparecido. E nem apareceria. Estéril de nascença, Fernanda, jamais seria mãe, nunca iria dar ao marido o prazer de observá-la arredondando-se nas formas, durante os vários estágios da gestação...

Bem, partindo da premissa de que ninguém passa pela terra sem carregar este ou aquele drama, vamos ten-



quear. Depois, experimentando mais pujança no parceiro, aquietou-se, tratou de gozar o mais possível, assimilou admiravelmente as novas ânsias do esposo deixando-o chupá-la na vagina, permitindo-o penetrá-la no ânus e até chupou seu pênis... Daí então, foi que ela percebeu o real tamanho do artefato ejaculador de porra. O instrumento quase não lhe cabia na boca tão grande e grosso era. Espantada, admirou-se da sua capacidade de conseguir suportar aquele mastro na cu... E suportava-o reboativa, gritava de prazer, sentia delicioso perceber o calor dos espermatozoides lubrificando-o bem acima do cólon, não encontrava palavras para descrever como era gostoso sentir os dedos de Dionísio achatando seu gelo enquanto as bolas do saco batiam na vulva intumescida. Enfim, Fernanda considerou-se quase a melhor fêmea do mundo... e o seria, se pudesse dar luz a um filho.

Paralelas a esta atividade sexual intensa, duas outras seguiam curso normal.

Dionísio, quando lhe sobrava tempo, tratava de espreitar os movimentos da vizinha. Seu telhado, sua antena de TV, nunca estiveram tão bem conservados. O homem estava sempre trepado em escadas, olhando dissimuladamente o quintal da outra. E não podemos considerar infrutíferos estes esforços. Foi ele quem descobriu a ausência de roupas brancas no varal de Clotilde. Exceção de lençóis, panos de prato, toalhas, o resto trazia a cor negra. Delicadas calcinhas balançavam ao vento, anáguas, camisolãs, meias, sutiãs, vestidos, tremulavam presas depenuradas pelos pregadores... Incrível! Aquela mulher amou o marido dum jeito inacreditável ou era uma louca obcecada pela cor preta... Todavia, ela em si, nada tinha daquela cor a não ser os cabelos, os olhos, pestanas, sobrancelhas e, talvez, os pentelhos cobrindo a região da vulva...

De forma diferente, é claro, Fernanda também assediava a vizinha. Considerou ponto de honra travar relações de amizade com a dita cuja. Queria quebrar o gelo daquela miste-

tar reunir as três pessoas aqui focalizadas começando por mencionar o interesse de Dionísio pela fantástica vizinha. Digamos que o cara vidrou, apaixonou-se inapelavelmente, agiu como um colegial que, pela primeira vez, vê uma buceta exposta. Se ele trepava diariamente, pensando na viúva, amiudou os atos. Só que agora, preferia fazer amor no escuro. Oculto pela escuridão, trazia à Idéia as sensações de estar copulando a bela e enigmática vizinha...

Fernanda, que adorava exibir-se nua diante do marido, logo do início das modificações, pretendeu bron-

riosa criatura e quebrou. Mostrou-se extremamente bondosa e compreensiva diante da outra, até atingir as finalidades propostas... e conseguiu muito mais, indo além do esperado. Da noite para o dia, transformou-se na carne e na unha da viúva. As duas não se desgrudavam até que...

Numa noite, logo após o término de uma foda bem caprichada, reacendida a luz do quarto, puxando cabelos no tórax do marido, entre maliciosa e reticente, Fernanda jogou no ar estranha proposta...

— Meu bem, precisamos ajudar nossa vizinha... a viúva.

Dionísio se inteiriçou e, com o fito de esconder a emoção, acendeu um cigarro, disse em tom casual...

— Ajudá-la como, querida? Ela não dá lado pra ninguém, mais se parece com um bloco de gelo ou uma mulher auto-suficiente.

Dando uma tragada no cigarro do esposo e depois soltando a fumaça no interior da boca do próprio, Fernanda o contradisse...

— Engano seu, Dionísio... Clotilde sofre calada. Ela não é soberba. Aquele seu jeito de aparente altivez é resultado de arcaica educação. Ela se considera incapaz de abrir as pernas a outro homem mas, no entanto, sente o drama dessa impressionante decisão ou medo... Vi com estes olhos que um dia serão comidos pela terra, os seus tremores de tesão quando lhe contei como fazemos amor... Sei que fui muito cruel, mas rasguei o verbo... Inclusive as medidas do seu gostoso pau ela ficou sabendo e admirou-se, pois, segundo ela, o falecido perdia longe pra você...

Dionísio não se conteve. Automaticamente alisou a si mesmo, manipulou o pau, ergueu o saco, observou aquela massa no espelho da penteadeira...

— Olha, Fernanda! — Exclamou pensativo. — Já vi por aí cacetes bem maiores... Sei lá! Se você fez tal propaganda e a vizinha assustou-se, é porque o seu marido pouco tinha de pênis.

Verdadeira bomba, as palavras seguintes de Fernanda...

— É! Clotilde esteve casada menos de um ano e já faz cinco que está viúva... Tanto tempo sem meter e com apenas 25 anos de idade, sua grutinha está praticamente lacrada...

— Esfregando-se no marido, tentando olhá-lo nos olhos, Fernanda prosseguiu: — Não quero senti-lo zangado com a promessa que fiz a Clotilde... Prometi a ela tentar convencê-lo a dar-lhe um pouco de prazer sexual ou aulas práticas de fodas.

Acomodando-se entre as coxas da esposa, Dionísio perguntou...

— E você, não irá sentir ciúmes?

— De jeito nenhum, meu bem. Confio no seu amor por mim...



Dionísio escondia ao máximo a sua ansiedade, suspirou aliviado no dia em que Fernanda lhe comunicou...

— É hoje o dia, meu querido. Irei visitar meus pais e Clotilde virá aqui... Naturalmente, ela estará intranquilha... portanto, caberá à você a tarefa de deixá-la desinibida e predisposta ao coito. Vê se cuida bem dela sem negar-lhe sequer, um milímetro desse pausação que já vejo endurecido.

Meia hora após a saída de Fernanda, chegou Clotilde. Dionísio atendeu-a na sala, acomodou-a num sofá, ofereceu-lhe bebida que ela não aceitou. Sem saber exatamente como cantar a dona, apenas falou:

— Estamos sós, Clotilde. A casa está fechada, faz calor aqui dentro... Que tal se ficássemos mais à vontade?

Voz sumida, toda ruborizada, Clotilde respondeu:

— Se você acha, concordo. Realmente o calor está terrível...

— Então, por gentileza, faça o favor de levantar-se.

Postado diante de vermelhíssima mulher, o machão tateou-a carinhosamente desde os cabelos até a cintura. Alcançando esta, forçou o encontro dos corpos, procurou os carnudos lábios da viúva, beijou-os uma, duas vezes... Ela, acusando os efeitos da carícia, prendeu o pescoço do parceiro em seus braços, esfregou a língua nos lábios masculinos e meteu-os dentro daquela boca levemente cheirando a fumo...



Diante do pronto assentimento, as mãos de Dionísio trabalharam nas costas de Clotilde e assim, colchetes foram soltos, corrido foi o zíper, libertas das presilhas as pontas do sutiã. Depois, metendo a mão entre a calcinha e a bunda de Clotilde, Dionísio molhou os dedos quando estes se contataram com a vagina da jovem...

Um trepada em preparação é fato quase inenarrável. Só mesmo quem está numa situação assim é que pode avaliar toda a gradação do tesão, da sensação dando-lhe certeza de que o melhor ainda não é aquilo. Então, você desnuda um seio da garota, brinca com ele, suga o mamilo e depois liberta o outro, apalpa os dois e segue no rumo do setor genital. Localizado este, é a vez de tirar a calcinha da parceira, de demonstrar-lhe o seu amor por ela beijando-a na pubescência sem

esquecer-se de esticar a língua que, automaticamente procurará e encontrará o clitóris...

Dionísio fez exatamente isso. Em meia hora de sacanagens, tanto ele como ela, mal suportavam a vontade de alcançarem a penetração. Daquele instante em diante, ir pra cama era uma necessidade. E foram. Ela nos braços dele. Ele balançando majestosamente o pênis duro enquanto caminhava... No momento da penetração, Clotilde gritou, quis evitar que o cacete entrasse, mas não deu certo. A vara de nervos físgou-a no fundo da arcana gruta... Diante do fato consumado, superando a ligeira dor, Clotilde ajustou-se mais comodamente, sorriu carinhosa, convidou o macho a penetrá-la mais e mais, incentivou-o no vai-e-vem rebolando os quadris enquanto aplacava a vontade de foder, gozando seguidamente. Na hora da acabada final, no instante da ejaculação, mais gritos se ouviram... só que, desta vez, eles representavam endolcida fúria erótica sem precedentes, um fato novo na vida da sensacional Clotilde...

Gente amiga, leitores queridos, findou-se o meu espaço. Outros autores estão aí com o seu recado e eu preciso parar. Entretanto, lhes digo que a sociedade reunindo Dionísio, Fernanda, Clotilde, quase deu polícia pelo meio. É que Dionísio engravidou Clotilde e Fernanda alegou que o filho, sendo do seu marido, era dela também. Clotilde se defendeu, não concordou com a idéia da amiga ameaçando levar o caso à Justiça. Mais ponderado, e muito interessado em continuar fodendo a apertadíssima xoxóta da viúva, numa verdadeira tirada de mestre, Dionísio resolveu a pendência de modo bastante simplificado. Disse ele...

— Você duas são minhas queridas. Amo as duas e quero evitar escândalos em nossas casas. Proponho-lhes um trato: Que me dizem da idéia de termos dois filhos? Este que aí está é de Clotilde e o outro que virá depois, pertencerá a Fernanda...

As mulheres se olharam, abriram-se em sorrisos, as duas disputaram a boca do machão impetuoso...

SEXO



1

O SEXO, A MULHER ERÓTICA

DR. OTTO SCHWARTZ

Este livro, com uma leitura fácil e clara, ajudará você a melhorar sua vida sexual. Fique por dentro de todo o relacionamento sexual, dos instintos sexuais, das manifestações e desejos, das técnicas do coito, das posições, dos estímulos copulativos, das técnicas do movimento, do prazer e do orgasmo e outros. 152 páginas — capa plastificada.

Cr\$ 400,00



2

AMOR E FELICIDADE NO CASAMENTO

FRITZ KAHN

Uma obra que não pode faltar nos lares brasileiros, devido a sua enorme utilidade. Indiscutivelmente, uma orientação necessária à boa formação sexual conjugal de jovens a adultos. Com observações do advogado Paulo Cardoso de Siqueira, sobre aspectos brasileiros do direito de família. 540 páginas, impresso em ótimo papel e capa plastificada. Uma jóia na sua estante.

Cr\$ 1250,00



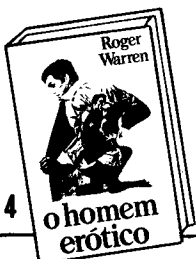
3

FORTEALEÇA SUA POTÊNCIA SEXUAL

DR. RICHARD M. FALK

Um dos maiores problemas de nossos dias, é o homem conservar sua potência ou, e claro, se puder, aumentá-la. Isso não é possível sem certos conhecimentos da fisiologia do homem e da mulher. Assim sendo, este livro lhe abre um caminho e lhe propõe aumentar e fortalecer sua vida sexual. 268 páginas — capa plastificada.

Cr\$ 660,00



4

O HOMEM ERÓTICO

ROGER WARREN

O autor acredita que qualquer homem pode tornar-se desejado pelas mulheres e aqui, neste livro ele dá as fórmulas e acredita, não são mágicas e sim práticas, honestas e realmente úteis. E se você estiver disposto a empreender o necessário esforço, saberá como manter-se eroticamente em forma. 142 páginas — capa plastificada.

Cr\$ 420,00



5

RELAÇÕES SEXUAIS SUAS TÉCNICAS

DR. VAN DE VELDE

Eis alguns capítulos deste importante livro: A cópula — Importância do jogo do amor — O beijo — Variações do beijo amoroso — A mordicagem amorosa — Análise das sensações voluptuosas — O spalmento — Técnica no jogo de excitação — A defloração — O orgasmo e mais dezenas de outros temas. 96 páginas — capa plastificada.

Cr\$ 420,00



6

SEXO, AMOR E FELICIDADE NO CASAMENTO

DR. ELLEN SUNDAYS

Este livro nos mostra o que os homens e as mulheres devem saber sobre o sexo. Aborda temas tais como: A lua-de-mel — A união asexual — O controle de concepção — O impulso sexual — O temor de gravidez — A esterilidade e a impotência — Medidas anticoncepcionais — Complicações na gravidez — A infidelidade e muitos outros assuntos. 122 páginas — impresso em ótimo papel, capa e 4 cores.

Cr\$ 450,00

EDITORA NOBLET Caixa Postal, 15.181 — Cambuci - S. Paulo,

Peço enviar pelo Reembolso Postal o(s) livro(s) assinalado(s)

Assinale com um (X) o(s) livro(s) que deseja receber.

1 2 3 4 5 6 não remetemos para o exterior.

Nome
Rua No
Cidade Estado Cep

Favor escrever bem legível - haverá acréscimo de despesas postais

SEXO

O PINTOR

S. R. SEABRA



Fazem cinco anos que abandonei a conturbada vida de cidade grande. Deixei esquecido no meio da correria e das falsas amizades, ambições, status... vendi todas as aparências e me instalei num pedaço de lugar esquecido pelo mundo.

Não conhecia ninguém, não precisava cumprimentar ninguém. Podia entrar e sair de todos os lugares sendo apenas eu; o cara chato e antipático que sempre sonhei ser. É bem verdade que aos poucos foram aparecendo novas relações, mas já então eram diferentes, não esperavam tirar nenhum proveito daquela gente simples e pouco eu tinha algo a lhes oferecer.

Tudo corria maravilhosamente bem, meu rancho na praia sempre em completa desordem, muita areia, mar e sol. A encosta atrás separava-me do mundo. Nenhum problema. Abandonei até as bebedeiras. Um gole ou outro no boteco da praia, onde os papos são tão ingênuos quanto brincadeiras de crianças.

Eu vivo, apenas vivo. Sossego.

Continuava com a tarefa de sobrevivência, e como artista nato, morria de fome se me fossem tiradas as telas e as tintas. Não saberia fazer outra coisa.

Sempre que o ar se enchia, não sei de quê, e as gaiótas ficavam mais alegres, não sei por quê, eu arrastava o cavalete e podia ficar ali no meio

do nada, passando tudo o que via em minha mente para a tela. Só saía ao cair da noite, quando tornava-se impossível dar mais uma pincelada, assim mesmo, com uma profunda relutância, arrastava tudo de volta para dentro, muitas vezes, só saindo novamente depois de dias. Não fosse o pequeno calendário jogado em algum canto, já teria perdido a noção do tempo.

Só uma coisa me fazia falta, ah, as belas mulheres... não que isso me deixasse triste, apenas sentia o gosto de nostalgia... poderia retratar qualquer bela mulher, mas nada pode ser comparado a essa figurinha demoníaca e linda, nada pode ser tão sutil quanto um de seus sorrisos velados, ou tão perigoso quanto aquelas curvas.

MARILU

Na impossibilidade de possuir aquele corpo, tentei obsessivamente reproduzir com minhas tintas aquele bronzeado, e textura aveludada da pele, que me enlouquecia, deixava-me teso.

Era a primeira vez que isso me acontecia. Outras mulheres já haviam posado para mim e, desde os tempos de Belas-Artes, estava acostumado a usar como modelo o corpo nu das mulheres. Tantas já haviam posado para mim quantas as que, em minha vida particular, envolveram-me emocionalmente, numa relação íntima, sexual.

Foram louras, morenas, mulatas, magras, gordas, algumas belíssimas, outras nem tanto. Realmente, nunca tive olhos para nenhuma delas. Sempre fui bastante profissional.

Mas com Marilu, estava sendo diferente. De início, mal conseguia coordenar meus pensamentos e fazer os croquis iniciais em minha tela.

Era insuportavelmente tentador ficar ali, tão próximo de Marilu. Podia sentir no ar a sedução. A cada pose, parecia-me sufocar, o suor escorria, sentia ganas de saltar de um bote e prender todo aquele corpo, possuir toda aquela sensualidade, guardá-la entre os braços só para mim...

Marilu sabia que eu não suportaria por mais tempo aquelas repetidas sessões de sedução, e parecia gostar muito da situação, sempre muito divertida, provando a delícia idiota de ser desejada, usando seu corpo para satisfação do ego. Como podia ser tão... tão... não, não podia ser, eu estava imaginando coisas, era apenas muito atrevido, não podia ser culpada por toda a minha ânsia frustrante.

Sentia vontade de abandonar o trabalho, que não equivalia ao que eu desejava... mas o fato é que não tinha como voltar atrás. Como explicar ao Zeca?

Me sentia mal, estava traindo a confiança de um amigo de infância, talvez o único amigo, talvez a única pessoa que eu desse realmente importância...

Zeca pedira-me que pintasse sua mulher, recomendando-me apenas que fizesse um bom trabalho, seria o presente de aniversário de Marilu.

Eu era seu confidente, sabia tudo a respeito deles, o idiota segredara-me toda a sua maneira de ser, todos os seus pensamentos, eu conhecia Marilu melhor que ele mesmo... Não podia trair sua confiança.

Andei... pensei... bebi para tomar coragem, caminhei. As luzes embotavam meus pensamentos, não queria mesmo raciocinar. Marilu me esperava.

Achava agora a palavra, ela era realmente de um egocentrismo sujo, mas o que importava isso, agora?

O quarto à meia-luz, como imagine que fosse, delicado como ela, emoldurava o corpo lânguido estendido na cama. O mesmo corpo que via diariamente enquanto pintava, agora estava mais desprotegido que nunca, desavergonhadamente ingênuo, e o delicioso cheiro do pecado.

Não podia, nem queria resistir a convite de luxúria.

Seus movimentos sinuosos, hipnotizavam-me, e eu a beijava, mordida arrancando-lhe gemidos, roçávamos os corpos, bollnava-os numa dança frenética, o ar impregnado pelo cheiro da mulher, feliz por ser subjugada, uma confusão de sensações...

Penetrei com força, causando-lhe dor, o que ainda mais aumentou o clima de excitação...

Continuei descarregando toda a fúria por estar possuindo a mulher que desejei, por estar traindo a confiança de um cara bom, honesto, que tanto já havia me ensinado.

Tudo era novo, sempre fui conhecido pelas mulheres pela facilidade com que as compreendia, até mesmo pelo tratamento dócil com que tratava o sexo frágil.

Era a primeira vez que amava, com tamanha brutalidade, e vi que não era tão frágil quanto pensei. Marilu vibrava com intenso amor selvagem...

— Sua puta... puta...

Gozamos juntos.

Estava tudo errado desde o princípio, a vida nos aproximara por estranhos caminhos.

Estava satisfeito, mas realmente infeliz. Não tinha nada a dizer, saí.

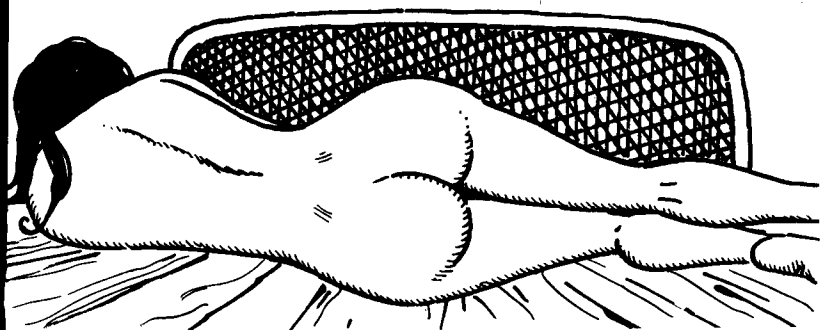
Caminhei mecanicamente para casa. Deparei com a tela. Estaquei. Faltava toda aquela deliciosa aura de pecado, de maldade tão natural nela.

Trabalhei toda noite. Ficou perfeito. Embrulhei com cuidado e mandei entregar ao Zeca.

De minha família e de minha infância, guardo poucas lembranças, o tempo e as rivalidades nos afastou. As poucas amizades, eu afastei. Guardei as mulheres que sonhei.

TEMPO PERDIDO

JOÃO ELIAS DE BARROS



Já iam para quinze anos de casamentos, e D. Angelina ainda era a mesma mulher atraente dos tempos de namoro. As muitas carnes e a sobriedade que orgulhavam seu Hélio. Mulher de ferrenha base moral, construída na vida discreta dos subúrbios daquele tempo, D. Angelina era do tipo de se sentir envergonhada só de pensar nas coisas audaciosas do sexo.

Acontece que, de uns tempos para cá, não se sabe se a agitação da cidade, ou as profundas mudanças dos tempos atuais, terminaram por produzir algumas alterações no comportamento da mulher. Ela mesma creditava o fato de se flagrar, com certa frequência, enlevada por pensamentos audaciosos em relação ao sexo, à excessiva liberdade que se vê hoje ao se referir a tal assunto. Não existe mais mistério, as mulheres estão expostas completamente nuas nas bancas de jornais.

E lá iam seus pensamentos alados, num vôo sôfrego, pousar invariavelmente na cama: o palco maior, o altar de todos os sacrifícios. E ela já ousava se mirar de corpo inteiro no grande espelho do banheiro, exibindo a si mesma a incisiva beleza carnal. As coxas grossas que uniam apertadas sob o triângulo gordo e de poucos pêlos. Ela imaginava, mas evitava a convidativa carícia. Examinava com leve sorriso que deixava transparecer alguma superioridade, os seios que já haviam amamentado por duas vezes,

mas ainda se mostravam rijos o bastante para a sua idade. Antes de entrar para o chuveiro, era inevitável uma observação de perfil, onde ela pudesse mais vez apreciar a parte mais instigante e abusada do seu corpo: a bunda. Aquela bem acabada massa de carne rígida, dividida em dois hemisférios bem redondos, de pele lisa, sem pêlos ou marcas, e grande o suficiente. Sem dúvida, seu maior tesouro.

A água caía do chuveiro e parecia despertar D. Angelina, que cantarolava para espantar os demônios, temendo que alguém pudesse lhe adivinhar os pensamentos. Essas coisas forjam lembranças, que, por sua vez, levam às tentações que são o tapete vermelho do pecado. Evitava as lembranças. Os primeiros anos de casados. Ela não queria lembrar, mas ao mesmo tempo, parecia se deleitar com doce tortura. Naqueles dias de maior volúpia sexual, o marido a procurá-la com sofreguidão, a respiração cortada. E ela, tímida e medrosa, a fugir das investidas mais desavergonhadas de sodomia. O fascínio que ele tinha pelo seu "rabo". A insistência de tê-la por trás. E a sua férrea resistência.

E tanto ela resistiu que o homem cansou. Agora, passados todos esses anos, D. Angelina se pergunta se valeu tanto radicalismo. Valeu a pena negar o grande prazer ao marido? Negando, quem sabe a ela mesma?

"Seu" Hélio era ainda o mesmo homem atencioso, e cumpria todas as obrigações conjugais, só não mais persegua, o antes tão procurado, manjar anal. Estava destinada a morrer virgem do ânus. Mas bastava passar-lhe na mente tal destinação, para o passado entrar em rebulição, e começar a vir à tona lacunas da infância. Uma passagem em particular, que durante tanto tempo em sua vida tentou esconder de si mesma, tanto tentou abafar por medo e vergonha de si mesma, que, por vezes, parecia nunca ter acontecido.

O tiquinho de pecado tinha acontecido na mais tenra infância. Tinha um menino, o Paulinho, filho de D. Carlinda, que morava duas ruas afastadas da sua, na direção duma horta. Lembra como ele foi se aproximando, como foi chegando às brincadeiras e ficando amigo das meninas. Ficara amigo de várias meninas, de Angelina, e de Ercília, que era uma menina cheia de liberdades.

Era com Ercília que ele mais andava. Estavam sempre juntos, parecendo dois irmãos.

Foi numa tarde, depois da escola, no fundo do sítio abandonado do "seu" Nestor que as coisas deram de acontecer. Paulinho estava sempre junto na brincadeira, brincavam de marido e mulher, ele e Ercília. Nesse dia, Angelina ficou irritada e deixou a brincadeira, que na estória o Paulinho era médico e queria examinar as duas meninas. Pediu que ambas erguessem os vestidos. Ercília, em poucos movimentos, se exibiu semi-nua, com o vestido enrolado preso junto ao pescoço e com a calcinha à mostra. Angelina saiu batendo os pés, jurando não mais brincar.

Mas não demorou muito para que o rubro de vergonha e ódio, que pintavam seu rosto o abandonasse, e esses sentimentos dessem lugar a uma curiosidade sem tamanho, coisa típica das crianças. O que estariam fazendo aqueles dois sem-vergonhas? E movida por essa interrogação, Angelina resolveu voltar ao barracão abandonado. Voltou devagar, medindo os passos, temendo ser descoberta pelos dois patifezinhos.

A sensação de descobrir algo proibido lhe dava socos no coração. Se aproximou. E da janela emperrada pelo desuso, pode ver nitidamente na luz da tarde, o Paulinho deitado sobre a Ercília, num movimento de vai-e-vem. Que seria aquilo? Angelina não sabia. Nunca tinha visto nada parecido, mas pelo jeito dos dois, aos sussurros, aos gemidos saídos baixinho, não poderia ser coisa decente. Saiu às pressas com a estranha sensação de culpabilidade. Na mente, a imagem da Ercília com as calcinhas arriadas até uma das canelas, Paulinho com o calção no Joelhos, parecendo querer amassar a menina contra o chão de esteira.

Angelina ficou alguns dias fora do convívio dos amigos. Foi voltando timidamente, temendo que lhe descobrissem o segredo. Para os dois saídos, era como se nada tivesse acontecido. Brincavam normalmente, sem ninguém tocar no ocorrido naquela tarde. Angelina se desguardou contra os amigos, "talvez aquilo fosse coisa de criança." "pode ser coisa proibida" ela percebia pelos instintos, "mas coisa de criança." E assim, o fato já esquecido, estavam outra vez no velho barracão. Angelina e Paulinho apenas segundo o menino, Ercília tinha ficado de castigo na escola e não chegaria tão cedo. Angelina foi convencida então a fazer o papel de mãe na brincadeira. De início, pensou em esperar a colega, depois resolveu aceitar, afinal, seria a primeira vez que estaria naquele papel. E assim foi. Chega a hora do marido e mulher irem para a cama, e Angelina já nem lembrava do fato de dias atrás. Caía uma chuva fina, e o esperto havia arranjado um lençol no varal de casa. Os dois foram pra debaixo do pano branco. Ele se aproximou bastante, alegando frio, juntou os corpos. Ela não fazia resistência às pequenas ousadias. De repente, suas mãos pousaram de leve por sobre as pernas, e ele ficou ainda mais próximo. Angelina passou a sentir um calor mais intenso, com a excessiva aproximação do corpo do menino, num turbilhão vieram à cabeça as imagens daquela tarde. Não sentia agora forças para resistir. Querida, e, ao mesmo tempo, não queria evitar o que poderia acontecer. Será

ue as coisas têm que ser assim? Ela sabia muito pouco das coisas, e, nessa postura passiva, se virou de costas, de frente para a parede. Olhos errados, nada vendo, sem culpa em nada. Protestou mudamente quando o menino a pegou pelos ombros, assim mesmo de lado e roçou-lhe, com firmeza, as nádegas ainda vestidas. Sentiu algo pontudo raspar as "popas". Um pequeno calafrio acompanhava os movimentos. As mãos do menino suavam ariscas sob o vestido, passou pelas coxas, chegou até a calcinha, o lástico, vem descendo devagar. Ela colabora ao não resistir. Percebe o movimento do menino se desnudando. Pressente o calção tirado com afolheza. O lençol quase põe à mostra a bundinha alva e rija de retesamento. Evitada se contraindo, sua última defecação, última negação, o peito vai aos olavancos. Sente o corpo inteiro do menino deitado sobre ela, sente a quenteura, os olhos estão cerrados, e ela colabora lentamente, abre devagar. O que será que ele está querendo? Os pensamentos voam assustados.



O respirar cortado de Paulinho bem junto à sua nuca. As carnes vão se descontraindo, de cansaço, desistência. Ele parece estar cada vez mais perto. Alguma coisa dura e morna fareja a divisão das nádegas virgens. Sente por fim, um misto de pavor e excitação, seu estreito ânus ser forçado. As mãos do menino ajudam, separando a bundinha em duas. Ela não compre-

ende, as faces, por certo rubras, estão cobertas pelas mãos, está entregue.

Por instantes, Paulinho parece afastar, ela pensa numa átimo, que tudo terminara, que era só aquilo. Engano. Paulinho a toca novamente com as mãos. Sente o dedo umedecido roçar-lhe o orifício, uma, duas, três vezes. Não havia acabado ainda, acabara de começar, e ela não imaginava. Paulinho se aproxima lentamente. Por sobre os joelhos, quase deita, força outra vez o ânus virgem, força mais, uma pequena dor vai abrindo espaço, uma fraca contração e uma quenteura estranha invade seu rabinho, e, num movimento mais brusco, Paulinho penetra com fúria no buraquinho infantil. Um gemido abafado, movimentos de reação, quer fechar as pernas, não consegue, Paulinho está entre elas, e a puxa pelos ombros contra si. Os sons se misturam em seu ouvido, ela aperta, com força ainda mais em baixo. A dor é maior. Ela sente ele todo dentro de si. Paulinho monta com fúria de seus quatro anos mais velho, parece que vai rasgar-lhe o cuzinho. Um grito quase vem à tona quando do súbito tremor no corpo do menino. Ele parece desmoronar sobre ela. A respiração é difícil.

Ela sente um lento desafrouxar dentro de si. Ele sai aos poucos. A dor diminui e aumenta quando ele tira definitivamente com rapidez. Acabara.

Naquela noite sentiu medo de olhar os pais. O espelho. Uma lembrancinha pairava doída, no fino cuzinho violado.

O tempo passou, Angellna veio morrer na cidade e trouxe seu segredo morto dentro de si. Cresceu, casou-se. Paulinho, ela nunca mais viu. E o passado era coisa de não se remexer; como vem sendo nos últimos dias. Que estranha semente ficara guardada por tantos anos dentro daquela mulher, para agora desabrochar?

Nessas noites, ela rola na cama. Vira a maravilhosa bunda, mal escondida pela débil lingerie, numa provocação implícita. Um chamamento mudo. Ela quer ser enrabada. Ser violada como na infância. "Seu" Hélio não compreende os apelos.

E ela também não é de pedir.

Quando nossa filha Stela nasceu resolvemos que seria a única, pois, assim, poderíamos cercá-la de maior conforto, sem muito sacrifício. Ambos trabalhávamos e minha mulher, teimosa feito mula velha, jamais quis abrir mão do emprego público. Desde solteira, ocupava um bom cargo na Repartição. Concordei com Walquiria, minha mula brava. Era-me conveniente não opor resistência, nunca fui muito do batente e, ganhando uma merda, salário de fome, caso fizesse cu doce ou bancasse o machão com frases feitas como mulher minha não trabalha fora e outras imbecilidades do gênero, quem teria que se?...

Trabalhávamos meio-período ganhando insuficiente, mas ninguém se matava: era tudo no vai-da-valsas, cafezinho e papo furado quase o expediente inteiro. Tivesse eu fincado o pé como fez o idiota do Rubens, quando a mulher teve criança, a essas alturas eu estaria à mercê de cantilena da minha mulher. "Já que perdeu a função-gratificada arranja um bico à tarde, mexa o corpo, homem, pense no futuro de sua filha".

Os soluços de Stela ardendo em meus joelhos...

Sua filha! Gozadas certas mulheres quando querem fazer a gente de burro de carga. Quem pariu Mateus que o embale, ora, essa é de machucar!

Está claro que não dei a mínima pelo fato de Walquiria, gastadeira e luxenta como ela só, não querer dar uma de parasita pra cima de mim. Nem iria adiantar, sou osso duro de roer, comigo é pão-pão e queijo-queijo. Ao diabo com as mulheres, todas umas deficientes querendo um trouxa pra encostar. Quem quer moleza que coma minhoca que não tem osso.

Minha mulher teve infância de menina rica, casa com piscina, motorista particular, tanta frescura. Andei olhando o album de família: papa-fina, gente engomada, ninguém com cara de pobre, os filhos tiveram até ama de leite. Mas comigo o papo é outro: infância dura, mamãe morreu deixando seis, fomos distribuídos entre os pa-

animal doméstico

EUGÊNIA CECÍLIA BRASILIENSE



rentes, feito cachorrinhos atrapalhados. Minhas irmãs (custou achar quem sibilasse), ninguém disposto a responder habilidades com fêmeas alheias. Como ninhada. Quanto a mim, por nada no mundo, nem mesmo pelo futuro de nossa Stela, iria deixar de tirar minhas pestanas à tarde correndo atrás de merda de bico nem de beijo nenhum. Bolas, Stela que ponha a moringa pra funcionar e cave emprego pro resto da vida. A irmã de Wal tem pensão-vitalícia, de um trouxa cheio da grana, está feito porca: engordando, só faltando tocar o sininho pra empregar da limpar aquela bunda enorme e no dose de tanta celulite.

Os olhos de Stela nascendo das páginas...

Pai, que lástima, não agüento mais ando quebrada, em bolhas, milhares

elas esvaindo-se... Tu quiseste, fina. Quer-me quente todo dia, estou enjoada mas sou morta de fome, como você pai. É teu macho único. Merulho, pai, estou sempre a perder nessa arena, espécie de mágica, você entende. Sei, é teu transe. Ignorei ordens, meu castigo é a fome, cumpro pena, detesto meu corpo. Tens patrão, Stelinha, contrato exclusivo, não te esqueças. Tranco a porta, acalmo a fera. Soníferos bloqueiam a mente, embotam a vontade, obedece ao dono. Vocês são iguais.

A voz de Stela repicando em meus ouvidos... tão iguais-iguais-ais...

Mãe, você foi um vegetal, entrou de cabeça, jogou a vida numa fria da passada. Mussolini reencarnou nele... Você pensa, reformula, procura nem sabe o quê, mas procura. As fêmeas todas no mesmo barco, você escolhe, meduz, observa aparências... só há tédio sob o verniz. Pai, você diz que é macho, agüenta o tranco e as potranças, você é um farsante, alguém arlequinado, muito feio por dentro. Pai, você não é Shell nem azul. Tudo em você é pantomima do absurdo, nenhum ajuste final, nenhuma fagulha, trágica sombra projetando-se repelente. A verdade é crua, você é uma fraude, suas anelas servem como cinema na absorvência diária do elenco estabelecido. Ordens do chefe. Onde sua bengala branca e seu cão pastor? Tenha cuidado, pode tropeçar nos próprios pés. Somos letais, esconda-se latindo.

Os olhos de Stela trancados em negro...

— 3 —

Dona Otilia, minha sogra, bem que quando tentando arrumar velhote rico quando a Wal completou quinze aninhos. A peste esnobou, disse: "Quem gosta de velho é asilo, cadeira de balanço," coisa pior. E assim, como nos contos de fada, a bruxa perdeu a última chance de montar na grana. Melhor pra mim, genro pobre e sem recursos para custear babás ou cozinheiras.

Os olhos de Stela em mim fincados...

Quando nossa empregada levanta a cabeça de ovaatravessado, a velha rebola-

va. Quatrocentona danada! Altíssima, imponente, (mesmo mal vestida), roupas antigas, poídas, mas aquele ar de grande dama sempre presente, a dar-me nos nervos. Embora tivesse uma boca de latrina quando perdia as estribelhas, com ela era o preto no branco, ninguém comendo nada enrolado. Stela crescia amando a avó.

Walquiria comprava tudo à prazo, até as graciosas roupas da menina. Ajudava também nas despesas gerais. Eu pagava o aluguel do casarão caindo aos pedaços, a conta da luz e consentava as goteiras. O sobranço do minguado ordenado ia para meus gastos pessoais, coisas de macho: cigarros, aperitivos com os colegas da Repartição, pescaria aos domingos e feriados.

Como não existe macho que não esconda o leite, minha reserva bancária era sagrada, sagradíssimamente destinada às viagens anuais que eu e meus amigos empreendíamos por altos sertões. Pum! Tiro certeiro e lá vinha pato selvagem, caindo ligeiro feito estrela cadente, coisa linda!

Wal tinha a mãe e a menina para tomar conta. Mesmo que assim não fosse, mulher em acampamento de homem atrapalhava, tirava a liberdade, enchia o saco. Minha mulher era gente da cidade, morria de medo de cobras (não de todas...), berrava à vista duma lagartixinha à toa e nem sabia cozinhar direito. Pra cama, não precisava pegar mulher da gente, por lá apinhava de tanta cabocla ensaboando roupa na beirada do rio. Era só sacudir uma pelega de cinco cruzeiros e vinha fêmea de enxurrada, feito moscas no mel.

Putá merda, uma vez a mais bonita de todas, morenaço pra nego nenhum botar defeito, me passou uma bruta carga! Andava numa estica a piranha, pensei que fosse cacho de algum fazendeiro rico da região e a safada era profissional, escarradeira de peão e marinho. Nunca fui de me servir sozinho, cercar galinha ou coisa parecida. Meu fraco é mulher, bonita ou feia, gorda ou magra, sendo dama, não deixo pro bispo, vou logo passando na cara. Mas, se tem um troço que fica entalado na minha goela, é mu-

ças para levantar o tronco e escarrar na minha cara. As bezes penso que a jararaca tinha algum pacto com o tihoso. Como conseguiu erguer-se para injuriar-me, jamais conseguirei entender. Stela nem ligou vendo-me esvaír em sangue. Correu para os braços da avó naquela cama chela de merda balbuciando ternuras. De brucos no chão, a cara quase enfiada na comadre, suspirei por meu revólver calibre-trinta-e-oito! "Não fica nervosa, minha velhinha linda, falta pouco para ele viajar".

Ele! Poderia ter aparado meu rosto em seu colo, limpado o sangue escorrendo com o babado do vestidinho rodado... poderia ter dito papai, meu pai... papá... papá...

— 5 —

Por muito pouco escapei de séria lesão cerebral. Eu poderia ter denunciado a velha, mas que diriam meus colegas da Repartição quando soubessem que fora agredido por uma parálitica? Stela não foi visitar-me no hospital.

Naquele ano não pude viajar e comecei a odiar a velha com todas as forças da minha alma. Época chifru-da aquela! Um garanhão à nocaute por uma quase defunta! Como toda araruta tem seu dia de mingau, o meu chegou. Melhor dizendo: os meus dias de suculentos mingaus, minhas compensações, de camarote espiando a degradação progressiva da antiga dona-de-gente.

Em conjunto, trabalha-se melhor. Eu e a empregada, filha de uma cria da fazenda, furada por um dos membros do Partido, (desconfio que a bugrinha é sobrinha da velha), nos divertíamos a valer.

Nos bons tempos, quando a grana corria à solta, era uma espécie de moda catar crianças desamparadas para acrescentar futuros braços gratuitos ao poderío dos fazendeiros, antes da bancarrota. Minha sogra colecionava bastardos e fazia questão absoluta que eles estudassem. Todos conseguiram especializar-se, a maioria agrônomos, bastardos doutores. Quanto à bugrinha, não houve jeito de fazê-la interessar-se por nada. Sua vo-

cação autêntica era a sacanagem arroz-de-festa das gafeiras do centro. Formávamos uma dupla formidável. Eu segurava a cabeça da velha, e quanto ela enflava-lhe, goela abaixo dose cavalares de barbitúricos. Dona gente servindo de escárneo pra barnabé de cabeça quebrada! A vida é assim, um dia é da caça, outro do caçador.

Wal chegava da Repartição e recolhía Stela dormindo, abraçada a velha. Quem te viu e quem te vê — ruminava eu, olhando dona Otília brincando, a vasta cabeleira negra engratinhada, cheirando vômito e urina. Contemplá-la era o encanto do momento, o regalo das minhas férias fotográficas.

Stela crescia linda e mentirosa. Dissimuladora, incapaz de apegar-se a ninguém senão à avó fedorenta. Havia também a cadelinha Gabriele, habituada a devorar as crias assim que nasciam. Stela presenciava-a mastigando os filhotes, arrancando-lhe os olhos e depois de saciada, a brincar no gramado com sua boneca sem braços. Os olhos de Stela recolhiam-se vazios apagando os vestígios. De qualquer forma, nunca me importei muito com isso. As cadelinhas eram sempre agadadas no tanque. Tarefa do macho de casa.

Dona Otília morreu grunhindo roca, os olhos perdidos em Stela, chispas de fogo diluindo-se. Minha filha não derramou uma lágrima. Quando debruçou sobre a falecida, sondeei seu rosto de cera, procurando... Vã esperança de pai cego, ilusão de ótica. Nada. Depois do funeral, nem Wal queria permanecer.

No corpo de Stela, a mulher rompendo...

— 6 —

A velha tramando contra mim no astral. Minha mulher deixou-me por um colega de Repartição, um pobre coitado, um pé de chinelo, sem urinato morto pra puxar pelo rabo. Urinorra-botas tão por baixo que nem de pra provar dor de corno. Facilitou as coisas. Livrou-me do gênio horrível de Wal e de futuros aborrecimentos com Stela. Penso que Wal jamais me

ner inteligente. Bestalóides intelectuais botando banca pra cima de mim. Oca falou, cu pagou. Tenho duas sob o mesmo teto: a primitiva e a deradada, e me olharem como se eu fosse m orangotango amestrado. "Pai, haitat é com agá... significa ambiente atural... não, ambiente é com a mesmo... a de água, água, amora, mor".

Enquanto não sarei, fui obrigado a fazer greve em casa. Usei como pretexto excesso de trabalho e a Wal quase teve um ataque de tanto rir. Feixei que se esborrachasse a vontade porque, se eu passasse nela, a miserável seria bem capaz de me deixar sem. Gênio mais desgraçado, juro que nunca vi em toda a vida.

Nem ligou, andava muito interessada num tal de Fiódor Merda Dosbiévski, contava pra velha: "Dimitri magnífico, ama Gruchenka; como eu gostaria de ser amada assim!" Como eu não era o Dimi nem ela a pióbia da Grucha, que se desse por safeita comigo mesmo.

Porra, o ano inteirinho dando duro o almoxarifado, indo e vindo pendurado num ônibus lotado, debaixo de chuva ou sol, eu lá, não faltava nunca por causa da bosta da licença-prêmio, pra não atrapalhar na contagem e, quando chegava, era obrigado a ouvir conversa mole pra boi dormir. Sarei, eu logo querendo, mas ela estava ensinando Stela a declamar para a festa do colégio que eu pagava! "Assim, querida, procure dar maior ênfase ao substantivo ausência. Preste atenção, autor refere-se a falta de presença que machuca. Através da metáfora traduz toda a intensidade que o plenica quando, no último verso do poema, sua alma grita: a ausência de Tereza jogada nos olhos."

Não sou macho de poema, mas gostei... gostei de vê-la empastando a voz, como num palco, com fundo musical e penumbra. A ausência de Tereza jogada nos olhos... a minha ausência não fazendo falta, sequer sendo notada. Por que não ensinamos as garotas mimadas a cozinhar?

As mãos de Stela arrancando do peito a cruz de prata, pisando nos espinhos...



— 4 —

Viajar, para mim, era uma espécie de ritual sagrado. Gostando ou não, Wal acabava aceitando. Mas como reclamava a filha da puta! Igualzinha a mãe, que, desde os tempos do Partido Republicano, quando o marido era um graúdo da tropa, dizem, a velha aprontava misérias, chocava a cambada de cheira-peidos com saçadas pesadíssimas, impróprias para uma dama de categoria. Wal, cópia fiel da mãe, sem tirar nem por, mulher de cabelinho nas ventas, muitas vezes me obrigou a empregar a violência. Afinal, o chefe da casa, tem prioridades.

Os olhos de Stela... secos, pregados em mim...

Dona Otília, a fortaleza-em-pessoa, acabou sendo vencida por dois derrames, ficando com o lado esquerdo do corpo totalmente imobilizado. A custo sua boca, torcida como um anzol, emitia sons guturais, fazia as necessidades na cama, virou um charco de feridas sangrentas, mas manteve-se lúcida, brandindo com a mão direita, uma bengala preta que eu fizera a besteira de presenteá-la por ocasião do primeiro derrame. Da cama, numa poça de merda, certa noite impediu-me de esganar Walquiria, puxando-me as pernas com o cabo encurvado da maldita bengala e fazendo-me bater a cabeça na quina da sua mesinha de cabeceira.

Quando caí, perto da cama, derramando sangue e a sujeira acumulada na comadre, a velha ainda teve for-

amou. É bem verdade que não há mulher da fibra da minha que agüente ser cavalgada por um sujeito habituado a encher-lhe a cara.

Por que, Stela? Viste como eram as coisas entre tua mãe e eu! Aquela surra? Sempre odiei prestações e tua mãe, sem consultar-me, comprou todos os clássicos do mundo em meu nome. Qualquer um enlouqueceria! Pensas que me safei vencedor? Tua mãe, com aquele corpo, saia peladona do banheiro e, correndo, trancava-se em teu quarto, rindo alto... tua ovó também gania, gozando a minha cara... principiavas a entender das coisas.

Stela, que significam estas manchas amarelas pingadas em teu caderno?



— 7 —

Arranjei uma amante fixa por acaso e, sem perceber, fui me amarrando. Fatal que acontecesse. A solteirona era lacrada. Velhota com cabaço, agarra o primeiro disponível. Eu era um merda, mas não deixava de ser homem, e dos bons, numa cama. Agradei. Juntamos nossos trapos. Tivemos um garoto, a minha cara. Nasceu morto, estava há dias inerte dentro da barriga dela, duro, como entalhado em madeira. Meu moleque de jacarandá! Se, vingasse, quem sabe um dia poderíamos jogar futebol, ele gritaria gool...papai, papai... e eu passaria mercurocromo em seu joelhinho esfolado!

Stela... por que as crianças não choram mais?

Nunca disse a ninguém, creio que por medo de parecer ridículo, mas

acabei gostando da minha virgem ca-rola. Tão boa, um pedaço de pão, não me contrariava em nada: se eu afimasse que Jesus Cristo era um pel-vermelha, ela meneava a cabeça, concordando, feito vaca de presépio e ainda, muito satisfeita da vida, ia pra cozinha fazer pudim de leite condensado com bastante calda queimada, do jeito que eu gostava. Que diferença da rapça filha da puta da tua mãe!

Fui obrigado a abandonar o casarão antes que desabasse sobre nossas cabeças. Não que eu fizesse muita conta, cabeça dura tá aqui, a velha Otília que o diga, mas as paredes do quarto estavam minadas de água, o encanamento furado, tudo uma bosta, a fedentina lembrando a cocheira onde a firada secou, coberta de feridas purulentas que jamais cicatrizaram.

Minha igrejeira santa não tinha boca pra reclamar. À noite, usando-a, eu pensava na Wal bem instalada num sobradinho na Aclimação, pagando aluguel de mil cruzeiros, mobília em estilo provençal, cozinha de fórmica imitando mármore, batadeira de boliche presente das colegas no dia da amogação oficial. ♣

Stela, tua permanência teria sido linda...

Com o tempo, minha companheira insistiu para que fôssemos abençoados por um padre. Vá lá, que seja! Nunca me pedia nada, não custava dar-lhe ao menos esse gosto tonto. Quem sabe, trepando abançoada, compricharia mais no rebolado mixurucas. Quase mandei o sacripanta tomar no rabo! Tanta aporrinhão, falatório desnecessário, eu quase mijando nas calças enquanto o pentelho de saias pretas culpava latim na minha cara. Porra, quando frescura pelo fato do papai aqui ter inaugurado mais um buraco destinado a apodrecer entupido!

Padreco de merda. "Quem era São José, meu filho?" Pra que fui responder que o Zé carpinteiro era o pai de Jesus! O bode seco empalidece de puro defunto. "Não, meu filho, São José era..." Daí eu mandei o verbo desmistifiquei na hora toda a embranção. Sempre fui ateu convicto. Meu templo era o sertão, o verde daquelas matas, o bando de garças deslizantes

pelos rios, o cheiro das mulatas rolando comigo no barranco, saias erguidas... "Ora, seu moço, num faiz isso aqui a passarinhada tá tudo oiando..." E eu continuava fazendo até acalmar o bicho esganado. "Você precisa orar muito, meu filho". E como orei, emissário fajuto! Nem queira saber quanto, senão pode dar água na boca.

Stela... se soubesses como o homem se apega a solidão para vencer a repulsa, como nos perdemos em inúteis renovações...

— 8 —

Aluguei um cômodo e cozinha nos fundos de outra casa velha. Bem localizada, condução farta, perto da Repartição. Por algum tempo, ainda continuei viajando e Amélia prosseguia, dócil, junto ao seu fogão à carvão e a guardar a carne na geladeira da vidinha quando o tempo esquentava. Nunca um nome vestiu tão bem uma pessoa. Terá sido Amélia uma pessoa?

Nossa vidinha durou bom tempo. Ela jamais retrucava, isso ajudou. Acredito tenha sido o silêncio o alívio, a pedra fundamental do nosso relacionamento. Ficava sozinha, a pele encardida de fuligem, as mãos estragadas. Considero manicure luxo, coisa supérflua. Abater patos selvagens, não. Acho que amei Amélia. Excelente criatura, dessas que surgem pra macho botar chifre e cabresto. Para meu azar, as últimas remanescentes da estirpe já estão botando as manquinhas de fora, a raça está se exterminando.

Tratava-a bem, com certo carinho, com muita milonga. Creio que me sentia grato por ter alguém à meu serviço e sob minhas ordens a troco de migalhas. Nunca bati nela, nem mesmo um safanão. Claro, quem poderia chicotear uma santa dançando à moda-da-casa? Até na cama, depois do chuveiro de água-benta, esforçava-se para contentar-me. Era filha-de-Maria. "Estou pecando" — dizia-me em prantos a pobrezinha. Comunga que Deus perdoe, confessa os detalhes, deixa o papreco tesudo dentro das ceroulas.

O dono da mulher era eu, não Ele. Fosse a Wal, teria me derrubado da

cama a pontapés e dentadas. Cachorra de mulher valentona! Não deixava, de jeito nenhum. Cheia de frescuras erônicas, mas que diaba de mulher gostosa!

Stela, puxa mundo desgraçado, amei tua mãe feito um doído varrido!

— 9 —

Eu presenteava Amélia no seu aniversário, no Natal e quando voltava do sertão. Coisas para o lar, utensílios domésticos, próprios para dona de casa. Uma vez dei para Wal uma panela de pressão, dessas grandes, para feijoadas. Pois não é que a amaldiçoada deu pra cunhada aquela beleza de panela, novinha em folha! Amélia vibrou de emoção quando viu o espremedor de frutas sobre a pia. Elétrico custava muito caro. Espremedor é espremedor, cacete! Manual e a preço de liquidação por estar com a manivela de plástico lascada. Creio que Amélia jamais percebeu o defeito. Se notou, como sempre, não demonstrou. Disse-me que até realçava a pia remendada. Na época, por estar engordando, substituí o café matinal por suco de laranjas.

A vida, com o passar do tempo, foi ficando muito chata. Não posso atinar cada dia mais velha, mais triste e mais calada. Emudeceu de repente, nem levantava mais os olhos quando eu chegava em casa. Pensei ter-me unido a uma estátua se desfazendo, coisa triste de olhar. Bonita jamais havia sido, nem quando mocinha. Na menopausa, um grande e terrível traste.

Apesar dos defeitos, sempre tive um coração de ouro. Reduzi as despesas da viagem quando surgiu a oportunidade, negócio da China. O contínuo da Repartição, havia comprado um aparelho de TV e não conseguia pagar. A mulher precisou extrair os seios. "O senhor fica com a TV, não precisa dar as oito que já paguei, fica o dito pelo não dito". Fechei negócio na hora. O dinheiro, que ele havia empregado na compra do aparelho, ficou por conta dos terços que nunca descontei quando ultrapassava os quinze minutos permitidos. Esses caras, que dão pulo maior do que as pernas, acabam

rasgando as calças. Nunca fui de comer mortadela e arrotar peru.

la começar o campeonato do mundo, sou parágrafo numa pelota. Amélia assistia suas novelas e fazia tricô. Wal lia Joyce. Se eu fosse o presidente da República baixava um decreto proibindo essas merdas que só servem pra encher a cabeça da mulherada. Porrada nessas revistas femininas, montes pras novelas, neça de livros: interditava tudo quanto é editora. Wal assistia filmes de Bergmar e do Antonioni, uma chata de galochas, cachorrona debilíode.

Stela... por que não me encaras mais?

— 10 —

Sempre fui um sujeito ponderado. Econômico, jamais muquirana ou unha-de-fome. A velha costumava dizer pra todo mundo: "Aquele praga não come merda porque fede". Ah, língua ferina tinha a velha! Wal era mais requintada quando xingava. "Tartufo sovina". Parei no Tartufo. Quem seria o tal sujeito? Deixa pra lá, são águas passadas, não movem moinho.

Perdulário nunca fui, isso é verdade. Tivesse eu esbanjado meu suado salário em temporadas na praia com a família, freqüentado boates com a Wal, almoçado fora aos domingos como as duas chupins queriam, agora estaria em papos de aranha, numa fria danada. Ainda bem que o bom-senso jamais me abandonou. Quem compraria as injeções de morfina para a pobrezinha da Amélia, morrendo de câncer no fígado?

Amélia inchada, cor de açafraão, consumindo morfina para aliviar as dores insuportáveis. Não teve direito ao Hospital dos Servidores Públicos. Adiantou merda nenhuma os chuveiros do sacripanta. Cadê a certidão? Trouxe o último hollerite? Azar deles, uma cobaia a menos. Ia morrer mesmo, todo mundo sabe que essa doen-

ça não pode ver luz, os carneiros teriam se refestelado em escarafuncha a carcaça podre da amiga do barnabé. Burocracia também é câncer.

Fui obrigado a interná-la numa Casa de Saúde, travessa da Brigadeiro Hospitalzinho simples, mas bastante asseado. Trocavam a cama todos os dias, comida caseira, visitas eram permitidas diariamente, podia-se levar frutas, fumar no quarto. Na base da grana tudo é válido, todas as portas se escancararam, o céu é o limite.



Nós, barnabés, construímos nosso próprio Hospital, desde o projeto, sempre houve desconto em folha de pagamento: sai bem barato qualquer tratamento ou internação. Foi o fim da picada não terem aceito Amélia.

Amélia inchando e amarelando, inchando e amarelando... soro e morfina, eles aliviando, carinhosamente aliviando as dores dela e esvaziando meus bolsos. Sou a favor da eutanásia.

Stela... certa vez, enquanto segurava as mãos de Amélia, disse-te a mesmíssima coisa.

Por que cuspieste em meu rosto enquanto Amélia exalava o último suspiro?

HOT GIRLS apresenta **CONTOS EXCITANTES** — Uma publicação mensal da **NOBLET —**
INDÚSTRIA GRÁFICA E EDITORA LTDA. — Redação, Administração, Publicidade e
Correspondência: Rua Almeida Torres, 119/163 — Fone: 278-6152 — Caixa Postal n.º
15.181 — Código Postal: 01530 — São Paulo, SP.

Reg. no D.C.D.P. do D.P.F. sob n.º 1.959 — P. 209/73.

Impressão e Acabamento: Em Oficinas Próprias — **TODOS OS DIREITOS RESERVADOS.**

á nas
ancas



coleção
brasil
erótico

romances
eróticos
com todo o
tempêro
do autor
nacional

não
percam!



— “Desculpe-me Jorge, acho que estão me chamando no quarto”.



CRS 100.00



17

OS

**NAS BANCAS,
todos os meses**

**não
percam!**



**QUADRINHOS
PARA ADULTOS**

ERA UM NOME DE MADONA

A. LEMES



Seriam nove horas da manhã quando cheguei em casa.

O som louco de músicas, tocadas sabe-se lá por quem, apanhou-me bem antes de atingir o portão. Ninguém me viu, mas vi algumas gurias reboando em meio àquela barulheira toda. Utilizando a entrada dos fundos, encontrei minha mulher na cozinha. Perguntei-lhe...

— Que inferno é esse, aí dentro?

Ajeitando os óculos caídos na ponta do nariz, respondeu...

— São companheiras da Juca. Juca é a forma carinhosa pela qual tratamos uma de nossas filhas. — Parece-me que querem falar com você... não sei. Evito meter-me nos seus assuntos...

— Está bem! Verei o que pretendem.

Apareci na sala.

Três jovens dançavam; duas reviravam os discos; outra, a mais encantadora do grupo, encontrava-se acomodada numa poltrona. Apenas apreciava os movimentos das demais... Que queriam aquelas seis meninas, aquelas seis diferentes pensamentos? Para quê e por quê me procuravam? Mais um minuto e ficaria sabendo.

Bradei, quase aos gritos...

— Atenção, irriquetas senhoritas! Um homem acaba de adentrar o ambiente... Tomem muito cuidado, hem?

— Olá, senhor João. Oi, papai...

De uma ou outra forma, todas me saudaram. A da poltrona, levantando-se, veio postar-se diante de mim e disse...

— Bom dia, senhor! Desculpe-nos, se puder, a bagunça que estamos promovendo.

Ela aguardando resposta, eu sem saber o que responder. A expectativa durou pouco. O tempo exato de rápido e convincente mudo confronto. Vi diante de mim maravilhosa criatura levando na alma a marca de algum problema...

Cruzando os braços e movendo a cabeça abundada por falscantes cabelos negros aparados pouco acima dos ombros, tornou utilizar as cordas vocais...

— Senhor João, ouviu o que disse!?

— Ouvi, garota! — Invenstei uma mentira. — Antes de responder, pensava no que poderão dizer os vizinhos...

A Juca nos salvou do embaraço...

— Sabe, papai! Estas moças são colegas de colégio e estão metidas em séria encrenca... Imagine o senhor que elas concordaram em tomar parte numa gincana amalucada... Já se desencumbiram de quase todas as tarefas... agora, falta a última. Elas necessitam apresentar à mesa julga-

dora um tema erótico vazado em linguagem relaxada, pornográfica mesmo... Só terá valor se estiver assinado por um autor do gênero e acompanhado de livros autografados...

Perguntei...

— E aonde entro nisso?

— Ora, papai! O senhor se dedica a este tipo de coisa, poderá redigir o tema e dar três ou quatro livros dos que já foram editados.

Ansiedade em cada rosto.

Miro-as todas, me dirijo à delicada morena...

— É do seu gosto que eu escreva o tema?

Respondeu convicta...

— É. Será sensacional saber de que se valem os escritores para diversificar os assuntos envolvendo homens e mulheres. Pois, até onde sei, conjunção carnal tem sempre o mesmo resultado... pelo menos, para a maioria...

— Quem diria? — Exclamou uma, em tom zombeteiro.

Admiti fazer o trabalho...

— Viva!!! — Foi o grito geral. — O senhor é muito legal.

Solicitei-lhes calma. Conseguindo, fixei pequena regra...

— Vou precisar da ajuda de uma de você... Façamos um acordo: Fica comigo a bela morena — aponte a escolhida — e as demais vão passear, conhecer o bairro, tomar sorvetes... Minha filha pagará as despesas e depois acertarei com ela.

Saíram uma atrás da outra. Sem protestar, ficou a morena. Fechando cuidadosamente a porta, procurei saber...

— Desculpe a curiosidade, guria... Posso saber o seu nome?

— Mas claro, senhor João. — Respondeu com candura. — Meu nome é Nazaré.

Comentei, refletindo as palavras...

— Em algum lugar, ou em muitos, esse nome é bastante reverenciado... É! O seu é um nome de Madona... Aliás, você se parece com uma...

— Ah, senhor João, evite peca comparando-me a uma santa... Não sou nada e nem ninguém que mereça esta distinção... Mas, de qualquer forma, agradeço-lhe considerar-me assim...

— Creia-me, Nazaré, — falei resolutamente — você estará presente no trabalho que executaremos... Agora, venha, vou levá-la ao meu recanto preferido, ao local onde me inspiro.

Meu escritório está montado num cômodo, medindo três por três metros. Além das mesas, máquina de escrever, estante repleta de livros e um sofá, chamam a atenção do visitante as paredes forradas de posters estampando mulheres nuas, o amplificador de som, três gravadores, um projeto de "slides" sempre dirigido na direção do único quadro branco visível na parede...

Nazaré, discretamente, inspecionou tudo; cabisbaixa, manteve-se em silêncio.

Abrindo o bar da estante, retirei dele uma caixa de isopor e do interior desta, copos gelados e cubos de gelo.

Disse à garota...

— A bebida descontraí, anima o ambiente... Aceita algo?

— Um pouco de Martini e um sorvete de gelo.

Preparei dois Martinis, acrescentei ao meu, outro tanto de uísque. Brincamos o sucesso do tema, trocamos sorrisos, nossas mãos se tocaram... Após ingerirmos o primeiro gole da bebida, cavalheirescamente, acomodei-a no sofá, permaneci em pé...

— Oriente-me, Nazaré... Diga-me se escreveremos algo real ou se inventaremos qualquer ficção?

— Não sei, senhor João. Por mim dá na mesma... O senhor não teria entre os seus papéis, algo pronto? Se tiver, é só assiná-lo e... missão cumprida.

— Excelente essa sua idéia, mas... não é o que eu quero...

— Diga, então, o que quer...

Fui sentar-me à mesa, sorvi um gole da bebida, disse-lhe das minhas pretensões...

— Jamais vi ninguém tão bela quanto você... Olhe as fotos afixadas nas paredes e tire conclusões, compare-as, compare-se, perceba que você as supera. É pena que, protegida num manto de cândida pureza, ainda não experimentou as delícias do ato sexual...

Para o meu espanto, Nazaré, me desmentiu...

— Se o que fez foi armar-se uma cilada, apanhou-me... Já mantive contatos com o sexo oposto, mas não achei delicioso... A primeira vez, foli num automóvel e à força. Eu não queria, mas o rapaz, sim. Depois inverteram-se os papéis. Quando senti necessidade dele dentro de mim, me rasgando sem dó, enterrando na minha vagina o seu membro viril, ele já havia acabado... Espalhou espermatozoides nas minhas coxas, na minha roupa, no estofamento do carro... Daí, vendo-me agitada, consumindo-me em algumas sensações eróticas, arranhando-me desarvorada, ansiando por gozar também, ele não entendeu meu drama... Apreensivo, pensando que eu estava doente, pretendeu levar-me a um médico... Aquela demonstração de inexperiência me deu raiva e coragem para abandoná-lo no carro... Depois desta ocorrência, decidi entregar minha virgindade a quem me parecesse simpático. Achei um outro rapaz... Todavia, o prazer daquilo que chamam de orgasmo faltou naquela oportunidade e em mais duas ou três tentativas... Portanto, senhor João, pra mim, sexo é abominável. Trago comigo a disposição de nunca mais recolher na vagina, outro pênis.

A menina suspirava anelante. Estaria cansada ou sensualizada? Perguntei-lhe...

— É incrível esta sua confissão, Nazaré. Quer dizer que, você, depois da primeira vez, nunca mais sentiu nada a não ser, talvez, alguma dor?

— Exatamente, senhor João... Só senti muita dor...

— Se lhe disser que a escolhi para ajudar-me porque vislumbrei nos seus olhos desejos de ficar a sós comigo, você acreditará?

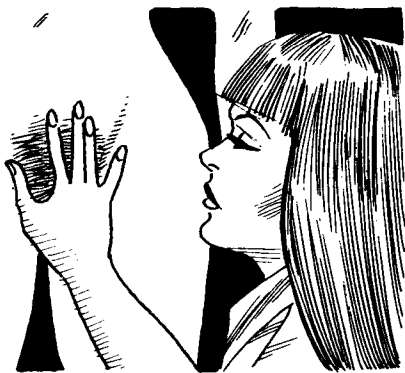
— Por que deixaria de acreditar? Habitado a tratar com mulheres,

nunca poderia esconder de si a minha condição de garota liberada carregando na alma qualquer trauma... E somando dois e dois, esta mesma experiência o levaria perceber a minha vontade de sentir como vivem os es-

— E que está achando disto tudo?

— Sensacional! Uma novidade sem precedentes. Estou, deveras, encantada. É fantástico estar diante de muitas fotos de mulheres nuas, ver a conformação das suas feminilidades, pensar na minha própria sem saber exatamente como é ela... Enfim, senhor João, estou adorando estar aqui pelo que representa o ambiente e por que, instantes após chamar-me de santa, o senhor insinou ser eu superior a qualquer das garotas dos posters... Será que sou?

Levantando-se do sofá, Nazaré passou os dedos nas vaginas expostas nos retratos, pôs a mão em si mesma, esvaziou o seu copo, depositou-o no tampo da mesa, olhando-me, confessou...



— É legal ficar aqui... Gostaria de saber quantas mulheres já desvendaram segredos aqui dentro e quantas entregaram seus encantos genitais a você... Desculpe-me, eu quis dizer ao senhor...

— Deixe de fora o senhor e fique sabendo: a não ser minha esposa, que faz a limpeza, jamais recebi mulheres neste escritório... você é a primeira...

— Posso acreditar?

— Pode... E volto a dizer: se achar que deve, trata-me por você...

— É?

— É!

— Se eu permitisse, você seria capaz de possuir-me ali no sofá?

— Seria...

— Mesmo sabendo que sou fria, que não gozo? Ou os homens se contentam, se satisfazem simplesmente atritando o pênis nas paredes do túnel vaginal das parceiras?

— Quando o encontro é casual, sim. Se há interesses outros, como por exemplo, ânsia afetiva, não.

— Você está interessado em mim?

— Estou...

— Amor a primeira vista?

— Não.

— O que, então?

— Você alegou que jamais gozou, mas os seus olhos irradiam aquelas indicações de intensa volúpia... Você transcende inocência só na aparência... Interiormente, você é um vulcão latente... Sem prévio aviso, entrará em erupção e expelirá quentes lavas de amor.

Sorrindo, Nazaré, argumentou...

— Engraçados são os homens! Confesso-lhe minha frigidez e você me sai com essa de vulcão... Desculpe-me, mas o negócio é pra rir mesmo... Se isto é possível, rir de ódio...

— E se lhe provar ao contrário?

— Me transformarei na sua sombra, me enrabixarei por você, não lhe darei tréguas. Em troca de orgasmos, serei sua escrava, estarei aos seus pés, farei tudo o que você quiser...

Sem dizer palavra ou me incomodar de expor aos seus olhos a volumosa protuberância representada pelo membro ereto no interior das calças, zecerquei-me dela... Ela viu aquela coisa, nada comentou e não fugiu à minha aproximação. Permaneceu em atitude desdenhosa, porém, arrepiou-se quando ergui sua mão direita e beijei-a na palma e por toda a extensão do braço até alcançar os ombros... Mais afoito, mordisquei seu pescoço, ela se encolheu, caiu na risada...

— Oh, João... Desculpe-me, sim!? Sou mesmo incorrigível desmancha-prazeres... Você, tão galante e eu, igual uma pateta, gargalhando quando deveria respirar fundo, retribuir seus carinhos, entregar-me molhadinha aos seus anseios voluptuosos... Mas, que posso fazer se não consigo dominar a terrível cócega que sinto no pescoço?

Não lhe dei resposta imediata. Antes, precisava sentir o seu corpo colado ao meu, como se quisesse bafejá-la com o hálito carregado de mensagens convidando-a à prática do sexo... Assim, insinuei-me no seu traseiro, circudei-a com os braços colocando a mão esquerda bem na junção das suas coxas, enquanto a direita, ia de um ao outro seio, apalpando-os, amassando-os...

— Suas sensações de cócegas não produzem idéias negativas... Estou no apogeu da ereção mas, no entanto, sem sua aquiescência, nada farei no sentido de multiplicar as carícias... É meu desejo intensificar as propostas amorosas. De verdade, almejo chegar ao máximo com você, completar o entrelaçamento ora iniciado... Observe as realidades da declaração sentindo a força do pênis cotucando suas nádegas e a avidéz das mãos tateando-a no colo e na região vulvar... Deixe-me penetrá-la, querida Nazaré? Conceda-me a chance de saber por mim mesmo se realmente você não goza...

— Não sei... E se sua mulher vier aqui ou se as meninas regressarem do passeio?

Descartei...

— Minha mulher não interfere nos meus assuntos, sejam eles quais forem... Quanto às meninas, não creio num retorno, assim tão cedo...

— Convenceu-me, prezado João, Cederei meus frios encantos a você... Me entregarei de boa vontade, mas o coito terá que ser rápido, a fim de evitar possíveis transtornos... E viva eu! Mais uma vez receberei, nos meus penetrais a virilidade de um homem, de novo, sentirei jorrar, na concha morta, o sêmen quente de alguém... e depois... depois o va-

io, a tristeza de saber-me mulher incompleta...

Nazaré vestia calças compridas, lusa abotoada na frente, sutiã e calinha. Livrá-la daquelas peças foi num repente. Içá-la nos braços, rodopiar o exíguo espaço, beijar sua boca, foi titude espontânea, rica em manifestações de contentamento. Também ficar nu foi daqui-pra-li... Em seguida, acomodei a parceira no sofá e, deança em riste, preparei o ataque à maravilhosos presa, docemente me mostrando o alvo sedutoramente exposto, scancarado, convidativo... Parel. Não era assim que eu queria. Que fazer, então? Mentalmente, busquei conselhos evocando trechos assinados por consagrados sexólogos. Como um passe de mágica, achei a resposta, a orientação de como proceder diante desta situação. Disse à arota:

— Não a quero assim, adorada Nazaré. Nessa posição, você endureceia até o membro de uma estátua... No entanto, prefiro vê-la lutando, dependendo sua riqueza genital... Fique sabendo que essa sua passividade lhe faz mal, muito mal mesmo... Vamos lá, mulher gostosa! Impeça-me chegar à sua arcaza gruta, me xingue, diga que sou tarado, que não quer dar pra mim. Está bem assim?

Incrédula, boquiaberta, perguntou...

— Por que proceder desta maneira tão insólita?

— Também não sei, abnegada criatura. Faremos um teste, se der certo, parabéns a nós dois... OK?

Ela seguiu as instruções. Lutou bravamente, uniu os joelhos, chegou a cair do sofá, rolamos em clima de apetite... Positivamente cansado, fiquei de joelho, empunhei o pênis, disse num sufoco...

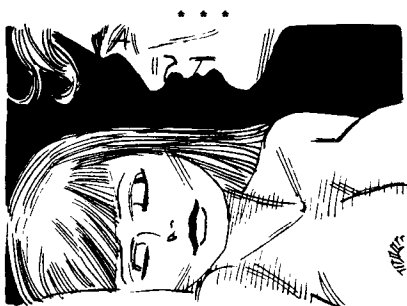
— Desisto de prosseguir tentando penetrá-la... Já que você não me quer, me masturbarei, lançarei fora o que deveria inundar sua feminilidade...

Nazaré arregalou os olhos quando movimentei a mão levando e trazendo o prepúcio e mostrando a glândula arroxeadada, brilhante, prestes a explo-

dir... Como louca ou criança temendo perder o brinquedo da sua predileção, a moça gritou...

— Não faça isso, meu amor, minha vida, meu tesão... Eu dou pra pra você. Quero-o todinho dentro de mim... Por favor, pelo que você mais quer no mundo, não se masturbe... Venha aqui! Olhe, já abri as pernas...

Tão veementemente convidado, é lógico que fui. Desta vez, realmente transformado em tarado, me introduzi na vagina apertada de Nazaré, e ela gritou... gritou e chorou... De dor? Não? Desencadeou-se, abateu-se sobre ela uma avalanche de gozos. Desaparecia a mulher fria, despontava outra em seu lugar... Esta, fogaosa, sensual, de quadris rebotativos, com tremenda capacidade para colecionar orgasmos simultâneos. Quando ejaculei, aprofundando ao máximo no seu túnel de amor, ela desmalou...



Bem mais tarde, sozinho com minha filha, esta comentou:

— Nazaré é do tipo nostálgico, não aceita convites de rapazes, evita envoltimentos íntimos... mas, hoje, após ajudá-la redigir o tema erótico, observei nela incríveis mudanças... O que de tão bom lhe teria acontecido?

Ouvi as divagações da Juca, estremeci diante da sua interrogação, mantive-me calado à custa de muito esforço. Quase não pude engolir as palavras de exaltação, bailando na ponta da língua... Que diria minha filha se soubesse das ocorrências ligando-me à bela Nazaré? Não me abriria com ela, não divulgaria os porquês das modificações operadas no comportamento da amiga...

EROS-DE-PATIM

Ricardo era professor no Clube Caiçara há três anos. Gostava muito do que fazia, afinal, era um esportista nato, tanto assim que se formara em Educação Física e passava a maior parte do dia no clube. Pela manhã, percorria por várias vezes os cento e cinquenta metros da piscina, depois ia para a quadra coberta para uma série de exercícios. Após o almoço, no restaurante do primeiro andar, refugiava-se sob as árvores da área verde até na hora de voltar às quadras esportivas para as aulas de volei com a garotada do infantil e, um pouco mais tarde, o basquete para o juvenil.

Todavia, uma das coisas que mais lhe agradava eram as aulas de patinação para os adultos à noite. A diretoria do clube resolvera oferecer aquele curso, já que muitos sócios demonstraram interesse por aquela modalidade esportiva.

Mas, na verdade, o que mais lhe despertara o gosto pelas aulas fora o fato de que o curso atraía um número grande de mulheres tocadas pelo modismo e pela propaganda. Graças as aulas, agora tinha a oportunidade de manter um contato mais íntimo com algumas sócias que há muito cobiçava. Segurá-las pelas mãos, enlaçar cinturas finas e delicadas. Vez por outra, trombá-las durante evoluções mais ousadas e sentir suas carnes macias, enquanto aspirava o perfume doce que exalavam.

Estava satisfeito da vida. Clube de classe média alta, mulheres bonitas, bem cuidadas, maduras, que procuravam preencher o tempo vazio, enquanto os maridos permaneciam enclausurados em seus escritórios.

Porém, para freqüentar a quadra reservada à patinação após às 21 horas, não era obrigatório que o sócio estivesse inscrito no curso. O espaço estava aberto a todos interessados em tentar deslizar sobre as rodinhas de polietileno e não se importassem com os hematomas e arranhões provocados pelos tombos, muito comuns na fase inicial.

Desde a primeira vez em que viu Cristina, não pode mais esquecê-la. Chegava às segundas, quartas e sextas-feiras carregando um par de patins branco, trajando um maiô azul turquesa, bastante cavado e sobre ele um saíote de jogar tênis.

Era difícil evitar o priapismo depois que ela chegava à quadra. Sua imagem era atraente, magnetizante. Por onde quer que rodopiasse, não podia afastar o pensamento daqueles cabelos cor de palha, quase sempre presos num curto rabo de cavalo; aquelas coxas carnudas e roliças, as polpas da bunda arrebitada, que a cavado do maiô deixava escapar, os olhos cinza, a cintura delgada e graciosa e aquele lindo par de seios redondos e atrevidos.

Aos poucos, a visão daquele corpo exuberante preso naquele maiô sensual foi impregnando seu cérebro. Houve dias em que não suportou a tensão, tendo que masturbar-se mais de uma vez com o pensamento fixo nela.

Cristina não sabia patinar. Passava a maior parte do tempo grudada à cerca de arame que circundava a quadra e, mesmo assim, não evitava os tombos, duros, às vezes.

Ricardo notou que ela percebera que a devorava com os olhos e parecia sentir prazer com aquilo, tanto que cada dia procurava comparecer mais provocante. As últimas resistências do professor foram quebradas no dia em que ela surgiu, trajando um colante branco. Naquela noite, por duas vezes, Ricardo procurou o banheiro para o prazer solitário.

Faltando quinze minutos para o encerramento regulamentar das aulas, patinou até a moça grudada à cerca como uma ostra.

— Gostaria de aprender deslizar sem o auxílio do alambrado?

— Gostaria, sim, mas acho que não conseguirei — respondeu ela com ar mimoso.

— Bobagem, é só uma questão de treino e boa vontade. Por que não se inscreve no curso?

— Fico encobulada diante de tantas pessoas. Por isso, tento aprender sozinha.

— Desta maneira, vai demorar muito tempo até conseguir desfrutar do sabor da patinação. Seria bom tê-las nas aulas — disse Ricardo, com o coração pulsando mais forte.

— Você não dá aula particular?

O rapaz não acreditou no que seus ouvidos acabavam de escutar.

— Poderia e me agradaria muito, porém não tenho espaço em minha casa e, aqui no clube, a quadra só é liberada à patinação no horário destinado às aulas em conjunto.

— Bem, em minha casa tem um salão que poderíamos usar — falou dengosa, perscrutando firme os olhos negros do professor.

Ele quase gritou de alegria e prontamente aceitou o convite para ir à sua casa no dia seguinte, a fim de examinar o salão.

O sol estava forte no sábado. Tocou a campainha e esperou impaciente. Quando Cristina surgiu diante de seus olhos, uma labareda lombeu todo seu corpo. Vestia uma calça jeans que parecia pintada ao corpo. Uma blusa vermelha, suficientemente transparente para mostrar que estava sem sutiã.

Atravessaram a casa toda para chegar ao salão nos fundos sobre a lavanderia e a garagem. Ela entrou na frente, dando-lhe oportunidade de apreciar o movimento ondulante de suas nádegas apetitosas.

Ainda que o salão não apresentasse as condições necessárias à prática da patinação, no íntimo, os dois estavam dispostos a tentar.

O rapaz voltou ao carro para pegar seu par de patins, enquanto a aluna trocava de roupa. Quando ela apareceu com o mesmo uniforme que frequentava o clube, o pênis de Ricardo intumescceu-se inopinado. Ela informou-lhe de que sua família fora passar o fim de semana fora e eles estariam à vontade.

A aula começou com o professor mostrando algumas evoluções simples. No momento em que ela afastou-se para tentar os primeiros movimentos Ricardo pôde degustar todo aquele corpo maravilhoso. O maiô de malha mal conseguia esconder as carnes firmes saborosas.

Ao tentar um semicírculo, caiu de bruço. Ricardo correu ao seu encontro. Ao ver aquela bunda perfeita, teve ímpeto irresistível de apalpá-la. Ajoelhou-se ao seu lado.

— Machucou-se?

Sem levantar-se, respondeu que não. Com os olhos grudados ao dela, ajudou-a a recompor-se.

— Vamos tentar juntos — sugeriu ele.

Enlaçando-a pela cintura, saíram rodando. O contato com seu corpo, aos poucos, foi entorpecendo-lhe o consciente, aspirando a atmosfera de luxúria que se formava. Traçozeiro, provocou a queda de ambos. Ele ficou por cima e não resistiu a aproximação. Esmagou sua boca contra a da aluna. Ela demonstrou esperar por aquilo, pois ofereceu, ávida, sua língua molhada.

Por segundos, suas línguas brigaram. Depois, Ricardo procurou sua orelha, fazendo-a tremer. Deslizou para seu pescoço, indo em direção aos seios. Com as mãos que subiram rápidas das coxas, procurou o colante libertando aquelas duas frutas que abocanhou desesperado.

Cristina gemia e se contorcia como uma serpente sob seu peso de macho sedento. Os bicos dos seios intumesceram ao serem mordiscados e o sexo ficou em brasa pelo roçar sófrego de ambos. Ele enlouquecia à medida que ela balbuciava palavras e frases desconexas.

— ... ai, amor, é bom... chupa gostoso... chupa mais...

Com as mãos trêmulas e úmidas ela buscou o cóis do agasalho de ginástica que ele usava, fazendo-o deslizar até os joelhos. Segurou-lhe o pênis duro como concreto e apertou-o, sentindo o latejar ritmado.

Rolaram pelo chão procurando, com as bocas e com as mãos, as zonas erógenas de seus corpos. Agora, ele lambia suas coxas. Enfiou a mão pela cava do maiô, apertando-lhe a bunda. Por sobre o tecido azul, mordeu-lhe forte a cabeça, pressionando-a contra o tecido e ele pediu em tom de súplica: — Ainda não, meu bem.

Não querendo lhe prolongar a tortura, abriu suas pernas, puxou para um dos lados a cava do maiô e, pela abertura, introduziu a língua em riste naquela flor faminta. Cristina segurou-lhe forte a cabeça, pressionado-a contra o sexo lúbrico. A língua do mestre passeava atrevida pela abertura da vulva, dando ênfase ao clitóris.

— Ric, meu anjo, assim você me mata, me deixa gozar gostoso em sua boca. Chupa todo esse amor que aranca de minhas entranhas. Ai... é bom, é bom, chupa mais, ai, estou gozaando...

Alucinado, Ricardo colheu cada gota do néctar que era expelido por Eros. Quando ela relaxou confortada, deixou sua cabeça em seu ventre até sentir sua respiração voltar ao normal. Abraçaram-se a seguir. Confessaram mutuamente o desejo de se entregarem um ao outro e, com um sorriso maroto, ela acabou contando haver planejado as aulas particulares apenas como um pretexto para estarem a sós.

Durante um profundo beijo, suas mãos passaram a buscar novas emoções. Ricardo acabou despiendo-a e a si próprio, mas permaneceram calçados o patins.

— Vamos fazer amor de patins.

Nus, deram algumas voltas pelo salão. Pararam ao centro, abraçaram-se e escorregaram até no chão. Cris tomou a iniciativa, salpicando o corpo do parceiro com beijos cálidos e rápidos, com lambidas provocantes. Chegando ao pênis, segurou-o com candura, esfregando-o em sua face e beijou-o muito antes de introduzi-lo na boca. Começou a sugá-lo com movimentos lentos que foram aumentando à medida que crescia o desejo.

Ricardo gemia enquanto segurava seus seios duros e rosados. Ela masturbou o professor oralmente até sentir o jato quente misturar-se à sua saliva. Para que o membro não amolecasse, manteve-o embebido em seu hálito. Rodopiou o corpo, posicionando a cabeça de Ricardo entre suas pernas. A língua em brasa do mestre explorou aquela rosa vermelha que se desabrochava orvalhada.

Não conseguindo mais controlar as vontades, desprenderam-se. Ele ficou de costas e Cristina manteve-se sobre sua virilha. Com a mão trêfega ela guiou o membro palpitante para sua gruta carnosa. Apesar de lubrificada, Ricardo sentiu o quanto era apertada, o que lhe proporcionou maior ênfase.

Cris não entendia nada de patinação, mas sabia muito de amor. Subia e descia o quadril sobre o professor, que ganhava e suspirava com o ritmo estonteante.

— Cris, como você me engole gostoso... a contração de sua vulva é fenomenal... ela morde que é uma delícia... vai mais depressa, querida... deixe que eu entre nesse corpo de deusa.

Excitada pelas declarações, ela aumentou o balançar do corpo, cavalgando com fúria, como se disputasse um grande prêmio para puro-sangue. Com os braços estendidos, ele massageava seus seios e quando o orgasmo gritou-lhes dentro da carne, gravou as mãos em suas nádegas e curvou o corpo para cima, suspendendo-a com força do amor.

Depois, foi o silêncio do abraço dos corpos e dos sexos. Minutos mais tarde, com os nervos já flácidos pelo esgotamento, desvencilharam-se. Sentados, sorriram um para a boca do outro, trocaram beijos, lambidelas e carícias eróticas, tal qual animais agradecidos.

Examinando-se nus e de patins, terminaram soltando saborosa gargalhada.

— Nunca havia feito amor sobre rodas — comentou Ricardo.

— Também, não. Mas é delicioso. Teremos, ainda, muitas aulas. Ache que vou demorar a aprender a patinação, e, quanto mais tempo demorar, melhor.

— Concordo — confirmou ele. Não lhe darei nunca o diploma para poder tê-la sempre como aluna particular.

Dizendo isso, Ricardo afundou o rosto entre o tufo de cabelos castanhos entre as coxas de Cristina para um beijo íntimo e prolongado.

A noite chegava e eles resolveram refrescar-se num passeio pela cidade. Agora, sem os patins...

POR CONTA DA CASA

RICARDO MACHADO ARAUJO



Quando o céu começou a clarear de manhã bem cedo, Valdemar já estava sentado em sua pequena varanda, olhando o mar. Fazia isso todos os dias. Via o mar negro tornar-se cor de chumbo, e depois avermelhar-se lentamente até explodir num verde claro de seda. Era um espetáculo deslumbrante. De sua cadeira ele podia ver as pedras lá embaixo, a espuma branca tentando subir nas escarpas.

O murmúrio do mar o acalmava, fazia-o pensar, ter esperanças. A esperança é verde como o mar. A paisagem era sua riqueza. Ninguém imaginava que um lugar tão miserável pudesse ter uma vista tão bonita. Aquela vista não pertencia àquele lugar. Era essa sensação que dava prazer a Valdemar, como se ele estivesse desfrutando algo que não lhe pertencia. De graça. Todos os dias.

O sol já ia alto no horizonte. Ele levantou-se triste. O encanto desfizera-se. Precisava voltar ao seu mundo outra vez. O mundo da lama, do cheiro de urina, das noites sem dormir por causa do frio, da falta do que comer, das roupas puídas, do sapato fudado, do aperto no trem das sete.

Os primeiros ruídos da manhã já começavam. Ele entrou no único cômodo de seu barraco, olhou a mulher que ainda dormia, alheia aos barulhos dos vizinhos. Na favela todos acordavam cedo. Olhou o menino enrolado em cobertores. Dormia em cima de um estrado feito de caixotes por Valdemar. Ainda não tinha nome. Valdemar ficou alguns instantes parado, olhando, imaginando um nome para o menino. Depois, desistiu. Não tinha mais importância. Seus olhos se encheram de lágrimas. Sentou-se na cama ao lado da mulher.

— Jorgina! Jorgina! Acorda, mulher! Tá na hora. Nós tem que ir. Anda!

Jorgina abriu lentamente os olhos.

— Tá na hora. Levanta! — insistiu Valdemar.

Jorgina sobressaltou-se por um momento. Se pudesse não acordaria nunca mais. Olhou o menino deitado a seu lado e chorou.

Meia hora depois, os dois desciam o morro abraçados. Jorgina levava o menino no colo e Valdemar a apoiava para que não tropeçasse. O caminho

era íngreme e cheio de pedras. Lá embaixo, andaram até o ponto do ônibus. Jorgina apertava o menino contra o peito para aquecê-lo. O vento frio da manhã lhes fustigava o rosto.

— Não dá pra pegar um táxi? — perguntou Jorgina.

Não era mulher de se dar a esses luxos. Era por causa do filho. O ônibus vinha sempre cheio.

— Dá não, mulher. Se ainda fosse perto a gente pegava.

Valdemar contava o dinheiro.

— Quanto é que tu tem?

— Esquenta tua cabeça, não. Nós espera um ônibus mais vazio. Pede ao motorista pra entrar pela frente.

Logo estavam acomodados no ônibus. Iam mudos. Não sabiam o que dizer. "Na hora do sacrifício é melhor cada um ficar sozinho consigo mesmo que conselho alheio só serve pra entristecer ainda mais", Valdemar pensava, enquanto observava as pessoas na rua. Nem sentia os solavancos do ônibus, o barulho dos carros. Ia perdido em seu mundo, pesando sua vida, tentando adivinhar o futuro. Era melhor que não existisse futuro porque ele seria pior que o passado. Cheio de sonhos desfeitos e desaforos engolidos em seco, a miséria rondando, a fome apertando, a mulher reclamando da falta de dinheiro. Já nem se amavam mais. O nascimento do filho trouxe alegria, é verdade, mas a alegria logo se transformou em mais preocupações, mais noites sem sono e sem amor. Mais necessidade, mais miséria.

Depois de quase uma hora de viagem, saltaram. Andaram durante alguns minutos até um prédio antigo, com um grande portão de ferro onde se lia: "Orfanato São Judas Tadeu".

Pararam diante do portão, hesitantes. Jorgina parecia cada vez mais agarrada ao filho, como se quisessem roubá-lo. Valdemar segurou-a carinhosamente pelo braço. Jorgina parecia pelo rosto tenso, os olhos assustados.

Caminharam lentamente pela alameda florida que levava à entrada paralisada. Podia-se ver sua angústia principal. Na portaria, Valdemar dirigiu-se a uma moça.

— Eu queria falar com dona Amélia.

— O senhor tem hora marcada? — perguntou a moça, desinteressada.

— Tenho, sim, senhora. Dona Amélia tá me esperando.

Aguardaram alguns instantes, enquanto a moça falava no interfone.

— O senhor pode entrar ali na aquela sala que dona Amélia já vem.

Entraram e se acomodaram. Dona Amélia não demorou.

— Bom dia, seu Valdemar.

Valdemar apresentou Jorgina. Dona Amélia mostrava-se sorridente e cordial.

— Muito prazer, Jorgina. Fiquem à vontade que eu volto já.

Saiu da sala e voltou em alguns instantes com uma pasta de papelão.

— Os documentos já estão todos prontos. Eu mesma preparei tudo. E só vocês assinarem aqui e aqui — falou, apontando para duas linhas ao pé das folhas datilografadas.

Valdemar sentia-se perdido. Sua mão tremia. Era abominável a maneira como um simples gesto podia alterar a vida de duas pessoas. Um nome escrito numa folha de papel e morria uma família. Apenas alguns segundos e os sonhos dele e de Jorgina estariam perdidos para sempre. "Mas a humanidade era assim mesmo", pensava. "As pessoas não passam de objetos. Os sentimentos não tem a menor importância, exceto para os que os sentem".

Valdemar hesitava, a caneta na mão, trêmula. Queria desistir, voltar atrás. Dona Amélia interveio:

— Alguma coisa errada, seu Valdemar?

"Estava tudo errado", pensou Valdemar, mas não respondeu. Sabia que era tarde demais. Tudo tinha sido pensado e repensado. Ele e Jorgina tinham discutido dias inteiros sobre o assunto e a conclusão era sempre a mesma. Não podiam criar o filho na miséria, passando fome. O menino estava magrinho, doente. Merecia coisa melhor. Uma boa casa, comida farta, educação. Não teria nada disso

se ficasse com eles. Assinou.

— Agora a senhora, dona Jorgina — disse dona Amélia.

Jorgina assinou rápido, num impulso, senão não teria coragem.

— Pronto, tudo em ordem — falou dona Amélia, enquanto apertava uma campainha. Logo apareceu uma moça com um uniforme. Entrou e ficou esperando junto à porta. Ninguém disse uma palavra. Não era preciso. Jorgina beijou o filho, acariciou seus cabelos, seus brancos, as mãozinhas finas. Uma lágrima pingou no rosto do menino. Jorgina chorava baixinho. Valdemar levantou-se, segurou o filho, beijou-o e o entregou à moça, que se foi sem dizer uma palavra.

— A gente vai poder ver ele de vez em quando? — perguntou Jorgina, quase implorando.

— Sinto muito, mas isso não vai ser possível. Como eu expliquei ao seu marido, vocês nem vão ficar sabendo para onde ele foi. Tudo é feito dentro do mais absoluto sigilo. Tem que ser assim, a senhora entende?

Jorgina não entendia. Seu único consolo seria saber que, em algum lugar, seu filho estava sendo bem cuidado, tratado com amor e carinho, porque as famílias que adotavam crianças eram escolhidas a dedo, conforme havia-lhe explicado o marido.

Despediram-se. A viagem de volta foi mais calma. Valdemar não sabia se o drama tinha terminado ou apenas começava. Estava confuso, não conseguia raciocinar. A única coisa certa naquela hora era a tristeza profunda que sentia no peito. A dor de quem deixou fugir um sonho cultivado durante muitos anos e um dia tornado realidade. A dor de quem sabe que a vida nunca mais seria a mesma, que tudo se modificara irremediavelmente. A lama da sociedade tinha finalmente triunfado contra todos os seus esforços.

Ao chegarem em casa, a primeira coisa que viram foi o estrado do menino. Jorgina, que tinha se controlado até então, desatou num choro convulsivo e desesperado. Chorou até não ter mais lágrimas. Valdemar ficou a seu lado consolando-a, até que adormeceram.

Quando acordou, já era noite. A esposa ainda dormia. Valdemar resolveu ir até a cantina para espairecer. Era um barraco velho que vendia cachaca, cerveja e cigarros mata-rato. Mesmo assim, vivia cheia.

Caminhava cabisbaixo. Tudo estava sossegado no morro. De repente, notou um buburinho diferente, uma agitação que não era normal. Aproximou-se de cantina. Som de risos e gente festejando vinha lá de dentro. Entrou de mansinho, quase sem ser notado. As pessoas se abraçavam, ergulham copos de cerveja, riam alto. Valdemar sentiu-se atordoado. Nada poderia alegrá-lo. Uma nuvem negra baixara em seu espírito. Olhou aqueles rostos alegres e reconheceu seus vizinhos. Gente pobre que não tinha onde cair morta. Gente igual a ele, que vivia na lama, tremendo de frio nas noites de inverno, sentindo cheiro de urina dentro do barraco, passando fome e doença. Teve vontade de gritar para eles, mandá-los calar a boca. Não havia motivo algum para se alegrarem e, no entanto, eles riam. Pareciam zombar da sua desgraça. Eram esmagados pela sociedade todos os dias de suas vidas, e riam. Sentiam na própria carne e na carne das mulheres e dos filhos a podridão do mundo, a miséria, a falta de esperança, a injustiça dos homens... E riam, e bebiam cerveja, e brindavam, e davam vivas...

Valdemar deixou-se cair numa mesa mais afastada e ficou quieto, olhando o movimento sem entender. Sua mente era um turbilhão de imagens doloridas e contraditórias.

O garçom se aproximou com um copo de cerveja.

— Toma uma cervejinha, seu Valdemar! Hoje é por conta da casa. Dia de festa na cidade.

Colocou o copo à sua frente. Valdemar olhou-o por alguns instantes. Parecia ver refletidos na cerveja a imagem da dona Amélia, do filho, de Jorgina rindo quando ele nasceu, e depois chorando até perder as forças quando ele se foi. Abaixou a cabeça entre os braços e chorou.

Lá fora, os foguetes espoucavam. O Flamengo conquistara mais um campeonato.

SEXO



1

O SEXO, A MULHER ERÓTICA

DR. OTTO SCHWARTZ

Este livro, com uma leitura fácil e clara, ajudará você a melhorar sua vida sexual. Fique por dentro de todo o relacionamento sexual, dos instintos sexuais, das manifestações e desejos, das técnicas do coito, das posições, dos estímulos copulativos, das técnicas do movimento, do prazer e do orgasmo e outros. 152 páginas — capa plastificada.

Cr\$ 400,00



2

AMOR E FELICIDADE NO CASAMENTO

FRITZ KAHN

Uma obra que não pode faltar nos lares brasileiros, devido a sua enorme utilidade. Indiscutivelmente, uma orientação necessária à boa formação sexual conjugal de jovens e adultos. Com observações do advogado Paulo Cardoso de Siqueira, sobre aspectos brasileiros do direito de família. 540 páginas, impresso em ótimo papel e capa plastificada. Uma jóia na sua estante.

Cr\$ 1250,00



3

FORTALEÇA SUA POTÊNCIA SEXUAL

DR. RICHARD M. FALK

Um dos maiores problemas de nossos dias, é o homem conservar sua potência ou, e claro, se puder, aumentá-la. Isso não é possível sem certos conhecimentos da fisiologia do homem e da mulher. Assim sendo, este livro lhe abre um caminho a lhe propõe aumentar e fortalecer sua vida sexual. 268 páginas — capa plastificada.

Cr\$ 660,00



4

O homem erótico

O HOMEM ERÓTICO

ROGER WARREN

O autor acredita que qualquer homem pode tornar-se desejado pelas mulheres e aqui neste livro ele dá as fórmulas, e acredite, não são mágicas e sim práticas, honestas e realmente útil. E se você estiver disposto e empreender o necessário esforço, saberá como manter-se eroticamente em forma. 142 páginas — capa plastificada.

Cr\$ 420,00



5

RELAÇÕES SEXUAIS SUAS TÉCNICAS

DR. VAN DE VELDE

Estes alguns capítulos deste importante livro: A cópula — Importância do jogo do amor — O beijo — Variações do beijo amoroso — A mordidação amorosa — Análise das sensações voluptuosas — O apalpanamento — Técnica no jogo de excitação — A defloração — O orgasmo e mais dezenas de outros temas. 96 páginas — capa plastificada.

Cr\$ 420,00



6

SEXO, AMOR E FELICIDADE NO CASAMENTO

DR. ELLEN SUNDAYS

Este livro nos mostra o que os homens e as mulheres devem saber sobre o sexo. Aborda temas tais como: A lua-de-mel — A união sexual — O controle da concepção — O impulso sexual — O temor da gravidez — A esterilidade e a impotência — Medidas anticoncepcionais — Complicação na gravidez — A infidelidade e muitas outras assuntos. 122 páginas — impresso em ótimo papel, capa a 4 cores.

Cr\$ 450,00

EDITORA NOBLET Caixa Postal, 15.181 — Cambuci - S. Paulo,
Peço enviar pelo Reembolso Postal o(s) livro(s) assinalado(s)
Assinale com um (X) o(s) livro(s) que deseja receber.

SEXO

1 2 3 4 5 6 não remetemos para o exterior.

Nome Nº
Rua
Cidade Estado Cep

Favor escrever bem legível - haverá acréscimo de despesas postais

NILTO MACIEL

OS TRÊS BOTÕES

É uma questão de coragem de participar da brincadeira, porque tanto vocês poderão encontrar o jardim dos prazeres como a cela das dores. Ou ambos, na mesma jornada. E não há como prever nada, porque o resultado não depende apenas das três teclas.

Ainda ontem uma senhora saiu daí contente, como se tivesse conhecido o prazer pela primeira vez. E sabem quais os botões que ela acionou? Struthio camelus, I Ching e Lesbos. Tudo por acaso, porque mal sabia ler. Resultado: se viu acariciada das mais variadas maneiras por encantadora criatura. Não sei se jovem ou idosa, se macho ou fêmea. Falou-me da maciez do corpo que a envolvia. Tudo fica registrado aqui em vídeo-cassete. O resto o cliente me conta, se quiser. Depois reduzo tudo a escrito nessas fichas: nome, idade, naturalidade, dia e hora da experiência, teclas acionadas, afora os dados significativos e essenciais a cada prova.

Assim, uma colega desta senhora comprimiu as mesmas teclas e saiu chorando, toda ensangüentada. Durante quase meia hora uma grande ave fêmea, semelhante a uma avestruz, lhe bicou os seios, o ventre, as nádegas. Supondo que a causa dessa reação tenha sido o fato de a segunda madame não ter sabido responder a pergunta sobre a nacionalidade de I Ching, pergunta essa erigida à categoria de condição essencial ao comprometimento da criatura invocada.

Ao pressionar as teclas a porta se abre e a pessoa passa à sala das mágicas. Até então não está decidido quem a recepcionará. Um olho examina as características do visitante e pode de logo escolher o seu anfitrião. Às vezes o inquisidor lhe faz perguntas e, dependendo das respostas, lhe elege a companhia. Muitas vezes não basta dar resposta acertada.

Temos o exemplo de um jovem leitor de boa literatura que, mesmo res-

pondendo com acerto e desembaraço, a um verdadeiro questionário sobre os livros e os autores mais importantes, teve de se submeter às mais aberrantes práticas sexuais, por desconhecer o romance **A guerra da donzela**. Disse-me que o entrevistador e recepcionista só podia ser Sade.

Interessante é que havia escolhido as mesmas teclas de seu antecessor (Renoir, Sapho e Teodora), e este viveu mais de uma hora de intensos prazeres com três irmãs que se banhavam.

Entendo que a origem do sadismo ocorrido com o primeiro rapaz esteja em Sapho, obra de Alphonse Daudet. Só que este se transmutou em Alphonse-Francois, o Marquês de Sade, como pena pelo erro de conhecimento do arrogante leitor de clássicos.

E por que o segundo não encontrou este Daudet? Simplesmente porque pesou mais o quadro de Renoir: **a banhista**.

Outra explicação para os curiosos: por associação de idéias, o inquisitor quis saber do rapaz sobre **A guerra de donzela** porque Teodora (o botão) lembra a novela popular **História da Donzela Teodora**.

Pode ser que os nomes dos dois aventureiros jovens tenha influenciado o rumo dos fatos. Mas, às vezes, os nomes das pessoas nada significam. Assim, eu tinha aqui o registro de três moças de nome Rosana. A quarta deste nome que quis fazer a experiência pediu-me para ver as fichas de suas homônimas. Ficou satisfeita quando constatou os beios resultados obtidos pelas outras. Na dúvida, quis repetir os botões da segunda: chimpanzé, molosso e cruviana. Sequer perguntou pelo significado das palavras. Foi entrando e gritando: três sátiros a seviçaram, por longos minutos, deixando-a estragada para o resto da vida.

Não adianta, pois, guiar-se pelos outros; o destino da gente não depende da sabedoria, nem de palavras bonitas. Ele está na gente e fora da gente.

Não quero dizer que as coisas aconteçam por acaso. Pelo contrário, dependem de condições. Aliás, vários

estudiosos têm vindo aqui na tentativa de descobrir as fórmulas mágicas do prazer total. É o caso de Scherbatov e Sobakewich, os quais têm desenvolvido algumas teorias.

Segundo esses cientistas do prazer, as teclas Aminoácido, KM e sexu são as mais propícias a um bom resultado, dependendo das condições pessoais do acionador. Assim, as pessoas mais idosas dificilmente encontrarão o prazer ideal, dado estarem corrompidas.

Um dos casos relatados pelos dois especialistas é o da moça que bebia muita coca-cola e encontrou pela frente um velho barbado e fedorento, que a obrigou a ouvir durante horas suas aventuras sexuais vividas em Austin.

Tenho a ficha de caso semelhante: só que em vez da pessoa ser viciada em coca-cola, simplesmente acabara de frequentar uma igreja. Sabem o que lhe aconteceu: se viu forçada a se deixar possuir por um ente a que chamou de diabo, sob a ameaça de introdução em sua vagina de um garfo em brasa. E, apesar de ter cedido às chantagens, no fim do ato teve as nádegas ferradas com as iniciais INRI.

Ocorre, às vezes, que o cliente mal avisado decora os nomes ou símbolos gravados nos botões e comete erros fatais. Foi o que se deu com um senhor que comprimiu a tecla sexo em vez de sexu e durante alguns minutos enfrentou nada menos do que o furioso Dom Sebastião. Outro trocou KM por quilômetro e teve que correr atrás de uma louríssima alemã, até quase morrer de cansado, sem conseguir sequer tocar-lhe os cabelos.

Morro de rir quando me lembro daquele homem que não soube contar a **História de João de Calais** e terminou nos braços da insaciável velha Constança, tão repugnante que sinto um cheiro de carniça só em pensar nela.

Não imaginem, porém casos muito graves. O máximo que pode ocorrer são práticas homossexuais, com animais, monstros e sevícias inenarráveis, como o da jovem abandonada por seu apaixonado. Escolheu os botões Fernando, que era o nome dele, falo e Baturité, a cidade para onde

fora o namorado. Mal entrou na sala se viu cercada de incontáveis índios e serviu a todos das mais esquisitas maneiras.

Pode ocorrer que o cliente saia feliz e queira repetir a façanha. Preme as mesmas teclas e se mete em apuros. Não por acaso. É que o tempo é outro, o mundo não é mais o mesmo. Vejam o caso da folclorista que apertou Japu, acutipuru e priprioca. Da primeira vez, saiu sorrindo e até me convidou a ter com ela estranhas relações sexuais. Mas, da segunda vez se viu açoitada por amazonas, que a forçaram a chupar-lhes as vaginas.

Ninguém pode prever o que vai acontecer, embora os fatos não ocorram por acaso, eu já disse. Assim, nas mesmas condições, duas pessoas podem encontrar os mesmos personagens. É o caso de Osvaldo e Januário. Os nomes são diferentes mas ambos contavam, à época das experiências, 31 anos de idade, ambos já haviam lido o conto de Trancoso, **As irmãs invejosas** e pressionaram os mesmos botões: Poditã, fubá e marduk. Ambos gozaram por longas horas as delícias de uma formosa cabocla. A partir desse dia, muita gente procurou ler os contos de Trancoso e os dois rapazes se associaram para a criação de uma editora para publicação de literatura popular. Mas ninguém mais conseguiu o feito deles. Apareceram rapazes de 31 anos que leram o conto e apertaram as mesmas teclas. Acontece que nenhum se chamava Osvaldo nem Januário, nenhum conhecia Brasília e nenhum se preocupou com vir aqui no dia 30 de janeiro. Poderia ser que os dados necessários a um bom resultado fossem esses. Mas no último 30 de janeiro, esteve aqui um rapaz de 31 anos que vinha de Brasília, carregava debaixo do braço uma cópia de **As irmãs invejosas** e se chamava Osvaldo. Tocou aqueles teclas e, meia hora depois, furioso e abatido, contava: fui atacado por um lobisomem.

E ninguém pode negar nada, porque estão aqui as fitas.

Agora, o primeiro da fila queria fazer funcionar os botões que escolheu.

O GATO ESPREITA A SUA VÍTIMA

JORGE FISCHER



Depois que descarregaram toda a mercadoria, Guto foi ao escritório receber o dinheiro. Era uma bolada enorme, e ele sentia-se nervoso por ter de transportar toda aquela grana de volta para o Rio Grande do Sul. Não que fosse novato ou covarde. Mas estrada é estrada, e tudo pode acontecer nas BRs da vida. Pegou o pagamento da mercadoria, o pagamento do frete, que vinha em um pacote em separado, conferiu tudo e saiu. Depois, entrou na sua jamanta, deu o arranque e partiu.

O asfalto da rodovia era limitado, de ambos os lados, por estreitas faixas de terra batida destinadas aos pedestres. Além das faixas, velhas construções, casas que se tornavam cada vez mais distantes uma da outra à medida que o caminhão avançava como um monstro resfolegante a devorar o seu cardápio de milhas. Den-

tro de pouco tempo, as casas desapareceram e Guto divisava, às margens do caminho, apenas a mata densa. Seu rosto cruel mantinha-se imóvel, apenas os olhos de gato à espreita dançavam de um lado para outro, acompanhando as curvas da BR.

Guto não tinha amigos. Apenas conhecidos. Uns mais íntimos, outros menos. Todos, no entanto, eram unânimes em reconhecer que ele era um homem perigoso, sendo que alguns iam ao extremo de julgá-lo perverso, capaz de cometer os maiores crimes, desde que não houvesse testemunhas para turvar a certeza da sua impunibilidade. E mesmo os mais extremados tinham fortes doses de razão. Guto havia deixado muitas vítimas pelas estradas do sertão paranaense, nas miseráveis rodovias do Nordeste, nos alcantilados da serra, nas impossíveis carreteiras que rasgavam ao



meio o agreste e, mesmo, nas prósperas estradas da produção que se estendiam nos mapas da região Sul como se fossem rios de asfalto. A maior parte das vítimas era constituída de mulheres que ele apanhava à beira da estrada, estruprava e, muitas vezes, matava. Apesar disso, ali estava ele, dirigindo a sua impunibilidade a oitenta por hora, os olhos de gato espreitando os caminhos, à espera de uma possível vítima ou evitando as surpresas de uma colisão.

Seus olhos apertaram-se de repente, até que se transformaram em duas fendas faiscantes de maldade e luxúria. Distinguiu, uns quinhentos metros adiante, um vulto de mulher. Continuou em sua marcha normal. À medida que se aproximava da mulher, pôde distinguir-lhe melhor as feições. Era ainda apetitosa. Ao ver o caminho, ela se pôs a sacudir o polegar, no gesto característico de quem pede carona.

Guto espreitou os arredores. Sabia o quanto era perigoso dar carona, mesmo para uma mulher. Podia haver cúmplices escondidos na mata que orlava a estrada; se ele parasse, os cúmplices saltariam do mato com as armas na mão, imobilizariam-no e roubariam todo o seu dinheiro. Poderiam até matá-lo. Por isto, apenas di-

minuiu a marcha e, ao passar pela mulher, espreitou bem as margens da estrada. Nenhum movimento. Nenhuma folha se movia, nenhuma sombra ou agitação denunciava que ali houvesse alguém escondido. Mesmo assim, como medida cautelar, ele diminuiu a marcha somente após haver deixado a mulher meio quilômetro atrás. Depois engatou uma ré e, quando estava a duzentos metros dela, gritou:

— Se quer carona, venha correndo.

Ela não se fez esperar. Correu como uma doida pelo asfalto, e Guto observava, pelo espelho retrovisor os seios dela balançarem-se na corrida, como orelhas de cão perdigueiro. Cuidava a mulher, mas nem por isto deixava de vigiar a estrada. Continuava com o motor ligado e, ao menor movimento suspeito vindo da mata, sairia em disparada.

A mulher chegou ofegante. Tinha um corpo bem feito, pernas bem torneadas, e Guto adivinhava, sob o tê-nue vestido de chita que a envolvia, o quanto era carnuda de coxas. "Gosto de coxas carnudas", pensou, antegozando o instante em que encheria as mãos naquelas carnes. O rosto dela denunciava um cansaço que não era o provocado pela corrida — um cansaço mais antigo, marcas talvez de uma vida castigada. "Uma puta", pensou ele. Guardava, contudo, vestígios de sua antiga beleza, e os olhos sorriam, à flor da pele morena.

— Vai para o sul? — perguntou ela, e, enquanto ela falava, Guto observou os seus dentes. Menos mal. Eram quase perfeitos. Nem uma cárie, nem uma falta. Apenas uma leve película amarela sobre o esmalte, denunciando a carência de uma escova de dentes.

— Claro, não está vendo? — disse ele com brusquidão. — Suba logo, não podemos perder tempo.

A mulher aboletou-se ao seu lado, alisando, sobre as coxas, as pregas do vestido desalinhado. Guto observou aquele gesto como um gato — exatamente como um gato a espreitar a vítima.

— Pode me largar em Macondo-

zinho — disse ela. — Quinze quilômetros ao sul.

O caminhão avançou sobre a estrada com a arrogância de um soldado a marchar sobre o solo conquistado. Guto sorriu intimamente. Macondozinho era um lugarejo perdido no mapa, rodeado de árvores por todos os lados. A bem da verdade, nem isso era. Não passava de uma floresta em cujo interior espalhavam-se, longe umas das outras, pequenas casas de adobe construídas por camponeses sem terra que, fugindo do latifúndio e da miséria, apossavam-se daquelas terras devolutas e selvagens. Sabia, no íntimo, que ela jamais veria Macondozinho. Ele a largaria na estrada, esconderia seu corpo na mata, antes de chegarem lá.

Praguejou intimamente quando uma motocicleta passou por eles em desabalada carreira, como uma vespa ensandecida. Merda! Era um mau preságio, uma moto na mesma estrada, quando ele estava prestes a tecer sua teia sobre uma nova vítima.

— Que foi? — perguntou a mulher, ouvindo-o resmungar qualquer coisa incompreensível.

— Nada — mentiu Guto. — É que esses motoqueiros não sabem dirigir. Pensam que são os donos da estrada. Estão sempre causando acidentes.

A mulher voltou à sua placidez. Guto respirou, aliviado, vendo a moto sumir na distância. Alguns minutos depois enveredou por uma estrada lateral. Anoitecia.

— Você está se desviando do rumo — disse a mulher, sem demonstrar a menor sombra de intranqüilidade.

— Preciso ir à fazenda de um conhecido apanhar carga — disse ele, à guisa de explicação. A mulher continuou calma, e isso o aliviou. Se ela conhecesse a região, saberia que não havia fazenda alguma por ali, e que aquela estrada secundária levava diretamente à mata. Quando chegaram no mais deserto trecho, ele estacionou.

— Ué, o que é que nós vamos fazer aqui? — indagou ela, arqueando as sobrancelhas. — Onde está a tal

fazenda?

— Aqui é onde você vai pagar a carona, minha prenda. Pode ir baixando as calcinhas.

A mulher ficou a encará-lo sem esboçar o menor gesto de reação. Não protestava nem concordava, como se estivesse na expectativa, à espera do que ia acontecer. "Deve estar acostumada com isto", pensou ele. "Deve pagar dando o rabo, pelas muitas caronas que já pediu na vida". Segurou-a pelos cabelos e levou a outra mão às coxas. Não havia se enganado. Eram coxas roliças, carnudas, quentes, apetitosas. Ergueu o vestido de chita com um único gesto, descobrindo as coxas morenas. Acima delas, uma calcinha meio encardida tapava o sexo mas, pela abertura das pernas, deixava escapar negros tufo de cabelos.

— Que "travesseiro" enorme, neguinha! — zombou ele. — Se você não estivesse com a b.... tão suja, acho até que ia meter a minha cara nesse "travesseiro" e dar uns chupões no grelo. Mas, do jeito que está, só serve mesmo é para meter o pau.

Ela deixou-se tombar sobre o assento do caminhão. Guto tirou-lhe as calcinhas e depois desafiou a cinta, empurrando para baixo as próprias calças. Qualquer coisa, porém, deixou-o envergonhado. Talvez a falta de reação da vítima. Estava acostumado a estuprá-las depois de alguma luta, de modo que a violência corporal havia se tornado um hábito e, ao mesmo tempo, um motivo de excitação. A inércia daquela mulher, a passividade com que abria as pernas para receber o seu membro, como se aquilo fosse o capítulo de um destino há muito tempo traçado, e do qual ela não poderia fugir, o ar de fatalidade com que ela colocava o seu corpo à disposição, tudo aquilo teve o dom de arrefecer o ímpeto do motorista.

— Diabo, está mole! — praguejou ele, sacudindo o sexo. — Dá uma chupada aqui para endurecer.

— Chupar, não — ela protestou com timidez. Aquela reação apenas esboçada enfureceu-o.

— Ah, não? Quem é você para re-

clamar, sua rampeira de estrada?

Esbofeteou-a com violência, e a sonoridade do estalo, o som do choque de sua mão no rosto indefeso da mulher, o gemido que ela soltou — não mais do que um "ai" — provocaram nele uma certa excitação. Movido por aquele instinto, continuou a espancá-la, gritando:

— Bota esta boca aqui, sua vaca! Você vai tocar um trombone direitinho, tá ouvindo? Ou quer apanhar mais?

Estava tão excitado com o ato de esbofeteá-la e de esfregar-lhe o membro na cara que só a ouviu quando ela falou pela terceira vez:

— Chega, não me bata mais! Não é preciso chupar, ele já está duro.

Ele olhou para o seu próprio sexo e viu-o duro e latejante, destilando pelo canal da uretra uma baba viscosa que, aos poucos, lambuzava o rosto da mulher. Agora, sim, estava realmente excitado.

— Não faz mal — disse, arquejante. — Chupa um pouco, mesmo assim.

A mulher soltou um suspiro de resignação e acomodou-se melhor no assento para fazer o que ele ordenava. Submissa e dócil, agarrou o membro e colocou-o na boca. A cabeça continuava parada mas, em compensação, ela executava com os dedos um incessante movimento de vaivém. Guto arqueava-se todo para poder olhar a cena. Gostava de curtir aquele visual: seu próprio sexo enterrado numa boca que parecia querer engolir-lo. Sentia-se pujante e todo-poderoso cada vez que fazia um movimento de penetração na boca de alguma fêmea. Apesar de ser noite, a lua iluminava frouxamente a cabina, de modo que ele conseguiu ver não apenas a boca da mulher a chupá-lo, mas também a face avermelhada pelas bofetadas que ele lhe dera. Sentia-se glorioso como o primeiro homem das cavernas a conquistar a primeira fêmea.

— Agora chega — disse ele. — Te deita aí no assento e abre bem essas pernas.

Ela obedeceu. Guto deitou-se sobre ela, penetrando-a de um só golpe. A vagina da mulher estava seca,

mas era suficientemente larga, de modo que a penetração foi fácil. Era larga — mas quente. Ele gozava os seus próprios movimentos, pensando que estava dentro, no fundo, bem no fundo daquela mulher, e que dentro em breve a inundaria com o seu esperma, como se, com isto, a estivesse marcando para todo o sempre, como faz o criador com as suas rezes ao encostar o ferro em brasa na superfície da pele. Nesse instante afastou de si o pensamento de que, após ter atingido o orgasmo, deveria matá-la. Só a morte dela representava a certeza de que não haveria queixas no primeiro posto policial, que não haveria reconhecimentos, que não haveria prisão. Tão absorto estava ele no seu jogo de gato a comer figuradamente a presa, que não via, lá fora, as estrelas brilhando na amplidão do céu, como também não ouvia o vento a farfalhar na copa dos pinheirais. De igual modo, não ouviu o pequeno "clique" da porta da cabina a se abrir, nem viu a mão no escuro a descrever um arco, empunhando a faca em cuja lâmina a luz da lua refletiu um breve clarão. Nada disso Guto viu ou ouviu. Quando estava quase atingindo o orgasmo, o golpe atingiu-o.

* * *

— Puxa, como você demorou! — reclamou a mulher. — Este porco me obrigou a chupá-lo.

— São cavacos do ofício — disse o homem, enquanto enchia a pequena sacola de lona com o dinheiro de Guto, que jazia estendido no assento, mergulhado em seu próprio sangue no banho da morte. — Sabe, eu tive de vir bem devagar pelo mato, para que o ruído da moto não me denunciasse. Mas valeu a pena. A féria está boa.

— Trouxe o outro vestido? Este aqui ficou todo sujo de sangue.

— Claro que trouxe — disse o homem, e jogou-lhe um vestido novo, bem melhor que o de chita, que ela despiu pressurosa e, depois de vestida, levou para o mato, a fim de queimá-lo. Era preciso ter muito cuidado para não deixar a menor pista que comprometesse o casal assassino da estrada.

LUIZ GONÇALVES COELHO

PROMESSA DE MÃE

A mãe prometeu: Solange, tu és filha do sol. Ela só entendeu aos doze anos, quando o corpo superou gostos infantis. Já sentia a pureza arriscar-se no ventre, mas o raciocínio límpido e fecundo. Prometo. Sempre trilhou caminhos contornados por livros, música erudita, conversas niveladas com pessoas de bom senso. Hoje, aos vinte, resplandecia bela, a pequena Solange. Se olhava os verdes que faziam cenário à bela casa agreste, via como as coisas se espalhavam em seus pensamentos liricamente, metafisicamente. Seu sexo era vigiado como o maior dom a que prometera à mãe, ser casta até morrer.

Um dia, o sol outorgou-lhe o privilégio de irradiar-se ouro fecundo, quando nua recebia reflexos vindos de lá. Ao queimar-lhe a carne visualizava o céu tão puerilmente azul, cujas nuvens claras esticavam seus raciocínios num amor que jamais possuiria. Tudo pela promessa: jamais ter um homem. Os pássaros festejavam o dia em seu corpo em revoadas leves e a água do rio? Como se passasse por ela a receber sua fecundação de virgem e purificar-se de restos imundos vindos da cidade. Solange pedira ao pai que vigiasse Alfredo, uma vez este, desde menino vislumbrasse seu corpo, pela primeira vez, junto ao rio. Ele, hoje aos vinte, rungia-se de ódio pelo desejo de não poder sequer dirigir-se em seu caminho. Assim o corpo da jovem se envolvia no sol e em pensamentos distantes, sem fumaça, onde um frio se despedia da manhã.

O sol, amigo de seu corpo untava-lhe de benefícios saídos de outras atmosferas, energias vitais e fecundações distantes. Alfredo tudo assistia, sem conceber a beleza sacramentada de proteínas astrais onde o sol seria o sexo de Solange. E, se um homem se aproximasse forte, viril e intelligen-

te, mesmo que lhe oferecesse bebidas e requintes estrangeiros, ela repudiaria. Repudiaria? É claro que sim, mas com a perene lembrança daquilo a que a mãe lhe suplicara: filha, oh! não pertences a este mundo! Solange via o rosto da mãe como se, sendo filha, tivesse que pagar-lhe preço caro por ter nascido. E nascer, afinal, é ceder à vida? É claro que o preço de uma vida é a própria vida. Seu questionamento com os seres, o soltar o corpo e sentir orgasmo todo o dia, sem fazer da matéria o princípio e o fim da existência...! É claro, Alfredo sabia tudo a respeito e, à medida que tudo isso iria se evoluindo em Solange, mais desejo ele sentia. Parece que os valores humanos estão estigmatizados na repulsa? Quanto mais o ser se engrandece mais se silencia e isola? Não era isso o que Solange se propunha, mas seu corpo efetivamente tinha outro destino. Alfredo separou os frágeis galhos de árvores e se colocou a amá-la. Era um silêncio feliz. Solange jamais permitia, mesmo que tivesse certeza de não estar sendo olhado por um homem, abrir gentilmente suas pernas. Seu corpo era como óleo sagrado e seu desejo era vigiado por ela mesma. Vez por outra, tinha pensamentos de líbido, mesmo indicado à pessoa de Alfredo. Imaginava seu sexo como seria, disfarçando sua fantasia como simples pesquisadora forma da vida. Mas, no âmago, sentia grave anseio de se dar. O sol consumia seu corpo, queimava-lhe a carne na cor quase vermelha e febril. Alfredo masturbava-se agora, repleto de vergonha. "Acaso eu não tenho direito à MULHER? Mulher, para ele, era coisa frágil e perfeita e jamais devotou-se ao homem a não ser por devoção amiga. E o corpo do homem somente lhe anunciaria amor se fosse idêntico ao de Solange, e qual seria?"

O meio da tarde se fervia no sol e, com a água do rio, ela se banhou com o sexo voltado para a superfície. O rio, dizia ela a si mesma, vem trazendo as angústias e alegrias da cidade e feliz sou eu por não pertencer à elite mentirosa ou à comunidade dos pobres, eu, que tenho o pão a meu favor e nem percebo o preço dos frutos que os homens plantam. Eu, que nem me angustio com os preços de pérolas, esmeraldas ou o desejo de comer carne todos os dias?! A cidade deve ser algo muito difícil, não é mesmo, sol? Onde as pessoas se agredem, para comer pão melhor?

Enquanto isso, Alfredo assistia ao rito perfeito e a emancipação da estética untada ao sol e filosofia. Esqueceu-se que seu sexo estivesse inclinado na direção do sol e sentiu que uma formiga lhe atingisse sem pedir licença. E, ao invés de suspirar pela masturbação longa, gritou, num grito brando e de menino tímido.

A ironia de Alfredo se expandiria mais tarde, ao rir-se de Solange, mesmo perto do pai, com o sexo erguido como torre firme, excitá-la. Ela sim, via seu sexo voluntário a se expor durante à tarde, junto ao galinheiro, vendendo aves se amarem, sem ritos, mas livres. E a liberdade, dizia Alfredo, é parecida com o que praticam os seres inocentes. Sem medos.

No momento em que Alfredo gritou, Solange bem que aumentou os olhos em direção às matas. Mas os pássaros pareciam conhecer os mistérios de Alfredo. Cantavam em orquestrações harmônicas como se todo o mistério contivesse a beleza da música. Mas não, a beleza do mistério está no mistério. E o que é mistério tem a marca do impenetrável, da timidez e do temor de que a verdade maior se adicione à vida real. O mistério parece se germinar na fantasia e esta é bem maior que a realidade. A realidade tem o estigma da dor. A fantasia parece não aceitar a dor. A dor é inacrescentável. Não é? O homem parece ter nascido para o sonho e prazer. E, por que Alfredo jamais trocaria a fantasia pela realidade? Simplesmente porque o corpo de Solange era um agreste sem perigo.

Onde plantas se fiscalizam a cada momento. Solange era pequena e frágil, mas, às vezes, tinha a resolução do homem. "Nasci mulher e frágil, mas amo devoções viris, como se eu fosse competidora". Mas Alfredo sempre reagia pelos gestos assim, tão emancipados. "Afinal, eu sou o homem que te completa, como teimas em trocar detalhes femininos com os meus?"

Num repente, as águas se pararam como se fosse o rio, um imenso lago. E o corpo da moça ficou estante.

Desconfiou da presença de Alfredo e deu licença para que o seio musculoso do sol, ficasse erguido, recebendo a seiva e o olhar do homem. Percebendo tal insinuação, Alfredo acelerou suas masturbações, outra vez envergonhado e refeito. Ela pegava peixes com as mãos, como milagre e devolvia-os ao rio. Eles se embebeciam de seu seio e beijavam-na miúdos e solitários. "Só a vocês tenho licença de outorgar minha pele". Os peixes, na realidade, não faziam parte de um milagre da natureza e sim, de um costume antigo. Tudo o que se habitua, se torna comum. Na vida, o errado é o que está fora do centro das coisas. Ela estava fora do centro e bem no centro. E, se o sexo de Alfredo um dia penetrasse sua zona erótica, ela se tornaria comum e a mãe a amaldiçoaria para sempre onde estivesse. A verdade é que, voltando outra vez ao sol, deitando o corpo inteiro ao solo, os pássaros se chegaram. Passeavam sobre seu sexo com tamanha suavidade em seus pêlos pubianos, que a mulher ungiu e suspirava! Suspirava!

Alfredo não concebia tamanha aflição em seu sexo. Por que só os pássaros podem? Ela cedia cada vez mais aos pássaros, dizendo: "Venham todos! Amo o que me ama e odeio o que me repele". Quase nesse ínterim que Alfredo gritou, "Eu te AMO!" mas teve medo. Assim, num instante foi que a mulher ergueu-se e, de pé, ser dona da natureza. E, como prometera, permitiu que Alfredo chegasse ao ápice do prazer jorrando o fruto de seu prazer por sobre o solo, para que o sol secasse. Assim, ela seguiu, em direção ao pai, nua e bela, mas sem culpa.

FERIDA NA ALMA

JOSÉ LUIZ DA LUZ OLIVEIRA



“É para se conquistar o supérfluo, e não o necessário, que se cometem os grandes crimes.” — Aristóteles.

Aqui... Foi aqui mesmo nesta mal-dita aldeola embrenhada nos confins do país que Cidão sofreu a terrível humilhação!

Eu bem que o aconselhei a não fazer tal loucura! Vir estagiar neste inferno, só podia estar variando!

— Perdeu a cabeça, ó cara?

— Ora, Cristiano — disse-me ele, na ocasião. — Esta viagem será importante para o meu currículo, entende? É uma difícil missão, eu sei, mas engrandecedora também.

— Você é um louco, isso sim!

— Por que você me julga desta forma?

— Porra! Tanta cidade digna que existe neste país e você vai escolher uma que nem consta no mapa! — protestei veementemente.

— Você está se exaltando à toa, cara! Aposto como se estivesse para se formar médico, como eu, me daria razão. É nestes lugares distantes da civilização que a gente aprende mais. E eu não pretendo ser um médico

apenas no canudinho de papel, um mero receitador de cafiaspirina, certo? Eu pretendo ser um profissional vivo, experiente. Ademais, são só seis meses. Depois, volto aqui afiado no bisturi, você verá!

— Está bem, Cidão, você é quem sabe. Sua cabeça é seu mestre. Faça como quiser que eu não me importo. Depois, não diga que lhe faltou uma palavra amiga, alguém que o alertasse! — dei-lhe as costas e saí contrariado.

Pois é, foi aqui. Exatamente para aqui que ele veio. Só em olhar para o rosto deste povo, a gente já nota que a civilização jamais passou por este “calcanhar de Judas”. O Cidão deveria ter visto isso logo que aportou. Mas não, ele parecia estar cego, obcecado, ou qualquer coisa semelhante...

Segundo me informei, sua clínica improvisada era aqui, neste grupo escolar imundo. Aqui ele obrou verdadeiros milagres com o bisturi nas mãos. Foi ele mesmo quem me confidenciou em carta...

“Estou boquiaberto com o fluxo de pessoas que me procura todos os dias,

cara... Sabe, eles vêm em mim um verdadeiro Messias, pois, em menos de dois meses já salvei um sem-número de pessoas julgadas mortas. O que eu estou aprendendo aqui não estava nos meus planos. Tenho plena certeza como voltarei, um dia, como um verdadeiro médico, o médico total como sempre almejei ser. Tem até uma "vovó curandeira" que já passou a acreditar nas minhas receitas, que, por sinal, são muito contraditórias as suas: pó de café para estancar hemorragias, leite de labirinto para cicatrizar fissuras, chazinhos e garrafas para curar lesões pulmonares e outras mil baboseiras não permitidas pela ciência. (...) Já fiz até partos, veja só! Se dependesse da "vovó", só nasceriam crianças de parto normal. Deixei todo mundo espantado quando sugeri uma cesariana na paciente. "Quem já se viu mulher parir pela barriga?!" "Nossa Mãe! O mundo está mesmo avessado!" "Esse povo moderno inventa cada uma!" "Mas, graças a Deus, fui feliz na cirurgia e até o presente momento, já perdi a conta de quantas mulheres eu salvei..."

Cidão me escrevia todo mês, dando conta de sua vida atribulada... "Cansativa, mas interessante e até cheia de novidades."

Muitas novidades aconteciam todos os dias, como esta que o abalou profundamente, abrindo uma incatrizável ferida na sua alma bondosa e na minha também.

Consta que Acácia Jurema, uma jovem das redondezas, visitava todos os dias a tenda do médico dizendo-se com probleminhas de "regras descontroladas" e "cólicas uterinas intensas naqueles dias".

Uma farsa. Cidão logo constatou que a garota estava com outras intenções. Sérias intenções, por sinal, que poderiam por em risco sua integridade moral perante à população.

"Cristiano, a diabinha tira a roupa na minha presença com a maior naturalidade do mundo. Embora não seja necessário, fica inteiramente pelada no consultório, expondo sua pele queimada, com um sorriso malandrinho desenhado no rosto trigueiro. Mas nem isso vai conseguir dobrar a minha fir-

meza e ética profissional, pode ter certeza. Acácia Jurema vai acabar se cansando e desistindo da jogada. Assim espero."

Aqui... Foi aqui neste descampado distante das casas que Cidão desvirginou a cretinha. Ao invés de Acácia Jurema se cansar, como pensou Cidão, quem acabou se dando por vencido foi ele... Carregou a menina para o pasto, à noite, aproveitando o ensejo em que ela foi a sua tenda "consultar-se".

Recebi uma carta de Cidão, nestes termos:

"Ninguém é de ferro! Foi justamente no dia em que eu estava uma pilha. Já tinha ido ao sanitário diversas vezes, com uma vontade avassaladora de aliviar o tesão com as próprias mãos. Mas você me conhece bem e sabe que nunca fui punheteiro na minha vida e detesto quem estraga sua virilidade à toa, sepultando com uma descarga de sanitário a esperança de milhões e milhões de espermatozoides que bem poderiam gerar um futuro cientista, um futuro chefe de estado ou um futuro papa. Isso não é justo! Agüentei o tesão como podia porque sabia que Acácia Jurema não tardaria a aparecer por ali, sempre com suas habituais queixas... Eu queria que ela fosse e, ao mesmo tempo, torcia para que isso não acontecesse. Não naquele dia, pois eu sabia de antemão que não suportaria alisar aquelas coxas fornidas, de pele amadoadas..."

Ela chegou mais depressa do que eu esperava. Nem permiti que ela tirasse a roupa como era de praxe.

— Vamos dar uma voltinha para apreciar a noite? — convidei.

A noite estava enxuta como as coxas de Acácia Jurema, maravilhosa como aquele rostinho de uma tigresa ímpar.

— É verdade o que escutei? Está mesmo me convidando para apreciar a noite?

— Claro!

— Ufa! Eu pensei que esse dia nunca ia chegar! Até que enfim!

Passeamos um pouco, para distrair. Aliás, eu era quem lutava contra mim

mesmo na tentativa de me demover dos fervorosos pensamentos. Mas o calor aconchegante e o cheiro de ervas silvestres que o corpo de Acácia Jurema exalava era algo irresistível, por demais tentador. Eu, que desde cedo estava fadado a cumprir minha missão, perdi as estribeiras, de vez. Puxei-a para uma moita acolhedora e... Comi-a inúmeras vezes, naquela noite. Despejei tudo de esperma que meus escrotos foram capazes de gerar. Massacrei-a libidinosamente inundando aquele útero virgem com minhas golfadas intermitentes, como se não quisesse mais estancar.

Horas mais tarde, na minha tenda, deitado flacidamente na rede, olhos parados na cobertura de lona, foi que eu vim cair na realidade, reconhecendo o erro que cometera. Bem que eu deveria ter aberto uma exceção e ter me saciado no banheiro, mesmo... Mas, agora era tarde para lamentações. Restava tão somente apelar para meus conhecimentos científicos e evitar uma possível gravidez de Acácia Jurema...

Pois é, esta carta chegou num dia e Cidão chegou no outro... Minto, Cidão foi quem a trouxe no bolso...

Naquela mesma noite, Cidão ficou sem saber como fazer para se safar da possível encrenca que arranjava. Ficar comendo Acácia Jurema, às escondidas, seria um ótimo negócio, mas certamente que agravaria a situação mais tarde.

Numa atitude mais sensata, preferiu renunciar a tudo e fugir. Isso mesmo. Quando amanhecesse o dia, os galos ainda desfilando seus rosários de cantigas, correria a notícia pelo povoado que o Dr. Alcidézio tinha comido a filha mais nova de Jeremias-Caçador e se metido no oco do mundo.

Cidão pulou decididamente da rede e arrumou as malas, enquanto era tempo. Pegou somente o essencial para a fuga...

Coitado, foi horivelmente humilhado pela fúria de um povo rudimentar, selvagem...

Três cavalos invadiram sua tenda...

— Vimos nos receitar, doutor...
— disse um dos cavaleiros.

— A essa hora?

— É agora mesmo! Pode começar, pai!

— Estava indo embora, doutor? — perguntou o velho sarcasticamente, acariciando o cabo da faca.

— Oh, não. Claro que não! Eu ia fazer uma visita a um doente lá no Grotão...

— Pois antes da visita, nós temos uma palestrazinha de pé de orelha...

— O que vocês querem conversar?

— Fala logo, pai!

O velho temperou a garganta. Perguntou mastigando as palavras:

— Acha que foi certo a operação que fez em Acácia Jurema, doutor?

— Eu... Eu...

— Que gosto tem a carne de nossa irmã, doutor?

— Eu... Eu não queria...

— Cale-se, doutor... Se não quiser que a gente mude de idéia...

— O que vocês estão pretendendo?

— O meu irmão Josias é um bom médico também...

— O quê?!

— Isso mesmo! E ele vai fazer uma operaçãozinha em você...

— Ficaram malucos?!

— Não, doutor! Nós ficamos revoltados! Pode começar, Josias!

— Não! Pelo amor de Deus!!!

Quando Cidão voltou ao Rio de Janeiro, não era mais aquele... E o pior é que deu para engordar como um peru de natal.

Pois é, foi aqui que Cidão sofreu toda humilhação e que ainda hoje me deixa revoltado, magoado com tanta injustiça contra uma pessoa tão bondosa. E minha mágoa é vingativa. Não teria sossego na minha vida enquanto não desse o troco. Por isso contratei vocês. Quero que vinguem o meu homem, o homem que eu amo, mas que devido a uma brutal covardia, se tornou um amante inútil...

O PRIMEIRO PISTOLEIRO: — Sosseque, nós vamos fazer o serviço direitinho...

O SEGUNDO PISTOLEIRO: — Não vai escapar ninguém. Vamos enterrar todos eles. Palavra!

LEIA E AUMENTE O SEU CONHECIMENTO.

1



SODOMIA — Dr. Hans Fritz Lerner

A sodomia é o desvio sexual mais antigo da humanidade e que ainda hoje constitui tabu em muitos países. Mas os que se dedicam a essa prática sabem os prazeres que ela proporciona.

Cr\$ 550,00

2



JOGOS ERÓTICOS — Xaviera Hollander

Conheça todos os jogos que precedem o ato sexual. Eles são importantíssimos para a realização do sexo completo.

Os jogos eróticos preparam o indivíduo para o orgasmo total.

Cr\$660,00

3



XAVIERA SUPERSEX — Xaviera Hollander

As variedades da prática sexual são ilimitadas. Aqui Xaviera mais uma vez explica, numa linguagem cheia de sensualidade, as maneiras mais eficazes de se conseguir o sexo total. Ninguém entende de sexo como ela.

Cr\$660,00

4



A SELVAGEM XAVIERA Xaviera Hollander

Mais uma coletânea de casos e situações sexuais da inigualável Xaviera. Mas agora mais voluptuosa, ardente e selvagem.

O mais violento dos seus livros, com descrições de técnicas e práticas sexuais jamais imaginadas.

Cr\$950,00

5



AS BISEXUAIS Bernhardt J Hurwood

Elas amam o sexo em todos os aspectos. Entregam-se sensual e voluptuosamente aos homens e ao mesmo tempo descobrem novos prazeres no lesbianismo.

Cr\$900,00

6



PRATIQUE O SEXO CERTO E SEJA FELIZ — Dr. Hans Fritz Lerner

Freqüentemente o prazer sexual diminui por não estar sendo praticado de maneira correta. Pratique o sexo certo seguindo as instruções contidas neste livro.

Cr\$500,00

7



CONHECIMENTOS E VERDADES SOBRE O SEXO Dr. Hans Fritz Lerner

Tudo sobre o sexo, para leigos e entendidos. Livro indispensável para quem deseja obter conhecimento profundo do sexo em todas as suas facetas.

Cr\$420,00

8



TUDO SOBRE O ORGASMO Dr. Hans Fritz Lerner

Há casais, e principalmente mulheres, que passam a vida sem jamais conseguir um orgasmo completo. Veja porque e como transpormos as regras do gozo sexual para atingir o orgasmo total

Cr\$500,00

9



ADAPTAÇÃO SEXUAL PERFEITA — A. H. Chapman, M.D.

É frequente o casal se sentir infeliz sexualmente por falta de adaptação. Leia as técnicas que devem ser utilizadas para uma adaptação sexual perfeita.

Cr\$780,00

O SEXO É PARTE IMPORTANTE NA FELICIDADE DO CASAL.

10



AMOR, SEXO E FELICIDADE — Dr. Hans Fritz Lerner

Que é a felicidade? Bem, é um conjunto inexplicável de circunstâncias agradáveis. Veja como é fácil ser feliz, através do amor e do sexo...

Cr\$500,00

11



COMO MANTER ACESA A CHAMA DO SEXO — Dr. Hans Fritz Lerner

O maior alimento do amor é a variedade. A monotonia mata o amor. Mantenha acesa a chama do amor utilizando sempre renovadas práticas sexuais.

Cr\$500,00

12



COMO AUMENTAR O PRAZER SEXUAL — Dr. Hans Fritz Lerner

O prazer sexual pode ser aumentado com novas práticas, novas posições, novas modalidades. O orgasmo sexual bem explorado não conhece limite. Veja como consegui-lo com a leitura deste livro

Cr\$500,00

13



O PRAZER SEXUAL NO CASAMENTO — Jerome — Julia Rainer

O prazer sexual é um dos mais gratificantes prazeres da existência. Nem todos, contudo, conseguem conhecê-lo em toda a sua plenitude. Descubra o universo do prazer sexual pela leitura deste livro.

Cr\$900,00

14



O MELHOR DO SEXO — Xaviera Hollander

O que há melhor no sexo, fora da rotina e das formas convencionais. Livro fascinante, cheio de novas modalidades, de como se conseguir o máximo prazer sexual.

Cr\$660,00

15



A ALICIADORA FELIZ — Xaviera Hollander

O livro de estória de Xaviera é o mais lido em todo o mundo. Ela nos revela todos os prazeres ocultos do sexo, como conseguir o máximo de satisfação sexual e o faz com arte e muita sensualidade.

Cr\$1200,00

EDITORA NOBLET Caixa Postal, 15.181 — Cambuci — São Paulo

Peço enviar-me pelo Reembolso Postal o(s) livro(s) assinalado(s).

Assinale com um X o(s) livro(s) que deseja receber:

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15

Não remetemos para o exterior

Sexo 15

Nome:

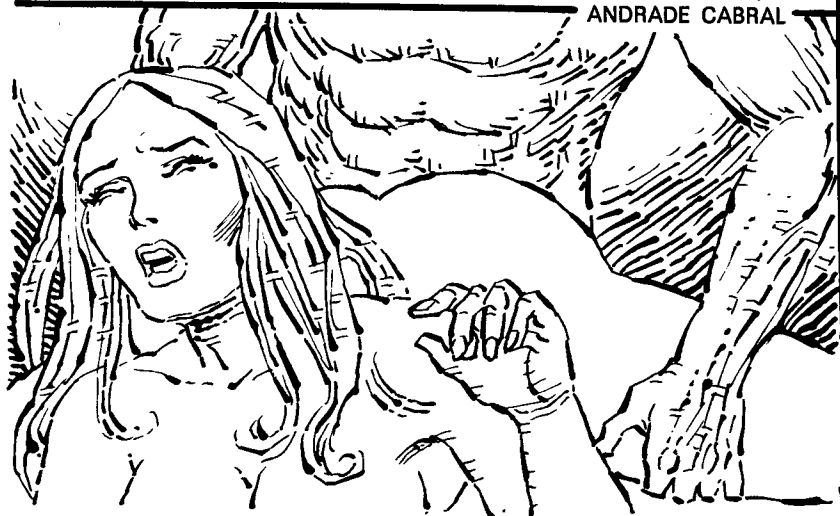
Rua: Nº:

Cidade: Estado: CEP:

Favor escrever bem legível — haverá acréscimo de despesas postais.

DÁ UM BEIJO NELE...

ANDRADE CABRAL



Eu vivo sozinho em meu apartamento. Um dia de verão em que eu tinha resolvido não ir trabalhar, toca a campainha. Dou uma espiada pelo visor e vejo uma bela menina, adolescente ainda. Abro a porta, sorrio, ela parece um pouco espantada de me ver e pergunta.

— É aqui que mora dona Mercedes?

— É aqui mesmo, pode entrar...

Ela entrou, deu uma espiada pelos quadros da parede, havia alguns nus, estava desconfiada.

— Meu pai disse que dona Mercedes vivia só com...

Eu interrompi, disse que dona Mercedes tinha saído, voltava daí a pouco, sem interrupção, comecei a fazer perguntas, que ela ia respondendo automaticamente, dezoito anos, tinha vindo do interior, etc.

Fiz ela entrar e a fui levando para o quarto. Dona Mercedes (que eu não sabia quem era) tinha que lhe dar um pacote, fingi que estava procurando. Ela sentou-se com naturalidade na beira da cama, devia ser muito ingênua.

De repente, eu a agarrei na cama, abracei-a com força, beijando os lá-

bios fechados. Ela parecia apavorada e pediu pelo amor de Deus que não "matasse ela". Eu disse que não tinha o costume de matar meninas bonitas como ela a não ser que elas me contrariassem. Ela me olhava como se eu fosse um monstro e parecia acreditar no que eu dizia.

— Você não vai me matar, então?

— Não, não vou, se você tirar toda a roupa.

— Eu tenho vergonha...

Lembrei-me que eu tinha uma faca de escoteiro na gaveta. Com ar de tarado, peguei a faca e mostrei a ela. Começou a desabotoar a blusa, levantei a faca, ela se apressou. Tirou a blusa sempre olhando para mim, eu apontei com a faca para as calças compridas. Ela começou a tirar devagarinho. Tinha umas coxas lindas, a calcinha cor de rosa transparente.

— Você não vai me matar? tornou a perguntar.

— Se você fizer tudo o que eu mandar, eu não mato.

Ela começou a tirar a calcinha devagarinho, meio de lado. Depois conservou a palma da mão aberta escondendo o púbis, a outra mão cobrindo o seio esquerdo.

— Venha cá.

Ela aproximou-se devagar.

— Abra o zíper da minha calça.

Ela hesitou um pouco, eu levantei faca.

Ela se apressou, eu pedi que abaixasse a cueca, com cuidado.

Ela pegou nas bordas, foi descendo, o pau enorme surgiu, eu disse:

— Dá um beijo nele.

Ela deu uma olhada na faca que eu mantinha levantada na mão direita (faca de escoteiro, nem ponta não tinha) e foi se abaixando devagar.

— Fique de joelhos.

Ela ficou.

— Agora beija, ponha dentro da boca.

— É muito grande...

— Vamos.

Ela encostou os lábios trêmulos na ponta do pau.

— Ponha dentro da boca, cuidado com os dentes, não machuque...

Ela abriu os lábios lindos, segurou de leve na glândula, o pau deu uma sacudida. Eu estava sentindo o maior prazer do mundo.

— Assim, assim, pra cima e pra baixo, agrade ele, ponha a língua.

Ela encostou a ponta da língua, quente, eu segurei nos cabelos dela, mais uma lambida e eu ia encher aquela boquinha de porra. Resolvi prolongar mais. Tirei o pau da sua boquinha e mandei:

— Deite na cama. Você é virgem?

Ela ficou toda envergonhada, virou o rosto, disse baixinho:

— Não...

— Quem foi que deflorou você e quando?

— Foi meu tio, faz dois meses.

— Como foi?

— Ele entrou no meu quarto de noite, arrancou minha camisola, meu pai estava fora de casa, eu gritei, mas não tinha ninguém para ouvir. Ele tirou a roupa, fez eu levantar as duas pernas, e foi enfiando lá dentro, eu morri de dor, ele mordida meu peito, não quero nem lembrar...

— O que mais ele fez?

— Tenho vergonha...

Peguei de novo a faca que eu tinha largado em cima da mesa.

— Ele fez eu enfiar meu dedo...

— Onde?

— Na... bunda dele.

— E ele enfiou também na sua bunda?

— Enfiou...

— Só o dedo?

Ela virou o rosto. Eu insisti.

— Ele pôs o pau na sua bundinha?

— Pôs...

— Como ele fez?

— Ele me virou de bunda para cima na cama, depois passou vaselina e se deitou em cima de mim. Eu pensei que ele só ia se esfregar no meu rego, mas, de repente, ele segurou o pau com a mão e começou a forçar a ponta no meu...



— No seu buraquinho?

— É, ele forçou, doeu, mas foi entrando.

— Entrou tudo?

— Entrou tudo, eu comecei a gritar, ele mexeu forte e...

— Esporrou lá dentro?

— É, ele fez isso comigo.

— Você contou para seu pai?

— Não, não contei, se contasse, ele matava meu tio e matava eu também...

— Vire de bunda para cima, na cama.

— O que você vai fazer?

— Vou comer a sua bundinha.

— Não, pelo amor de Deus, vai doer.

— Fique sossegada, não vai doer, você vai gostar, eu vou ensinar a você.

Deitei-me em cima dela, beijei delicadamente sua nuca, sua boca, enquanto continuava a falar baixinho, que eu gostava dela, que só queria que ela gozasse, que ia ser gostoso...

Peguei da mesinha minha vaselina americana, com cheiro de limão e lambuzei a bundinha dela, passei o dedo pelo reguinho, acariciei o buraquinho, enfiei a ponta do dedo...

— Está doendo?

— Não.

— Nem um pouquinho?

— Não.

— É gostoso, então?

Percebi que ela estava com dificuldade para responder. Eu insisti. Ela disse baixinho:

— Assim é bom.

Eu me aprontei para por na bundinha dela, mas não queria que ela sofresse, queria que gozasse. Eu disse:

— Quando ele começar a entrar, não repuxe os músculos do buraquinho, relaxe, deixe a bundinha mole, ele entra gostoso... se não fosse gostoso, não existiria nenhum veado levando no traseiro.

Pus o dedo lá dentro, devagar, senti o músculo apertado.

— Veja, você está apertando, solte, deixe que o dedo entre.

Ela soltou mesmo, o dedo entrou até o fundo.

— Agora eu vou por o pau, você deixa ele entrar macio.

Ela só mexeu com a cabeça.

Pus o pau bem na porta do orifício bem lubrificado e fui introduzindo devagar. Quando sentia que ela apertava, eu dizia:

— Solte, solte, relaxe, sinta como é gostoso.

O pau entrou até o fundo, eu sentia as nádegas duras apoiadas nas minhas coxas, na minha barriga, introduzi minha mão direita por baixo da coxa dela e delicadamente procurei o

clitório e comecei a acariciá-lo. Ela estava molhada, o dedo escorregava gostoso. Não agüentei mais, ela gemia baixinho, mas dava para perceber que era de prazer, eu respirava forte, dei mais uns golpes fortes contra o traseirinho dela e esporrei forte no buraquinho delicado. Tenho quase certeza que ela acabou também nesse momento, porque a vagina estremeceu, eu enfiei o dedo na xoxotinha, ela sacudiu todo o corpo, eu apertei a bunda dela contra a cama e aí nos relaxamos, quase desmaiados.



Ela ficou ao meu lado, parecia um anjo caído do céu, quietinha. Levantei daí a pouco, fui ao banheiro. Resolvi tomar um banho para me reanimar, eu estava disposto a fazer uma segunda sessão agora com o racho. Comecei a cantar alto, nessa altura eu tinha até esquecido que tinha ameaçado ela com minha faca de escoteiro. Me enxuguei, pus uma água de colônia, penteiei o cabelo e voltei para o quarto.

Não tinha ninguém na cama. Fui até a cozinha, área de serviço, afinal o apartamento não era tão grande assim que desse para se esconder. Voltei ao quarto, a faca de escoteiro tinha desaparecido da mesa. Tive uma intuição, apalpei o bolso da jaqueta de couro onde estava minha carteira, nada. Comecei a ficar nervoso, eu tinha guardado ali oitenta mil cruzeiros. Em cinco minutos, revolvi o quarto inteiro, a carteira tinha desaparecido, mesmo. Olhei no espelho minha cara de idiota. A melhor transa da minha vida tinha custado oitenta mil cruzeiros. Deitei-me na cama e dei uma gargalhada. Eu tinha sido um otário. Mas lá dentro do meu inconsciente, a sensação é que tinha valido a pena.

ESTRANHO IDÍLIO

Aos quarenta anos, Marcelino era um homem melancólico, para bem dizer, sempre fora uma pessoa muito triste; desde a infância trazia aquelas marcas sofridas da vida. Era uma pessoa hipocôndrica até no andar. Já passara com aquilo. Casmurro a ponto de espantar-se com seus próprios atos; impassível diante das íntimas fatalidades. Era um homem morto, carregado pelo resto de anos que ainda lhe sobravam. Mas, naquela manhã, Marcelino amanhecera alegre. Não sabia explicar o porquê daquela alegria. Depois que a sua mulher morrera, acostumou com aquela tristeza velada. Quase não saía de casa, só mesmo à farmácia e ao mercadinho. Dentro daquela solidão, só encontrava refúgio nos livros com as intermináveis leituras diárias. Mas a manhã amanhecera bonita e aquele céu primaveril surgia convidativo. Tomou o chapéu de palhinha, olhou-se no espelho: achou-se ridículo com aquilo na cabeça, só agora que descobrira. Ficava mais feio. Ajeitou o nó da gravata com rebequismo. Lambeu com a palma da mão, sinusiosamente o cabelo, abundante de brilhantina. Tomou o bonde ao centro da cidade.

Desceu pela praça central e pôs-se a caminhar à esmo pelas calçadas. Achava-se com disposição para andar, aquelas ruas compridas lhe atraíam. Era época de Natal e o movimento se fazia maior naquele varejão do comércio. Parou em frente de um parque, ficou olhando as crianças brincarem. Lembrou-se do desejo de Isaurinha: Ela queria ter muitos filhos, talvez uma dúzia. Coitada!, imaginou, como poderia se aquela doença comia-lhe as carnes! Nunca poderia gerar um filho. Marcelino com seus quarenta anos de viviu, nunca poderia desfrutar o sabor de ser pai. Via as crianças correrem no parque, sofria na sua frustração. Depois para aliviar-se, lembrava-se da frase cacete de Machado: Não tive filhos, não transmiti a nenhum ser o legado da nossa miséria."

Era sim, a vida para ele era uma grande miséria.

Foi andando, pensando na vida; quando deu por si estava na entrada da rua da Lama. A rua da Lama era o lugar dos bêbados, prostitutas e marginais; tudo de ruím pousava por ali.

Quando avistou a rua, ficou surpreso, teve um ímpeto na consciência e parou de chofre. Não podia compreender porque estava ali na rua do pecado. Havia quatro meses que sua mulher morrera e não tinha mantido nenhum contato com outra, aliás, nunca conhecera outra pessoa se não a sua mulher. Desde cedo acostumou-se com as normas e padrões da família tradicionalista que tinha.

Adentrou-se pela rua, receoso, os olhos oscilavam aflitos numa tentação de pecado. As pernas lhe carregavam para o meretrício, indomináveis. Caminhou desgovernado até ao centro da rua. Dentro da sua ingenuidade não podia compreender porque o medo lhe chegava tamanho. Por que não era como os outros homens? Ficou olhando a algazarra das mulheres. Na rua da Lama não era como lhe contava. Achou o ambiente alegre, resolveu aproximar-se. Uma prostituta nova veio ao seu encontro.

— O dotô deseja alguma coisa?

Desejava. Desejava uma mulher que lhe amasse igual a Isaurinha. Uma mulher que lhe desse amor, que chorasse quando estivesse na cama.

A meretriz desenxabida, pegou-o pelo braço, arrastou-o até a mesa do canto da sala. A luz penumbriada escurcia o recinto e eles se avultavam no meio do povo. Sentaram-se. O limpa-mesa veio atender.

— O que é que vai aí?

— Dois uísques.

Aquelas palavras soaram nos seus ouvidos como a denúncia de uma sentença. Nunca bebera aquilo. Não sabia explicar por que agia tão indecen-

temente diante da sua austera realidade. Não era um homem comum. Nasceria com aquela morbidez terrível na sua vida. Sentia-se como um pústula rejeitado pela sociedade.

A rapariga que era uma moreninha eticada, olhar atrevido, achegou-se perto dele, beijando-o na boca. Marcelino ingeriu a bebida de um só trago. Sentiu um fogo adentrando-se nas suas entranhas. Era a lágrima do pecado? Sentiu uma reação tomando-lhe por dentro, ferindo-lhe.

A meretriz começou a olhá-lo, sorrateiramente. Enfiou a mão entre as pernas dele, apertou com força o seio. Marcelino a princípio sentiu-se acanhado, depois relaxou. Quando ela sentiu aquele volume crescendo paulatinamente, largou-o e sentou em cima. Marcelino apertou-a no seu colo, sentindo aquele movimento gostoso vindo lá de dentro. Ele beijava-a no pescoço, apertava-a machucando os seios, ela resistia na sua languidez de mulher vulgar, vadia.

A mulher arrastou-o até o quarto, sussurrando no seu ouvido. Aquilo para ele era a lembrança de Isaurinha. Tinha na sua mente aquelas frases guardadas que não esquecia nunca. Era o eco perpétuo de um amor que ressurgia ali naquele momento.

Quando entraram no quarto, ele propôs:

- Promete que vai ser Isaurinha?
- Quem é Isaurinha?
- Minha ex-mulher.
- Eu pareço com Isaurinha:
- Escritinha!
- Então prometo...

A prostituta começou a desabotoar a blusa. Foi abrindo botão por botão, devagarinho, provocante.

- Era assim que Isaurinha fazia?
- Hum hum!

Um dos seios pulou fora. Marcelino espreitava a cena com as ventas acesas de desejos. Ela foi despindo-se lentamente. Primeiro tirou a blusa, depois a saia. Ficou de calcinha. Marcelino não se conteve.

- Me ame, Isaurinha!

— Vem, maridinho safado... vem comer tua mulherzinha...

Marcelino tremia as mãos, o suor brotava-lhe da testa. Estava perdido nos enlades do idílio amoroso. A cada momento penetrava mais naquele letargo sensual. Via na meretriz toda a candura e a delicadeza de sua esposa, até mesmo o sorriso dela assimilava ao de Isaurinha. Marcelino não podia conter-se, estava entre um mundo de recordações antigas. Dentro daquela inércia moral, ele via Isaurinha sussurrando ao seu ouvido. A verossimilhança fantasiava-o. Ele perdia-se naquele pensamento profundo.

Quando a prostituta tirou-lhe todo o dinheiro, resolveu abrir-lhe as pernas. Chamou-o até o leito da cama e começou a despí-lo, tirando-lhe primeiro a camisa. Escorregou a mão molhada no seu peito cabeludo; arriou suas calças, abarcou seu sexo, já ereto. Marcelino deitou-se na cama anuviado.

— Vem amorzinho, comer tua Isaurinha...

Ela abriu-lhes as pernas, ele afo-gou-se num desejo ardente. Quando estava chegando a hora, lembrou-se da frase, e quase bocejando ao ouvido dela:

— Chora Isaurinha, chora...

A puta fingia, chorando baixinho. Remexia as nádegas numa cadência sensual.

— Vem maridinho, mama na tua Isaurinha...

Marcelino, num gesto ávido, sugava com volúpia os seios da mulher. Nessa inquietude extrema, a meretriz não pode resistir, desmanchando-se num gozo frêmito. Marcelino fez um trejeito langoroso, selando com desdém o estranho idílio.

— Te amo, Isaurinha!

— Isaurinha morreu... Isaurinha de prazer, repetiu.

Marcelino tomou o rumo de casa. No quarto ficara o último murmúrio de amor. Caminhou em direção a praça central; na consciência levava uma estranha sensação de haver traído a sua verdadeira mulher.

herma flor

ROZYNAH VIEIRA



Eles se buscaram todo o inverno. Ela sabia que o momento estava próximo e pensou em desenhar uma porta no espaço. Lentamente, ergueu a pálida mão e o minúsculo giz sulfúrico traçou o retângulo. A moça sorriu e tépida, recoihou-se em sua tangente de vidro.

Líricos prenúncios latejavam moros em seus selos plenos...

O forasteiro dormia sob as trombetas amarelas enquanto a ave vagabunda bicava as cerejas... A janela, a moça espiava as frutas serem possuídas e anêmona profunda untou-se de luz e lambeu as escamas de seu púbis dourado...

Segredos de chumbo. Úmidas, as palmas das mãos.. Festa impúbere de bocas profanas, múltiplos gestos de cera colhendo os odores dos corpos perdidos na escuridão... Moça pensou...

Pensou em fundir átomos com células humanas e inventar o ser cósmico que transcende a matéria...

Conseguir transformar a energia, equivalente energético da matéria a partir da antimatéria existindo um equivalente como energia condensada... Ser como o dínamo, nunca fenece.

Espia as árvores peladas e quase impúdicas em seus gestos abertos voltados para todos os espaços... Entristece ao ver as folhas rolando molhadas, aguardando a brusca catança do ancinho cheio de farpas que ferem...

Folhas guardadas, plantio na primavera, adubo da terra. Adubos, adubo.

Moça-feia também espia a vida correndo célere, os macios contornos embrutecendo, cabelos brancos despontando, a esperança doendo, doendo feito doença irreversível, que sangra e corrói...

Moça-feia sente a rebeldia agreste e suas faces álgidas tingem-se de vermelho-fogo e incendeiam-lhe as vísceras. Moça-feia não esquece que antes de virar pedra foi linda-flor, colhida e inundada...

A alma desafina, desatina, não mais combina com a solitária rua doente, sempre espiada da janela brusca.

Delitos cortantes exasperam-lhe a carne... Moça está invadida pelo medo e entrega-se ao indecente pranto dos solitários...

Sua dor é proibida...

Pseudo-vida de Herma-Flor é povoada de fantasmas galhofeiros e debochados anjos pederastas... Prenúncios aleijados, harpas mudas, deuses caquéticos e santos de cera disformes, derretendo-se, diluindo-se no mofo onde há séculos habitam covardes, sofismando a falsa inocência dos monges castrados...

Herma-Flor é inofensiva em sua transmutação... Sua metamorfose transcende o ser e traz memórias antigas. Recorda-se de seu pai ao piano e Clair de Lune ao cair da tarde... Os poemas de Rilke lidos em voz alta no colégio, o primeiro baile e seu vestido bordado de missangas azuis...

Seus lábios tremem à lembrança do beijo primeiro chegando inesperado e breve roçando sua boca-criança...

Com seus olhos estranhos, Herma-Flor regressa ao instante e capta o farfalhar dos arbustos, o galho vergado do ipê despejando amarelo sobre a relva, os anões quebrados compondo o inevitável declínio da paisagem.

Quer gritar...

Recolhe o juvo agônico e gruda os lábios sobre a vidraça partida. Não era o momento exato de proferir a palavra.

A última estrela se apaga e a trêmula figura esconde o rosto nas sombras, temendo as sentinelas da noite prisioneira.

De novo, manhã. A música dos solitários faz a mão oscilar à toa e os espelhos embaçados, de raro em raro, refletem o rosto verdadeiro. O gato cheio de caprichos sorve o leite e limpa o focinho. Herma-flor acaricia-lhe a penugem cinza onde habita o desaparego humano.

Imatura, soterra o insano na placidez dos barcos ancorados. Nos olhos, ficção bailando e a plenitude do encontro feito de lampejos eletrônico. Os contornos do estranho explicam irreverência dos anônimos gestos... Percebe que está nua sobre a areia e quer enternecer, sem devorar...

Mas está faminta e clama pelo dragão roxo...

Acontecem sortilégios, ninguém ousa indagar sobre o bicho que engoliu o homem... e Herma-Flor deita-se rente ao bicho, com olhos de vigília...

Perto do mar, em infernal frêmito as aranhas lerdas passeiam sinuosa sobre os ventres dos pescadores embriagados. O silêncio do cais fez lembrar as châvenas fumegantes de ervas aromáticas que faziam-na voar... A luz mergulha nas águas negras e Herma-Flor regressa ao antes...



Ele-esperado atravessa a porta esboçada no concreto e gruda seus lábios no branco seio erguido e pronto para sua boca...

Herma-Flor se orvalha...

Ele-fluido tem centenas de tentáculos que se enroscam e abraçam...

Herma-Flor desabrocha...

Ele-eternidade de instantes, consumo e se avulta com fome...

Herma-Flor delira...

Ele-momento se esvai no exíguo espaço...

Não se estabelece a eternidade no mergulho consumado...

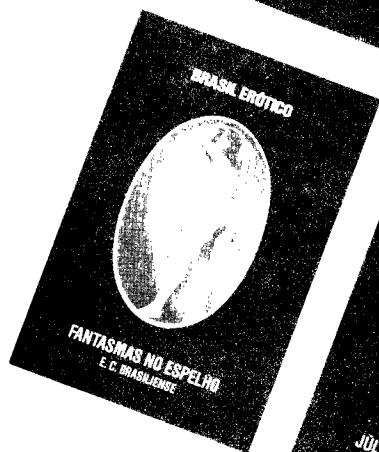
Herma-Flor é aranha glabra e devora o macho inventado, recolhendo-o em suas entranhas de pó...

HOT GIRLS apresenta **CONTOS EXCITANTES** — Uma publicação mensal da **NOBLET — INDÚSTRIA GRÁFICA E EDITORA LTDA.** — Redação, Administração, Publicidade e Correspondência: Rua Almeida Torres, 119/163 — Fone: 278-6152 — Caixa Postal n.º 15.181 — Código Postal: 01530 — São Paulo, SP.

Reg. no D.C.D.P. do D.P.F. sob n.º 1.959 — P. 209/73.

Impressão e Acabamento: Em Oficinas Próprias — **TODOS OS DIREITOS RESERVADOS.**

**já nas
bancas**



**coleção
brasil
erótico**

**romances
eróticos
com todo o
tempêro
do autor
nacional**

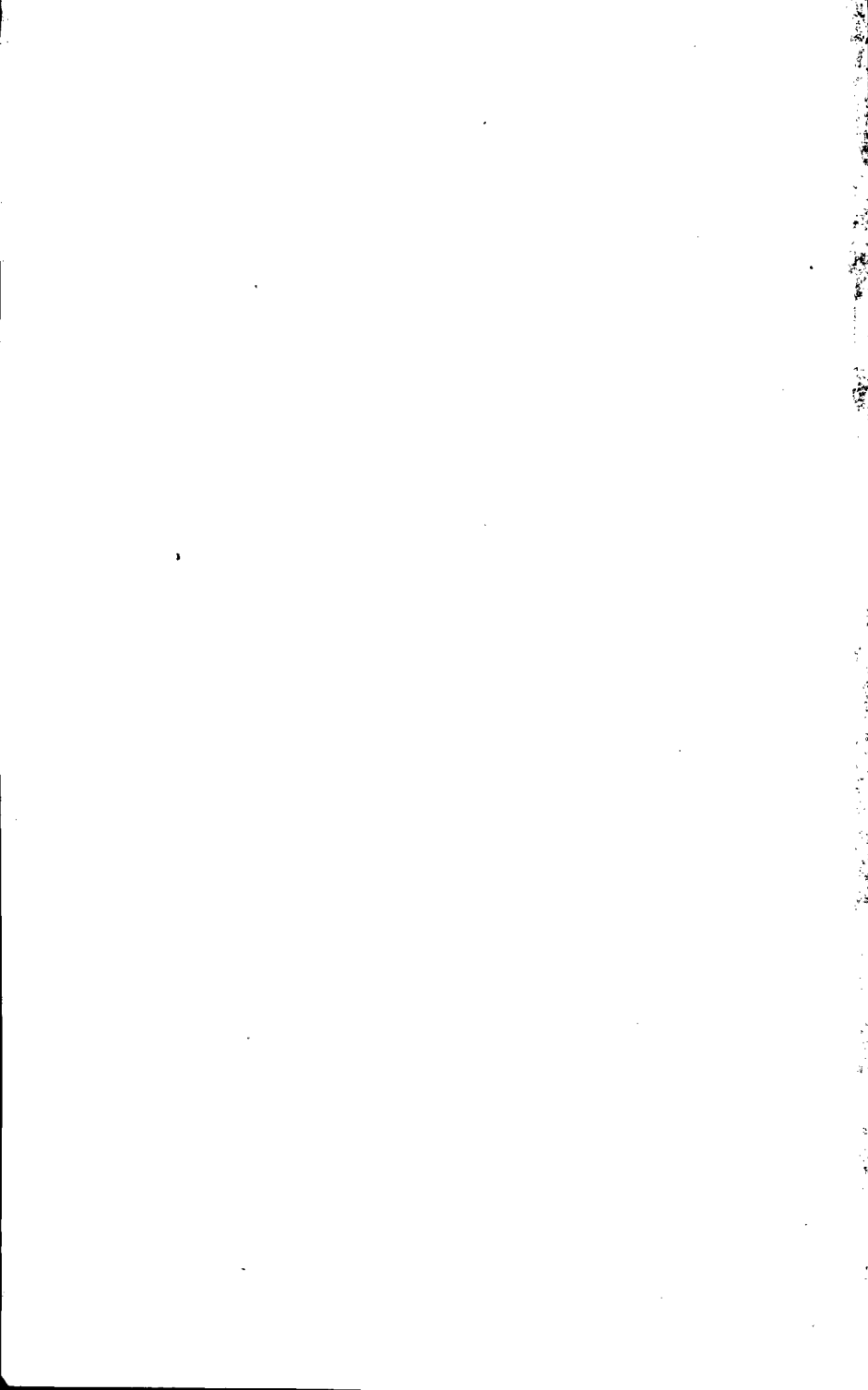
**não
percam!**



MARC

-Desculpe, senhor... Pode me dizer a hora certa?





APRESENTA...

21

**OS MESTRES DO
EROTISMO
BRASILEIRO,**

**REUNIDOS
EM CONTOS
MALICIOSOS,**

**FRENÉTICOS E
ALUCINANTES!**

**NAS BANCAS,
todos os meses**

**não
percam!**



**QUADRINHOS
PARA ADULTOS**



JORGE FISCHER

PARA NÃO DIZER QUE NÃO FALEI DE SEXO

Você sabe, Nemeza: fui educada em um colégio de freiras. As carmelitas tinham para comigo uma especial atenção, mamãe pagava regularmente e dizia que eu sairia dali feita uma grande dama. Ensinaram-se quais as bebidas apropriadas para acompanhar frutos do mar, o que se devia responder quando o irmão diretor nos blagiava por termos cumprido nossas tarefas e como redigir convites sociais. Davam-nos, enfim, um verniz capaz de causar inveja à mais burilada filha de Nina Chaves.

Mas a vida em um internato não é só feita de etiquetas e delicadezas. Por baixo do lustro que meses, anos de condicionamento, nos transformam exteriormente em futuras damas da sociedade, continua a correr o mesmo sangue, a fibrilar a mesma carne, a caldeirar os mesmos desejos que devem atormentar todas as mulheres, desde Neanderthal até a consumação dos séculos.

Irmã Lúcia costumava amedrontar-nos com a idéia do pecado, as chamas do inferno, o tridente de Satanás. Mas, nas tardes de maior cio, eu imaginava Satã como um sátiro do-

tado de um grande pênis rubro e incandescente, sodomizando virgens entre mefíticas emanações de enxofre, e o próprio tridente se me afigurava um símbolo fálico: chegava a senti-lo a me penetrar as carnes, me desvirginando e me fazendo dolorosamente feliz. Qualquer coisa assim como o negativo da menina de "O Exorcista". A princípio, isto me causou um grande temor. Parecia-me que eu cometia um pecado ignominioso, como se o sexo estivesse transformado na marca de Caim e que, a qualquer momento, as portas do inferno se abriam aos meus pés e eu seria envolta pelas labaredas da expiação eterna. Mas descobria, de repente, que o próprio fato de me imaginar assada no caldeirão do Diabo me provocava arrepios de luxúria. Talvez o fato de associar o prazer e o gozo à idéia de sofrimento e expiação termine por confundir as coisas, misturando-as numa salada mental de sado-masochismo. Sei lá. Se Freud não explica isto, talvez Masoch explique.

Quando a tesão me espicava a carne eu ia para o banheiro e lá me masturbava solitariamente: o dedo

minguinho era o primeiro namorado, tímido, minguado, sem grandes vôos de ousadia. Era imediatamente suplantado pelo anular — o noivinho afoito. Mas o grande amante, o aventureiro audaz, o don juan atrevido, capaz de levar-me aos píncaros do gozo, de me fazer acabar entre gemidos, de fazer-me revirar os olhos a fremer os lábios — ah, este era o dedo médio, cuja sabedoria em matéria de sexo nem mesmo o polegar, mais possante, podia contestar.

Um dia, Lolica conseguiu fazer entrar de contrabando uma revista de nus masculinos. Foi quando as sessões de siririca chegaram ao auge. A revista passava de mão em mão, Lolica tinha de exercer uma constante vigilância para que ela não desaparecesse. Um dia, ela perdeu o controle, não sabio com quem a revista estava. Era evidente que alguma das meninas se havia apropriado da revista para sessões exclusivas de masturbação. Mas Lolica não sabia quem era. Só foi descobrir duas semanas depois. A revista estava com Mara. Mas já então Mara havia adquirido aquela palidez, aquelas olheiras, aquele ar sonhador que a acompanhariam para o resto da vida.

De tanto andar de mão em mão, a revista acabou se esfacelando. Primeiro uma página, depois outra — e, dentro de pouco tempo, já não tínhamos mais aqueles belos moços picudos que nos ençiam os olhos de prazer e as bucinhas de desejo. Parecia não haver outro remédio senão voltar à prática masturbatória anterior, sem recursos visuais, apenas imaginativos. Mas, depois de termos experimentado a revista, a volta ao passado se nos afigurava insípida, morna, despida de qualquer apelo sexual. Foi quando Odília salvou a situação.

Cê sabe, né, Neneza; nos internatos, como em qualquer outro colégio, há sempre a tendência de formação de grupos. Do nosso grupo, constituído de seis meninas, Odília era a mais velha. Quinze anos, um metro e sessenta de corpo esplendoroso, os seios já botando para fora como duas laranjinhas a madurar no pé, cabelos negros e cacheados, olhos da mesma

cor, precoces, langorosos, cheios de malícia.

Tudo começou numa noite de verão. Eu não conseguia dormir, remexia-me inquieta na cama, o calor me sufocava — as emanações de calor eram quase palpáveis, vinham da noite e desciam como um bálsamo, qualquer coisa untuosa e escaldante que me impregnava o corpo e parecia concentrar-se nas dobras da minha vagina. Eu sonhava com a revista, com os mancebos de coxas cabeludas, polícromicos e acetinados, imaginava que era possuída por um, dois, três daqueles garotos, chegava a sentir o calor dos seus pênis passeando avidamente pelos meus seios, minhas nádegas, minhas coxas, ora me penetravam a vagina, ora me sodomizavam, ora enfiavam o pênis em minha boca e eu chegava a sentir o gosto do esperma que ia quase até a garganta, sufocando-me de tesão. Meus dedos subiram até o sexo e encontraram-no quente e úmido. Comecei a masturbar-me. O dormitório todo estava em silêncio.



Eu gemia e me masturbava, deitada, de ventre para cima, pernas escandalosamente abertas e oscilando sob o lençol como as asas de um pássaro mecânico. De repente, parei, aterrorizada: havia alguém em pé, diante de mim — um vulto erguido no semi-escuro do dormitório, parado e quieto diante de mim.

— Quem é? — perguntei apavorada.

— Sh! Fale baixo, Mimosa, se não você vai acordar as outras.

Aquele sussurro foi suficiente para que eu reconhecesse a voz de Odília. Ela sentou-se na cama e perguntou:

— O que é que você estava fazendo?

— Nada! — respondi embaraçada, sentindo as orelhas pegando fogo.

— Como nada — o rosto, iluminado por um sorriso canalha, inclinou-se, quase tocando o meu. — Eu vi bem as suas coxinhas aflando, queridinha. E, debaixo dos lençóis, deu para adivinhar também os dedos na bucinha. Tava fazendo uma siririca, né?

— Você está louca! — sussurrei, afogueada.

— Louca, coisa nenhuma — ela falava ao pé do meu ouvido, o hálito quente penetrava em mim, bafejava minha alma com promessas de coisas proibidas e, por um átimo, cheguei a imaginar que, para as pecadoras, as chamas do inferno deveriam ser assim balsâmicas e envolventes, quase acariciantes. — Sei bem o que você estava fazendo. Punheta não está com nada, amorzinho. Tem coisa muito melhor.

Odília falava com a boca colada em meu ouvido. A medida que falava, porém, fazia seu rosto deslizar no meu. Os lábios roçaram a pele de meu rosto, desceram até o pescoço e ali, entre o emaranhado dos cabelos, eu os sentia abrirem-se e fecharem-se, soltando palavras envoltas numa luxúria morna que explodiam à flor da pele, deixando-a toda arrepiada. De inopino, ela ergueu o rosto e beijou-me na boca, ao mesmo tempo que a mão, num gesto atrevido, espalmou-se sobre o meu sexo. Emiti um gemido, quase um uivo, e sucumbi a Odília.

Ao ver-me dominada, ela pulou para debaixo dos lençóis. Vestíamos apenas duas tênues camisolas de dormir. Ela desfez-se da sua num único gesto, como num passe de mágica, desnudando o corpo de formas esplêndidas, as tetinhas alvas e firmes onde os botões crespos endureciam espremidos pelo desejo. Roçou os seios em minha boca e disse com voz súplice:

— Chupa aqui, Mimosas. Chupa, que depois eu te chupo.

Eu estava ainda envergonhada e tímida. Quando, por exemplo, a revista ainda existia, todas sabíamos que, quando alguém entrava no banheiro com ela nas mãos, ia gozar na ponta dos próprios dedos. Mas jamais confessávamos essas coisas umas para as outras. Era um verdadeiro segredo de polichinelo. Agora, Odília colocava-me diante de uma revelação, queria que fizéssemos tudo às claras. Mas eu desejava obedecer. Hesitando entre a vergonha e a revelação, fechei os olhos e abri a boca.



Os seios de Odília. Lembro-me deles até hoje, o gosto levemente salgado, os bicos endurecendo em minha boca, eu chupando e esfregando a língua como uma possessa, dominada por incubos, súcubos e todos os demônios com que irmã Lúcia tentava pasteurizar a carne. Creio que a perdurabilidade dessa lembrança está ligada ao fato de que o seio de Odília foi o primeiro objeto sexual que chupi na minha vida. Nem mesmo o gigantesco pênis de Artidoro, que chupei anos mais tarde, e que sempre me enchia a boca de um esperma cremoso que eu saboreava como se fosse um iogurte, tornou-se assim tão percuciente em minha memória. Cê entende, né, Neneza: o seio de Odília foi o meu primeiro amor.

— Morde agora! Morde agora! — gemia ela, espremendo o seio e oferecendo-o ao holocausto dos meus dentes. Chupei e mordi até quase pô-lo em carne viva. Então, Odília tornou a beijar-me a boca, esfregando seu sexo no meu, unidade contra uni-

dade, nossos caldos a misturar-se numa confusão de pentelhos gosmentos. As mãos de Odília apertavam minhas nádegas, puxavam meu pêlviz de encontro ao seu e eu, já de olhos abertos, observava as suas contrações faciais, admirava seus olhos entrecerrados, sua boca deformada pelos esgares — e, assim deformada, parecia-me ainda mais linda, mais desejável, mais transfigurada pelo raio mortal de amor.

De repente, senti uma dor lancinante no ânus: Odília havia enfiado nele o dedo médio. Mas a dor foi somente no instante da penetração. Depois que ele estava lá dentro, era infinitamente gostoso sentir aquele dedinho curioso a remexer, bem no fundo da minha bundinha, algum órgão ou glândulo desconhecido que me aumentava o prazer, que me fazia sentir penetrada pela primeira vez na vida. Cê sabe, Neneza: embora o orgasmo clitoriano seja o mais excitante, a gente, para gozar de verdade, precisa sentir que está sendo penetrada, possuída, rasgada. Precisa sentir algum coisa mexendo dentro da gente.

— Mete o dedo no meu rabo também — pediu Odília, e eu não me fiz de rogada. Mas a posição era incômoda, cansativa, eu não conseguia gozar. Então, Odília retirou o dedo do meu ânus e fui obrigada a fazer o mesmo, pois ela começou a descer pelo meu corpo, distribuindo sobre ele beijos, chupadelas, mordidas, que, do pescoço, foram descendo pelos seios, pelo ventre, chegando às coxas que ela começou a lamber com perversa lentidão. Pensei que fosse desmaiar, mas o gozo maior chegou quando ela colou a boca em minha buceta, a língua aculando o grelo com a mornidão, a maciez e a sabedoria que só uma língua pode conferir. Aí, ela tornou a enterrar o dedo em meu ânus enquanto, com a outra mão, amassava meu seio como quem sova uma massa de pão. Com mais quatro ou cinco chupadas eu acabei. Acabei na boca de Odília e, no mesmo instante, mesmo exausta, desejei beijar aquela boca abençoada que tanto prazer me havia proporcionado. Por isto, puxei-a para cima.

Creio que ela entendeu mal o meu gesto, pois imediatamente ela grimou por sobre mim e, agarrando-me à cabeça, fez-me enterrá-la entre as suas pernas.



— Chupa, amorzinho. Chupa a minha bucetinha também — ela gania como fêmea ferida de irreprimível desejo, um desejo tão intenso que chegava a ser doloroso, a julgar pelo tom súplice de sua voz.

Obedeci — a princípio com timidez e uma certa repugnância, as narinas aspirando o odor acre das dobras vaginais. Mas, depois de certo tempo, as papilas gustativas descobriram naquele sexo palpitante um inusitado sabor. Agarrei suas coxas e comeci a sacudir seus quadris, imaginando que, ao invés de uma buceta, eu tinha em minha boca um saboroso príapo que, dentro em pouco, se desmancharia em leite, inundando-me de uma felicidade sexogastronômica que eu ainda não conhecia. Odília também acabou em minha boca e, naquela noite, por ter descoberto o céu quando chupei Odília, minha vida ficou definitivamente marcada: o gosto pelo **falo** e **cunilingus** não de sempre determinar meu prazer nas relações sexuais.

Assim foi minha vida no internato. Neneza. Alguns dias depois, passamos a fazer sexo grupal, até que irmã Lúcia descobriu e toda a nossa turma foi expulsa do colégio. Mas isto já é outro departamento. Você deve estar cansada de ouvir tudo isto, não é Neneza? Coitadinha do meu amorzinho, eu te chateando com essas estórias bobas da infância. Bom, para não dizer que não te falei de sexo, abre essas amoráveis coxinhas, que eu quero chupar.



Leila Barata

o dia em que virei...

Tudo começou quando Mauro me levou naquela tarde para o quarto, o mesmo que eu tão bem conhecia. Até aquele momento tínhamos tido relações um tanto insôssas, pra falar a verdade eu ainda não tinha gozado com ele e achava que era um pouco de exagero o que minhas amigas comentavam sobre o orgasmo... De parte dele, também, nunca percebi grandes êxtases nem emoções. Parecíamos um casal cuja convivência habitual destruiria o ardor da paixão. Mas assim mesmo eu gostava dele, e me contentava com o que tínhamos. Assim, conformada com mais um amor morno e rápido, maquinaalmente ia me despir, quando veio a primeira surpresa:

— Desta vez te quero vestida.

Fez com que eu sentasse na cadeira e seus dedos me lubrificaram por dentro da calcinha. Procurou o ponto mais sensível do meu sexo e me excitou até eu conhecer meu primeiro prazer. Depois, abriu minha blusa, fez com que meus seios pulassem do sutiã, colocou minha mão dentro da cueca, para que eu acariciasse seu pau, já de cabeça em pé...

Parecia que ele me cozinhara em fogo lento, a fim de não assustar nem deixar escapular a presa. Agora dava o bote. Quando vi, eu segurava uma haste rija, logo posta em minha boca com instruções para que eu a lambesse gostoso, e masturbasse

sua base até ele falar basta. Esta palavra ele não pronunciou, nem depois daquelas emissões violentas de descarga... Como não conseguia engulir todos os seus jatos quentes, os que sobravam desciam pelo meu busto, manchando a camisa.

Eu ainda não estava assustada, mas comecei a ficar, quando ele falou:

— Hoje vamos inaugurar o rabinho.

Protestei, quis fugir ("você nunca foi disso, me deixa"), ele me imobilizou.

— De agora em diante precisas aprender a colaborar, acabou a maré mansa...

Arrastou-me até a cama, passou seu pau por todas as partes do meu corpo, me abrindo, me possuindo com a língua, me excitando. Eu gemia, resistia; mas quando ele partiu para as cócegas, pedi arrego.

— Pára, vou me molhar toda...

— É isso que eu quero... só paro se você disser que dá o que eu pedi.

— Dou.

— Dou o que?

— Meu rabo...

Intensificou as cócegas.

— Peça direito.

— Coma meu rabo, por favor.

— Melhorou. Fique de quatro.

— Vestida?

— Já falei que sim, droga. Antes, ponha essas peças...

O sutiã era sem pano nos mamilos e a calcinha, aberta desde a frente até atrás. Eu estava toda exposta, arreganhada. Ele abriu mais minha blusa, colocou-a pra dentro da saia, ficou debaixo de mim e nem precisou afastar o pano para lambe meus buracos e enfiar os dedos pelos meus túneis.

— Enquanto eu meto, você pega nas minhas bolas...

Falava por falar, porque na posição em que eu estava, não poderia nunca fazer o que me pedia, nem mesmo ser penetrada por ele, que, no entanto, parecia enlouquecido, me dizia nomes, me grunhia coisas. Eu tinha medo, mas também ardia de desejos e acabei gozando de novo, desta vez em sua boca, como ele fizera comigo. Desabei exaurida. Mas ainda muita diversão me esperava.

— Agora, disse-me ele inesperadamente, quero ver você dar pro meu amigo.

Eu fiquei atônita, como naqueles sonhos em que se quer gritar e não consegue. Um homem jovem e bonito entrou, já nu; excitado, seu pau era descomunal, daquele tamanho só tinha visto em revistinhas, ultrapassava o umbigo. Vendo minha expressão de espanto — olhos arregalados, boca aberta —, riu:

— Ela pensa que está sonhando... Mostre como não está...

Enquanto Mauro me beliscava a bunda, o outro, que se chamava Bily, se esfregava em mim. Sua pele quente, seus músculos contraídos, me arrepiavam toda. Depois do maior sarro, eles me puseram de cócoras, dizendo para eu me masturbar naquela posição. Tinha vergonha, muita, e estava cansada. Pedi um tempo, mas não me atenderam.

— Nada disso.

Só então pude perceber como é ilimitada a capacidade sexual, não é "o comer e o coçar que estão no começo", é o comer e o gozar... rápido a manipulação me fez sentir novamente disposta. Só que não me deixaram que eu me entusiasmasse demais, logo fizeram com que eu



parasse, acesa de volúpia, me tiraram a calcinha, limpavam bem meu caldo nela, amarraram frouxamente em meu rosto como se fosse uma máscara operatória, para que sempre eu respirasse aquele odor sexual.

— Gostou do teu incenso natural de almíscar?...

Eu estava alucinada, minha roupa ensopada se grudando no corpo, seus paus me esporrando por todos os cantos, até na cara, nos artelhos dos pés, no sovaco.

— Você vai ter de se habituar a isso, disse Mauro, como, finalmente, quisesse me explicar o que acontecia. Eu aluguei você por duas horas, quer dizer, ele tem direitos, portanto satisfaça o seu freguês, para que volte sempre...

— Por que isso, perguntei sufocada com meu cheiro forte.

— Eu precisava de dinheiro...

— Me pedia, contra-argumentei.

— Assim é mais divertido. Além do mais eu tava cheio daquelas nossas trepadas idiotas...

— Chega de conversa, protestou Bily, não paguei pra ouvir vocês dois baterem papo...

A palavra pagar me feria mais do que qualquer humilhação. Eles me tratavam como uma vagabunda de aluguel, obrigada a satisfazer-lhe os caprichos mais extravagantes, mais cruéis. Bily continuava:

— Obedeça e tudo vai acabar bem...

Sim, obedeceria, talvez assim fosse mais fácil...

— Está bem, respondi.

— Ótimo. Agora, ao enrabamento! Só então me lembrei que apesar das ameaças, Mauro não tinha tido nada — ao comprador, o privilégio de ser o primeiro... O estranho curvou-se sobre uma banquetela. Quanto notei que não adiantava resistir porque aquele mastodonte não desistiria de seus intentos, me juntei o melhor que pude, tentei facilitar... ele riu:

— Então era com essa piranha que você pretendia casar, heim? Que bela vaca... Veja como rebola, como está doída pra levar no rabo... Espere um pouquinho, seu touro já vai te cobrir... Vamos, venha cá Mauro, me ajude a meter nela... Segure, que não vai ser fácil...

Mauro me abriu ao máximo, enfiou a calcinha em minha boca quando eu gritei, e só parou de tampá-la ao ver que o outro se excitava com minhas súplicas.

— Deixe ela berrar... é cabritinha nova...

Quando viu que não havia mais perigo de eu me desprender das garras de Bily, só então Mauro varou minha vagina, com uma fúria nunca vista, um ganhão no cio possuindo a sua égua. Meu noivo, com vigorosas contrações, me impelia pra trás, pra que o cliente aproveitasse o embalo e me estruprasse de vez.

— Falta pouco, faça ela empinar mais.

Outra estocada. Eu empinava.

— Mexe ela aí... isso... delícia! Pena que você não aprecie rabada...

O pior é que eu gostava, e os sacanas percebiam. Ambos enfiavam suas línguas em meus ouvidos, um me mordida minha nuca, o outro meu pescoço, o de trás gadunhava minhas nádegas, o da frente bulia minhas mamas. Os dois pareciam se divertir em algum ponto do meu corpo. Já não havia dor, só prazer. Meu corpo se habituara com facilidade, e agora, parecia insaciável, querer



mais, querer tudo, até mesmo aquela linguagem sórdida de Bily:

— Essa é mulher prum batalhão, Mauro... Você vai ficar rico com ela...

Nada mais me feria, se me pedissem para eu me oferecer, eu me oferecia, para chupar, eu chupava, para xingar, eu xingava... Bily sabia disso:

— Mauro me disse que você é professora de educação física, pois então, vamos fazer um pouco de ginástica...

Eles me puseram plantando banana. Enquanto Mauro punha o pênis em minha boca ("está gostando, amorzinho?, nem precisa responder..."), o outro metia os dedos na minha vagina ("a xota ainda está quente"...). E tome pinto e massagem. Quando eu engasguei, Bily me mudou de posição.

— Vamos, não queremos que nada de ruim aconteça a ela... Melhor variar de exercício...

Apoiada nas mãos, com as pernas tensas e afastadas, eles queriam que eu fizesse flexões abdominais, daquelas que a gente sempre faz quando acorda: um-dois, um-dois. Só que, com suas monstruosas picas em riste, cada vez que eu descesse, mergulharia na bilola do que estava deitado, e quando me levantasse seria rasgada pelo que estava de quatro me esperando. Tentei me esquivar no coreto, e essa dança, rítmica e entrecortada de gemidos, ainda me deixava mais obscena...

— E isso é com roupa, falou Mauro, imagina se ela estivesse nuinha...

Mas era como se, pois minha saia estava toda enrolada na cintura, sem nada pra me prender os movimentos, sem nada pra lhes atrapalhar a visão... Não demorei muito neste bailado. Logo, Bily, sempre atrás nunca vi ninguém pra gostar tanto de uma traseira — me chamou na xinxá, e me obrigou a enfrentar de novo toda a suaimensidão. Mauro me pegou de jeito pela frente e o abaixa-levanta começou.

— Ginástica assim, ainda é melhor pra saúde...

E riam. E contavam, em coro.

— Um, dois, três, dez...

— Quantas flexões você faz por dia?

Não respondi. Pra que. Ele me espalmou uma palmada violenta, e pressenti sua mão no ar, ameaçando uma segunda.

— Eu te fiz uma pergunta, responde...

— Vinte, gemi antes de apanhar de novo.

Ele:

— Hoje vamos fazer o dobro...

E a contagem prosseguia, sem pressa:

— Vinte e quatro, vinte e cinco...

Não pensei que fosse aguentar. Nos quarenta, eles me esportaram juntos, o gozo foi triplo...

— Ainda faltam quinze minutos do meu tempo e não quero abrir mão deles, disse Bily depois de uma breve trégua.

— Ela é toda sua, respondeu Mauro.

Como não podia mais ejacular, era impossível, resolveu inventar uma brincadeira que não o cansasse tanto...

— Quero ser o primeiro a fazer de tudo, a te iniciar...

Deitou-me no chão, abriu ao máximo minhas pernas, amarrou-as na madeira da cama, e, meus braços, no pé da penteadeira. Então, comodamente sentado, começou a me enfiar, pelos dois lados, um a um todos os seus grossos dedos. Minhas an-



cas balançavam, reboavam no ar. Mauro enlanguescia meu clitóris:

— Colabore, ou vai ser pior pra você...

Mais uma vez cedi, deixei-me levar, concentrei-me em suas mãos entrando, vasculhando tudo, revirando-me pelo avesso, e, quando chegou na altura dos punhos, desmaiei de tanto gozo.

Acordei muito tempo depois (digo isso porque minhas roupas já estavam secas), dóida, "moída e empacotada", igual a café, mas totalmente satisfeita, em paz com a vida. Então, depois de pensar muito, resolvi não romper com Mauro. Ele era cafetão? Pois eu seria uma puta... Que ficasse com a riqueza e me deixasse com o gozo, não desejo da vida mais que o prazer. Por isso, digo até com certo orgulho, sou dele e de todos os homens que ele traz pra me comerem na sua frente. E se me perguntarem se sou feliz, direi que inteiramente, não suportaria mais o sexo comedido e comportado dos manuais, porque, agora sei, de boas-intenções e trepadas gentis, o inferno tá cheio...

O Bugre

José Luiz da Luz Oliveira



Os primeiros dias foram só para visitar a usina em companhia de Saulzinho. Encantou-se com os imensos canaviais, semelhantes a um enorme tapete verde que chegava a se perder de vista entre as montanhas e clareiras de matas.

O pátio da usina, em pleno auge da moagem, também a deixou completamente entusiasmada.

Mais que tudo, a ruralidade daquele povo era autêntica, como jamais tinha visto em filmes e outros meios de comunicação, tudo porque era algo do próprio sangue, sem adaptação.

Ela, então empolgada, levava horas e mais horas contemplando aquele fervilhar de máquinas e homens cumprindo árduas tarefas tão naturalmen-

te como se estivessem fazendo nada.

E ela, com gananciosos olhos de turista, fotografava tudo que via. Sem perder uma cena.

Interessavam-lhe mais os homens suarentos do que as máquinas. Era óbvio! Era encantador ver músculos grossos arrojados em fardos pesados, peles cremadas pelo sol tropical, torax rígidos (comumente desprovidos de pêlos) vencendo obstáculos, rostos tringueiros e toscos sorrindo até quando deviam chorar.

Era excitante sentir o cheiro do suor humano misturando-se com o ativo odor do gás carbônico provindo das explosões das máquinas. O morraço sufocante entrando corpo adentro, o vento morno passando pelos

canaviais trazendo cheiro de cana, o gosto de açúcar novo adocicando o vento — tudo aquilo excitava. Até os movimentos cadenciados dos homens indo e vindo, até o vapor das máquinas espalhando resíduos de óleo no ar — sim, era tudo mais que excitante diante dos olhos expectantes da turista.

No domingo seguinte, ela foi visitar o barracão, decerto que buscando novas emoções para seus olhos peritos e também mais um punhado de instantâneos para sua Kodak.



Saiu sozinha no Jeep. Os balanços na estradinha esburacada causavam-lhe uma sensação gostosa de risos: algo semelhante a uma montanha russa dos parques infantis.

Depois de gostosas gargalhadinhas, ela entrou no quadro da ferinha e estacionou em frente a um casarão rústico e repleto de mercadorias tão simples quanto aquele povo.

O odor ativo do bacalhau salgado condizia com a singeleza do armazém. O piso oleoso e pegajoso grudava em sua sandália mimosa, forçando as tirinhas ao ponto de fazer-lhe doer o pezinho bem talhado.

Ela recostou-se em alguns sacos de farinha amontoados à direita de um mourão tosco de madeira fornida. Ficou ali, apreciando o palavreado, a

ginga e os costumes daquele povo totalmente bugre. E achava tamanha graça em tudo que via e ouvia.

Homens, nus da cintura para cima sorriam como se fossem hienas acuadas. Pouco sorriam, pouco falavam, agiam mais. Os olhares desconfiados deles causavam temor pela ingenuidade até certo ponto severa. Mas acima de tudo, eram olhares respeitosos. E com razão! Aquela moça viera dos "estrangeiros" como convidada especial do "seu" Saulzinho para passar as férias na usina. Ela também era doutora e amiga de "seu" Saulzinho na universidade de Sorbonne. Sabiam lá onde ficava essa escola! Só sabiam que era num lugar fora do Brasil.

A garota saiu do barracão para respirar um pouco de ar puro lá fora. Os casebres lotados de meninos hidropisiados e descorados deram uma série de fotografias.

Satisfeita com o proveito do seu passeio, ela pegou o Jeep e regressou ao pátio da usina. Entre canaviais vicosos, parou por um instante o carro para fotografar uma represa de água cristalina.

— Que coisa linda! *Très belle!* Clic! Clic!

Regressou ao Jeep satisfeita. Levava aos amigos um documentário fabuloso! Coisas raras de serem vistas!

Ao tocar na ignição, esta não quis funcionar. Tentou inúmeras vezes e acabou saltando desconsolada.

— **Et maintenant?**

Subitamente, um homem saiu de dentro das canas com alguns preás abatidos dependurados por um fio. Ele, nu da cintura para cima, usava apenas uma calça surrada de tecido grosseiro.

O receio inicial da garota a abandonou quando ele apresentou-se com um sorriso humilde nos lábios polpudos:

Bons dias, patroa!

— **Bonjour, monsieur!**

— Algum atropelo?

— Ou! Enquicou!

— Assiba qu'eu empurro!

— **Allons nous!**

Ela acomodou-se ao volante e ficou bestificada pelo modo como o homem mal encostou as mãos calejadas no carro e este tomou um impulso forte. "Força de animal! **C'est incroyable!**"

Quando o carro funcionou, ela pisou nos frelos.

— **Monsieur!** — chamou.

— Pronto, patroa!

— Vai parra casa agora?

— Vou, inhora sim.

— Venha, eu vou levar o **señor** lá.

— Valei-me meu pai do céu! Briga-do, patroa! A senhora tem um coração de anjo, mas eu num posso aceitar...

— **Pourquoi?**

— É arriscado. Se o coroné Salu e o Dr. Saulzinho verem isso, vão ficar por conta! Precisa não, patroa. Ademais, daqui em casa é um salto, só dá uma legüinha apertada.

— **Mon Dieu!** É longe demais. Suba rrapaz! Eu levo!

— Antonce...

— Porr onde é que vai?

— Siga em vante quebre às direita no pé da serra.

— É aquela serra lá? — apontou a garota.

— É inhora sim.

— Oh, **non!** Erra longe demais!

— Tô acostumado. Daqui lá é um trotezinho só!

Alguns minutos de silêncio. Depois...

— **Comment t'appeles tu?**

— Cuma?

— Oh, **pardon!** Como é o seu nome?

— José Gerônimo Ferreira dos Santos Filho. Só que os cabra de peia me chamam de "Bugre". Mas eu num m'infezo não.

— O meu é Françoise Larroque.

— Huuumm! É um bonito nome. Mas à minha língua num dá pra pre-nunciá!

Ela riu gostosamente passando um olho verde pelo outro num trejeito agradável. Os cabelos loiros saltavam em mechas doiradas ombro abaixo, emoldurando docilmente aquele palminho de rosto jovem e belo.

Quando o Jeep se aproximou da última curva do canavial, ele pediu que parasse. Sua casa era dali a duzentos passos. Não dava para chegar mais junto porque era beira de grão. Só se passava a pé.

— Deus lhe pague, patroa! — disse ao descer inibidamente, pisando no estribo e saltando para a terra de chão batido.

— Gerrônimo! Esperre! Que bichinho é esse que você leva aí?

— Se chama de preá, patroa. É uma cacinha boa da mulesta. E adespois de assadinho na brasa então, é o mió tira-gosto de pinga que se tem. Mas a patroa num vá dizer que tá desejando comer preá?

— Eu querria provarr, sim.

— Pois vai quando a senhora quiser!

— Escute uma coisa: no meu país faz muito frio, sabe? e aqui é muito calor. Eu querria tomarr banho de água fresca todas as manhãs. Você não sabe onde tem uma cachoeira porr aqui?

— Sei, inhora sim! Água friinha que dá gosto. É lá na cabeceira da mata. De manhãzinha tá que nem gelo.

— Você querr irr comigo, Gerrônimo? Deve ser longe e esquesito. Faz medo irr sozinha. Então a gente pode comerr prreá e tomarr pinga!

— Apois tá muito certo!

— Só tem uma coisa: ninguém deve saberr desses banhos. Combina-do?

— Perfeitamente!

— Amanhã, logo cedo, eu estarrei esperrando **ici**.

— Adonde?

— Aqui.

Dizendo isso, Françoise deu uma guinada habilidosa no carro e regressou para a casa-grande. Durante todo o tempo, não conseguiu esquecer o rurícula com quem havia conversado. O cheiro ácido do suor viril dele, a musculatura avantajada revestida numa pele tisonada pelo sol, o rosto de traços ligeiramente primitivos, os gestos despolidos, o olhar penetrante... Tudo isso povoou-lhe a mente provocando insônias deliciosas.

Ela dormiu contando as horas como se cada uma delas durasse uma eternidade. As palavras ingênuas dele continuavam vivas em sua mente aventureira, prevendo orgasmos inacabáveis.

Dormiu e sonhou com Gerônimo. Viu-o nu, uma vara monstro nas virilhas dele, apontando para ela como se a condenasse a eternas orgias. O mastro enorme cravava-a ao meio como se fosse vará-la. Mas tudo não passava de gozo, sem dor, embora o gênio animalesco dele exigisse sofrimento.

Finalmente chegou ao local combinado quando o vermelho do sol parecia uma bola de fogo no horizonte. Vendo Gerônimo lá, agachado à beira do canal. Françoise sentiu renascerem as insônias daquela noite. Dir-se-ia que o fogo do desejo voltava a contaminar o sangue, fazendo-o correr ardente pelas veias.

Parou o Jeep e Gerônimo aproximou-se com uma garrafa de pinga nas mãos e uma panelinha na outra.

— Bons dias, patroa!

— **Bonjour, Gerrônimo!** Qual é o caminho?

— Vamos indo!

Françoise acelerou o carro, sem perder de vista a anatomia do homem sentado ao seu lado direito.

Françoise gozou durante o sonho, que se prolongou até que o cuco antigo na parede soasse três e meia.

Ela deu um pulo da cama e correu para o lavatório. Fez uma breve higiene matinal e regressou ao quarto sempre consultando o relógio. Ele agora parecia que andava rápido.

Escolheu para vestir um traje esportivo que assentou-lhe bem nas curvas do corpo e emprestou-lhe maior feminilidade. A blusinha sem mangas com o nome *Gitannes* atravessado à altura dos seios e o jeans coladinho, fizeram de Françoise uma bonequinha de cabelo de fogo.

Ela pegou o Jeep e saiu o mais rápido que pôde, dando solavancos fortes ao cruzar com as valetas da estrada.

— Não me esqueci da pinga nem

do preá, patroa — avisou ele, com um sorriso à-toa.

Ela nada disse. Preferia continuar olhando-o. Sabia que por baixo daquela calça rústica havia algo muito precioso e que ela desejava muito.

Subitamente ele avisou:

— Pare aqui! Daqui pra lá é um grão e só se vai a pé!

Françoise obedeceu. Desceram o barranco encoberto de bambus. Quando ela viu o engenho natural, exclamou deveras maravilhada:

— **Marravilhoso!** Um tesouro perdido!

Gerônimo acomodou-se sobre uma pedra alongada e ficou olhando-a meio sem jeito. Ambos provaram do preá delicioso e tomaram no mesmo canequinho de ágata um trago de pinga.

Françoise fez uma careta ao sentir a ardência da bebida e correu para a beira do riacho cristalino.

Gerônimo, se já estava atordoado, ficou muito mais ainda quando viu a garota tirando a blusa pela cabeça. "Será que aquela moça ia tomar banho só de maiô na vista dele? Meu Santo Deus! Que pouca vergonha!" Muito maior foi sua surpresa quando ela tirou a blusa e jogou-a sobre a areia. "Minha Mãe do Céu! Ela tava sem porta-seios! Com os peitos nu-zinhos!" Engoliu em seco quando ela puxou o zíper da calça e tirou-a displicentemente.

"Que é isso, Minha Santa Bárbara? Ela tava só de calçola! E como era ralinha e pequenina! Dava pra ver tudo que tinha por baixo!"

Gerônimo suou frio na hora em que ela engatou as unhas pontudas e pintadas no elástico da calcinha branca e pô-la abaixo chiando ao longo das coxas. Ele tomou uma pinga dobrada tentando esquecer o que via.

— **Gerrônimo!** Esqueci o biquíni no Jeep!

— Quer qu'eu vá buscá-lo? Eu trago num trotezinho só.

— Não precisa mais! Eu já estou nua! — Françoise disse isso e virou-se para ele.

Gerônimo ficou vermelho. Nunca tinha visto uma moça tão bonita e bem feita. Mas o que ela tinha de bonita, tinha de safada! Quem já se viu uma moça tirar toda roupa na frente de um desconhecido, ficando do jeito como nasceu! Nem podia olhar pra lá e ver aquela moça com as vergonhas toda de fora! Diabos! E ainda ficava sorrindo como se não estivesse fazendo nada!

— Você não vem, Gerrônimo? — perguntou ela, vadiando n'água.

A desgraça estava feita! Não havia como evitar. Sentindo-se completamente deformado por baixo da calça, Gerônimo caiu n'água também. "Fí'da peste era quem respeitava mais! Podia morrer no castigo!"



Nem bem alcançou Françaíse, ele agarrou-a pelo meio, de maneira brutal. Quem quisesse que fosse à merda, mas ele ia meter o mijão naquela madamezinha rica.

Ela gemeu de dor, mas deixou que ele procedesse da maneira que bem entendesse. Queria recebê-lo na plenitude dos seus rústicos métodos.

Gerônimo carregou-a para a margem e, sem carícias abusivas, penetrou-a violentamente, rasgando suas carnes tenras com aparente selvageria.

A dor e o prazer se confundiam nos gemidos de Françaíse. Sobre tudo, mais prazer do que dor. Nunca tinha sentido um macho tão decidido dentro dela. Nunca tinha sido possuída com tamanho otimismo.

Gerônimo, por inteiro dentro dela, bombeando incansavelmente a fossa do amor quente e úmida, fazia-a delirar como nunca havia delirado antes.

Pedaços de frases sem nexos batavam de sua garganta delirante:

"Mon amour, plus... plus vite... et fort... oui... oui..."

E as lágrimas que prenunciavam o êxtase, iluminavam-lhe os olhos verdes semicerrados. Já os lábios finos, resmungando a língua franco-brasileira, permaneciam entreabertos para dar passagem a um vulcão de lavas voluptuosas que estava prestes a explodir.

E ele explodiu: veloz como um raio, arrebatador como um vendaval. Ambos recepcionaram-se da maneira como podiam, acometidos por crises convulsas.

Françaíse trançou as pernas nas costas do garanhão para receber dele toda a sua virilidade expelida em jatos intermitentes no recanto mais íntimo de seu útero. Ela ainda ficou cravada até sugar a última gota do seu desejo. Foi um momento inesquecível...

xx

Infelizmente as férias acabaram. Foram quase trinta dias de sucessivos banhos matinais no riacho. Todos eles com preás, pingas e inesquecíveis trepadas.

Agora, no avião, ela ia um tanto esquisita, perdida em seus pensamentos.

— Saudades de Paris? — perguntou-lhe Saulzinho de forma amável.

— Non... non...

Ela não respondeu. Olhou carinhosamente para o seu próprio ventre e disse mentalmente: "Quando você nascerr, meu bugrezinho, vai se chamar Gerrônimo!"

SEXO



1 O SEXO, A MULHER ERÓTICA

DR. OTTO SCHWARTZ

Este livro, com uma leitura fácil e clara, ajudará você a melhorar sua vida sexual. Fiqua por dentro de todo o relacionamento sexual, dos instintos sexuais, das manifestações e desejos, das técnicas do coito, das posições, dos estímulos computativos, das técnicas do movimento, do prazer e do orgasmo e outros. 152 páginas — capa plastificada.

Cr\$ 650,00



2 AMOR E FELICIDADE NO CASAMENTO

FRITZ KAHN

Uma obra que não pode faltar nos lares brasileiros, devido a sua enorme utilidade. Indiscutivelmente, uma orientação necessária à boa formação sexual conjugal de jovens e adultos. Com observações do advogado Paulo Cardoso de Siqueira, sobre aspectos brasileiros do direito da família. 540 páginas. Impresso em ótimo papel e capa plastificada. Uma jóia na sua estante.

Cr\$ 1500,00



3 FORTALEÇA SUA POTÊNCIA SEXUAL

DR. RICHARD M. FALK

Um dos maiores problemas de nossos dias, é o homem conservar sua potência ou, e claro, se puder, aumentá-la. Isso não é possível sem certos conhecimentos da fisiologia do homem e da mulher. Assim sendo, este livro lhe abre um caminho e lhe propõe aumentar e fortalecer sua vida sexual. 268 páginas — capa plastificada.

Cr\$ 780,00



4 O HOMEM ERÓTICO

ROGER WARREN

O autor acredita que qualquer homem pode tornar-se desejado pelas mulheres e aqui neste livro ele dá as fórmulas, e acredita, não são mágicas e sim práticas, honestas e realmente útil. E se você estiver disposto a empreender o necessário esforço, saberá como manter-se eroticamente em forma. 142 páginas — capa plastificada.

Cr\$ 500,00



5 RELAÇÕES SEXUAIS SUAS TÉCNICAS

DR. VAN DE VELDE

Eis alguns capítulos deste importante livro: A cópula — Importância do jogo de amor — O beijo — Variações do beijo amoroso — A mordicção amorosa — Análise das sensações voluptuosas — O apalpamento — Técnica no jogo de excitação — A defloração — O orgasmo e mais dezenas de outros temas. 96 páginas — capa plastificada.

Cr\$ 500,00



6 SEXO, AMOR E FELICIDADE NO CASAMENTO

DR. ELLEN SUNDAYS

Este livro nos mostra o que os homens e as mulheres devem saber sobre o sexo. Aborda temas tais como: A lua-de-mel — A união sexual — O controle da concepção — O impulso sexual — O temor da gravidez — A esterilidade e a impotência — Medidas anticoncepcionais — Complicações na gravidez — A infidelidade e muitos outros assuntos. 122 páginas — impresso em ótimo papel, capa e 4 cores.

Cr\$ 660,00

EDITORA NOBLET Caixa Postal, 15.181 — Cambuci - S. Paulo,

Peço enviar pelo Reembolso Postal o(s) livro(s) assinalado(s)

Assinale com um (X) o(s) livro(s) que deseja receber.

1 2 3 4 5 6 não remetemos para o exterior.

Nome

Rua

Cidade

Estado

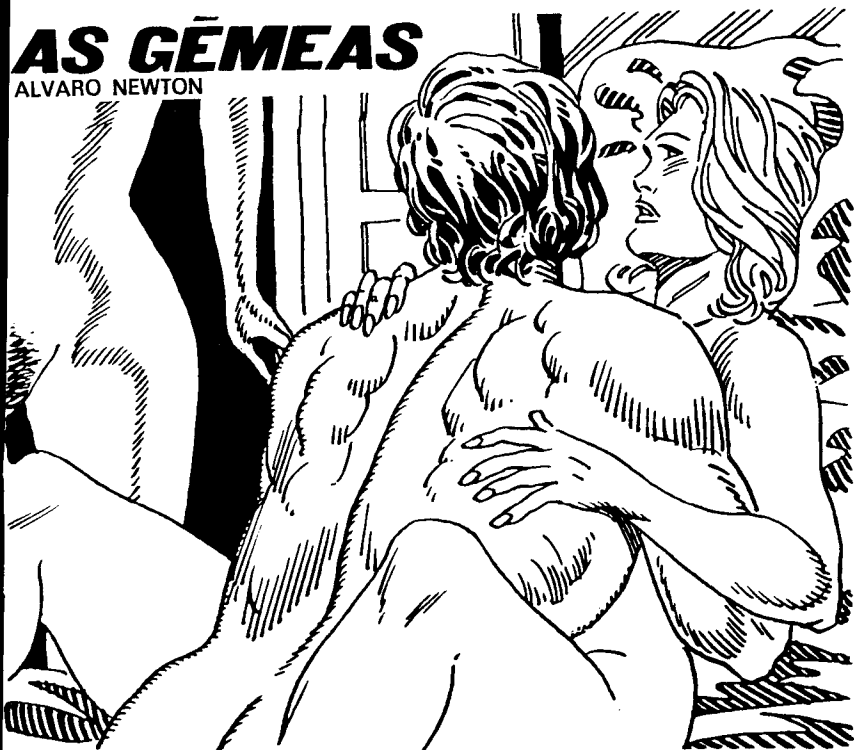
Cap

Nº

Favor escrever bem legível - haverá acréscimo de despesas postais

AS GÊMEAS

ALVARO NEWTON



Esfregou os olhos, olhou de novo, mas a visão não se afastou. Bêbado, não estava. Então, por que estava vendo em duplicata? Aquela morena bronzeada, cabelos pretos, semi-compridos, maravilhosas ancas, um andar insinuante, usando uma minúscula tanguinha cor de rosa e outra verde.

Peraí! São duas meninas, parecidíssimas, com certeza irmãs gêmeas, urivitelinas. Walter ficou abismado com a beleza das duas, iguais até no sorriso. E, se uma beleza daquelas já era estonteante, imaginem em duplicata!

Walter aproximou-se das duas. Aquela hora, a praia não estava muito movimentada, portanto, foi fácil chegar até elas.

— Oi, — falou ele, como saudação.

— Oi, — responderam as duas, quase em uníssono.

As duas olharam para aquele rapaz alto, um tanto magro, mas lindí-

simo, segundo elas, com cabelos castanhos claros, olhos azuis alegres. Um arrepio percorreu-lhes a espinha.

— Me chamo Walter — disse ele.

— Eu sou Nair — disse a de tanguinha verde.

— E eu sou Nadir — falou a de tanguinha cor de rosa.

— Sabe — tornou o rapaz — eu pensei que estava bêbado, quando vi todo esse charme e essa beleza em duplicata.

— Obrigada — responderam as duas.

Conversaram banalidades durante algum tempo. O rapaz acompanhou-as até sua casa, chegando de frente ao portão, já estava de mãos dadas com Nair. Ficaram trocando beijinhos, enquanto Nadir entrava, suspirando. Que homem!

Nadir ficou assistindo televisão até que a irmã entrou, parecendo estar caminhando nas nuvens.

— Então? — perguntou Nadir.

— Acho que estou apaixonada...

— murmurou a outra, sentando-se no sofá, ao lado da irmã.

— Ele é... quente?

— Tem umas mãos...! Alisou-me os seios e a xoxota de uma tal maneira, que me fez subir pelas paredes.

Nadir suspirou.

— Você tem sorte. Quem me dera arrumasse um homem assim... Os garotos daqui são todos uns trouxas, só sabem ficar falando em motos e discoteca. A gente fica doída de tesão, mas eles nem se mancama.

— Espero que esse você não ponha os olhos em cima. Ele é meu, pelo menos por enquanto.

Foram preparar o jantar, que seus pais estavam para chegar e iam viajar novamente na semana seguinte. Elas viviam praticamente sozinhas, seus pais viajavam mais do que ministro à procura de empréstimo.

Ao deitar-se, Nadir, completamente nua, pensava em Walter, aquele tesão de homem, alisou os seios, começou a suar frio, suas mãos foram descendo, enquanto esfregava as coxas uma na outra. Gemia, falando baixinho o nome dele. Ao mesmo tempo, Nair, em seu quarto, suspirava, pensando naquele pedaço de carne dura que o rapaz tirara para fora do shorts e a fizera pegar, enquanto sua mão (dele) alisava-lhe carinhosamente os pêlos da xoxota, fazendo-a gozar gostosamente. Que homem! Gozou pensando naquele membro que, embora não fosse muito grande, em tamanho, ela achou a coisa mais linda do mundo. E adormeceu.

No dia seguinte, seus pais saíram para fazer compras e Walter, às duas horas da tarde, veio visitá-las. Nadir saiu, deixando os dois a sós, sabendo de antemão o que iriam fazer. O ciúme a corria por dentro, mas ela nada poderia fazer a respeito.

Começaram com um longo beijo na boca, ao mesmo tempo em que suas mãos se apalpavam mutuamente. Ela sentiu o membro do rapaz duro. Tirou-o para fora, enquanto o rapaz a desembaraçava do shorts e da calcinha ao mesmo tempo. Ela livrou-se

do bustier e o rapaz tirou o shorts a camisa, ficando os dois completamente nus. Walter beijou-a novamente na boca sôfrega, desceu os lábios pelo pescoço, demorou-se um pouco em cada seio, mordiscando levemente os mamilos, continuou descendo, enfiou a língua no umbigo, beijou-a ligeiramente na xoxota, continuando a descer pelo interior de suas coxas voltando em seguida para a xoxota onde enfiou a língua, experientemente fazendo-a vibrar de prazer.

— Oh, tesão... — murmurava ela — sua língua faz maravilhas...!

Depois do gozo, ela tomou o membro do rapaz na boca e sugou-o com vontade, até fazê-lo verter o sêmen que ela engoliu com prazer.

Descansaram um pouco, ambos acariciando-se mutuamente e em breve estavam novamente excitados. Ela deitou-se no sofá, pernas entreabertas, olhou com os olhos semicerrados para ele.

— Venha, meu amor... — chamou — eu quero senti-lo dentro de minha xoxota, todinho.

O rapaz, com o membro apontando para a frente, aproximou-se dela, ia deitando-se entre as pernas da moça, quando ouviram o barulho de um carro parando defronte ao portão.

— Meus pais! — exclamou ela, de repente.

Walter pegol suas roupas rapidamente e vestiu-se, enquanto Nair corria, nua, levando as roupas na mão, para o banheiro.

— E quando ele ia pôr em mim — comentava no dia seguinte com sua irmã — os velhos resolveram aparecer. Que raiva!

Nadir suspirou.

— E depois?

— Ele se vestiu, eu me vesti no banheiro, fui para a cozinha, pus água para esquentar e voltei para a sala.

— E...

— Os velhos chegaram, apresentei-o a eles e ficamos na sala de mãos dadas, como dois namoradinhos comportados. As dez horas, ele foi embora, depois de tirarmos mais um sarro gostoso no portão, ao nos despedirmos.

— Por favor, mana, pára de falar... Já estou molhadinha só de ouvir você falar nisso...

Nair sorriu.

— Acho melhor sairmos para a praia. Quem sabe você arranja um garotão para você.

— Acho bom mesmo.

Saíram. Ambas trajando shorts brancos e justíssimos, camisetas de malha, sem sutiã, que realçava a forma de seus seios fazendo os homens que passavam por elas, olharem duas vezes, com olhos cobiçosos. Elas, porém, faziam de conta que não ouviam, embora as piadinhas que os homens lhes sussurravam, ao passarem, alimentasse sua vaidade.



Encontraram Walter com um amigo, bebericando uma cerveja num bar perto do local onde se encontraram pela primeira vez.

— Este é o meu amigo Solano — apresentou o rapaz.

Elas sentaram-se, os rapazes pediram mais uma cerveja e os dois casais ficaram bebendo e conversando bobagens durante mais uma hora. Pagaram a conta e os dois casais separaram-se indo cada qual para um rumo diferente.

Solano convidou-a para irem ao seu apartamento, onde ele prepararia umas caipirinhas, ao que Nadir topou, já que estava excitada, se bem que não era bem pelo rapaz que a acompanhava, e sim, por Walter, que saíra com sua irmã.

Ao chegarem ao apartamento do rapaz, ele foi imediatamente preparar duas caipirinhas e voltou à sala, onde ela estava esperando, e sentou-se ao lado dela.

Tomaram uns goles e o rapaz olhava-a maliciosamente, fixando-se em suas belas pernas bronzeadas, seus seios e ela percebeu um volume enorme crescer sob a bermuda de Solano. Este aproximou-se mais dela, colocou a mão sobre os ombros dela e procurou sua boca, que o aceitou, sorvendo seu beijo excitadamente.

Sentiu uma mão experiente alisando-lhe os seios, o que a deixou arquejante, e, instintivamente, colocou sua mão sobre aquele enorme volume, que pulsou, ante o contato de sua mão. Imediatamente, a mão do rapaz foi retirada dos seios da moça, indo parar sobre a xoxota, fazendo-a vibrar ainda mais. Repentinamente, sem saber como, ela sentiu que o rapaz havia tirado o membro para fora, ao mesmo tempo em que via-se sem o shorts, ficando só de camiseta, que logo foi também tirada.

Não resistindo, colocou na boca aquele membro maravilhoso, que, apenas alguns segundos depois, esguichou em sua boca aquele líquido morno, que ela lambeu com satisfação até a última gota. O rapaz, satisfeito temporariamente, deixou de manejar o clitóris com a mão e beijou rapidamente sua xoxota, enfiando-lhe a língua, quente e gostosa.

— Isso, tesão... murmurou ela, ainda com o membro do rapaz na boca, que começava a crescer novamente. — Enfia toda essa língua gostosa em mim... eu quero... vou... ahh...!

O rapaz, novamente de pau duro, queria completar as relações com ela, mas ela o repeliu, com medo do tamanho daquele membro.

— Sou virgem — mentiu — E acho que vai me machucar...

— Não tenha medo, eu ponho com cuidado...

— Não... eu preciso me acostumar com a idéia, primeiro. Se quiser, eu chupo, é uma vara realmente gostosa, lambo todo o seu semen, mas dar, hoje não estou preparada.

— Não gostou de mim?

— Gostei, sim. De você, de sua vara, de sua língua, suas mãos, mas, como já falei, estou com medo.

O rapaz não insistiu mais, pelo menos com palavras, embora suas mãos recommencessem a agir, assim como sua língua. Ela quase não resistiu, mas o rapaz só conseguiu que ela o chupasse novamente, gozando, como antes, naquela deliciosa boca.

Ficaram mais algum tempo trocando carinhos e despediram-se, combinando encontrarem-se no dia seguinte, no mesmo local, à mesma hora.

Ela chegou em casa, cerca de meia hora depois, notando que Nair ainda não havia chegado. Resolveu tomar um banho e, dentro da banheira, com água bem quente até o pescoço, lembrou-se do membro enorme de Solano e, ao pensar naquele pedaço de carne todo dentro de si, engoliu em seco, mas não deixou de ficar excitada, ante a lembrança. Masturbou-se dentro da água, onde gozou gostosamente.

Enxugou-se vigorosamente e foi para o quarto, onde colocou uma camisola. Ao voltar para a sala, Nair estava entrando em casa.

— Como foi? — perguntou Nair.

— Fiquei com medo de dar pra ele.

— Por que?

— Se você visse o tamanho, você me daria razão. Mal consegui colocá-lo na boca. Mas bem que é gostoso ter na mão um colosso daqueles. Até me masturbei gostoso no banheiro.

— O Walter é maravilhoso, mana! O membro dele é pequeno, mas ele sabe fazer as coisas... É realmente um tesão.

— Você está me deixando com água na boca... sabe que estou gada por ele, não sabe?

— Sei.

— Então, me empresta ele por algumas horas?

A outra sorriu, e não respondeu à pergunta.

— Bem, vou tomar um banho. Mais tarde a gente conversa.

Saiu, deixando Nadir na sala, sozinha.



— Nair — falou o pai — Será que você poderia ir até o aeroporto com a gente?

— Mas, pai, eu...

— É que nós temos muita bagagem e gostaríamos que você nos ajudasse — interviu a mãe.

— Acontece que o Walter vem aqui hoje e eu...

— Você voltará antes que ele chegue.

— Está bem. Mas só vou levá-los e volto em seguida, tá? Sem essa de esperar o avião decolar.

— Tudo bem.

Os pais foram arrumar, ou terminar de arrumar as malas, e ela foi tomar um banho e se preparar para sair com eles. Estava apreensiva, sabia que sua irmã, se Walter chegasse e a encontrasse sozinha, não deixaria de aproveitar a oportunidade para transar com ele. Mas, como não queria contrariar os pais, resolveu acompanhá-los.

Encontrou com Nadir na sala, que também preparava-se para sair.

— Onde você vai? — perguntou

— Encontrar com Solano.

— Perdeu o medo?

— Ainda não, mas se conseguir resistir, é gostoso ter aquela vara na mão e chupá-la.

— Vou levar os velhos ao aeroporto. Cuidado, hem?

— Tudo bem.

Nadir sabia que Walter viria àquela noite em casa, e por isso resolvera sair, mas agora que sua irmã contara-lhe que iria até o aeroporto, ela resolveu mudar de planos. Desta vez, Walter não lhe escaparia. Saiu, beijou o pai e a mãe e entrou na primeira lanchonete que encontrou ficando a observar a saída de seus pais e sua irmã. Quando eles saíram, ela pagou o guaraná que havia tomado e voltou para casa.

— Aquele tesão de garoto, hoje não me escapa... murmurou ela, entrando em casa, sentindo-se, já excitada.

Ligou a televisão e ficou assistindo um programa qualquer, desinteressadamente, até que adormeceu. Acordou sobressaltada, com o barulho da campainha.

— É ele! — falou de si para consigo.

Levantou-se e foi correndo atender. Era ele.

— Oi — cumprimentou ela.

— Oi — o rapaz estava uma graça, na opinião dela — Você é Nair ou Nadir?

— Sou Nair, meu amor — mentiu ela.

O rapaz tomou-a pelos ombros e puxou-a para si, encontrando-a receptiva. Beijaram-se longamente.

— Não tem ninguém em casa?

— Não. Meus pais foram viajar. É minha irmã foi levá-los até o aeroporto. Pode entrar, sem susto, que eles, ou melhor, ela vai demorar.

Entraram, abraçados.

— Quer um uísquinho? — perguntou ela, fazendo o rapaz sentar-se no sofá.

Obtendo a aceitação do rapaz, ela foi preparar duas doses de uísque e em seguida voltou para junto dele, entregando-lhe um dos copos, ficando com outro. Beberam em silêncio.

— A que devo esta solicitude? — perguntou ele.

— É que hoje estou inspirada — respondeu ela. — Hoje quero dar para você por tudo quanto é buraco. Estou morrendo de tesão.

Ao falar, Nadir abriu-lhe o zíper, desembarçando-o da calça deixando-o só de cuecas, apalpando-lhe o membro, que já estava duro. Sentiu as mãos do rapaz desembarçando-a do shorts, enquanto abaixava a cueca dele, pegando no membro e começou a masturbá-lo lentamente. Depois, não resistindo mais, abocanhou-o. Era bem menor que o de Solano, embora não fosse muito pequeno, pelo menos na sua opinião. Sugou-o pacientemente até que sentiu o jato de esperma em sua boca, o que a fez gozar ao mesmo tempo.

— Chupa eu, benzinho... — implorou ela — Vamos fazer um 69 gostoso...

...

Nair estava preocupada. Dirigindo de volta, depois de deixar os pais, pensava em Walter e sua irmã.

— Aquela filha da puta, deve estar dando para ele — comentou consigo mesma.

E acelerou.

...

Todos os seus poros respiravam sexo. Nadir estremeceu ao simples contato das mãos de Walter.

Fizeram um 69 e ficaram um bom tempo trabalhando-se mutuamente com suas respectivas línguas, até que um gozo estonteante tomou conta deles.

— Meu amorzinho... — murmurou Nadir — agora quero sentir todinho esse lindo pau dentro de mim. — Enquanto ela falava, sussurrantemente ao ouvido do rapaz, não parava de massagear-lhe o membro, que não demorou em ficar no ponto em que ela queria.

Ela deitou-se no sofá, com as pernas entreabertas, respirando ofegantemente, erguendo os braços, pedindo que ele se aproximasse, o que ele fez lentamente, como que para não quebrar o encanto. Infiltrou-se por entre as pernas firmes e bronzeadas de Na-

dir e penetrou-a, de uma estocada só, fazendo-a suspirar de prazer.

Nadir ganhava, urrava, como uma cadela no cio, rebojava os quadris freneticamente, encostando o mais que podia, o seu ventre de encontro ao corpo de Walter, que ejaculou fortemente dentro dela, com urros e gemidos, fazendo-a sentir-se quase des-talecida.



Finalmente, era só dobrar a esquina e estaria chegando em casa. Nair continuava preocupada. Poderia até ser que Walter ainda não tivesse chegado, mas, sabia que não podia confiar em sua irmã, caso ele já estivesse lá.

Dobrou a esquina.

...

— Agora — disse Walter, após uma mordidela no lóbulo da orelha dela — Vamos mudar um pouquinho...

— Como assim?

— Quero a sua bundinha, essa deliciosa bundinha.

— Ah, não!

— Ah, sim!

O rapaz massageou-lhe o clitóris delicadamente, ao mesmo tempo em que a virava de bruços. Ela ofereceu uma débil resistência, mas estava excitada e automaticamente ficou de quatro, já posicionada para ser possuída por trás.

— Benzinho, cuidado — pediu ela — Não vá me machucar.

— Tudo bem — respondeu ele, com suavidade — pode deixar comigo, que eu tenho experiência nessas coisas.

E lubrificou o membro e o orifício anal da moça, colocando-se, depois, em posição de penetrá-la.

...

Nair estacionou o carro, fechou e encaminhou-se para o portão, que abriu e, andando vagarosamente, chegou até a porta da frente. Foi quando teve a impressão de ouvir gemidos. Então, teve a certeza de que sua irmã havia aproveitado a ocasião. Estranhamente, após ficar ouvindo os gemidos de prazer, em vez de ficar furiosa, como supunha que ficaria, ela excitou-se. E abriu a porta.

...

Nadir, sentindo aquele pedaço de carne pulsante em suas entranhas, rebojava freneticamente os quadris, encostando o mais possível as nádegas de encontro ao ventre de Walter, que, ao mesmo tempo que introduzia, até o fundo, o seu membro na moça, com uma das mãos massageava-lhe o clitóris, enquanto que com a outra, acariciava-lhe delicadamente um dos seios, fazendo-a gemer, quase urrar de prazer.

— Meu amorzinho... você é... maravilhoso... enfia tudo, quero sentir... quero gozar... ao máximo.

— Sim, sua vaquinha... goza...

O ritmo dos dois continuava frenético. Nair gozara, já duas vezes. E, junto com Walter, gozou ainda uma terceira.

— Posso participar? — perguntou uma voz conhecida, dando mostras de profunda excitação.

Os dois olharam na direção da voz e viram Nair, a um metro deles, completamente nua, se aproximando rapidamente.



Humberto D.

um vulcão chamado carla

Eu passara a noite toda trepando com Carla. Carla era a minha amante. Uma amante maravilhosa, que se deliciava com um bom cacete entre as pernas, naquele lugar que as mulheres têm e que têm também provocado as maiores confusões do mundo: a vaginã.

Eu havia deixado Carla dormindo, fui até o meu escritório resolver uns assuntos que tinha de resolver.

Helena, a recepcionista, já estava no seu posto.

— Nossa, homem! — exclamou, quando me viu. — O que houve com você! Parece que veio da guerra, homem!

Ri, mostrando todos os dentes, estuando de felicidade.

— E vim mesmo! — respondi.

— Já se olhou no espelho esta manhã?

— Já. Por quê?

Ela abanou a cabeça, desiludida.

— Você não tem jeito, homem! Já estou arrependida de lhe ter apresentado Carla.

— Como!? Como pode falar uma blasfêmia dessas! Carla foi o maior serviço que você me prestou até hoje.

Helena havia me apresentado Carla há dois dias atrás e nós não fizemos mais nada, naquele fim de semana senão trepar.

— Posso até imaginar o que aconteceu de sexta-feira à noite até esta manhã de segunda-feira!

Ela sacudiu a cabeça, para cima e para baixo. Tinha um brilho maroto nos olhos.

— Posso mesmo imaginar o que aconteceu depois que me deixaram em casa.

— Você é uma feiticeira, Helena! — sorri.

— Sou tão feiticeira, que posso prever o que lhe acontecerá, dentro de alguns dias: esgotamento total.

— Fiquei tão quebrado?

— Olhe-se no espelho. Nunca o vi com olheiras tão fundas, nem quando papricou aquela americana. Caramba! Vivam as italianas, hem? Carla é fogo puro, eu sabia que era, mas não ao ponto de arrasar Humberto Dorado, o grande play-boy!

E era mesmo. Fogo puro, ao natural. Um fogo que eu precisava atíçar, porque não queria que se extinguísse.

Olhei rapidamente a papelada que se acumulava em minha mesa, assinei alguns cheques, despachei outros e tornei a sair.

Roberto, meu assistente, ainda não chegara, mas eu não desejava esperá-lo e encaminhei-me para a saída. Helena falava ao telefone e me fez um gesto de mão para que esperasse.

— Vai voltar hoje? — perguntou.

— Não. Já deixei instruções escritas para você. Diga ao Roberto que tome a frente de tudo. Vou tirar um dia de folga.

— Ontem é que foi domingo, Humberto.

— E daí? Nunca tirei férias nesta joça, querida. Chegou a hora, não? Roberto pode perfeitamente tomar o meu lugar. Afinal, é por um dia, apenas. E você sabe a sua parte. Quanto às correspondências e os cheques já estão todos assinados.

— Humberto, filho, hoje virá um punhado de gente à locadora. Segunda-feira é sempre um dia agitado, você sabe, vai fazer falta aqui. Por que não fica até a hora do almoço, pelo menos?

Naquele momento, a locadora podia incendiar-se, porque nada mais me importava, a não ser voltar para Carla.

— Não dá, Helena. Tenho certos assuntos a resolver.

Ela apertou os lábios. Depois riu.

— Vai curtir a italiana, hem?

— É isso aí, — falei, sorrindo também. — Tenho que aproveitar, enquanto ela não vai embora!

— Se continuar no jeito que está, não vai conseguir aproveitá-la por muito tempo, meu caro.

— Ora essa, o efeito foi tão forte assim?

— Eu já lhe disse: olhe sua cara no espelho. Garanto que nem se reconhecerá! De qualquer maneira, conte com a velha Helena para ajudá-lo.

— Ajudar-me?

— Sim, a encaminhá-lo ao hospital mais próximo. Para uma sonoterapia, acho. Você vai precisar, querido, ora se vai! E depois eu me sinto responsável, afinal fui eu quem lhe apresentou aquele vulcão!

— E só por isso lhe serei eternamente grato.

Joguei-lhe um beijo na ponta dos dedos e saí.

Nunca o mundo me pareceu mais feérico. O próprio ar que eu respirava tinha uma natureza diferente. Adorei as pessoas que passavam pelas ruas, senti-me, tomado de desejos fraternais. Gostaria que todos fossem tão felizes quanto eu, naquele momento.



Percorri de volta o trajeto feito pouco antes, imaginando chegar em casa e ainda encontrar Carla dormindo. Já planejava a maneira de acordá-la. Seria um despertar diferente, como ela jamais tivera na vida, eu podia garantir.

E assim foi.

Abri a porta com cuidado, evitando o ruído da chave na fechadura. Tudo estava como eu deixara: a mesa posta, a cafeteira junto ao fogão, o bilhete encostado na xícara em que lhe dava "bom-dia". Acrescentei apenas a rosa entreaberta que comprara antes de subir, colocando-a em um copo com água, diante da xícara.

Cheguei à porta do quarto. Respirei fundo.

Senti uma tontura deliciosa, quando o cheiro forte de sexo pairando no ar confinado, me chegou aos pulmões.

Contemplei Carla, que ainda dormia.

Parecia uma estátua grega, em sua perfeição de formas. Os cabelos negríssimos espalhavam-se sobre o travesseiro e ela exibia uma postura de abandono, na cama em desalinho. Tinha o corpo ligeiramente virado para um lado, mas os seios ostentavam a mesma firmeza, os bicos enormes apontando para diante. Desci os olhos por aquele corpo que possuía até a exaustão. O umbigo destacava-se como um ponto escuro sobre a pele.

Mais abaixo, situava-se o que mais me encantara, pelo ineditismo. Aquelles pentelhos negros, fofos e compactos, ocultando e disfarçando o caminho para a buceta molhada, quente, tão bela e gostosa. Um verdadeiro tapete, onde meus dedos tinham que afundar e emaranhar-se, antes de chegarem à vulva maravilhosa.

Agora, o tapete se dividira ligeiramente, porque Carla abriu um pouco as coxas bem feitas. O risco rosado e convidativo dos grandes lábios dividia em duas a vagina tentadora, reluzindo intensamente do caldinho de Carla e do próprio esperma que eu colocara ali.

Tirei as roupas rapidamente.

Mal podia conter as batidas do coração.

Meus olhos estavam fixos em Carla, em sua respiração ritmada. Rezei para que ela não acordasse. Queria que me recebesse em pleno sono.

Devagar, muito delicadamente, subi para a cama e coloquei-me entre suas coxas. Ela parecia sorrir em seu sonho e me deixava ver seus dentinhos e parte da língua rosada. Aquella língua maravilhosa que tanto prazer me proporcionara.

Olhei para meu cacete, tão duro e ávido. Uma gota de desejo molhava-lhe a cabeça rosada, inchada, surgindo do pequeno buraco. Sorri mentalmente. Estava em plena forma.

Lembrei-me da minha secretária, Helena. Eu já havia metido muito nela também. Era uma garota adorável, mas tinha um defeito: era um pouco fria. Não vibrava com o cacete nas suas entranhas e isso chateia a gente. Parece que se está trepando com uma dessas bonecas infláveis.

Apoiei-me entre os lábios da xoxota convidativa e me empurrei de leve. Penetrei na buceta quase sem sentir, pelo mesmo caminho tantas vezes usado naquelas noites tão maravilhosas. As carnes de Carla já se tinham dilatado pelas trepadas anteriores e agora acolhiam-me suavemente, sem protestos.

Seus músculos interiores deram sinal de vida, apertando e explorando o intruso inesperado. Carla sorriu, ainda adormecida. Imaginei que estivesse sonhando com a realidade daquele momento. Movi-me devagar, com infinita suavidade. Sentia a piroca dura demais pulsar sua satisfação, ao encontrar-se no esconderijo que já a recebera tantas vezes, horas antes.

Voltei a empurrar, sentindo estrelecimentos deliciosos na espinha. Precisava conter o meu tesão! Se não o fizesse, Carla acabaria acordando. Eu a queria desperta, mas só depois que eu estivesse todo dentro dela, todo enfiado naquela xoxota deliciosa.

Ouvia-a resmungar algo, no sono. Empurrei mais e mais, até tocá-la no fundo que me limitava a posse. Forcei. Carla entreabriu os olhos sonolentos.

— Bom dia, querida! — sussurrei.

— Humberto!... murmurou, com a voz pastosa pelo sono. Você, você é impossível!

— Só para você, amor! — respondi.

Fiz-lhe cócegas no fundo da vagina, sondando-a com as minhas pulsações. Ela riu, deliciada e mais desperta. Comprimi os músculos em resposta.

— Também estou dando bom dia — murmurou. — De um jeito mais gostoso, meu macho tesudp...

Beije-lhe a boca de leve. Nossas línguas encontraram-se e então a fúria tomou conta de nós dois.

Nossos corpos saltavam sobre a cama, fazendo-a ranger indignadamente com o tratamento a que era submetida. A cabeceira chegou a chocar-se contra a parede, como se estivesse transmitindo alguma mensagem em código telegráfico.

Sorri para mim mesmo, ao pensar em Bartolomeu, o meu vizinho do lado, cujo quarto era contíguo ao meu. Ele entenderia o que estava acontecendo do lado de cá e morreria de inveja. Talvez aquilo recordasse seus anos de juventude, quando devia ter feito o mesmo que eu. Ao mesmo

tempo, aquela fúria do tesão retransmitidas pelas batidas ritmadas em sua parede, poderia induzi-lo a imitar-nos, mesmo não dispendo de uma parceira...

Continuei martelando o corpo de Carla, indo e vindo, indo e vindo. Nossas respirações se confundiam, resfolegantes. Ela gemia surdamente, dolorida com as estocadas mais fortes, embora continuasse a apertar-se contra mim. Dava a impressão de que a dor apenas intensificava suas sensações.

— Carla, meu amor... — sussurrei, arfante. — Eu a amo!

— De verdade? — ela sussurrou também, em resposta.

— Como nunca amei ninguém. Eu a quero, só para mim...

Esperei que me respondesse, mas ficou muda.

Seu silêncio espicacou-me. De repente, quis mostrar-lhe que eu era o dono, seu amo e senhor, que seu corpo, seu sexo molhado e quente, me pertenciam.

Aumentei a velocidade. Carla arregalou os olhos, estranhando a mudança. No entanto, curiosamente, pareceu gostar, pois abriu mais as coxas, seu ventre se colou ao meu, naquelas idas e vindas da trepada, seus pentelhos servindo de amortecedor para meus golpes brutais.

— Ohhh, Humberto, meu homem, meu macho! Enfia com força essa piroca em mim, me machuca... Eu queria morrer agora, com você enterrado na minha xereca...

Lembrei-me, então, que ela adorava palavras enquanto trepava. Não fiz por menos. Comecei a xingá-la, a insultá-la de tudo quanto era palavra.

— Assim, Humberto! — ela estremeceu debaixo de mim. — Me chama de puta, de piranha, de galinha, de vaca, do que você quiser... Eu sou isso mesmo. Sou a sua puta!

Sua respiração estava mais apressada e eu podia adivinhar o nascimento do gozo. A cabeça dela rolava no travesseiro, de um lado para o outro, como que desgarrada do cor-



po. Havia uma fina camada de suor acima dos lábios e ela murmurava palavras e às vezes, palavras sensuais. Era o desvario do sexo.

De repente, deixou escapar aquele grito rouco e agonizante. As pernas escancararam-se, como se quisessem que eu me metesse mais em seu corpo do que era possível; parecia oferecer-se por inteira ao meu cacetete invasor.

Joguei o corpo para diante, com todas as forças. Senti as carnes que eram empurradas mais ainda, com violência do impacto e, nesse momento, minha sensação foi que a varara pelo avesso, de que a varara do lado a lado com meu sexo, faminto do seu sexo.

Então, fui também possuído pelo gozo. Atingimos o êxtase juntos, nossos fluidos confundiam-se e nossos corpos se sacudindo nos mesmos estremecimentos convulsos.

Quando nos aquietamos, fiquei imóvel sobre ela. Sentia as carnes de Carla também cansadas, enfraquecidas pela tensão de pouco antes.

Foi ela que falou primeiro, ainda ofegante:

— Puxa, Humberto... Você agora quase me rasga...

— Não precisa falar, amor! — respondeu. — Eu sei...

A custo, soltei-me de seu corpo. Ficamos deitados e abraçados por muito tempo, apenas nos olhando e acariciando, porém sem sombra de desejo.

— Não está com fome? — perguntei.

— Acho que nem tenho estômago! — sorriu ela.

— Como é isso? — estranhei.

— Você o destruiu, há pouco. Pensei que fosse acabar comigo de uma vez, Humberto.

Sorri, embaraçado.

— Não sei o que me deu, Carla. Estava fora de mim.

— Vamos ter que fazer uma certa obstinência agora. Sinto-me irresistível, querido. Todo o meu corpo dói.

— Eu lhe trarei o café na cama.

Levantei-me. Também todo o meu corpo estava moído. Arrastei-me até a sala, arrumei o café em uma bandeja e coloquei a rosa vermelha ao lado da xícara.

Quando entrei no quarto, encontrei-a recostada aos travesseiros. Meu coração bateu mais forte, tal o encantamento daquela visão. Depositei a bandeja sobre seus joelhos.

— Oh, uma rosa! — exclamou satisfeita. — Onde a conseguiu? Foi algum passe de mágica?

— Para seu governo, madame. Enquanto dormia aí, sonhando com os anjinhos — e eu preferia que fosse comigo, claro! — já fui até o escritório e, na volta, comprei a rosa. Uma rosa para outra rosa — acrescentei, embora a frase fosse bastante batida.

— Você é um amor, Guido. Obrigada por pensar em mim.

— Penso em você o tempo todo, Carla! — confessei subitamente tímido. Desde que a conheci.

— Não diga!

Os dentinhos mordiscavam um croissant e foi como se me mordessem algum lugar sensível. Fiquei arrepiado. Diabo o que estava acontecendo comigo? Parecia um idiota, embaçado diante daquela mulher. O que Carla tinha de diferente das outras? Muitas já haviam sido possuídas naquela mesma cama, as paredes de meu quarto poderiam contar histórias incríveis. No entanto, aquela mulher parecia ter-me enfeitado. Era como se irradiasse algum magnetismo estranho, que me iman-



tasse, me mantivesse preso a ela, em corpo e pensamentos.

Senti vontade de possuí-la novamente, de proclamar minha masculinidade dentro de seu corpo dolorido, mas a natureza se recusava a colaborar. Olhei para o pênis flácido, encolhido e congestionado pela batalha quase ininterrupta das últimas horas. Nada no mundo o faria apurar-se naquele momento, nada o deixaria empinado e arrogante como pouco antes. Tive vontade de chorar de desespero.

— Vamos com calma, amor! — disse Carla. — Sei o que está pensando, mas não dá agora. Também eu preciso recuperar-me.

— Certo, mas eu queria...

Ela bebeu um golinho de café com leite. Ofereceu-me a xícara. Tomei também um gole, pousando os lábios no mesmo lugar onde ela bebera. Eu não sentia fome. Estava alimentado pelo desejo, que ocupava todos os meus poros. Carla me saciava, era o que eu queria como alimento.

Acendi dois cigarros e passei um para ela.

— É, falei. Temos o dia inteiro pela frente, amor...

Ela assentiu, sonhadora, enquanto exalava uma baforada:

— É... Um dia inteiro...

LEIA E AUMENTE O SEU CONHECIMENTO.

1



SODOMIA — Dr. Hans Fritz Lerner

A sodomia é o desvio sexual mais antigo da humanidade e que ainda hoje constitui tabu em muitos países. Mas os que se dedicam a essa prática sabem os prazeres que ela proporciona.

900,00

2



JOGOS ERÓTICOS — Xaviera Hollander

Conheça todos os jogos que precedem o ato sexual. Eles são importantíssimos para a realização do sexo completo.

Os jogos eróticos preparam o indivíduo para o orgasmo total.

1150,00

3



XAVIERA SUPERSEX — Xaviera Hollander

As variedades da prática sexual são ilimitadas. Aqui Xaviera mais uma vez explica, numa linguagem cheia de sensualidade, as maneiras mais eficazes de se conseguir o sexo total. Ninguém entende de sexo como ela.

1150,00

4



A SELVAGEM XAVIERA Xaviera Hollander

Mais uma coletânea de casos e situações sexuais da inigualável Xaviera. Mas agora mais voluptuosa, ardente e selvagem.

O mais violento dos seus livros, com descrições de técnicas e práticas sexuais jamais imaginadas

1320,00

5



AS BISSEXUAIS Bernhard J Hurwood

Elas amam o sexo em todos os aspectos. Entregam-se sensual e voluptuosamente aos homens e ao mesmo tempo descobrem novos prazeres no lesbianismo.

1320,00

6



PRATIQUE O SEXO CERTO E SEJA FELIZ — Dr. Hans Fritz Lerner

Freqüentemente o prazer sexual diminui por não estar sendo praticado de maneira correta. Pratique o sexo certo seguindo as instruções contidas neste livro.

750,00

7



CONHECIMENTOS E VERDADES SOBRE O SEXO Dr. Hans Fritz Lerner

Tudo sobre o sexo, para leigos e entendidos. Livro indispensável para quem deseja obter conhecimento profundo do sexo em todas as suas facetas.

600,00

8



TUDO SOBRE O ORGASMO Dr. Hans Fritz Lerner

Há casais, e principalmente mulheres, que passam a vida sem jamais conseguir um orgasmo completo. Veja porque e como transpormos as regras do gozo sexual para atingir o orgasmo total

750,00

9



ADAPTAÇÃO SEXUAL PERFEITA — A. H. Chapman, M.D.

É frequente o casal se sentir infeliz sexualmente por falta de adaptação. Leia as técnicas que devem ser utilizadas para uma adaptação sexual perfeita.

1320,00

O SEXO É PARTE IMPORTANTE NA FELICIDADE DO CASAL.

10



AMOR, SEXO E FELICIDADE — Dr. Hans Fritz Lerner

Que é a felicidade? Bem, é um conjunto inexplicável de circunstâncias agradáveis. Veja como é fácil ser feliz, através do amor e do sexo...

750,00

11

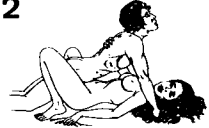


COMO MANTER ACESA A CHAMA DO SEXO — Dr. Hans Fritz Lerner

O maior alimento do amor é a variedade. A monotonia mata o amor. Mantenha acesa a chama do amor utilizando sempre renovadas práticas sexuais.

750,00

12



COMO AUMENTAR O PRAZER SEXUAL — Dr. Hans Fritz Lerner

O prazer sexual pode ser aumentado com novas práticas, novas posições, novas modalidades. O orgasmo sexual bem explorado não conhece limite. Veja como conseguir-lo com a leitura deste livro

750,00

13



O PRAZER SEXUAL NO CASAMENTO — Jerome — Julia Rainer

O prazer sexual é um dos mais gratificantes prazeres da existência. Nem todos, contudo, conseguem conhecê-lo em toda a sua plenitude. Descubra o universo do prazer sexual pela leitura deste livro.

1400,00

14



O MELHOR DO SEXO — Xaviera Hollander

O que há melhor no sexo, fora da rotina e das formas convencionais. Livro fascinante, cheio de novas modalidades, de como se conseguir o máximo prazer sexual.

1150,00

15



A ALICIADORA FELIZ — Xaviera Hollander

O livro de estréia de Xaviera é o mais lido em todo o mundo. Ela nos revela todos os prazeres ocultos do sexo, como conseguir o máximo de satisfação sexual e o faz com arte e muita sensualidade.

1800,00

EDITORA NOBLET Caixa Postal, 15.181 — Cambuci — São Paulo

Peço enviar-me pelo Reembolso Postal o(s) livro(s) assinalado(s).

Assinale com um X o(s) livro(s) que deseja receber:

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15

Não remetemos para o exterior

Sexo 15

Nome:

Rua: NP:

Cidade: Estado: CEP:

Favor escrever bem legível — haverá acréscimo de despesas postais.



o problema fundamental da existência

NILTO MACIEL

Os cinco como que ressuscitaram ao mesmo tempo. Tudo em volta eram escombros, podridão, nada. Olharam-se, curiosos, o pavor grudado nas caras, como máscaras mal pintadas. Calados, puseram-se a mexer primeiro um dedo, após outro, a mão, desconfiados do milagre da sobrevivência. Pouco a pouco, foram se erguendo daquele cemitério, caminhando entre os mortos, até se sentirem sós. E gritaram todos a um só tempo:

— Eu falo.

E correram, gargalhando e berrando feito loucos, a se abraçarem.

O mais idoso, marido da velha e pai dos outros, pediu silêncio:

— Vim de pensar sobre nós, sobre o nosso problema fundamental. E cheguei à conclusão de que, estando velho, não tenho mais futuro. Mas, meus filhos, já pensaram no que será de vocês?

O rapaz voltou a se entristecer, dirigiu-se ao pai e o abraçou:

— Papai, meu único amparo é você. Dê-me sua compreensão, ajude-me, não me faça desesperar.

A velha, irritada, levantou o braço, como para discursar, e abriu a boca:

— Eu também não tenho futuro. Sou uma defunta, como estes que estão aí jogados ao chão. Mas quero viver por vocês, meus filhos, e principalmente por você, e abraçou-se, chorando, à garotinha.

A moça parecia sonhar, olhava o céu, como se esperasse um salvador,

o príncipe encantado da adolescência recém-finda. A menina vasculhava o chão, à cata de brinquedos soterrados.

O velho coçou a cabeça, franziu a testa e exigiu o fim das lamentações. Era preciso pensar rápido, tomar decisões urgentes, do contrário, viveria seus últimos dias a lamentar a catástrofe.

— Vamos, estão esperando por quem? Não há mais ninguém, podem crer. Somos só nós neste mundo. E é necessário pensar na perpetuação da espécie, Ou vocês são tão egoístas assim? Além do mais, afora eu e a velha, vocês quase não viveram nada ainda.

Calou-se, à espera da reação da família. Queria opiniões ou, pelo menos, atitudes de decisão. E como todos permanecessem mudos e cabisbaixos, chamou a filha moça, beijou-a na face e sentou-a junto a si.

— O que é isso, velho safado? atalhou a mãe.

— Compreenda, você já está velho e ela não pode deixar que se extinga a humanidade.

E beijou novamente a filha, como se tivesse resolvido o problema.

— Mas não pode ser assim. Você é o pai dela e isso é pecado, crime. Ou degenerou de vez?

Puseram-se a discutir os dois velhos, ele mostrando-se preocupado com o destino da espécie, ela apegando-se à moral, à religião e à lei.

— Nada disso existe mais a partir de agora e até que a família se torne

tribo ou nação. Ou você pensa que vai surgir um Deus e nos trazer uma Eva ou um Adão?

O rapaz pediu que deixassem de discussões, chegassem a um acordo e deu razão ao pai.

— E o que vai ser de minha filha, não me diga essa imoralidade toda? gritou a velha, enlaçando a menina.

— Tenho pena dela, disse o rapaz. Se houvesse, pelo menos, mais dois meninos.

A moça desvencilhou-se do pai, que a beijava e apalpava-lhe os seios, e pôs-se a chorar:

— Não quero, não quero. Prefiro morrer só.

— E seu irmão e sua irmãzinha? Você não pensa neles? Deixe de ser tão egoísta, irritou-se o velho.

— Mas meu irmão não é dessas coisas.

— Bem que eu queria que houvesse aqui um rapaz ou mesmo um menino, defendeu-se o filho.

— Além do mais, a menina precisará de um companheiro, mesmo que seja muito mais novo do que ela, argumentou o pai.

— Velho tarado. Primeiro quer a filha mais velha, depois quer que a menina se junte com o irmão que nasceu. Não acha isso demais?

— Então, vamos morrer todos solitários, masturbando-se e enlouquecendo? Você não, e apontou o dedo para a mulher, que já não pensa em nada.

— Papai tem razão, dizia o rapaz.

De repente, a moça parou de chorar e pediu para dizer que aceitava o pai como marido, contanto que não mexessem na irmãzinha, enquanto não se fizesse mulher.

Houve palmas, risos e gritos por parte do velho, que correu a abraçar a filha.

— Esperem aí, bradou o rapaz, só aceite isso se papai me quiser também. Caso contrário, fico ao lado de mamãe e sou rapaz de agir com violência.

— Contra quem?

— Você, meu pai.

— Pior para você, que ficará sem ninguém

A velha pedia calma, abraçava o filho, pedindo-lhe para não se precipitar. Não fosse cometer um crime maior, matando o próprio pai.

— Você era tão católico.

— Realmente, seria um crime horrendo. Mas me vingarei de qualquer jeito, nem que seja...

— Nem que seja o quê?

— Nem que tenha de matar minha irmã.

A moça pos-se a gritar, como se estivesse sendo torturada, refugiando-se nos braços do pai, pálida e trêmula, derretendo-se em lágrimas.

— Calma, minha filha, ele não fará nada com você. Juro que atenderei a todos os desejos dele.

A velha foi a única a se irritar com o desfecho da controvérsia, amaldiçoando aos três, que se retiraram para um lado, e abraçando a filha menor, que parecia nada entender.

Enquanto a velha bradava impropérios, os três confabulavam.

— Você deve se sentir orgulhosa, minha filha, de seu papel. Veja que você é a única pessoa no mundo capaz de fazer continuar a obra de todos os nossos antepassados. Você ficará na história mais do que como um mito, mais do que como um símbolo. Você será a mulher que salvou a espécie humana do fim.

Mais tarde, embora a velha teimasse em apregoar maldições, os três voltaram ao local que serviria de abrigo para a futura tribo e convocaram a menina para uma reunião especial. Iriam comunicar-lhe o nascer do novo mundo, da nova ordem, da nova moral, da nova lei.

— Veja que se não for assim, você será a única a sofrer, porque ficará só no mundo, até à morte, explicou-lhe o pai.

Disseram-lhe ainda que brevemente nasceria um menino, seu irmão e sobrinho, a um tempo, com quem ela haveria de se casar, um dia.

— Mas se só nascerem meninas? quis saber a garota.

Todos riram de sua inteligência. E mais do que rir, o velho esfregou as mãos, chelo de contentamento.



Quando irmã Lúcia chegou nas montanhas das araras, Montanha Verde, tudo no convento era silêncio. Ali, segundo estatísticas, elas se adestrariam para uma vida interior mais fecunda, no respirar puro do ar de eucalipto e nos festejos matinais dos pássaros. Sua maior parte do dia era de um grande silêncio contemplativo, cujo ardor no amor superior a faria casta e perfeita. Sua beleza era angelical, mas seu rosto inclinava-se, às vezes, e outras se erguia como mulher de dupla personalidade. Havia dentro de si o primeiro desejo, o qual fora de devotar-se à vida interior. Já acostumava-se ao convívio ali. Muitas vezes, caminhava pelo pequeno bosque sentindo o mesclado de solidão, contemplação e grande sentido de vida, o qual se inquietava na ilusão de que na cidade, entre a ilusão da carne e a tal escolha, o melhor seria a contemplação. No convento, tudo era disciplinado e, na cidade, tudo era livre. Por que tal escolha? Nesse caminhar, ela ia organizando seus pensamentos, coordenando sua filosofia de vida e fortificando seu caráter. O lago das garças, ao mesmo tempo em que serenizava seu espírito, romantizava seu coração. Foi quando, numa das tardes em que as nuvens brancas azulavam o céu, que seu coração bateu. Seu hábito todo branco se contrastava com o azul do céu e do lago: ficando tudo suave e poético. Seu coração estava aflito de amor quando, ao equilibrar o rosto sobre um galho de árvore, percebeu um vulto. Não, não era um vulto, dois, sim. Quem? Não havia permissão para se banhar naquele la-

go cujo rio chorava suas águas límpidas lá perto das araras. Duas pessoas, sim, dois seres. Ao forçar bem os olhos, percebeu que eram dois homens. Nada de aborrecer-se. Basicamente, dois pescadores. E os pescadores são homens puros, que labutam nas águas com os peixes de Deus.

Assim, tentou abstrair-se quando ouviu uma voz quase feminina a deslumbrar-se com a vida. Uma mulher? Naturalmente, um casal de família deve ter procurado o lago para sentir a calma das águas. Outra vez, então, e a voz se expandia em suaves alegrias. Aproximou-se com lentidão, enquanto as águas se batiam. Seu desejo era jogar-se naquele celestial e belo colorido de águas mansas. Olhou-se então e percebeu que seu hábito não permitia tal desejo. Colocou-se mais perto e sentiu curiosidade: que mal ouvir o que dizem? Mas não devo ser curiosa... mas, afinal, tudo é tão calmo e transcendental que o bem só pode estar aqui mesmo. Movida por tais anseios foi que Lúcia conduziu-se até bem pertinho. Assentou-se e ouviu a conversa das duas imagens humanas. Dois homens conjecturaram o amor. E isso a excitava pelo fato de colocar o amor em tudo para sair-se bem. Um homem então dizia ao outro: Amo sempre você. Irmã Lúcia, bela a linguagem. Amo você, esse corpo que haverei de possuir como propriedade só minha. Esse corpo onde minhas células se renovam. Só o seu amor me restaura. Um homem amando outro homem? Pode? Ficou perplexa e percebeu que a voz suave era de outro homem. Um então, con-

nuou: Por que então, herei de permitir que a solidão, outra, me domine? Jamais o deixarei, mesmo sabendo que você pouco me ama.

Irmã Lúcia percebeu então, com dificuldade, que dois homens se instalam juntos não só com finalidades orâsmicas. Seus corpos estavam nus e ela se implantava em local que não fosse percebida. Muito assustada, tentava permanecer ali, ouvir e compreender algo muito difícil. Mais difícil era aceitar que as mãos de um deszavam por sobre o outro corpo numa util suavidade e respeito. Os lábios e encontravam em sussurros leves, enquanto a água dançava, empurrando os corpos. Eles resistiam, o lago era instável. Irmã Lúcia tentou, com enorme esforço, questionar tudo aquilo. Então, Deus permitiria tais desejos? Nesse questionamento, sentia na carne o desejo a pulsar: quem não retende um amor? Como a mulher une ao homem, aqueles corpos não se uniam. Era algo de entrega sem medos, como se um corpo só abraçasse a si próprio e como se aquilo que fora proibido ganhava como profundidade, uma vez que o amor não pede circunstâncias. Ele sabe existir em qualquer lugar. Os sexos se tocavam de frente, os púbis se esfregavam, as traseiras eram mordidas como devoradores angélicos. Pela primeira vez, Lúcia vira um corpo masculino e jurara manter-se limpa segundo seus votos, mas admitira o amor como salvação entre dois seres. Sabia que jamais mencionaria tal fato, pois seria criticada. Aquele era seu grande segredo. E, afinal, o pecado não estaria jamais no corpo e sim, no espírito. Ambos ressurgiram então nas águas, nus e abraçados. Cabelos moltos e escorridos. Ela escondeu-se junto ao arvoredo. Nus e soltos, os dois homens se deitaram. Ela viu seus sexos eretos e os olhou com grande dignidade. Eram duas vidas humanas e ela desejava conhecer aquilo a que chamavam de ilícito.

Havia beleza naquela insegurança, havia rito naqueles medos, havia sobretudo respeito. O sol agora, aquecia seus sexos.

Os pássaros contornavam o lago e poesia estava criada.



Ela não compreendia tudo aquilo, mas aprendera que o que não se entende, jamais nos pertence. Que importa entender? Importa é aceitar com inteligência, aceitar sem regras. Ela soltara então as coisas e estava vendo um fato, uma imagem, uma realidade. Um pouco inquieta e excitada, tentava superar sua própria carne e averiguar o que via, sem buscar perplexidades. Aqueles corpos rolavam-se pelas grammas como pedras suaves e brancas; rolavam-se como carnes soltas e seus sexos eram puros e excitados como é a vida. Porque a vida, pensava a irmã, tem toda a confusão de opiniões. As pessoas a entendem como requerem seus prazeres. Viver é muito complicado. E aqueles sexos iguais tinham a grande energia que têm os animais selvagens. Tudo o que é selvagem é solto e livre e eles se aceitavam seus sexos como coisa muito normal. Porque também o pênis é ele mesmo quando se verifica sua espessura. Ele mesmo e nada mais. Ela olhava os dois pênis contornados por pelos fartos, as nádegas de homens fortes, os músculos dos braços e seus olhos desiguais. Um ato feito com muita coragem, pois eles eram afoitos. O que era feio não era o ato e sim, a sua aceitação ou não. O sexo para a irmã Lúcia era muito forte e ela era forte para assisti-lo e discuti-lo. A realidade tão agreste; tão ousada e verdadeira. A tecria seria pobre e mesquinha. Um sexo de homem assim erguido, encontrando-se com o seu semelhante, era chocante e real. E o que é real escapa ao nosso conceito de normal. Ela sentiu-se tonta e desejosa de participar e, ao mesmo tempo, usava o bom senso: eu devo apenas pesquisar. São dois seres em fusão. São dois homens, não são?

Num repente, fechou os lindos, inteligentes e puros olhos, concatenou seus pensamentos, tentou abrir sua mente num esforço muito forte para entender da raça humana, sem jamais se alegrar com emoções apenas rotuladas ou mesmo aplaudir comportamentos que fossem padronizados, num esforço ainda maior, pediu ao seu Deus que a iluminasse na humanização de sua vida e votos fez a si mesma de permanecer casta até à morte. Durante o dia seguinte, aquelas imagens eróticas ocupavam sua mente num misto de sensações e repulsas; aproximava-se das irmãs com o imenso desejo de lhes invocar compreensão para um fato que precisava narrar, mas não podia. Sentia que haveria de caminhar uma existência com o direito de aplaudir ou resolver criticar atos humanos ou ter idéias a respeito de vida que fossem idéias suas, mas, jamais argumentar no convento. Foi quando, na tarde de três dias seguintes, surgiu-lhe o desejo de visitar o lago.

Aquele ar suplicava que ela o visse, parecia que a natureza comandava sua vida, seus puros afetos, sua própria saúde. Ela necessitava de soltar as mãos e os olhos, respirar do azul e ouvir cânticos de pássaros. Nada como a natureza para lavar a alma. Foi quando aproximou-se outra vez do lago. Tudo quieto. Tudo gentil. Tudo manso. Tudo solitário e silente. Notadamente silente. Foi quando como o inesperado surge do mistério. E o mistério é o imprevisível. Um homem surgia das verdes com sua forte e notada masculinidade; sua arrogante personalidade e sutil inteligência. Nu e puro, ele se colocou sobre a água como um animal se liberta das terras. Como um peixe, ele se abria nas águas e seu corpo era belo como é o peixe. Ela viu seu sexo proporcionar-se nas águas como se sentisse prazer orgásmico. Assim, ir-

mã Lúcia aproximou-se nervosa e viva. Olhou-o e suplicou-lhe a palavra.

O homem atendeu-a como um místico. Era sim, um místico. Pediu-lhe que lhe explicasse porque naquele lago todos se banhavam nus. Ele respondeu, com doçura, que ali se purificavam as pessoas. E então, porque dois homens se uniram anteriormente ali no amor carnal? Ele explicou que naquele lago nada era pecaminoso, pois era o lago do amor e, onde há o amor, tudo se justifica. Todo o amor que tende ao bem, não pode ser errado. Ela, então, conjecturou que se o amasse, então não estaria errada. Ele disse que o seu amor era interno e que ela poderia por-se nua e amá-lo como os animais o fazem. Mas que condenava o desrespeito e a mediocridade. Ela, então, soltou toda a roupa e pediu-lhe que a amasse com o mesmo amor daqueles homens. Ele consentiu e disse que era um deles. Ela espantou-se: Como pode amar um homem e uma mulher? Ele, então, corrigiu:

O amor é coisa muito profunda para explicação. Errado não é o modo ou a circunstância mas o que se tem no coração.

Ela, então, sentiu a carne humana na sua carne, como se fossem ritos puros e felizes. Ele penetrou-a com seu sexo e ela o recebeu, repleta de gratidão. Seu sexo tem o ardor e o medo, mas me causa prazer. Sinto o sol a penetrar-me a carne, o universo e a terra. Pareço fazer parte inteira de tudo. Antes, eu, que era tão solitária e forte dentro de mim. Estou humana e fraca, humana e feliz, humana e amorosa. Entra-me com seu sexo e voltarei escondida, todas as tardes. Assim, ele prometeu que voltaria. Mas, na manhã seguinte, ela deixou o convento. Não se sabe se voltou. Ela, que antes não conhecia o sexo como prazer da vida. E viu que acharia o amor como fonte de alegria, para sempre.

HOT GIRLS apresenta **CONTOS EXCITANTES** — Uma publicação mensal da **NOBLET** — **INDÚSTRIA GRÁFICA E EDITORA LTDA.** — Redação, Administração, Publicidade e Correspondência: Rua Almeida Torres, 119/163 — Fone: 278-6152 — Caixa Postal n.º 15.181 — Código Postal: 01530 — São Paulo, SP.
Reg. no D.C.D.P. do D.P.F. sob n.º 1.959 — P. 209/73.
Impressão e Acabamento: Em Oficinas Próprias — **TODOS OS DIREITOS RESERVADOS.**

á nas
ancas



coleção
**brasil
erótico**

**romances
eróticos
com todo o
tempêro
do autor
nacional**

**não
percam!**

★ ★ * HOT HUMOR * ★ ★



-Vamos lã, sr. Felix, não seja tímido!
Bata uma foto minha!

